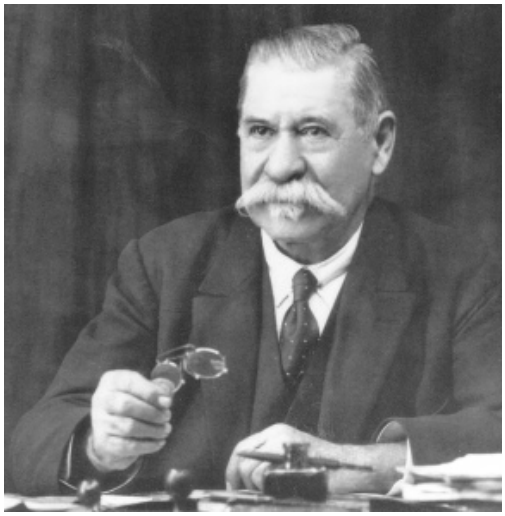
www.autoresespiritasclassicos.com

Alphonse Bouvier
(Alphonse Bué)

Magnetismo Curativo

Volume 2
Psicofisiologia

Magnetismo e Hipnotismo – Sonambulismo – Fascinação
Sugestão mental – Clarividência – Catalepsia e Letargia
Lei Fenomênica da Vida – Saúde – Moléstia – Remédio



Alphonse Bouvier

Conteúdo resumido

Alphonse Bouvier foi um dos importantes pesquisadores dos fenômenos psíquicos nos fins do século XIX e início do século XX. Foi fundador e presidente da Sociedade de Estudos Psíquicos de Lyon e, ainda, diretor da revista *La Paix Universelle*,

dedicada ao magnetismo curativo e ao espiritualismo experimental.

A presente obra é o resultado de duas décadas de estudos aliados à experiência prática adquirida pelo autor no tratamento de seus pacientes.

Magnetismo Curativo compõe-se de dois volumes:

- **Volume 1: Manual Técnico** – dedicado à aplicação prática do magnetismo na cura de moléstias diversas;
- **Volume 2: Psicofisiologia** – onde são expostas as explicações teóricas sobre o magnetismo e os fenômenos relacionados.

Esta obra é, conforme as próprias palavras de Bouvier, um manual teórico e prático recomendado a todos os homens de boa vontade, desejosos de, por si mesmos, aliviarem os sofrimentos dos seus semelhantes.

O autor recomenda a leitura da obra especialmente aos pais e mães de família, que, através de processos simples e sem nenhuma medicação, terão um forte aliado para promover o desenvolvimento normal e saudável de seus filhos.

Sumário

Prefácio 4

Magnetismo Curativo – Psicofisiologia

PRIMEIRA PARTE – Exposição dos Fenômenos 8

I – Hipnotismo e Magnetismo 8
II – Das diferenças existentes entre o Magnetismo e o Hipnotismo 16
III – Explicação fisiológica dos fenômenos 25
IV – Estudo comparado, sob o ponto de vista curativo, dos efeitos hipnóticos e magnéticos 36
V – Das causas 56
VI – Do Sonambulismo 80
VII – Da Clarividência sob o ponto de vista terapêutico 94
VIII – Das causas que atrasaram o conhecimento e propagação das virtudes curativas do Magnetismo 109
IX – O exercício do Magnetismo sob o ponto de vista legal ... 119
X – Da prática do Magnetismo sob o ponto de vista da consciência 157

SEGUNDA PARTE – Lei dos Fenômenos 166

I – O estudo do Magnetismo conduz em terapêutica a uma síntese 166
II – Só há uma Vida 174
III – Só há uma Saúde 193
IV – Só há uma Moléstia 208
V – Só há um Remédio 220
VI – O Magnetismo é o verdadeiro agente da transfusão da vida 247
VII – O Magnetismo e a evolução neo-espiritualista 267

Prefácio

Existe na Natureza uma lei de equilíbrio baseada na analogia dos contrários.

Esta lei revela-nos a existência de um só princípio, força motora original, que, andrógina por essência, atrai e repele, coagula e dissolve, engendra e destrói, e marcha incessante para limitações sempre novas, movimenta eternamente o Universo entre dois impulsos contrários que se equilibram.

De um extremo a outro do mundo, misteriosa cadeia de simpáticas afinidades prende todos os corpos entre si por alternâncias de correntes centrípetas e centrífugas, cujo funcionamento contínuo, baseado na dupla resistência de limitações graduadas, condensa e dispersa, produz equilíbrios e rompe-os, agrupa ou desassocia as moléculas, e dá lugar a esses múltiplos estados de condensação e dispersão que caracterizam os sólidos, os líquidos e os gases.

A força primordial, geradora das formas, revela-se aos nossos sentidos por meio de quatro manifestações distintas: eletricidade, calor, luz e magnetismo; porém a vida reside antes de tudo na *tensão equilibrada das correntes*; possuindo os corpos a faculdade de absorver e organizar as forças livres em proveito próprio, fixam na direção do seu centro as forças atrativas centrípetas e irradiam para a sua superfície as forças propulsoras centrífugas, constituindo deste modo uma atmosfera radiante protetora, e identificando-se por esta dupla polaridade individual a corrente bipolar universal.

Minerais, vegetais e animais possuem estados de condensações apropriadas, que lhes permitem exercer influências radiantes especiais; os astros influenciam a Terra, a Terra influencia os corpos terrestres e estes se influenciam entre si; há um magnetismo mineral, vegetal, animal.

O magnetismo astral se manifesta pelo movimento periódico das marés e das evoluções siderais; o magnetismo terrestre pela sensibilidade bipolar da bússola e dos ímãs; o magnetismo

mineral, vegetal e *animal* por ações particularmente especializadas à constituição íntima de cada substância ou de cada ser.

Todos os fenômenos da Natureza, *atração*, *gravitação*, *gravidade*, *afinidade*, *coesão*, etc., não são mais que a expressão de um só e mesmo fenômeno, isto é, a expressão do *funcionamento alternativo das correntes*! Mas essas correntes, que por seu equilíbrio asseguram a harmonia universal dos mundos, são ao mesmo tempo o seu agente mais dissolvente; ocupadas de contínuo em dar assalto aos equilíbrios que formaram, desassociam inexoravelmente tudo que delas se afasta; não há um corpo sólido, qualquer que seja a sua densidade, que a influência dissolvente da ação centrífuga não possa instantaneamente volatilizar; não há um só corpo gasoso, por mais sutil que seja, que a força condensadora centrípeta não possa solidificar; este antagonismo das correntes impele continuamente os equilíbrios para a sua formação e para a sua ruptura, apresentando a luta perpétua de dois princípios, o *ativo* contra o *passivo*, um que divide, quebra, espalha, labora, semeia; o outro que coagula, ajunta, reúne, fecunda.

A alma dos mundos, a mola da vida universal está neste duplo movimento antagônico, centrípeto e centrífugo; é este movimento que regula a justa ponderação das coisas e sua reciprocidade de influências.

Sobre este terreno, detemo-nos no domínio das forças instintivas da natureza, na maneira de agir das forças fatais, no complemento puro e simples da Lei.

É o que se poderia chamar a *física* da Natureza.

É sob esse aspecto, puramente físico, que em nosso primeiro volume do *Magnetismo Curativo*, sob a denominação de *Manual Técnico*, apresentamos o *magnetismo*.

No *Manual*, limitando-nos a enumerar os processos *técnicos* por meio dos quais se pode acionar as correntes e favorecer o seu movimento alternativo centrípeto e centrífugo, mola de toda a vida, explicamos o que era uma *imposição*, uma *insuflação*, um *passe*, uma *dispersão* e o que se deve entender por *massagem*

magnética, automagnetização, cadeia, magnetização dos corpos animados e dos corpos brutos.

Damos o meio prático de reconduzir ou de entreter no organismo a *tensão equilibrada* das correntes, única que pode manter o estado de saúde.

Mas, ao lado desses processos mecânicos rudimentares, cuja aplicação tão simples não exige da parte do operador mais do que uma espécie de *neutralidade passiva*, há outros, que possuem o dom, pelos seus efeitos prodigiosos, de excitar vivamente a atenção pública.

Desde que estudamos a marcha das forças nos organismos superiores dotados de volição e pensamento, não podemos efetivamente manter-nos no círculo acanhado dos fenômenos físicos, e forçosamente nos achamos em contacto com os fenômenos perturbadores da *psicofisiologia*, fenômenos que abrem, sob os nossos passos, misteriosos abismos.

São esses fenômenos que nos despertaram o interesse de apresentar este segundo volume sob as epígrafes: *Hipnotismo, Sonambulismo, Sono provocado, Catalepsia, Letargia, Sugestão mental e Clarividência*.

Explicamos de que modo o *hipnotismo* originou-se do *magnetismo*, que matizes separam os processos desses dois métodos, e sobre que considerações fisiológicas nos podemos basear para explicar tais diferenças. O enunciado comparativo dos recursos curativos que se podem tirar do hipnotismo e do magnetismo dá-nos o valor respectivo desses processos.

Vemos que os fenômenos, que por sua própria singularidade excitaram o entusiasmo dos investigadores e a curiosidade das multidões, e que foram o tema obrigatório de todas as experiências públicas ou particulares, das conferências, das publicações, das polêmicas, dos concursos nas academias e dos exames da Faculdade, são a causa principal das constantes barreiras que o magnetismo tem encontrado em sua vulgarização e na propaganda de suas virtudes curativas.

Averiguamos que são precisamente os seus mais fervorosos adeptos que, persistindo em apresentar o magnetismo sob um

falso aspecto, mais largamente contribuíram para que se levantem as oposições, as suscetibilidades e os ódios que lhe fizeram tantas vezes partilhar e o tornaram vítima dos juízos errôneos de que ele ainda hoje é objeto.

Finalmente, na Segunda parte deste volume empreendemos a tarefa delicada de expor os princípios sobre os quais quiséramos ver edificar a terapêutica; acreditamos na existência de uma Lei física baseada num *trinômio* universal. Tentamos esboçar essa lei; aplicamo-la ao magnetismo, e tomando ainda da idéia sobre a qual repousa a doutrina mesmeriana: "*Só há uma vida, uma saúde, uma moléstia e um remédio*", procuramos demonstrar que todos os fenômenos (inclusive o magnetismo) vêm fundir-se na unidade do plano que preside, de uma forma imutável, à gênese das coisas.

Alphonse Bouvier

Magnetismo Curativo
PSICOFISIOLOGIA

PRIMEIRA PARTE
Exposição dos Fenômenos

CAPÍTULO I
Hipnotismo e Magnetismo

Experiências do Dr. James Braid, em 1841. – Depois de haver concluído pela identidade dos efeitos produzidos pelo seu sistema e os produzidos pelos partidários do mesmerismo, ele volta à sua primeira opinião, especificando as diferenças que distinguem esses efeitos. – Sua definição do sono nervoso provocado. – Experiências e teorias do Dr. Durand de Gros (1854-1860). – Estado *hipotáxico*, sua definição. – Experiências públicas de *fascinação experimental* (Hansen e Donato, 1880-1886). – Hipnotismo moderno. – Grande e pequena hipnose. – O que se deve entender por *hipnotizar*. – Nomenclatura dos fenômenos hipnóticos. – Suas tendências para substituir o automatismo, o desdobramento e a inconsciência à unidade do *eu* consciente. – Opinião de Mésmer acerca da inutilidade e perigos do sono nervoso provocado.

Em 1841, um médico inglês, o Dr. Braid, de Manchester, assistindo a uma sessão pública dada em Londres por La Fontaine, o bem conhecido magnetizador, admirou-se da singularidade dos efeitos produzidos pelo célebre prático sobre os seus sonâmbulos, fixando-lhes o olhar e segurando-lhes os polegares.

Desejoso de penetrar a causa fisiológica desses efeitos provocados, empreendeu uma série de experiências em que obteve os mesmos fenômenos, substituindo a pessoa do magnetizador por um objeto brilhante qualquer, tal como um instrumento de aço ou uma simples rolha de garrafa – o que o levou a concluir que *o magnetizador não tinha influência alguma na produção do fenômeno, e que a fixação prolongada do olhar, paralisando os centros nervosos e destruindo o equilíbrio do sistema nervoso,*

bastava por si só para determinar o efeito produzido. (James Braid, pág. 23).

O sono provocado, segundo essas conclusões, não dependia, portanto, como se pretendia crer, de uma volição do operador ou dos *passes* pelos quais este último pretendia pôr em movimento certos agentes místicos da Natureza, tais como um fluido universal ou particular, mas dependia essencialmente de um estado físico e psíquico do paciente; a concentração do olhar, o repouso absoluto do corpo, a fixação da atenção e a supressão da respiração que acompanham sempre essa fixação, eram suscetíveis de trazer aos centros cérebro-espinhais uma modificação suficientemente profunda para provocarem aquele estado.

Se a opinião emitida pelo Dr. Braid fosse fundada, teria acabado com o mesmerismo, seus processos e teorias; mas, enganado por certas aparências de semelhança, o sábio observador, que desde logo havia acreditado na identidade dos efeitos produzidos pelo seu sistema e pelos dos partidários do mesmerismo, foi obrigado a convir posteriormente que existiam, entre esses efeitos tão notáveis, diferenças *que deviam ser consideradas como resultantes de dois agentes distintos.* (James Braid, pág. 27).

Pelos processos artificiais, indubitavelmente se consegue bem produzir os efeitos fisiológicos da letargia, da catalepsia e do êxtase, mas não se consegue desenvolver essas preciosas faculdades de *clarividência*, de *dupla vista* e de *previsão*, que são precisamente o apanágio especial dos sonâmbulos formados pelos processos mesméricos.

A seguinte passagem da obra de Braid fornece o testemunho desta confissão sincera, toda ela em honra desse consciencioso experimentador:

> "Os magnetizadores asseguram positivamente – diz ele – poder realizar certos efeitos que eu nunca pude provocar com o meu método, se bem que o tenha tentado. Os efeitos a que aludo são, por exemplo, ler a hora num relógio colocado por detrás da cabeça ou na cavidade epigástrica, ler cartas dobradas ou um livro fechado, reconhecer o que se passa à

distância de alguns quilômetros, adivinhar a natureza das enfermidades e indicar-lhes o tratamento sem possuir conhecimentos médicos, magnetizar sonâmbulos na distância de muitos quilômetros, sem que eles tenham conhecimento da operação que se propõem fazer. Devo dizer, a esse respeito, que não julgo razoável, nem mesmo conveniente, pôr em dúvida as afirmações de experimentadores, homens de talento e de observação, cuja palavra constitui autoridade em outras matérias, sob pretexto de que não fui pessoalmente testemunha dos fenômenos, ou que não pude reproduzi-los quer pelo meu método, quer pelo deles." (J. Braid, pág. 28).

Seria para desejar que aqueles que deviam mais tarde reapossar-se das idéias de Braid, já conhecidas, tivessem limitado a sua imparcialidade; seja como for, é interessante consignar aqui o juízo feito acerca do mesmerismo e de seus adeptos pelo *pai dos hipnotistas* de hoje; o Dr. Braid pode, com razão, ser considerado o verdadeiro promotor da doutrina do *sono nervoso provocado*, pois foi ele quem primeiro o batizou com o nome de *hipnotismo*, definindo-o deste modo: *Estado particular do sistema nervoso, determinado por manobras artificiais*, estabelecendo assim desde o começo, a distinção notável que cumpre fazer e que realmente existe, entre o *Hipnotismo* e o *Magnetismo*, isto é, entre os fenômenos *provocados* e os *que se desenvolvem em sua plena liberdade de ação*.

Apesar das tentativas de Braid, o Hipnotismo não devia tão cedo conquistar o direito de cidade; foi debalde que, de 1854 a 1860, os Drs. Azam e Broca tentaram abrir-lhe as portas da Academia, e que o Dr. Durand de Gros, com o pseudônimo de *Philips*, empreendeu uma verdadeira campanha a favor do braidismo; apesar das publicações, das conferências, das experiências públicas, muito notáveis, deste sábio experimentador, que excitaram durante alguns anos grande curiosidade e interesse, os seus esforços vieram dar de encontro à indiferença e aos preconceitos da época.

De todos os hipnotistas que sucederam a Braid, o Dr. Durand de Gros foi quem melhor colocou a questão. Diz ele:

> "O resultado final que se procura no emprego do Hipnotismo é o produto de uma operação complexa: esta operação se divide em dois tempos e a cada um deles corresponde um trabalho, um agente e um efeito particular perfeitamente distintos.
>
> O primeiro tempo consiste em desenvolver uma modificação preparatória da vitalidade, modificação que na maioria dos casos se conserva latente, e cujo efeito total é dispor o organismo a sofrer a ação determinante e específica que constitui o segundo tempo. Quanto ao segundo tempo, consiste em dar à força nervosa acumulada no encéfalo a direção necessária, a fim de fazer dela o agente dócil de todas as modificações funcionais que se podem ter em vista."

O Dr. Durand de Gros deu à modificação preliminar da vitalidade, que forma o primeiro tempo de qualquer operação "bráidica", o nome de *estado hipotáxico* (palavra de origem grega, que significa: preparação para sofrer); esse estado, na sua opinião, consiste fisiologicamente numa interrupção mais ou menos completa da enervação periférica e *numa acumulação anormal da força nervosa no cérebro*, que prepara o sonâmbulo para sofrer a ação do operador. Os hipnotistas procuram obter esse *estado congestivo cerebral*, provocando artificialmente no sonâmbulo uma diminuição da atividade mental, pela fixação contínua e prolongada de um só e mesmo objeto; esse processo, a que o braidismo dá preferência, não é o único meio de promover progressivamente a *nulificação do pensamento*, que caracteriza o estado hipotáxico: qualquer manobra que produza uma sensação *uniforme* e *contínua* desempenha o mesmo objetivo; e, como o estado hipotáxico é simplesmente uma *congestão nervosa do cérebro*, qualquer processo suscetível de desenvolver essa condição fisiológica agirá tanto como a fixação de um ponto brilhante; e assim é que se chega ao mesmo resultado por meio dos narcóticos administrados em certas doses, a eterização, a eletrização local, e mesmo certos processos mesméricos.

Mas, se o estado hipotáxico pode produzir-se artificialmente de diversas maneiras, cumpre saber também que muitas vezes se apresenta espontaneamente como alteração mórbida resultante de

certas diáteses ou com o caráter típico de idiossincrasias especiais; é assim que os histéricos, por exemplo, cujos deslocamentos bruscos da força nervosa e rápidas alternâncias de estados nervosos contrários indicam um estado fisiológico particular, estão geralmente em estado hipotáxico natural, o que lhes permite passar sem nenhum preparo preliminar e sem transição para o segundo tempo da operação "bráidica", sendo bastante um determinante qualquer (jacto de luz, som de "tã-tã", injunção breve) para substituir neles a hiperestesia à insensibilidade, a catalepsia e o êxtase à resolução do sistema muscular.

Estas considerações fisiológicas desenvolvidas no curso de *braidismo* do Dr. Durand de Gros, apesar de sua importância e da confirmação que traziam às teorias de Braid, esclarecendo-as e completando-as, tiveram a mesma sorte destas últimas, e o Hipnotismo ficaria sepultado no pó do esquecimento, se dois hábeis e extremados experimentadores não lhe tivessem feito um panegírico colossal nas suas conferências públicas: Donato, de 1875 a 1886; Karl Hansen, a partir de 1880.

Percorrendo a Europa, dando por toda parte representações com sonâmbulos admiravelmente adestrados, exercendo mesmo o seu poder de fascinação sobre os espectadores, obtiveram em pouco tempo um resultado prodigioso.

Foi um verdadeiro sucesso: corria-se em multidão para admirar essas exibições teatrais, que representavam os curiosos fenômenos dos *convulsionários* e dos *miraculados* da Idade Média.

Violentas controvérsias explodiram na imprensa, acerca da natureza desses fenômenos; cada qual procurou interpretar a seu modo esses fatos estranhos, que tão vivamente excitavam a curiosidade pública; os homens de ciência, solicitados para exprimirem sua opinião, foram obrigados ao exame dessas questões; desse modo, a idéia de Braid ao fim de uns quarenta anos voltava à tona, e, coisa singular, foi por meio do palco que o Hipnotismo deu entrada nas academias.

Estimulados pelas experiências públicas de *fascinação experimental*, que se haviam tornado o objetivo de todos os espíritos,

os médicos, os sábios, foram, de algum modo, constrangidos a tomar interesse por esses assuntos; começaram a repetir as experiências de Donato e Hansen a fim de averiguá-las, e lançaram-se a novas investigações; de todos os lados puseram-se à obra: nos hospitais de Paris, na Salpêtrière, no hospital de Caridade, no da Piedade, na Misericórdia, os Drs. Charcot, Luys, Dumontpellier, Voisin, deram cursos e clínicas a numerosos alunos. Em breve formaram-se grupos avantajados, escolas rivais, que trocaram vivas polêmicas e publicaram opiniões e documentos contraditórios.

Enquanto a *grande hipnose* se firmava soberanamente na Salpêtrière, em conseqüência das lições do professor Charcot, de 1879 a 1880, a *pequena hipnose* defendida pelos Drs. Liébault, Bernheim e Beanis, aparecia em Nancy pelo ano de 1884; em Nice, em Rochefort, no Havre, em Brest, por toda parte em que passava o fascinador Donato, os Drs. Barety, Baurru, Burot, Gibert e Bremaud faziam numerosas experiências sobre o sonambulismo, a influência dos medicamentos a distância e a sugestão. No estrangeiro os Drs. Heidenheim, Grütaner, Fritche, Berger, Baumler, Preyer, Schneider, Ladame, Tamburini, Seppili, Lombroso, Opitz, Ruhlmann e muitos outros entregavam-se com ardor a esses novos estudos. Livros, brochuras, artigos de jornais tratavam diariamente dos mais árduos problemas da psicofisiologia; institutos, jornais especiais foram fundados; e, fora dos nomes já citados, vários médicos distintos publicaram os resultados de suas observações e de suas investigações: os Drs. Binet, Feré, Berillon, Gilles de La Tourette, Babinski, Fernand Botteym, Cullerre, Regnier, de Grandchamps, Paul Richer, Charles Richet, Chararain, Foveau de Courmelles, Jules Héricourt, Pitres, etc. Os médicos não foram os únicos a discutir o alcance dos fenômenos hipnóticos: independentemente do lado médico, o Hipnotismo se apresentava sob aspectos que também interessavam à jurisprudência e à psicologia; numerosos sábios das Faculdades de Direito e outros, entre os quais podemos citar em primeira linha os Srs. Liégeois, de Nancy; Delboeuf, de Lièfe; Raoul e Emele Young, de Genebra; Ochorowicz, de Lamberg; Focachon, de Charmes (Moselle); e em Paris: os Srs.

Paul e Pierre Janet, Victor Meunier, Pierre Veron, o padre de Meissas, o Coronel de Rochas, tomaram partido pró ou contra os fenômenos hipnóticos.

Não tentaremos analisar o que se tem dito e escrito acerca do Hipnotismo; o quadro restrito em que voluntariamente nos confinamos não no-lo permite; o que importa saber e tornar aqui conhecido, é que no meio das inúmeras divergências desta literatura complexa, os fundadores da doutrina hipnótica se encontram neste ponto essencial que decorre de suas próprias definições:

> "O estado hipnótico é um estado particular do sistema nervoso, determinado por manobras artificiais, tendendo, pela paralisia dos centros nervosos, a destruir o equilíbrio nervoso." (Braid).

> "Esse estado fisiológico consiste num acúmulo anormal da força nervosa no cérebro, acúmulo provocado por meios artificiais ou resultante de um estado patológico particular." (Durand de Gros).

Hipnotizar é, portanto, segundo os próprios mestres, *desequilibrar* a força nervosa, dirigindo-a de maneira anormal ao cérebro, ou *aproveitar-se de uma congestão cerebral já existente, em conseqüência de um estado patológico qualquer*. Em outras palavras, hipnotizar é aproveitar uma falta de equilíbrio nervoso, ou produzi-la.

Eis aqui uma confissão que conservamos preciosamente, nós os magnetizadores, que, pelos processos que empregamos, só temos em mira uma coisa: *o restabelecimento do equilíbrio nervoso.* Quanto aos hipnotistas – são eles mesmos que no-lo dizem – por suas ações diretas e violentas sobre o encéfalo, provocam continuamente bruscos deslocamentos ou alternâncias na força nervosa, que engendram contraturas musculares, paralisias e catalepsias parciais ou totais, anestesia ou hiperestesia dos sentidos, afonia, afasia, mudez: privação ou exaltação do gosto, surdez ou exaltação do ouvido; depois, imitações automáticas e inconscientes, tanto em palavras como em gestos, ilusões sensoriais, transposições reais ou supostas, dos sentidos; a perda ou a

exaltação da memória; as sugestões falazes e as alucinações contrárias à verdade ou à natureza, como as alterações provocadas da personalidade; as sugestões de atos imediatos ou a prazos mais ou menos remotos, os sonhos em ação; a exaltação das idéias e dos sentimentos, fenômenos estes certamente bem curiosos de estudar-se sob o ponto de vista fisiológico e psicológico, divertidos mesmo, quando dados em espetáculo, porém profundamente perigosos de manejar, pelo fato de possuírem uma tendência absoluta para deslocar o equilíbrio físico e moral, e a substituir numa certa medida o automatismo, o desdobramento e a inconsciência do *eu* consciente e sintético, que forma a personalidade humana, unidade de que só podem decorrer *saúde* e *razão*.

Desse ponto de vista, nunca é demais levantarmo-nos contra o abuso que se cometeu e que ainda se comete todos os dias pelos processos hipnóticos; esse abuso é um perigo e esse perigo Mésmer o pressentiu quando, reagindo com todas as suas forças contra a divulgação dos processos para provocar o *sono nervoso*, cujo emprego julgava perigoso, ou pelo menos inútil, assim se explicava numa de suas memórias:

> "Depois que o meu método de tratar e de observar os doentes foi posto em prática nas diferentes partes da França, diversas pessoas, quer por um zelo imprudente, quer por *uma vaidade sem cabimento* e sem consideração pelas reservas e as precauções que eu julgara necessárias, deram publicidade prematura aos efeitos e principalmente à explicação deste *sono crítico; não ignoro que tenham daí resultado abusos, e observo com sentimento que voltaram com ardor os antigos preconceitos!*"

A fim de reforçar a opinião do mestre, da qual compartilhamos por completo, e que nos leva à exclusão dos processos hipnóticos, de qualquer método curativo, esforçamo-nos, no capítulo seguinte, por tornar bem salientes as linhas divisórias que separam os dois sistemas.

CAPÍTULO II
Das diferenças existentes entre o Magnetismo e o Hipnotismo

Processos de Braid para produzir o sono provocado. – Processos do Dr. Durand de Gros. – Processos da escola atual. – Processos dos fascinadores. – Manobras hipnóticas comparadas aos processos magnéticos. – Diferenças notáveis entre os sonâmbulos formados por um e outro método. – *Concentração* dos sonâmbulos magnéticos. – *Exteriorização* dos sonâmbulos hipnóticos. – Negação, pelos hipnotistas, da existência dos fenômenos psíquicos. – Causas dessa negação. – Meio magnético de *pôr-se em relação*. – *Regularização* que daí resulta. – Ressonância magnética *ideoplástica*. – Causa de apreciações confusas. – Individualidade psicofisiológica do experimentador. – A ação direta sobre o encéfalo e a ação direta sobre o epigástrio diferenciam o Hipnotismo do Magnetismo.

O Hipnotismo, dizem os partidários dessa doutrina, é *"um estado particular do sistema nervoso determinado por manobras artificiais, tendendo, pela paralisia dos centros nervosos, a destruir o equilíbrio nervoso."*

Em que consistem, pois, essas manobras?

Braid, no começo de suas experiências, ligava uma rolha de garrafa à testa do paciente e fazia com que ele a olhasse atentamente; a obrigação de conservar constantemente os dois olhos dirigidos sobre um objeto tão próximo, convulsionava a vista e fatigava consideravelmente os sonâmbulos, o que muitas vezes forçava-os a abandonar a experiência antes do fim. Foi necessário modificar esta maneira de praticar. Eis o processo definitivamente adotado, e que é ainda hoje geralmente seguido: conserva-se um objeto brilhante qualquer (um instrumento de aço, por exemplo) entre o polegar, o indicador e o médio da mão esquerda, numa distância de 25 a 45 centímetros dos olhos, *em posição tal acima da testa, que seja necessário o maior esforço do lado dos olhos e das pálpebras, para que o paciente encare fixamente o objeto.*

O Dr. Durand de Gros, conformando-se quase ao mesmo princípio, mas concedendo na produção do fenômeno uma parte mais importante à *fixação da atenção e à concentração do pensamento* do que à fadiga visual resultante da *convergência dos olhos*, empregava um disco de zinco, de dois centímetros de diâmetro, cujo centro era formado por um prego de cobre encravado em outro metal: ele conservava esse botão a 45 centímetros, mais ou menos, do corpo, *na altura da cintura*, como um ponto de mira, *sobre o qual devia o paciente fixar os olhos durante quinze ou vinte minutos sem pestanejar e concentrando toda a sua atenção.* Logo que o via absorvido nessa contemplação sem oscilar as pálpebras, fechava-lhe os olhos por meio de brandas e suaves fricções e *punha-lhe uma das mãos sobre a cabeça, aplicando-lhe fortemente o polegar à testa.* Os hipnotistas da escola atual usam dos mesmos processos, com ligeiras variantes: à fixação do olhar sobre objetos brilhantes, juntam projeções de luz elétrica, pressão dos globos oculares ou dos polegares, fricções do *vértex* e violentas pancadas de "tã-tã", que atacam e fazem vibrar o sentido do ouvido; empregam também o vulgar fole das nossas lareiras e certo espelho chamariz de toutinegras, aperfeiçoado e formado de fragmentos de espelhos encaixados em dois pedaços prismáticos, feitos de madeira e dispostos em cruz, a que se imprime um movimento de rotação *que traz em breve ao paciente perturbação e fadiga do aparelho ótico, fazendo-o cair no estado de sonambulismo provocado.*

Enfim, os fascinadores, apesar das sua pretensão de não quererem confundir-se com os hipnotistas, não se afastam de modo algum dos processos empregados por estes últimos: desde o padre Faria que, colocando os seus pacientes em poltronas e fazendo-os concentrar-se, dava-lhes rapidamente e em voz de estentor esta ordem imperativa: "Dorme!", – até Donato, que sobre as mãos abertas e espalmadas, fazia colocar as do seu paciente, dizendo-lhe que fizesse peso sobre elas, e depois, inesperadamente, lançava-lhe um olhar acerado como a ponta de uma espada; todos, sem exceção, *por uma ação violenta e imprevista* sobre o sentido do ouvido ou da vista, procuram produzir o mesmo efeito que os hipnotistas com suas pancadas de "tã-

tã" e suas projeções de luz, esforçam-se por *provocar a vibração dos centros nervosos que lhes deve entregar, inconsciente e sem defesa*, o paciente inteiramente aparelhado às suas variadas experiências.

Hipnotistas e fascinadores estão manifestamente de acordo acerca da finalidade dos seus processos:

> "É em conseqüência dum *excesso de fadiga* de que sofre um sistema particular de músculos, estado resultante da posição *incômoda e forçada* dos olhos – diz o Dr. Braid –, que se desenvolve no cérebro e em todo o sistema nervoso esse estado particular a que eu chamo hipnotismo."

> "Imponho as minhas convicções *pela força* – diz Donato, na exposição do método que dá em sua *Revista Fisio-psicológica* –, e para isso recorro a um processo rápido, *de algum modo violento*, que nada tem de comum com o Hipnotismo, porque não provoca nem a oclusão dos olhos, nem o sono; *destruo instantaneamente a vontade dum homem desperto e consciente, e depois provoco o estado de inconsciência sem sono.*"

Quer haja sono, quer não, pouco importa: os dois métodos, como se vê, convergem para *o automatismo, a inconsciência, e o desequilíbrio do ser, pela surpresa, fadiga ou violência*.

Se compararmos essas manobras com os processos magnéticos, não é dubitável que elas diferenciem-se absolutamente; enquanto hipnotistas e fascinadores, dirigindo-se especialmente ao cérebro, procuram lançar fora do seu equilíbrio os centros nervosos por ataques violentos ou por jato contínuo, os magnetizadores, poupando cuidadosamente o encéfalo e concentrando toda a sua ação sobre o epigástrio e o sistema nervoso ganglionar, empenham-se em equilibrar da melhor maneira, a corrente nervosa, de modo a obterem a mais elevada expressão da autonomia funcional do ser.

Uns destroem o *eu* consciente, os outros elevam-no ao seu mais alto grau sintético. Demais, são notáveis as diferenças que se destacam entre os sonâmbulos formados por um ou outro método, quando, sob a influência benéfica e equilibradora das

imposições e dos passes magnéticos, vêem naturalmente surgir o estado sonambúlico.

No sonâmbulo magnético, as três condições essenciais à expressão normal do fenômeno se desenvolvem: *isolamento, concentração, mobilidade.*

O *isolamento*, nulificando todas as sensações que vêm do exterior, dá ao sonâmbulo mesmérico a faculdade preciosa de concentrar sua atenção melhor ainda do que no estado de vigília; seus sentidos, de algum modo *sintetizados numa exaltação do* eu *sensorial*, dão-lhes uma sensibilidade singular que o *estado de relação* põe exclusivamente à disposição do seu magnetizador: só pode ser *tocado por ele, só a ele* ouve*, só a ele* obedece*, e só por ele* pode ser *despertado*.

A *concentração*, permitindo que a atividade funcional se condense e se equilibre *por dentro*, faz do sonâmbulo mesmérico um instrumento de delicadeza inaudita, que só poderíamos comparar a uma balança de precisão, na qual o mais tênue peso desloca o centro de gravidade; respondendo maravilhosamente às menores incitações daquele que o pôs em ação por meio da *relação*, o sonâmbulo mesmérico lê no pensamento do seu magnetizador, responde a todas as suas sugestões *mentais*, tanto de perto como de longe, fora da vista, através das paredes, e goza dessa extrema *mobilidade magnética*, de que fala Puységur, mobilidade que consiste em ceder a todas as atrações à distância.

Esse estado de condensação interna, avivando os focos nervosos, permite ao sonâmbulo mesmérico projetar suas faculdades sintéticas sobre todos os pontos que lhe são designados ou que ele escolhe, à maneira de um refletor que une num só feixe os raios luminosos. É deste modo que ele vê em si e fora de si, que descreve os seus próprios órgãos ou os de seus vizinhos, que precisa o estado das partes doentes, o gênero, a origem, a duração e o êxito das moléstias; é também assim que a sua força de irradiação vai até lhe permitir a estranha e misteriosa faculdade de ler no espaço, de *predizer* e *vaticinar*.

O sonâmbulo formado por processos hipnóticos está longe de possuir essas numerosas e eminentes qualidades.

Não está *isolado* nem *concentrado*; suas faculdades, longe de serem condensadas num feixe interno, são, pelo contrário, *exteriorizadas. Ele pode ser tocado por qualquer pessoa* e, se por acaso experimenta algum embaraço, este fato é manifestado para com todos.

Ouve a todos ou não ouve a *ninguém; obedece* a todos; pode ser *adormecido* e *despertado* pela primeira pessoa que aparecer; todos os condutos que levam as impressões sensoriais ao cérebro, em lugar de estarem fechados, conservam-se abertos às sensações que partem do exterior, o que coloca os sonâmbulo em instabilidade permanente, que o faz flutuar entre estes dois extremos: *catalepsia* e *letargia.*

No primeiro caso, *catalepsia*, os sentidos da audição, do paladar, do olfato e do tato tomam uma agudeza tal que o sonâmbulo pode apanhar as palavras pronunciadas muito baixo e quase sem movimento dos lábios; percebe o mínimo odor, os gestos, conhece a presença e a natureza dos objetos afastados, mas num raio restrito.

No segundo caso, *letargia*, essa agudeza dos sentidos se extingue e o cérebro, atacado instantaneamente de inércia, parece privado de todo o funcionamento. Em um ou outro desses extremos o sonâmbulo hipnótico não é apto para receber nenhuma *sugestão mental*; distraído, por um lado, pela agudeza dos seus sentidos hiperestesiados, que o colocam à mercê de todas as impressões do exterior, ou, por outro lado, mergulhado no estado comatoso letárgico que o separa daquilo que o cerca, ele se conserva indiferente às transmissões de pensamentos e aos efeitos a distância, tal como, num meio ruidoso que nos traz sensações múltiplas ou num sono profundo que nos absorve, as nossas faculdades se conservam igualmente insensíveis a qualquer percepção delicada. O sonâmbulo hipnótico, assim exteriorizado ou nulificado, representa um instrumento imperfeito, só responde às *incitações físicas* e às *sugestões verbais* e não deixa acesso a nenhuma reação psíquica. Demais os hipnotistas, não tendo tido jamais ocasião de averiguar em seus sonâmbulos os fenômenos psíquicos, sempre negaram a existência destes.

> "Se abrirmos um livro acerca do Hipnotismo – diz o Dr. Ochorowicz –, encontraremos nele facécias sobre a sugestão *mental*; os hipnotistas nunca a estudaram, porém certificam a exatidão de sua opinião negativa, baseando-se no testemunho de outros sábios, que também não a estudaram."

De que modo teriam estudado esses experimentadores turbulentos a sugestão *mental*, se os processos artificiais empregados visam principalmente o efeito perante uma reunião mais ou menos numerosa, quando o fenômeno só se pode obter por meio de processos que eles propositadamente desconhecem e procuram ridicularizar? Em Hipnotismo, o que chamamos *entrar em relação*, não existe; esta constitui um processo exclusivamente mesmérico, e é somente por ele, quando inteligentemente graduado, que se pode chegar a *regular* um sonâmbulo. Diremos *regular*, porque, efetivamente, precisa-se proceder a uma verdadeira *regularização*; regula-se um sonâmbulo como se procede com um instrumento de precisão: um telescópio, um cronômetro, um telefone.

Pelas *imposições* e os *passes*, acionam-se mais ou menos o cérebro e o epigástrio e procura-se manter um justo equilíbrio entre esses dois centros de vida nervosa; *pelos passes longitudinais e imposições, carrega-se*; pelos *passes transversais e o sopro frio a distância, dispersa-se*; aumenta-se ou diminui-se assim, à vontade, a profundez do estado sonambúlico, que apenas deve ser produzida por ações graduadas com paciência e tato indefiníveis; e é assim que se chega, progressivamente, a estabelecer entre magnetizador e magnetizado esse estado de *simpatismo* que o Dr. Ochorowicz tão perfeitamente descreveu:

> "Não é só – diz ele – uma relação puramente física: é principalmente, e antes de tudo, o efeito de uma ação reflexa psico-nervosa, que produz a associação das idéias, sentimentos e volições, tanto como a das sensações físicas e dos movimentos, e que, mostrando mais uma vez a estreita solidariedade que une no organismo o físico e o moral, dá a explicação dessas associações *ideo-orgânicas*, em que a idéia basta para produzir a inflamação dum órgão, sua secreção, sua hi-

perestesia ou sua paralisia; faz sustar uma hemorragia ou renascer uma perturbação biológica qualquer."

No estado de *relação* bem equilibrado, o sonâmbulo magnético, achando-se num estado de tensão suficientemente elevado, não necessita, como no estado ordinário, de fazer passar as sensações pela análise do seu cérebro; ele sofre como que espontaneamente as impressões que recebe, do mesmo modo que uma corda vibra simpaticamente por igualdade de tensão; é, pois, necessário em toda experiência ter em vista esta sensibilidade de ressonância magnética *ideoplástica*, que, na realidade, é a origem de inúmeros erros de apreciação, de que se acha cheio o estudo desses fenômenos.

"Não é mais motivo de dúvida entre os sábios hipnotizadores – diz o Dr. Ochorowicz – que ao fazer-se experiências num sonâmbulo sensível se possa incutir-lhe suas teorias, seus conhecimentos, seus temores, suas suposições mesmo, e que deste modo, sem nos precatarmos, conseguimos divertir, acreditando fazer descobertas. O que diríeis dum físico que, desejando fazer uma medida galvanométrica delicada, enchesse os bolsos de fragmentos de ferro ou de ímãs? É precisamente o caso dos experimentadores em Hipnotismo: *não conservam uma neutralidade cabal* nas suas investigações; esquecem que suas presunções, repercutindo-se no sonâmbulo eminentemente sensível, venham, depois, induzi-los em erro."

Daí, essa produção perpétua de teorias diversas e classificações novas, onde a unidade dos princípios desaparece sob a onda de apreciações confusas, resultante da multiplicidade das aparências sob as quais se ostenta o fenômeno: Os *três estados característicos do sono hístero-epiléptico*, de Charcot, os *nove estados*, de Pierre Janet, a *causa que produz e desfaz*, de Dumontpellier, as *zonas histerógenas*, de Charcot, *hipnógenas*, de Pitres, *dinamógenas*, de Féré, *erógenas*, de Chambord, *reflexógenas*, de Heidenhein, *noutras*, de Rocha, os *pontos de imbibição*, de Brown-Séquard, o *vígil hipnotismo*, de Charles Richet, o *magnetismo molecular geométrico*, de Tony Molin, os *transferts*, de

Luys, a *ação dos medicamentos a distância*, de Bourru e Burot, etc., e todas as outras teorias especulativas desse gênero, que nada possuem de positivo; os experimentadores, na produção dos fenômenos que obtêm, parecem esquecer completamente a parte que devem representar estes dois fatores essenciais: a idiossincrasia do sonâmbulo e o temperamento do operador.

Efetivamente, tudo depende, em grande parte, da individualidade *psicofisiológica* daquele que experimenta, das suas vistas pessoais e do seu modo de operar. Tal obtém, de preferência, fenômenos de paralisia e letargia; tal outro, só produz a hiperestesia e a catalepsia.

Este acarreta quase sempre espasmos, crises convulsivas; seus sonâmbulos são verdadeiros demônios, aos quais dificilmente se consegue dominar e conduzir; aquele, ao contrário, só produz bem-estar e calma; seus sonâmbulos são dóceis, obedientes e disciplinados. Há magnetizadores que quase nunca conseguem fazer adormecer; e quando, por acaso, o sono sobrevém naturalmente sob sua influência, esse sono muito benéfico não se complica de desordem alguma; não há, sequer, espasmos, paralisias ou contraturas. Alguns há que só atuam por sugestão; outros, debalde procuram empregá-la. Ora, estas múltiplas modalidades não são mais do que os graus ou as fases de um só e mesmo fenômeno, que um experimentador hábil pode conseguir à vontade, pela justa regularização do instrumento que emprega. Que ele leve a sua ação diretamente sobre o encéfalo, atuando com violência ou de maneira contínua sobre os centros sensoriais, alcançará toda a série dos fenômenos *neuromusculares*: letargia, catalepsia, êxtase, etc.; reduzirá o *eu consciente* e produzirá o *automatismo*, considerando-se deste modo no domínio dos fenômenos que se conveio chamar *hipnóticos*. Que concentre, pelo contrário, sua ação sobre esse centro frênico importante do epigástrio, chamado o *plexo solar*; que poupe o encéfalo, que não empregue senão ações brandas e progressivas, que nada provoque e se conserve neutro, aguardando tudo da Natureza em vez de substituir-se a ela; em outras palavras, que deixe o fenômeno desenvolver-se livremente, e nenhum dos fenômenos *neuromusculares* da letargia e da catalepsia aparecerão; o *eu*

consciente se desenvolverá, as faculdades se sintetizarão e a verdadeira *clarividência magnética*, com todos os admiráveis efeitos que a acompanham, mostrará, ao produzir-se, que estamos aqui em pleno domínio dos fatos a que se conveio chamar *magnéticos*.

Conservando esses dois nomes, que o uso consagrou, diremos que a única coisa que diferencia a Hipnotismo do Magnetismo é a *maneira de regular o sonâmbulo* e a natureza dos processos empregados para estabelecer esse adestramento. Entre o Hipnotismo e o Magnetismo não há nem a identidade que certas pessoas julgaram descobrir, suprimindo o antigo nome para substituí-lo pelo novo, nem o fosso profundo que muitas outras quiseram cavar; a todo o momento, quem se acredita *magnetizador, hipnotiza*; e quem julga simplesmente *hipnotizar, magnetiza.*

Du Potet, La Fontaine e tantos outros, nas sessões públicas em que se aplicavam a dominar um homem ou um animal em alguns segundos, não eram mais *magnetizadores*, na verdadeira acepção da palavra: faziam obra de *hipnotistas*; e se Braid teve a idéia de imitar artificialmente essas manobras mais *teatrais* do que *curativas* (o que fez originar a grande querela que ainda hoje subsiste), é infelizmente porque um magnetizador, saindo do seu papel, deu o mau exemplo.

A distinção que acabamos de estabelecer entre o Hipnotismo e o Magnetismo não resulta somente da conservação dos fatos; essa distinção se apóia igualmente em consideração fisiológicas, que nos propomos desenvolver no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III
Explicação fisiológica dos fenômenos

Esquema do equilíbrio orgânico: cérebro, aparelho genital, coração e fígado. – A vida é um equilíbrio oscilatório, obedecendo à lei de concentração *tonalizante*. – Do enormon. – Do rítmico vital. – De suas relações com a *acústica* e a *ótica*. – Divisões do circuito nervoso: *encéfalo, ráquis, sistema ganglionar*. – Funcionamento do sistema nervoso: *sentido, cérebro, tronco;* seu *preparo;* corrente *sensorial* e corrente *visceral*. – Os hipnotistas, atuando diretamente sobre o cérebro, pela corrente *sensorial*, provocam uma *reação dispersiva* que exterioriza a ação dos sentidos, enfraquece a *tensão-enormon*, faz nascer a idéia *improporcionada*, e acarreta automatismo e inconsciência. – Papel *obturador* do cerebelo. – Os magnetizadores, atuando indiretamente sobre o cérebro pela corrente *visceral*, produzem um estado de *concentração* que duplica a *tensão-enormon*, fecha as vias dispersivas dos sentidos, aumenta a *isolação* e entretém o jogo equilibrado do aparelho cerebral. – Integridade da *vontade* e do *eu consciente*. – Papel *libertador* do cerebelo.

Antes de penetrarmos o âmago da questão, julgamos necessário dar um resumo do organismo vivo e do antagonismo das forças que regulam o jogo da função nervosa, não que tenhamos a pretensão de entrar na descrição minuciosa de aparelhos complexos de que nos podem dar a exata topografia os livros de anatomia e de fisiologia; porém, colocando-nos num ponto de vista mais elevado, é nosso intuito essencial expor a filosofia do fenômeno vital, conforme a maneira pela qual o concebemos.

Para atingir esse desiderato nos serviremos do seguinte esquema: suponhamos dois círculos concêntricos, um branco e outro preto, o branco (externo) representando o sistema nervoso, o preto (interno) representando o conjunto dos sistemas respiratório, digestivo e circulatório. Coloquemos em cada um desses dois círculos, dois nós: sobre o círculo externo, o *aparelho cerebral* e o *aparelho genital*; sobre o círculo interno, o *coração* e o *fígado*.

Estes quatro nós, em oposição de polaridade antagonista conjugada, e que, por sua arquitetura especial, dão a mais perfeita

idéia do que se pode chamar um *desfiladeiro* orgânico e, por derivação, um aparelho *compressivo* ou de *tensão*, têm por missão manter em permanência o *eretismo tensional*, indispensável ao funcionamento de toda a vida celular. O círculo *cérebro-genital* ou nervoso, que representa o animal externo, coloca o ser em comunicação com o meio ambiente; é ele que está encarregado de todas as relações externas, e que sofre as influências dos meios; transmite-as ao círculo *cardíaco-hepático*, representante do animal interno, com a qual está em constantes e estreitas relações e que ele completamente envolve, regulando desse modo, na economia animal, todas as relações internas e externas do ser.

A vida apresenta-se-nos então, não como a imobilização de elementos *arquiteturis*, mas como *um equilíbrio oscilatório* entre órgãos especiais, gozando de uma independência relativa tal, que se poderia acreditá-los colocados fora de todo o centro regulador, quando na realidade obedecem a um jogo de antagonismo, que representa tonalidades de detalhe, submetidas a uma lei única de *concentração tonalizante*.

A vida não é, portanto, nem a expressão de uma onipotência misteriosa, oculta em algum refolho do organismo, como no-la mostram Van Helmont e Stahl, nem a resultante de propriedades especiais atribuídas aos tecidos, como tentam provar Holler e Bichat: porém, mui simplesmente, um fenômeno de *tonalização*, semelhante ao que nos fornece como tipo admirável a tonalidade musical.

Cérebro, coração, aparelho genital e fígado representam efetivamente, na tonalidade fisiológica, um papel idêntico ao que a *tônica*, a *mediante*, a *dominante* e a *sensível* representam na tonalidade acústica; tanto em uma como em outra tonalidade, a série dos deslocamentos parte do estado de *condensação* para caminhar para o estado de *resolução*, passando por todos os graus da *dispersão*.

O organismo apresenta, assim, todos os fenômenos de reação de uma força prisioneira; o instrumento se distende contra os esforços adventícios, em vez de ceder sem resistência; e do conflito desses antagonismos, justamente ponderados, nasce essa

tensão vital equilibrada, que constitui a individualidade do ser, do mesmo modo que a tensão acústica equilibrada constitui a individualidade da gama. Em fisiologia, como em acústica, a regularização dos antagonismos traz uma resultante que se chama aqui o *tom* e lá o *enormon*.

"*Enormon*" é um termo que se encontra nas obras de Hipócrates, para designar a imaterialidade do ser; este apelativo nos parece aqui inteiramente apropriado para representar o ponto fictício de interseção das forças antagonistas; dá-nos uma imagem figurada do ritmo vital que, elevando-se ou abaixando-se segundo a natureza e a intensidade das ressonâncias que afetam o círculo nervoso, engendra os matizes infinitos das idiossincrasias e dos temperamentos.

É para o centro frênico colocado no epigástrio, chamado *plexo solar*, que a impressão desse equilíbrio se faz mais particularmente sentir, no ponto em que Van Helmont colocava o seu arquêu; Bufon, o *foco da alma*, e os antigos fisiologistas os *praecordia* ou *coração moral* das entranhas; é ali que efetivamente ressente-se o contrachoque de todas as paixões, onde se fazem sentir as flutuações *centrífugas* e *centrípetas* que regulam o movimento alternante de *eliminação* e de *nutrição*, e onde verdadeiramente se pode esperar o *ponto de preparo* do organismo.

Assim, a tonalidade acústica nos dá a chave do ritmo vital, e, em razão da unidade de plano que preside tão admiravelmente à síntese dos fenômenos naturais, podemos acrescentar que as leis da ótica no-lo explicam também:

> "Do mesmo modo que a luz nasce da concentração tonalizada dos matizes do espectro – diz Louis Lucas –, assim também a individualidade psíquica e fisiológica nasce do jogo harmônico das condensações tonalizadas do ser, que produzem *saúde*, *inteligência* e *razão*."

Todos os organismos não conseguem realizar esse estado de síntese: escalam-se sobre todos os graus do *espectro orgânico*; mas, achando-se totalmente classificados em tal ou tal fração da série, tendem com todos os seus esforços, em vista da felicidade

e da integridade individuais, para esse estado perfeito de que procuram desviar-se o menos possível.

Manter o ritmo vital na tonalidade que lhe convém é, pois, o segredo da vida dos organismo; deve ser este igualmente o objetivo de toda a terapêutica racional; importa-nos, então, saber de que maneira se comporta o sistema nervoso, esse maravilhoso instrumento de tensões vitais, esse admirável regulador do organismo, que em nosso esquema reduzimos à sua mais simples expressão, figurando-o por meio de um círculo envolvendo os demais sistemas.

O circuito nervoso, à primeira vista, apresenta três grupos distintos: 1º o *sistema ganglionar*; 2º o *ráquis*; 3º o *encéfalo.*

1º – O *Sistema ganglionar* é esse conjunto de inumeráveis células disseminadas em gânglios e plexos nas profundezas do organismo, formando "grupos ou reuniões de grupos que se tornam outros tantos *centros independentes* de movimentos combinados, sucessivos ou alternados, correspondendo a excitações determinadas". É o centro dos atos orgânicos chamados *inconscientes*, encarregado de coordenar as energias dos diversos elementos dos tecidos; este sistema representa a forma mais rudimentar da vida nervosa abaixo da escala dos seres.

2º – O *Ráquis*, situado na região dorsal dos vertebrados e que nos invertebrados é substituído pelos cordões nervosos ganglionares da região ventral, põe em relação íntima e permanente o sistema ganglionar e o sistema encefálico; é o laço natural entre o pólo *cérebro-bucal*, que preside às *ingestões* e o pólo *gênito-anal*, que preside às *excreções*, unindo desse modo a função de *oxigenação* e a de *hidrogenação*, e operando por sua expansão no saco formado pelo aparelho muscular, essa espécie de invólucro do animal interno pelo animal externo, do qual falaremos em breve.

A secção do cordão medular, que se estende ao longo da coluna vertebral, afeta uma forma prismática muito nítida, e, do mesmo modo que uma lâmina de estilete triangular, o ráquis caminha através do buraco occipital e vai inserir-se com suas raízes e anexos nas circunvoluções do cerebelo e do cérebro.

Com os seus numerosos pares de nervos espinhais, constituído cada um por duas raízes distintas, reunidas para formar um nervo misto, que se vai distribuir depois a todos os sistemas da economia, o ráquis, pela sua disposição anatômica, representa uma verdadeira harpa estendida no meio do tronco, espécie de instrumento prismático, prestes a receber e a seriar todas as ressonâncias que lhe chegam dos sentidos pelo cérebro, ou das vísceras pelo sistema ganglionar. É o centro dos atos reflexos.

3º – O *encéfalo*, finalmente, alojado em uma caixa óssea resistente e bem fechada, ocupa o alto do edifício; é, ao mesmo tempo, o ponto de partida e de chegada de todas as expansões nervosas, e tudo quanto parte deste santuário ou aí chega, passa por um dos desfiladeiros mais apertados do organismo – o *orifício occipital*.

A parte do *ráquis* que atravessa esse orifício com os seus anexos íntimos forma o que se chama o *bulbo* ou *medula alongada*; é aí, em nossa opinião, o ponto mais notavelmente interessante da rede nervosa, e nunca seria demais chamarmos a atenção sobre essa região encefálica, onde, indubitavelmente, vêm cruzar-se duas correntes antagônicas, das quais uma, a que chega pelos sentidos, parte do exterior, e a outra, subindo pelo ráquis, parte do sistema ganglionar e do interior visceral.

Nesta região, o coroamento da medula (*camadas ótico-estriadas*) e suas expansões (*protuberância anular, pedúnculos, tubérculos*, etc.) formam um dédalo complexo onde vêm convergir os nervos dos sentidos (paladar, olfato, visão, audição), e os nervos que, por suas funções, estão mais ou menos afetos à expressão das emoções da alma ou ao ritmo do coração e dos pulmões, tais como o *patético*, o *lacrimal*, o *facial*, o *trigêmeo* e o *pneumogástrico*; este deve ser, de alguma forma, o órgão de *recepção* do encéfalo.

O *cerebelo* com seus dois lóbulos, montado sobre a *medula alongada* e suas *irradiações*, vem completar o jogo desta região *encéfalo-raquidiana*, desempenhando, fora das outras propriedades fisiológicas que se lhe podem atribuir, a importante função de *obturador* sobre o trajeto das correntes *sensorial* e *visceral*, de que acabamos de falar.

Finalmente, os dois *hemisférios cerebrais*, afetando a forma de uma lentilha convexa, cuja concavidade estaria voltada interiormente para o corpo, completam o encéfalo, que pode considerar-se como a sede das *percepções* e o instrumento das *volições*. Digamos, de passagem, que *ráquis, medula alongada, cerebelo* e *cérebro*, órgãos de *concentração*, são aparelhos de luxo que só pertencem aos organismos superiores, contentando-se toda a vida rudimentar com a *dispersão* nervosa ganglionar, com suas ações inconscientes e reflexas.

Tal o esboço sucinto do instrumento das ressonâncias vitais; esta exposição rápida bastará para tirar as considerações que nos restam deduzir.

O ser, em relação obrigatória e constante com o meio onde é chamado a viver, haure, por todas as radículas nervosas periféricas, os elementos difusos do movimento que o cerca; congrega esses elementos, canaliza-os e os diferencia por meio dos nervos; estes, em vez de agirem *eletricamente*, como se poderia julgar, preenchem o simples papel de *condensadores, condutores, modificadores* das correntes, e é do choque, cuidadosamente ponderado, das ressonâncias externas e internas, transmitidas ao cérebro, de um lado pela corrente *sensorial*, e do outro pela corrente *visceral*, que nasce o *equilíbrio enorme*; é sob o influxo combinado desses dois impulsos antagônicos, um externo e outro interno, que o eretismo nervoso se acentua ou se distende, fazendo subir ou descer o diapasão do enormon (este *estímulo-luz* da *tonalidade*) que leva diante do espelho cerebral a imagem mais ou menos nítida do tronco orgânico e dos sentidos, e vai estimular *esses atos de retorno* espécie de *reflexos* luminosos a que chamamos *juízo, pensamento, volição* e *movimento*.

Os sentidos, o cérebro e o tronco formam, assim, um conjunto harmônico de ressonâncias de que são solidários todos os elementos, e dos quais dá Louis Lucas uma idéia justa pela comparação analógica seguinte:

> "Os *sentidos* e o *tronco* representam alternadamente, uns frente aos outros, o papel de *ocular* ou de *objetiva*, conforme se considerem de um ponto de vista diferente; quanto ao cé-

rebro, representa a *lente de campo*, colocada no *centro focal*."

Toda a filosofia do sistema nervoso ali se acha, e a solução do problema que estudamos reside na questão do *ponto de preparo*; para o físico, esse preparo é a saúde; para o moral, é a *consciência* e a *razão*. Se as forças centrífugas e centrípetas não se equilibram, se há desigualdade de sucessão ou de intensidade nas dispersões e condensações, os elementos de *eliminação* e *nutrição* não mais se compensam; há flutuação nas funções orgânicas e a *moléstia* aparece; ao mesmo tempo, a lente cerebral, insuficientemente iluminada, não mais reproduz senão formas vagas e confusas, contornos indecisos, cuja falta de nitidez e de proporções engendra a alucinação, a inconsciência e o sonho, que são um caminho para a *loucura*.

A conservação da personalidade, a salvaguarda física e moral do ser, dependem desse *ponto de preparo*, qualquer processo capaz de manter esse equilíbrio é benéfico; toda causa que dele se afaste torna-se nociva.

Ora, se nos referirmos aos processos hipnóticos e magnéticos, eis o que verificamos:

Os hipnotistas e os fascinadores, atuando diretamente sobre os sentidos da vista e do ouvido por processos violentos ou contínuos, produzem o eretismo desses sentidos; e, como toda a tensão, toda a força acumulada provocam um antagonismo correspondente, resulta desses vivos ataques sensoriais uma reação *centrífuga*; o impulso nervoso se acentua dos centros à periferia e traz, *por dispersão*, um abaixamento sensível da produção da força; do mesmo modo como, por meio dum comutador, quando se abre bruscamente uma corrente elétrica, a excessiva intensidade no ponto da partida pode comprometer o trabalho das pilhas; de um lado, a perturbação trazida aos órgãos da vista e do ouvido, sustando e diminuindo a ação metral dos sentidos, do outro lado, o abaixamento tensional do enormon cessando de pôr todos os pontos da rede nervosa em relações suficientes com os centros receptores, dão à lente cerebral uma espécie de *vaporização* que, produzindo na sensação uma falta

notável de proporcionalidade, dispõe o sonâmbulo a todos os desvios e a todas as ilusões da idéia *improporcionada* e o coloca, assim, à mercê das mais extravagantes sugestões.

Demais, como todo excesso de dispersão engendra tensões musculares anormais (o que é facilmente verificável pela experiência), vê-se desde logo desenvolver, sob a influência dos processos hipnóticos, esta sucessão de movimentos *neuromusculares*, espasmos, contraturas, catalepsia, que, travando o jogo das rédeas orgânicas, produzem essas bruscas alternâncias de dispersões e condensações, que fazem suceder às vezes, de maneira imprevista a hiperestesia, a paralisia, e *vice-versa*.

Enfim, o cerebelo, que consideramos como órgão *obturador*, encarregado de regular até certo ponto as dispersões vitais, sofrendo a mesma influência que as outras rédeas orgânicas, rompe, obturando o desfiladeiro cerebral ou *orifício occipital*, a passagem das correntes que colocam o tronco e o cérebro em relação pelo ráquis; em virtude da cessação momentânea dessas relações, os movimentos automáticos inconscientes, que têm sua origem na medula, predominam e o ser, de algum modo insulado da influência cerebral, acha-se num estado fisiológico passageiro, tendo alguma analogia com aquele que se verifica num animal decapitado.

O excesso de dispersão produzido pela violência ou a continuidade dos processos hipnóticos, não influencia somente o movimento neuromuscular: extingue também, mais ou menos, a sensibilidade periférica; ora, quando o *tato*, sentido antagonista dos sentidos cerebrais (visão, paladar, audição, olfato) chega, por uma causa qualquer, a ficar paralisado ou obscurecido no seu trabalho de equilibração orgânica, produz-se um contra-golpe e dá-se a retroversão dos sentidos superiores.

Em resumo, as manobras hipnóticas ativando o movimento de *concentração dispersiva*, impelem as correntes a se *exteriorizarem*, enfraquecem a tensão normal, perturbam mais ou menos a harmonia do *ponto de preparo*, e nesse profundo ataque do equilíbrio vital, tendem a minorar, senão destruir, a unidade física e consciente do ser.

Não acontece o mesmo com os processos magnéticos. Os magnetizadores, em vez de atacarem a rede nervosa pelos sentidos, concentram sua ação sobre o centro nervoso mais importante do sistema ganglionar: o *plexo solar*, ao qual, com razão, chamou-se "o cérebro da vida orgânica"; excluindo todo o ato violento provocador, só procedendo por imbibição progressiva, e influenciando o impulso nervoso pela extremidade diametralmente oposta àquela que escolheram os hipnotistas, os magnetizadores atuam sobre a corrente que sobe em sentido inverso das profundezas viscerais ao longo dos cordões, dos gânglios e dos plexo do sistema ganglionar: acionando esse mecanismo complicado, cujos meandros múltiplos parecem especialmente constituídos pela natureza, para retardar, regularizando, o impulso nervoso para o cérebro (do mesmo modo que, na circulação do sangue, as válvulas das veias retardam o impulso do sangue para o coração), os magnetizadores regularizam melhor a ação progressiva de suas irradiações, já tão benéficas por si mesmas, submetendo-as ao mecanismo fisiológico encarregado de recebê-las; essas irradiações, enfraquecidas pelos gânglios do grande simpático e da medula, sobem pelo ráquis na direção da passagem occipital, que atravessam sem embaraço, porque o cerebelo, que desempenha o papel de *obturador* nas invasões violentas suscetíveis de comprometerem a integridade do ser, deixa, nesta ocorrência, passar a onda nervosa; esta onda vai, sem abalo e sem choque, despertar no aparelho cerebral, na extremidade do circuito, uma reação *centrípeta*, que fecha as vias externas, retroverte os sentidos e traz consecutivamente a insensibilidade periférica. Aqui o fenômeno sob a influência condensadora das imposições magnéticas se produz em sentido inverso; a retroversão dos sentidos acarreta a insensibilidade periférica, como, há pouco, a insensibilidade periférica produzia a retroversão dos sentidos; porque, não esqueçamos, sob aparências de similitude, condensações e dispersões, produzem alternadamente efeitos contrários. No caso presente, a reação centrípeta, fechando as vias que dão acesso às ressonâncias externas, favorece o movimento de concentração em vias de realização, aumenta a força tensional do enormon, e, por uma isolação mais completa esclarece, acentuadamente, a lente cerebral. O ser assim separado do

mundo exterior, de algum modo *voltado* sobre si mesmo, se vê no aparelho cerebral; esse aparelho, colocado sobre o circuito nervoso, do mesmo modo que o coração está colocado sobre o circuito sanguíneo, opõe às tendências condensadoras das aglomerações capilares, viscerais e periféricas, a sua elevada potência centralizante. Impedindo a força nervosa de se difundir às cegas, através dos tecidos; evitando assim uma difusão, que infalivelmente traria a ruína da tonalidade, minorando a sua tensão, regulando a onda nervosa, como o coração regula a onda sanguínea; mantendo, em outras palavras, a vibração do ritmo vital, o cérebro se nos apresenta, neste equilíbrio realizado pelos processos magnéticos, como o mais maravilhoso maquinismo das combinações misteriosas da vida orgânica. Os sentidos, em vez de se exteriorizarem pela excitação, como nos fenômenos hipnóticos, recolhem-se à calma mais absoluta em direção às ressonâncias do cérebro, que formam como que uma espécie de capital precioso de memória armazenada; por sua intervenção, os sentidos vêem aumentar a prática deste tesouro oculto e desenvolver as faculdades sintéticas do ser: não somente nada impede o aparelho cerebral de pôr-se em ação integralmente; mas, pelo contrário, tudo concorre para desenvolver os fenômenos do entendimento e da vontade: cada vibração nervosa, por mais leve que seja, faz soar o teclado cerebral, tanto mais sensível quanto mais equilibrado for; cada idéia leva aí não somente a sua ressonância individualizada, mas todas as ressonâncias da série, do mesmo modo que em acústica toda nota *fundamental* arrasta após si a série infinita das *harmônicas*, e assistimos assim à realização do fenômeno da origem e da associação das idéias.

Nesse estado de concentração equilibrada, tudo se encadeia e se coordena; cada centro nervoso, subordinado ao seu vizinho hierárquico, é ao mesmo tempo suscetível de determinar e manter os movimentos que lhe são próprios; os gânglios do grande simpático coordenam as energias dos elementos dos tecidos; os gânglios da medula espinhal coordenam as funções dos centros orgânicos; os centros sensoriais verificam os centros espinhais, e todo o conjunto nervoso vem sintetizar-se nos dois lóbulos cerebrais, realizando assim a mais elevada manifestação da

individualização. Não há, como sob a influência das manobras hipnóticas, predominância tirânica de um dos lados da alavanca erética sobre o outro; a vontade, produto dum antagonismo equilibrado, não está submersa pela falta de coordenação dos centros; ela persiste e mantém, assim, a integridade do *eu consciente*. Em outras palavras, há subordinação mútua de todas as partes, e por conseguinte equilíbrio; e deste equilíbrio nasce a penetração profunda e de longo alcance da clarividência magnética, desconhecida em Hipnotismo.

Desse equilíbrio promanam, igualmente, todas as virtudes curativas do *sono não provocado*, equilíbrio que, devemos repeti-lo à saciedade, se produz sob a influência da magnetização mesmeriana, *fora de todo sono*, e que as manobras artificiais e violentas dos hipnotistas não poderiam por preço algum determinar.

CAPÍTULO IV
Estudo comparado, sob o ponto de vista curativo, dos efeitos hipnóticos e magnéticos

O Hipnotismo e suas virtudes curativas, segundo os partidários desse método. – O Hipnotismo e seus perigos: proibição das experiências públicas pela autoridade administrativa. – Opinião dos magnetistas, Aubin Gauthier, Jussieu, Puységur, Bruno, Dr. Roullier, Deleuze, Mésmer. – Nossas averiguações pessoais. – Experiências feitas sobre os animais, por La Fontaine, Dr. Harting e Beckensteiner. – Generalização dos processos magnéticos, sua aplicação às degenerescências dos tecidos e dos órgãos. – Exemplos de curas: cura de uma artrite crônica causada por uma entorse; cura de uma hemiplegia facial, conseqüência de uma cárie do rochedo; cura de um quisto multilocular.

Se admitirem-se as considerações fisiológicas que desenvolvemos no capítulo precedente, não é necessário possuir grandeza de espírito para pronunciar-se *a priori* sobre as vantagens, sob o ponto de vista curativo, que deve apresentar um dos dois métodos sobre o outro; é evidente que os processos, fazendo apelo ao equilíbrio vital e contribuindo para restabelecer esse equilíbrio, deverão sob todos os pontos de vista possuir mais elevadas virtudes curativas do que aqueles que tendam manifestamente a destruir esse equilíbrio, provocando perturbações profundas no organismo.

Entretanto, apesar disso, os hipnotistas apresentam seu método como podendo dirigir-se a certas moléstias que a medicina comum é impotente para curar:

> "Pela maneira com que o Hipnotismo impressiona o sistema nervoso – diz Braid –, possui o poder de curar rapidamente numerosas *desordens funcionais* intratáveis ou inteiramente incuráveis pelos medicamentos ordinários, assim como um grande número dessas afecções dolorosas que, na maioria, *não sendo acompanhadas de modificações patológicas na estrutura dos órgãos*, são chamadas, assim o confessam todos, "perturbações nervosas", e dependeriam de um estado especial do sistema nervoso."

Desordens funcionais e perturbações nervosas, tal deveria ser o campo acanhado das virtudes curativas do Hipnotismo; pela própria confissão dos partidários deste método, toda a terapêutica hipnótica se resumiria, pois, no seguinte: *opor uma desordem a uma outra desordem*; obtém-se a ordem da confusão, por simples acaso, do mesmo modo que se atira uma moeda para o ar a fim de ver se cai em cunho ou coroa; quanto às lesões orgânicas profundas, que exigiam para sua reparação o concurso equilibrado de todas as forças vitais do ser, os hipnotistas, bem entendido, colocaram-nas fora de sua competência; tiveram razão, porque a base de seu método curativo sendo a *sugestão*, isto é, o assenhoreamento das faculdades volitivas do sonâmbulo às do operador, não podiam eles cogitar de educar, pela única influência exterior de que dispõem, outra coisa mais do que simples *hábitos* físicos ou morais. Compreende-se facilmente que, pela força imperativa da vontade, se possa agir em certos limites sobre um ser crédulo e inconsciente, como o é todo o sensitivo hipotáxico colocado artificialmente no estado hipotáxico. Sugere-se a um menino que não mais seja preguiçoso, a um ébrio que não beba mais, a um mentiroso que fale verdade; mas o que já não seria compreensível, é que uma sugestão, por mais enérgica que fosse, pudesse chegar a reduzir uma luxação, a combater uma cárie, ou a desembaraçar o organismo de um quisto ou tumor.

Os efeitos benéficos que os hipnotistas atribuem aos seus processos (nos limites restritos que eles próprios fixaram), nos parecem ainda muito contestáveis; não somos os únicos a emitir esta apreciação, que tende, desde alguns anos, a generalizar-se; por toda a parte em que outrora as experiências de hipnotismo e fascinação alcançaram tão grande voga, o governo interveio e proibiu-as no interesse da saúde pública.

Depois de se haver sido de uma excessiva tolerância a esse respeito, começa-se, finalmente, a ouvir as judiciosas advertências dos magnetizadores que, com reserva prudente, inspirada por sua grande experiência, não cessavam de dizer a quem quisesse ouvi-los: “Não façais experiências. Não as façais nunca. São mais que inúteis, são perigosas... Limitai-vos a observar as

crises produzidas pela Natureza no decurso dum tratamento. Eis aí as únicas experiências permitidas, porque, se aproveitarem à observação, aproveitam também ao doente."

> "Desde a primeira ocasião em que me ocupei de magnetismo – diz Aubin Gauthier –, reconheci que as experiências eram tão inúteis quão perigosas; sempre protestei contra as que vi fazer, e nunca quis assistir a nenhuma dessas experiências tantas vezes acoroçoadas ou ridicularizadas por um público ignorante ou estúpido, desconfiado ou presunçoso, e algumas vezes tendo tudo isto ao mesmo tempo."

Aubin Gauthier está de acordo, neste ponto, com todos os bons magnetizadores e eis aqui a opinião deles, a fim de que não procurem contestar a sua:

> *De Jussieu*: "Cortemos cuidadosamente da prática todas as experiências de curiosidade, que são *a magia do Magnetismo* e que uma judiciosa medicina rejeita como inúteis, muitas vezes ilusórias, algumas vezes nocivas, e *sempre pouco dignas de preocuparem homens encarregados de maiores interesses."*
>
> *De Puységur*: "Se eu pudesse dar um conselho sobre a maneira de proceder, diria a todos os magnetizadores que o meio mais seguro de obterem boas experiências é *nunca procurarem fazê-las; curar, eis o único objetivo que se deve ter.*"
>
> *De Bruno:* "A maioria das experiências de vã curiosidade são inúteis e *podem tornar-se perigosas.*"
>
> *Dr. Roullier:* "Cedendo muito facilmente ao desejo dos que não conhecem o Magnetismo senão pelo que ouviram falar a respeito, exponde-vos muitas vezes – se não sois doentes ou sofredores – a uma nulidade de efeitos que substitui, no espírito deles, a disposição à confiança pela dúvida e incredulidade. *Evitai expor o Magnetismo em espetáculos, e principalmente como diversão dos curiosos, fazendo o que se chama prodígios de força.* O Magnetismo não deve ser tratado como se fora fantasmagoria."

Deleuze: "Sendo a faculdade de magnetizar ou a de beneficiar os seus semelhantes pela influência da vontade, a mais bela e a mais preciosa que é dada ao homem, cumpre que encaremos o exercício do Magnetismo como ato que exige o maior recolhimento e a maior pureza. É, pois, uma espécie de profanação magnetizar por divertimento, por curiosidade, pelo desejo de mostrar efeitos singulares."

Esta unidade dos mestres em magnetismo, pronunciando-se contra toda *provocação* insólita dos fenômenos, não é somente baseada no respeito com que eles queriam envolver os seus atos, mas também porque consideravam essas perigosas provocações como profundamente nocivas às pessoas que servem de sonâmbulos nas experiências.

"Atuando-se sobre uma pessoa por divertimento, para fazer ato de caridade e mostrar a sua força, excitam-se movimentos nervosos que fatigam e podem comprometer a saúde." – diz Aubin Gauthier.

"O Magnetismo deve ser empregado com precaução e *pouco a pouco*; se se empregar de súbito uma força extraordinária, proporciona-se o mal em vez do bem." – acrescenta Deleuze.

Ainda mais explícito afirma o Dr. d'Eslon: "Se em lugar de se pensar na saúde do doente, só se procura sonambulizá-lo, e para obtenção deste resultado, concentra-se a ação sobre um órgão (particularmente sobre o cérebro), pode resultar daí inconvenientes graves, ou, pelo menos, incômodos desagradáveis."

Assim, todos os que se tem seriamente votado à prática do Magnetismo tendo em vista aliviar os doentes, deploram (estando à frente deles Jussieu) "que se tenham empenhado nas grandes especulações, *nas grandes experiências*, que não são mais do que a parte espetaculosa e *talvez errônea* do método; e que tenham deixado de lado *a parte prática, a única verdadeiramente sólida e essencial.*"

O próprio Mésmer, nos seus aforismos, condena todo gênero de excitação:

> "Quando se excitam crises violentas em um sonâmbulo – diz ele (Aph. 342) –, entretém-se nos órgãos um estado de elasticidade forçada, que diminui na fibra a faculdade de reagir sobre si mesma e sobre os humores que ela contém; *donde se segue uma espécie de inércia entretendo o estado contra-natureza que se ocasiona."*

Mésmer, com os seus tratamentos públicos e a sua famosa *câmara das crises*, parece, entretanto, em contradição com seus próprios princípios; seus inimigos não puderam deixar de revoltar-se nesse ponto, e vivamente criticaram os seus discípulos, dizendo-lhes: "Como? Condenais toda manifestação espetaculosa, toda experiência pública, quando o vosso mestre dava cotidianamente o exemplo daquilo que proibis?..."

A isso responderemos que é preciso ter em vista as circunstâncias e dificuldades dum começo; Mésmer, apesar de todos os inconvenientes previstos, devia passar por elas, a fim de tornar conhecido e propagado o seu método; oberado pelo número de assistentes nos tratamentos públicos que inaugurara, não querendo deixar os doentes expostos a serem tocados por todos, foi, por assim dizer, constrangido a organizar "a câmara das crises"; mas seus processos foram em breve conhecidos por grande número de iniciados; estes julgaram-se autorizados a invadir o santuário, para verem melhor os doentes: a câmara das crises tornou-se então um lugar banal, cuja entrada o mestre não teve forças para proibir. *"Nada veio suavizar os desgostos do homem honesto, forçado a deixar assim profanar os meios empregados"*, diz de Puységur. Mésmer lastima-se amargamente, nas suas memórias, das *exagerações*, dos *abusos* e dos *absurdos*, aos quais a sua descoberta deu lugar, e das *estranhas aplicações* feitas por homens que só dispunham dum conhecimento muito superficial do assunto. Que diria hoje o mestre em face dos desvios funestos a que se inclinam os princípios hipnóticos adotados e preconizados pela ciência oficial?

Que severo exame de consciência devem fazer todos aqueles que, num interesse restrito e privado, falsearam as admiráveis trilhas da Natureza em detrimento de toda a humanidade!...

Tem-se podido averiguar as deploráveis conseqüências da hipnotização repetida. Na época em que as experiências públicas de *fascinação experimental* tinham tão grande voga em Paris, seguia eu essas experiências com muito interesse e tive ocasião de averiguar, de *moto-próprio*, que vários mancebos, servindo habitualmente de sonâmbulos nas representações públicas, foram obrigados a renunciar a um exercício que os fatigava; um deles, estudante numa escola dentária, sensitivo e de constituição frágil, queixava-se de ter ficado completamente arruinado por aquelas hipnotizações repetidas, e fora coagido a abandoná-las; não mais podia, durante o dia, entregar-se aos seus afazeres profissionais sem adormecer; a atenção acurada que era obrigado a prestar na disposição das peças, o luzimento do aço dos instrumentos que empregava, bastavam para hipnotizá-lo, e pouco a pouco resvalara para uma inervação e marasmo comprometedores da sua saúde.

As experiências feitas com animais são talvez mais concludentes ainda do que as que têm sido feitas com o homem.

Os experimentadores, não tendo a temer as conseqüências desagradáveis das suas tentativas, não duvidaram levar as experiências até limites extremos, a fim de melhor esclarecerem a sua opinião. La Fontaine, em seu livro. *L'Art de Magnétizer*, cita vários exemplos da força do olhar nos animais e as terríveis conseqüências que essas experiências podem ter para eles; colocando uma rã num frasco sem cor, de 15 centímetros de diâmetro por 30 de altura, começou a hipnotizar com o olhar; a rã principiou a saltar e agitar-se; depois, passados alguns momentos, imobilizou-se, o seu olhar fixou-se no do operador como se não pudesse mais desprender-se; daí a pouco, a boca contraída abriu-se, membros enrijeceram-se, o animal expirou; toda a experiência havia gasto treze minutos.

La Fontaine pretende ter muitas vezes repetido essa experiência com o mesmo resultado em cobras, lagartos e sapos. Em apoio da citação de La Fontaine, referiremos um fato relatado

pelo Sr. Milne-Edwards à Academia das Ciências, na sessão de 13 de fevereiro de 1882: o Sr. Harting, professor na Universidade de Utrecht, fez experiências de hipnotização contínua em galinhas, pombos, coelhos, que tiveram, no decorrer do tempo, o mesmo resultado que as fascinações operadas por La Fontaine.

> "Se a hipnotização é por diversas vezes repetida sobre o mesmo indivíduo – diz o Sr. Harting –, *o seu sistema nervoso torna-se profundamente abalado*. Eu possuía seis galinhas, que, com intervalos de dois ou três dias, foram submetidas à hipnotização. Cerca de três semanas depois, uma galinha começava-a manquejar; em breve declarou-se uma hemiplegia e o animal morreu. Aconteceu o mesmo com as outras cinco: foram todas atacadas de hemiplegia, umas após outras, se bem que com intervalos de tempo muito diferentes. Em três meses tinham morrido todas as galinhas.
>
> Esta experiência *deve tornar-nos muito circunspectos, quando tratarmos de aplicar o Hipnotismo à espécie humana*."

Finalmente, um terceiro gênero de experiência, vindo reunir-se às citações precedentes, é bem de molde a pôr-nos em guarda contra todo o processo de *exteriorização violenta*, aplicado ao organismo. O gato, muito amante de carícias, é o animal que melhor se presta, talvez, à magnetização ordinária; verdadeiro reservatório magnético, como todos os animais de pêlo comprido, condensa as correntes com tal potência que, em certas condições de temperatura, pode emitir faíscas. Dessa disposição é fácil aproveitar-se para a experiência seguinte: Quando houver tempo frio e seco, céu descoberto e temperatura abaixo de zero, tomai o animal nos vossos joelhos, colocai a mão direita sobre a nuca e os dedos da mão esquerda, *em ponta*, na direção do epigástrio; fazendo com a mão direita alguns passes *apoiados* e rápidos sobre a coluna vertebral, do começo da nuca à cauda, determinareis uma descarga que dá uma faísca bastante forte; o gato, que de ordinário experimenta um prazer sensível aos passes brandos e lentos, feitos ao longo da espinha dorsal, e dá testemunho de contentamento pelo *ronron* que emite e o encurvamento da

espinha, nesta emergência escapa-se precipitadamente, depois do choque que lhe produzis; de mau grado se presta a uma segunda prova; e se conseguirdes renovar esta experiência muitas vezes, ele torna-se triste, enlanguesce e morre. Um eletricista distinto, que por muito tempo morou em Lião, o Sr. Rickensteiner, refere um fato destes, na sua obra sobre *eletricidade*.

Não será de admirar que por essas descargas repetidas, que *exteriorizam* bruscamente as correntes num aparelho orgânico tão especialmente disposto para condensá-las, se prive o animal de uma parte essencial de suas reservas, e assim enfraquecendo-lhe as faculdades condensadoras, seja colocado na impossibilidade de reparar suas perdas. Toda a causa provocadora, violenta, tendendo a uma brusca *exteriorização* das correntes, é tão funesta ao organismo como a ação repetida e contínua das excitações sensoriais; uma excessiva despesa física num curto espaço de tempo, uma viva e brusca emoção moral, certas medicações chamadas *heróicas*, uma hipnotização repetida, uma fadiga contínua trazem, igualmente, por perda progressiva ou por descarga fulminante, a ruína de nossas forças.

Evitemos, pois, a potência dispersiva dessas vibrações de desigual intensidade, que, por seu efeito contínuo ou choque, se atiram mais ou menos diretamente à reserva de nossas forças capitalizadas e podem, mau grado nosso, nos arrebatar a essência da nossa vitalidade, nosso supremo recurso, à guisa dos ladrões que durante a noite roubam o nosso tesouro. Convém mantermos, por todos os meios de que pudermos dispor, a igualdade da nossa *tensão vital*; é essa tensão equilibrada que, por seu turno, assegura a regularidade e a sucessão normal das *dispersões* e *condensações* que representam o movimento regular da vida. É neste ponto que os processos magnéticos, que visam especialmente manter o equilíbrio vital, sustentando a potência condensadora do ser, são eminentemente superiores aos processos hipnóticos, cujas *provocações* exteriorizantes e *dispersivas* são postas em evidência pelos fatos: quando se pudesse, como se pretende, tirar em alguns casos particulares, muito raros, um efeito curativo deste método perigoso que se chama *Hipnotismo*,

não se pode razoavelmente generalizar a aplicação, como se pode esperar das práticas da doutrina mesmeriana.

Essas práticas, efetivamente, podem-se aplicar a todos os casos. Fazendo apelo a uma reação vital equilibradora, elas triunfam com igual êxito das perturbações funcionais, das moléstias nervosas ou inflamatórias, dos desvios orgânicos e das degenerescências dos tecidos. Em conseqüência dum singular preconceito, facilmente partilhado mesmo por aqueles que deveriam combatê-lo, chegou-se a propagar a idéia de que as práticas magnéticas não possuem eficácia real senão nas moléstias nervosas; é possível que a ação direta do Magnetismo sobre o sistema nervoso tenha podido enganar a tal ponto certos investigadores distraídos, acerca dos limites da potência deste agente da Natureza; mas, é desconhecer os admiráveis recursos das reações vitais e as leis que regem o organismo, atribuir ao Magnetismo um campo de exploração tão acanhado. Pessoalmente, pude formar a esse respeito uma convicção absoluta; por uma série ininterrupta de experiências, por espaço de mais de vinte e cinco anos de estudos acurados, observando os efeitos do Magnetismo nas afecções estranhas às perturbações e às lesões do sistema nervoso, certifiquei-me de que os processos magnéticos, atuando sobre as próprias fontes da vida, podem fazer nascer uma reação suscetível de suprimir a causa dessas profundas degenerescências de órgãos e de tecidos, as quais originam-se todas na descoordenação das forças vitais. Poderia fornecer numerosos exemplos a respeito, mas me deterei nas três primeiras observações, que um feliz acaso me permitiu fazer no começo dos meus estudos, observações que largamente contribuíram para firmar meu juízo sobre um ponto tão ardentemente impugnado pela Ciência, e que, desvendando-me todo o alcance das virtudes curativas do Magnetismo, que talvez nem sequer o suspeitasse durante muito tempo, decidiram-me a realizar uma evolução radical no curso de minha vida e a entrar nas investigações que tenho prosseguido.

Estes três casos que já referi algures, mas que são tão próprios para dar uma justa idéia do poder curativo do Magnetismo, parecem-me os melhores argumentos que se podem opor às

objeções e ataques de que é alvo o Magnetismo. Além disso, é o melhor paralelo que se pode fazer com o Hipnotismo, que, em presença de casos de desorganizações vitais tão radicais e tão profundas, só pode confessar a sua improficuidade.

1º caso – Cura de uma artrite crônica, em conseqüência de uma entorse desprezada

Foi em 1872, quando eu estava ainda no 2º Regimento de Couraceiros (ex-Regimento dos Carabineiros da Guarda), o qual, depois dos desastres de que fomos vítimas, viera reformar-se em Angers, onde fazia a guarnição. Muito inclinado aos estudos fisiológicos, que, a par dos meus trabalhos militares, já havia uns dez anos me preocupavam bastante, eu estudava nessa época o Magnetismo, investigando todas as aplicações que se pudessem dele fazer na cura dos doentes. Tinha sob minhas ordens um sub-oficial já velho e condecorado, de nome Miavril, que estava quase a obter a reforma. Miavril, depois da rendição de Metz, tinha sido mandado, a pé, para a Alemanha, como todos os nossos pobres soldados, para que fosse lá internado; esses infelizes prisioneiros, acossados como vil rebanho à frente do vencedor, faziam, quase sem alimento, por uma lama viscosa e escorregadia, debaixo de chuva, longas marchas que os esgotavam; grande número deles morreu de privações e fadigas, antes do termo da chegada; Miavril, numa dessas primeiras e fatais marchas de cativeiro e miséria, teve a infelicidade de dar uma topada que lhe produziu uma entorse: estropiado, cheio de dores, não só deixaram de prodigalizar-lhe quaisquer cuidados, como foi obrigado, apesar de atrozes sofrimentos, a prosseguir na marcha, sob pena de ser maltratado; os homens da escolta ameaçavam fuzilar os retardatários e estimulavam a marcha a coices de espingarda.

Os curativos tardios que Miavril recebeu ao chegar ao seu destino, não puderam reduzir a entorse que, favorecida pelo seu temperamento linfático, tomou em breve grande desenvolvimento e degenerou em *tumor branco*, variedade de artrite crônica caracterizada pela invasão da articulação e proliferação de um tecido fungoso.

Dois anos depois da sua captura, apesar dos tratamentos seguidos nos hospitais militares, o infeliz achava-se sempre em deplorável estado; o pé, os maléolos, toda a base da perna tinham-se avolumado enormemente; a articulação já não tinha movimento e, no meio dessa massa inerte, a circulação, indubitavelmente obstada, tinha ocasionado supurações na planta dos pés. Miavril acabava de passar uma estação nas águas, quando em meados de agosto encontrei-o no pátio do hospital, obrigado a usar um calçado especial, pálido, desfeito, arrastando-se com dificuldade seguro a uma bengala grossa; causava lástima vê-lo; interroguei-o sobre a saúde; disse-me com tristeza que não lhe restava nenhuma esperança e que, como última tentativa (bem aleatória) propunham-se os médicos experimentar no pé os efeitos da *cauterização transcorrente*.

Eu nutria a maior fé no poder da Natureza; mas, à vista de um mal que resistia há dois anos a todos os esforços da Ciência, em presença de uma deformação tão completa, não sabia verdadeiramente o que augurar. Como ter a ousadia de conceber alguma esperança? Entretanto, o caso parecia-me interessante por muitos títulos; propus a Miavril magnetizá-lo e, para fortificar-me na decisão que acabava de tomar, resolvi pedir a opinião dum dos veteranos mais dedicados à causa magnética, o Sr. Perreau, antigo oficial de Marinha, meu conhecido do tempo em que seguia o curso da Escola de Cavalaria; acabava de saber que o Sr. Perreau (apesar de nonagenário), continuava, por amor à ciência e à caridade, a espalhar os benefícios do Magnetismo em Saumur; escrevi-lhe desde logo, submetendo-lhe o caso do meu subordinado: eis a resposta que recebi.

Cito este documento interessante, que conservei, porque me parece de natureza a forçar as convicções hesitantes, como era então a minha:

> "Saumur, 5 de agosto de 1872.
>
> Senhor. Escrevo com dificuldade, por isso peço-vos desculpeis a brevidade da minha resposta à vossa carta, ontem à noite recebida. É-me impossível entrar em detalhes relativamente à afecção de que me falais, mas estou convencido

de que *só o Magnetismo pode curá-la*. Consenti vos diga que o melhor alvitre seria fazer-me uma pequena visita pelo trem que chega aqui às 8 da manhã, acompanhado do vosso subordinado; terei muito prazer em receber-vos e *não hesito em assegurar um bom êxito*; conversaremos à vontade e tenho a certeza de que, com vontade firme e amor do bem, sereis ajudado no vosso trabalho de caridade. Aceitai, senhor, a expressão da minha inteira dedicação.

(Assinado) Pereau. *(Rue du Temple, 24)".*

No dia seguinte, às 8 horas, estava eu com Miavril na casa desse homem de bem, ainda muito conservado, apesar da idade avançada; e ele inspirou-nos tal confiança com as suas boas palavras e agrado, que voltamos para Angers com a alegria em nossa alma; o velho nos afirmara que aquilo era apenas uma questão de tempo; "Não desanimeis, não conteis os dias, as semanas e os meses com impaciência; perseverai, e chegareis ao termo. Com paciência, quase tudo se cura pelo Magnetismo." Miavril veio todos os dias à minha casa, de uma às duas horas da tarde. Eu fazia imposições com as duas mãos sobre os maléolos; depois, passes a distância sobre a perna, do quadril até à extremidade do pé, durante a primeira meia hora; e empregava o resto do tempo em fricções brandas sobre a pele, com as mãos umedecidas ligeiramente em água de arnica.

Em alguns dias, os abcessos da planta do pé cicatrizaram; no fim de um mês, mudança notável se apresentou no tumor branco. Esta melhora estimulou nossa coragem. Absorvido pelo interesse da cura, deixei toda a distração de lado. Quanto ao meu subordinado, firmando-se na esperança, começava a entrever dias melhores e abençoava a Providência, que me colocara no seu caminho. Evitou faltar às sessões, seguia cegamente todas as minhas prescrições. Graças a essa perseverança e regularidade no tratamento, os efeitos do Magnetismo tornaram-se cada vez mais notáveis. O ingurgitamento dos tecidos diminuiu, a circulação anômala, que sulcava a pele de vasos azulados, desapareceu, as carnes pareciam fundir-se sob os meus dedos; o pé e a perna readquiriram insensivelmente a forma primitiva, e isto de manei-

ra tão completa que, no fim de alguns meses de tratamento, seria difícil, à primeira vista, distinguir a perna doente da que o não era.

No curso do tratamento, Miavril teve de atravessar períodos de sofrimentos atrozes. Logo que o Magnetismo começou a imprimir reação vital nessa massa informe, onde a sensibilidade extinguira-se há tanto tempo, violentas dores se fizeram sentir, dores tão vivas que mais de uma vez o paciente atemorizou-se e quase perdeu a coragem, acreditando numa recrudescência do mal; mas eu tranqüilizava-o como podia, afirmando que aquela volta inesperada da sensibilidade devia ser o prelúdio da cura que estava próxima.

Essa sucessão de crises dolorosas, mas felizmente muito curtas, pôs a cura em tão bom andamento, que resolvi aplicar o Magnetismo somente em dois em dois dias, e o tratamento começado em 8 de agosto de 1872, cessou no dia 24 de março de 1873. Foram necessárias cento e catorze magnetizações para reduzir radicalmente essa grave afecção: o prognóstico do Sr. Perreau ficou assim justificado, nossa perseverança recebia a sua recompensa.

Não poderei dizer quão feliz me considerei diante desse êxito tão completo: essa experiência concludente dava-me a certeza de que o Magnetismo, despertando a ação vital, podia não somente de maneira geral restabelecer o equilíbrio da saúde perturbada, como ainda esse agente precioso possuía, também, o maravilhoso poder de agir diretamente sobre os tecidos orgânicos, modificá-los, reduzi-los, transformá-los de maneira a restabelecer o seu estado normal; era uma primeira observação que outros fatos, não menos comprobatórios, deviam em breve confirmar, impelindo-me a uma série de experiências e investigações que, poucos meses depois, decidira a minha retirada do Exército.

Quando em 1876 vim fixar residência em Paris, tive ocasião de encontrar-me com o Dr. Barão Larrey, membro do Instituto e inspetor geral do serviço médico do Exército; citei-lhe esse curioso caso de cura; o Barão de Larrey, que só acreditava na influência do Magnetismo em afecções nervosas, admirou-se muito dos resultados obtidos num caso de degenerescência tão

bem caracterizada; para ele, a formação dos novos tecidos, que especializou o tumor branco, devia ser na espécie um obstáculo invencível. "e porque, objetei ao ilustre acadêmico, teria a Natureza maior dificuldade em remover uma anomalia do que em produzi-la? Parece-me que aquilo que ela fez, pode desfazer." Não sei se este argumento é concludente; mas o que posso afirmar é que a experiência veio depois, muitas vezes, confirmar a lógica do meu raciocínio.

2º caso – Cura de uma hemiplegia facial, complicada de cárie do rochedo

Ao mesmo tempo em que tratava Miavril, um dos seus camaradas, de nome Robert, vendo os resultados que eu conseguia, veio procurar-me; condenado pelos médicos da Faculdade, ele tinha paralisado todo o lado esquerdo da face; as pálpebras sem movimento, um dos olhos inteiramente aberto, os músculos da face atrofiados e a boca torta, davam-lhe uma aparência horrível; a língua pesada tornava-lhe a palavra difícil e arrastada. Um corrimento infecto dos ouvidos, acompanhado de violentas dores de cabeça, tinha sido o prelúdio dessa afecção, o que fazia supor algum depósito purulento interno; Robert estava em tratamento havia mais de um ano, no hospital, por causa de uma *cárie do rochedo*; mas, não tendo nenhum medicamento podido sustar os progressos do mal, acabavam de fazê-lo reentrar para o Batalhão, onde, isento do serviço, ia ser objeto de uma proposta de reforma. Animado com os resultados que conseguia, resolvi fazer uma nova tentativa; mas, antes de decidir-me a tal respeito, tive a satisfação de pedir a opinião do médico do Batalhão e abri-me com ele; o médico, muito céptico em matéria de Magnetismo, não se fartou de rir diante das minhas pretensões: "Como podeis pensar em curar com o vosso Magnetismo uma afecção tão terrível como a cárie óssea, principalmente uma cárie do rochedo? É um mal implacável, que não perdoa. Robert será, tarde ou cedo, fulminado por uma meningite; nenhum poder humano consegue tirá-lo daí. Quando mesmo o apresentásseis curado, eu vos diria que não era exato." Essa resposta categórica, esse prognóstico desesperador, adubado de gracejos mais ou menos

espirituosos, acerca do Magnetismo e dos magnetizadores, nada tinham de animadores para mim. Felizmente eu começava a habituar-me a esses conceitos desfavoráveis, a essas maneiras irrefletidas de julgar as questões, mesmo quando não as estudam; e esse motejo irônico, longe de desanimar-me, só concorreu para aumentar meu desejo de opor a negativas tão antecipadas o fato brutal de uma experimentação sincera.

No dia seguinte, pus mãos à obra. Robert, como o seu camarada, vinha todos os dias passar uma hora em minha casa. Convencido de que a hemiplegia era a conseqüência do depósito interno assinalado na região do *rochedo*, e que esse depósito, obstruindo a passagem da corrente nervosa ao longo do nervo *trigêmeo*, mantinha a paralisia do olho, da face e da boca, empenhei-me em combater o foco purulento. Comecei fazendo imposições sobre a cabeça, colocando as duas mãos em oposição sobre as orelhas, de maneira a preparar os longos passes de *adestramento*, que fiz, em seguida, da cabeça aos pés, a distância e sem contacto algum; a esses passes de *grandes correntes*, juntei o emprego da água magnetizada; fiz com que o meu doente bebesse um copo d'água magnetizada todos os dias; com tais processos, obtive em breve um êxito completo. As imposições sobre a cabeça, pelas quais começava cada sessão, produziram desde o começo uma espécie de paralisia cerebral, que mergulhava o doente numa modorra que o menor ruído fazia cessar: pouco a pouco, esse estado acentuou-se e Robert acabou por dormir um pesado e profundo sono sem lucidez, acompanhado de suores profusos e sobressaltos musculares; só os meus passes de dispersão podiam arrancá-lo a essa espécie de letargia.

O primeiro copo d'água magnetizada produziu, nas vinte quatro horas, três dejeções líquidas e infectas; de 14 a 30 de outubro, as dejeções aumentaram até *oito* por dia; depois reduziram-se progressivamente, tornaram a ficar normais no dia 31; e (coincidência digna de nota) desde que cessaram essas evacuações, que haviam durado 18 dias, o corrimento do ouvido, pouco a pouco diminuído, *desapareceu definitivamente*; a reação vital, provocando esta crise salutar, tinha arrastado para o exterior, por meio de dejeções abundantes, os humores do ouvido; a vida, então,

voltou progressivamente aos nervos atrofiados; botões inflamados e dolorosos surgiram no trajeto desses nervos, desde o ângulo da maxila até ao olho; no começo de dezembro, toda a parte esquerda da face tornou-se extremamente dolorosa e por momentos acreditou-se numa agravação do mal; mas, ao contrário, era a vida que voltava a essas regiões desde tanto tempo privadas de movimento e de excitação nervosa, porque, a partir de então, a cura caminhou rápida. A vista deixou de estar congestionada, as pálpebras e a arcada superciliar recuperaram a mobilidade, os músculos da face arredondaram-se e fortificaram-se, a boca endireitou-se, a língua moveu-se livremente, e, em 23 de março de 1873, no mesmo espaço de tempo que o seu camarada Miavril, após 135 sessões, Robert, *radicalmente curado*, recomeçou o seu serviço ativo.

Esta segunda experiência, vindo confirmar a primeira, prova-va-me mais uma vez tudo quanto podia dar a ação perseverante e bem dirigida do Magnetismo; fortificou-me contra o cepticismo dos profissionais, que, de prevenção, negam aquilo que não querem estudar nem compreender.

Quando apresentei o meu doente *curado* ao médico do Batalhão, ele contentou-se em levantar os ombros com indiferença e dizer: "Não há nada que admirar; contra todas as nossas previsões, curam-se doentes por si mesmos, sem se saber como. Estareis em erro, se pensardes que concorrestes para isso de qualquer maneira."

3º caso – Cura de um quisto multilocular

Meses depois, nos primeiros dias de julho de 1873, o Sr. L., conselheiro do Tribunal de Angers, veio procurar-me. Ouvira falar das experiências a que me entregava e vinha pedir-me opinião acerca de sua filha. O caso era bastante grave: a menina L., de trinta anos de idade, estava sofrendo dum quisto *multilocular*, que invadira toda a região do abdômen. O mal, que se produzira havia já dez anos, tinha começado por uma anemia; a anemia, porém, é uma moléstia tão comum atualmente nas jovens, que não despertou imediatos cuidados. O próprio médico, sem procurar profundar as causas do deperecimento progres-

sivo que se lhe assinalava, do enfraquecimento gradual da vista – seguindo neste ponto a deplorável rotina da escola – contentou-se com indicar um regime tônico e fortificante: receitou o emprego da série banal dos pretensos reconstituintes preconizados em tais casos, como sejam a hidroterapia, a eletricidade, o óleo de fígado de bacalhau, o ferro e seus sucedâneos.

Esse tratamento devia ser impotente, não há discutir-se, para sustar o desenvolvimento do germe parasitário, que as forças vitais *desequilibradas* favoreciam, com prejuízo do funcionamento normal da vida orgânica; os catamênios tornaram-se cada vez mais irregulares, perturbações graves sobrevieram às funções digestivas; o porte e o abdome se desenvolveram e se arredondaram como em estado de gravidez; os pais se alarmaram; os médicos, consultados de novo, declararam sumariamente a presença de um quisto, mas sem poderem concordar acerca da sua natureza. O que houve de mais evidente é que essa senhora, extenuada e não mais podendo resistir à invasão progressiva do tumor, teve de guardar leito.

Depois de seis meses no leito de dores, quase sucumbe a uma peritonite aguda, causada pelo enorme desenvolvimento do quisto; e apesar da aplicação de numerosos vesicatórios, apesar de freqüentes punções feitas no intuito de trazer os progressos do derrame seroso, as proporções do quisto iam aumentando.

O Dr. F., decano da Faculdade, tratava da doente, mas, julgando em caso tão grave não dever assumir toda a responsabilidade, havia chamado dois dos seus colegas, os mais hábeis clínicos da localidade; depois de haverem discutido, declararam desesperador o estado da doente, a inutilidade das punções, e retiraram-se sem deixar nenhuma esperança aos pais; a infeliz mãe, fulminada com esta sentença sem apelação, não podia aceitar a idéia de que tudo estava terminado e que a filha única lhe ia ser arrebatada. A Ciência não poderia enganar-se? Por que razão não apelaria da sentença que acabava de feri-la em seus mais caros afetos? Em meio da sua dor, atravessou-lhe o cérebro uma inspiração: veio-lhe a idéia de que o Magnetismo podia ainda salvar-lhe a filha. O amor materno tem dessas presciências, que raramente enganam...

O Sr. L. trazia-me a expressão da ansiedade do coração materno, lutando desesperadamente contra a fatalidade e apegando-se a uma última luz de esperança. Vivamente comovido, prometi o meu concurso: só estabeleci uma condição à minha promessa; era que o Dr. F. e seus colegas fossem prevenidos da tentativa que íamos empreender, e que me exonerariam da responsabilidade, com sua presença à cabeceira da doente. Assim procedendo, queria ser prudente e, principalmente, dar uma prova de deferência. Admirei-me muito ao saber que, longe de apreciarem o meu procedimento, os médicos acolheram com desdém o alvitre, e peremptoriamente recusaram prestar-se *a uma comédia que eles consideravam*, assim diziam, *indigna da Ciência e dos seus representantes*.

Essa recusa não desanimou o Sr. L.; foi bater a todas as portas; mas nenhum dos *oitenta médicos* da cidade quis assistir-me. Receavam todos colocar-se em oposição aberta ao decano da Faculdade. Foi necessário submeter-nos. Eu ignorava completamente o que se podia esperar da ação magnética num caso tão grave; mas, por humanidade, não podia resignar-me a privar aqueles infelizes pais da única satisfação que lhes restava, que era o dizerem tudo haver tentado para salvar a filha; e pois, no dia 14 de julho, comecei o tratamento, magnetizando duas vezes por dia, pela manhã e à noite.

Guardando o leito havia seis meses, de tal maneira sofria a doente com a tensão abdominal a que a haviam obrigado, a fim de protegê-la de todo o contacto doloroso, sustentando-se as cobertas da cama por meio de arcos. Achava-se ela muito constipada, a ponto de já não digerir; sem apetite e sem sono, imersa num marasmo inquietador, de que nada podia arrancá-la.

Logo no começo do tratamento, um fenômeno notável se produziu: formou-se um abcesso na *linha branca*, distante alguns centímetros do umbigo; e pela abertura desse abcesso, que por si mesmo se abriu, escoaram-se todas as matérias líquidas contidas no quisto: houve, no dia 16 de agosto, uma saída considerável de serosidades purulentas (cerca de duas grandes tigelas). Esse escoamento continuou nos dias seguintes, em menor proporção; mas, em breve, vieram juntar-se suores profusos e abundantes,

dejeções líquidas de cheiro infecto. Desde então, magnetizei todas as bebidas; a água que servia para as abluções, as cataplasmas. O ventre desinchou rapidamente, no dia 30 de agosto verificou-se uma diminuição de *dezoito* centímetros na cintura.

Esse primeiro resultado, enchendo-nos de alegria, permitiu pressentir um êxito feliz. Efetivamente, pouco a pouco, com o apetite e o sono voltaram as forças; a Natureza expulsou, pelo exutório que se havia formado e pelas dejeções, as matérias líquidas, as peles e membranas que constituíam o tumor parasitário; este esvaziou-se progressivamente, e tão bem se deprimiu, que, no dia 6 de outubro seguinte (três meses apenas após a primeira magnetização), a doente, transportada para a sala numa poltrona, assistia a uma pequena reunião de família, que tinha por objeto festejar aquela ressurreição providencial.

Durante cerca de dois anos, o exutório que tão miraculosamente se abrira por meio do Magnetismo, continuou a supurar e só fechou quando o organismo nada mais tinha que expulsar.

Hoje, passados mais de *vinte anos*, a menina L. goza saúde perfeita, e tem, assim como seus pais, motivos para felicitar-se por haverem recorrido, *apesar* das altas decisões dos médicos, a um meio que tão radicalmente a curou; quanto a mim, em presença de uma cura tão inesperada, acreditaria ainda num milagre, se não tivesse obtido depois, em condições mais ou menos idênticas, outras curas do mesmo gênero.

Esta repetição de fatos não deixa dúvida alguma acerca da grande eficácia curativa das práticas magnéticas e demonstra que seria possível, em muitos casos, evitarem-se operações cirúrgicas tão perigosas e cruéis, às quais tão comumente é costume recorrer para combater afecções quísticas do útero e dos ovários.

No tratamento, só fiz uso de processos muito simples: longas imposições sobre o epigástrio, passes de *grandes correntes*, do epigástrio à ponta dos pés. Nunca atuei diretamente sobre o cérebro, nem tampouco provoquei o *sono*.

Poder-se-iam multiplicar os exemplos, citar grande cópia de casos semelhantes; mas as três curas, cuja narração acabamos de fazer, bastam para estabelecer a demonstração que tínhamos em

mira, a saber: que os mais simples processos magnéticos, atuando profundamente no organismo, podem vir de encontro às mais graves deformações orgânicas e às mais rebeldes, e isto sem recorrer-se ao *sono provocado*; por isso que, sobre tais doentes, apenas um sofreu um meio estado do sono natural.

Pelo emprego dos processos hipnóticos, ter-se-ia conseguido este feliz resultado? Que poderia fazer a sugestão em sofrimentos que tão profundamente afetavam o organismo, não só sob o ponto de vista das funções, mas ainda sob o dos próprios tecidos? A alta potência das práticas mesmerianas, que despertam a vida para a realização da obra reparadora que a Natureza lhe cometeu, era a única que podia operar essas metamorfoses maravilhosas. Só a vida podia fazer tais milagres. É a natureza que cura e não o médico, *natura medicatrix*; as práticas magnéticas, já o dissemos, só têm um objetivo: *provocar a reação vital*; a experiência aqui no-lo prova; a teoria está, portanto, de acordo com os fatos.

CAPÍTULO V
Das causas

Definição. – Antiga doutrina médica das crises. – *Dias decretórios* ou *críticos*. – As crises sob o ponto de vista magnético. – *Crisíacos* e *convulsionários*. – Erro acreditado, que o estado de crise é o estado habitual daqueles que se submetem ao Magnetismo. – As crises naturais são os sinais mais evidentes da reação vital. – *Estado magnético* e *estado de crise*. – Como se acalma e se sustenta uma crise. – Inutilidade e perigos da intervenção estranha. – Exemplos. – As crises naturais provocadas pelo Magnetismo restabelecem inopinadamente a saúde. – Três observações curiosas em casos de perturbações funcionais.

Qualquer tratamento magnético tende a trazer um esforço da Natureza contra a moléstia.

A ação magnética, pelo aumento de atividade que dá às funções, pela tonicidade maior que procura dar aos órgãos, contribui para dissipar as obstruções, para dissolver e evacuar os elementos que as constituíam, e concorre, assim, para o restabelecimento da harmonia e do equilíbrio em todas as partes do organismo.

As evoluções vitais que provocam na economia essas transformações mais ou menos profundas é que se denominam *crises*.

Em todos os temos a palavra *crise* foi tomada em acepções bem diferentes, e sua significação variou freqüentemente: uns aplicaram-na somente à solução feliz das moléstias, outros a uma solução qualquer; deram alguns o nome de crises às mudanças notáveis que se operam no curso das moléstias.

Na opinião destes últimos, o esforço da Natureza se produz particularmente do primeiro ao quarto dia; depois, do sétimo ao décimo quarto. Os sintomas observados no quarto dia anunciam o que se deve dar no sétimo; os observados no undécimo e décimo sétimo indicam os acontecimentos do décimo quarto e do vigésimo. É o que se chama dias *decretórios* ou *críticos*.

Esta doutrina das crises, que data da mais remota antigüidade, tem seu lado bom; mas, como repousa em dados assaz complicados, a observação moderna ainda não a consagrou. É evidente

que no curso de uma moléstia sobrevêm mudanças súbitas, que parecem ser um esforço da Natureza para expulsar o princípio mórbido; essas mudanças , que vêm mais ou menos profundamente modificar a marcha do mal, têm, não se pode duvidar, um caráter de periodicidade. Somente os prognósticos que delas se tiram é que não são de uma certeza absoluta, e não é sob esse ponto de vista que os magnetizadores consideraram as crises que se produzem no organismo. Chamaram mais especialmente *crises* "às mudanças notáveis que a ação do Magnetismo provoca naqueles que a ele se submetem, ou o estado diferente do estado natural em que o Magnetismo os faz entrar." (Deleuze). Mas, como de todas as mudanças de estado, que são a conseqüência do Magnetismo, o sonambulismo é a mais singular e a mais caracterizada, acontece que todos os que mais particularmente se ocuparam de sonambulismo acabaram dando impropriamente a esse estado especial o nome de *crise*, e foi assim, pela generalidade, que os sonâmbulos tornaram-se *crisíacos*.

Essa denominação, assim restrita, que se afasta absolutamente do sentido que lhe tinham dado os médicos, tem o grave inconveniente de estabelecer uma lastimável confusão. A palavra *sonambulismo*, tendo-se tornado sinônima da palavra *crise*, e sendo o sonambulismo o estado crítico comum de qualquer magnetização, veio designar o estado de crise como sendo o estado habitual daqueles que se submetem ao Magnetismo; é neste erro de apreciação que caíram os da comissão, ao redigirem o seu relatório ao rei, em 1784.

> "O Magnetismo – diz o Dr. Bonnefoy, membro da Escola de Cirurgia de Lião, fazendo considerações sobre esse relatório – não é como deixam entrever os membros da comissão, *a arte de excitar as convulsões*; pelo contrário, acalma-as, e quando faz originar crises, é que ele desperta uma ação salutar, que cessa desde quando vencido o obstáculo."

O Dr. Bonnefoy acrescenta que em 120 tratamentos feitos por ele, somente 6 provocaram o sonambulismo; os próprios comissionados não encontraram nenhum *crisíaco* entre as 37 primeiras pessoas que se submeteram ao Magnetismo.

Cometeram, portanto, um erro grave e uma falta imperdoável, excitando, com suas asserções errôneas e reticências, uma injusta prevenção contra o Magnetismo.

Longe de ser perigoso e funesto, como aprouve mostrá-lo, longe de perturbar as funções naturais, o magnetismo, "pelo contrário, auxilia a Natureza na realização da cura". As crises que Mésmer produz não devem ser imputadas senão à Natureza, que tão somente atua sobre as causas da moléstia, do mesmo modo que, entregue a si mesma, triunfa do que lhe é nocivo, quer rejeitando espontaneamente, por meio das dejeções, dos vômitos e dos suores os princípio mórbidos que embaraçam o organismo, quer quebrando lentamente os obstáculos que se antepõem ao círculo vital. Toda crise deve ser, pois, considerada como o anúncio certo de um movimento de reação, e longe de sustar-se uma crise, cumpre trabalharmos por desenvolvê-la e sustentá-la. Por mais grave que à primeira vista pareça, ela conduz seguramente à cura.

Em resumo, é necessário tomar a palavra crise numa acepção mais geral do que aquela que se lhe deu, e compreender sob esta denominação todos os efeitos produzidos pela magnetização, desde o efeito mais imperceptível e mais leve, até ao mais aparente e mais profundo: choros, risos, dores, espasmos, contraturas, evacuações, suores, hemorragias, erupções, vômitos, são os diferentes graus e as diversas expressões da crise, assim como a letargia, a catalepsia, o sonambulismo e o êxtase.

Confunde-se muitas vezes o *estado magnético* com o *estado de crise*.

O estado magnético é o estado diferente do estado natural, no qual se acha necessariamente toda pessoa submetida à influência magnética. Não carece exprimir-se esse estado por sintomas aparentes: ele persiste desde o momento em que o doente recebe as primeiras irradiações magnéticas, até aquele em que volta à saúde.

Em uma palavra: o estado magnético é permanente e a crise é acidental; a crise é a manifestação ruidosa das migrações vitais

produzidas pelo trabalho magnético. É o efeito aparente que se declara durante o estado magnético.

Pode-se estar em estado magnético sem ter crises; Magnetismo, *sem sintomas aparentes* dá, muitas vezes, ao doente forças que ele não tinha; facilita a circulação, faz cessar as insônias e restabelece o equilíbrio que não existia antes de começar o tratamento; o doente volta insensivelmente à saúde, sem passar por nenhum abalo ou crise; entretanto, ele está no que se chama estado magnético.

Sendo a crise um dos estados da marcha normal do movimento vital para o restabelecimento da saúde, cumpre acolhê-la com prazer quando ela sobrevém, e deixá-la desenvolver-se sem interrupção, por mais dolorosa que seja. Como é a melhor prova da ação eficaz do Magnetismo, o doente deve aceitá-la com resignação e coragem, e o magnetizador deve atuar com calma e sangue frio, evitando qualquer intervenção que possa embaraçar o esforço da Natureza; ambos devem ter uma confiança igual no resultado final, que só pode ser favorável.

Uma vez que a magnetização desperte dores antigas e latentes, ou excite dores novas ou mais agudas, nas regiões do corpo mais particularmente afetadas, como esses efeitos são apenas transitórios e o doente depois de havê-los sofrido experimenta melhoras sensíveis, não nos devemos alarmar com sintomas que, necessariamente, desaparecerão por si mesmos no devido tempo; simplesmente, cumpre limitar-nos, se as dores se tornarem demasiadamente intensas, a acalmá-las por meio de imposições dispersivas [1] ou passes calmantes de grandes correntes,[2] sem perder de vista que estes movimentos críticos, indispensáveis à marcha do tratamento, devem antes ser sustentados em seu desenvolvimento do que sustados por uma ação inoportuna.

Algumas vezes acontece (em casos muito raros, mas é bom estar prevenido) que a primeira impressão do Magnetismo produz em certos organismos perturbações profundas, tais como espasmos nervosos, movimentos convulsivos, contraturas dos membros; cumpre não nos arrecearmos, mas atuar seguidamente com palavras meigas, benévolas, ao mesmo tempo firmes e seguras; cumpre inspiremos calma e confiança ao doente, tomar-

lhe das mãos e fazer alguns passes longos na extensão dos membros, tocando levemente ou a distância (conforme o efeito que se alcança), e a calma acaba por chegar.

Se o efeito produzir-se muitos dias seguidos, é que o paciente é muito sensível, e então é preciso modificar os processos em razão dessa excessiva sensibilidade; contentar-nos com estabelecer a *relação* e magnetizar depois com grandes correntes; logo que o doente volta à calma, devemos recomeçar com os processos necessários ao tratamento, cuja ação o doente acaba pouco a pouco por suportar (Deleuze, Puységur).

> "As convulsões nervosas no começo de uma magnetização são tão raras – diz Deleuze –, que só as verifiquei apenas três ou quatro vezes, numa prática de trinta e cinco anos.
>
> Este incidentes não oferecem perigo algum nas mãos de pessoas judiciosas e prudentes, que só magnetizam na intenção de praticar o bem e curar; se eles tiverem, às vezes, conseqüências lastimáveis, foi isso quando se produziram no curso de experiências com o intuito de excitar a curiosidade pública, pela singularidade de certos fenômenos.
>
> Um dia, magnetizava eu uma senhora, havia apenas alguns minutos, quando de repente ela teve movimentos convulsivos; seus membros enrijeceram, o pescoço intumesceu-se e ela dobrou a cabeça para trás, soltando gritos. Tomei-lhe os polegares, repeti-lhe várias vezes num tom imperioso: "Acalmai-vos!" Fiz passes sobre as pernas. Afastei-me, depois, para magnetizar a grandes correntes; finalmente, ensaiei, sempre a distância, passes transversais enérgicos, a fim de *romper* a corrente; o rosto então se transformou, mas sobreveio um acesso de riso que durou alguns minutos; depois, tudo se acalmou pouco a pouco e ela disse-me que se achava muito bem. Se eu tivesse chamado alguém para segurá-la; se eu ficasse atemorizado e não acalmasse a crise com brandura, é provável que a senhora assim magnetizada houvesse ficado enferma durante muitos dias." (Deleuze – *Inst. prát.*).

Em apoio do fato citado por Deleuze, eis um caso não menos interessante, de que fui testemunha:

No decurso do ano de 1876, tratava eu, havia seis meses, de uma jovem afetada de moléstia interna muito grave, e que de momento lhe pusera a vida em perigo.

Essa jovem, gozando de uma sensibilidade magnética muito pronunciada, tornara-se naturalmente de uma lucidez notável no decurso do tratamento, e de antemão anunciava-me todas as crises pelas quais devia sucessivamente passar. Predisse-me afinal que, em conseqüência de vômitos, ficaria num estado próximo à loucura, durante muitos dias. Recomendou-me com instância que não me atemorizasse com esse estado passageiro, que não prevenisse a nenhum membro da sua família (ela morava em minha casa), e principalmente que não recorresse a nenhum médico, temendo que, enganando-se sobre o seu estado, ele não impedisse, por uma intervenção extemporânea, o desenvolvimento normal da crise. As coisas se deram como previra a doente.

Sobrevieram vômitos, determinando uma espécie de atonia cerebral, que durou mais de 52 horas. A doente já não reconhecia ninguém; e, apesar da certeza que me havia dado, confesso que minha mulher e eu ficamos deveras inquietos, até à finalização da crise; entretanto, muito confiante no Magnetismo e na maravilhosa lucidez da minha jovem sonâmbula, conformei-me escrupulosamente com as suas instruções e não me arrependi, porque a crise seguiu o seu curso normal, como fora predito, e atingiu uma cura completa e definitiva.

Qualquer intervenção estranha nessa emergência teria sido, como suponho, perigosa; e, sustando o esforço da Natureza, certamente comprometeria o êxito do tratamento; minha longa prática, durante a qual tive ocasião de averiguar muitas vezes efeitos semelhantes, dá-me a convicção de tais fatos.

Eis, por uma outra face, alguns exemplos de crises favoráveis, produzidas com o auxílio do Magnetismo *pela evolução vital*, crises que nenhuma espécie de medicação pudera determinar, e que de algum modo tiraram providencialmente os doentes da situação desesperadora em que se achavam.

1º caso

Era noite (são já passados alguns anos), à hora do agasalho, estava prestes a deitar-me quando bateram à porta:

"Quem será que nesta hora se apresenta em minha casa?"

Esta reminiscência do 2º ato da *Dama Branca*, havia apenas atravessado meu espírito, quando surgia, no aposento em que me achava, F. T., o homem amável, o compositor cheio de encantos, conhecido em toda Paris, e cujas graciosas melodias estão tanto em voga.

– Como! A esta hora por aqui!?

– Sim, caro amigo, e que isto não vos espante! É um caso grave o que aqui me traz: Minha sogra está doente, muito doente e venho solicitar seu auxílio.

E, tomando o meu gesto de surpresa por hesitação:

"Não mo recuse – acrescentou –; se nesta hora imprópria vim procurá-lo, é que tudo tentamos e já não temos esperança senão no Magnetismo: é preciso vir já, tenho um carro à porta."

No ano precedente, eu tinha passado a estação de verão em Etretat, onde me encontrara com F. T. Em nossas intermináveis palestras ao longo dos rochedos e sobre os pedregulhos da praia, aconteceu muitas vezes falássemos de Magnetismo; em sua dupla qualidade de filho do lugar e de homem eclético e inteligente, F. T. não tem somente o espírito aberto a todas as belezas da arte: os misteriosos arcanos da Ciência também têm para ele um vivo atrativo, possui tudo o que é necessário para fazer-se um adepto.

Não poderia recusar meu concurso a um homem que compartilha tão completamente o meu modo de pensar; e, se não fora a simpatia bem franca que por ele experimentava, o fato de um genro tentar salvar a vida da sogra é tão raro, que se tornava para mim verdadeiro dever recompensar tão belo impulso.

Em poucos momentos, aprestei-me e descemos.

No carro, F. T. pôs-me prontamente ao fato do que se passava: "Seus filhinhos tinham tido sarampão, assim como todos os

demais; e por cúmulo de infelicidade, a avó, tratando dos netos, havia por sua vez contraído a moléstia.

Ora, não se apanha o sarampão impunemente quando se é avó. A uma febre intensa sucedera um estado congestivo incoercível da bexiga e dos intestinos, cuja persistência começava a inquietar a todos; e apesar das medicações, a pobre avó, fazendo concorrência a Maria Alacoque e a Luiza Lateau, cujo caso é bem conhecido na História, tendia a ficar no estado de *corpo glorioso*.

O Dr. T., um dos decanos da homeopatia e médico da família, reconhecendo a inutilidade dos medicamentos e desesperado de vencer esse estado de tensão nervosa, o qual trazendo uma perturbação funcional, geral, começava a influenciar gravemente o cérebro, foi o primeiro a aconselhar o Magnetismo; o Dr. T., no começo da carreira médica fez, em Paris, em 1844, cursos sobre Magnetismo e publicou diversas obras notáveis, que ainda fazem lei na matéria.

Esse conselho, partindo de um clínico tão esclarecido, foi tanto mais apreciado pela família, quanto F. T., lembrando-se de nossas palestras em Etretat, tinha já cogitado desse meio. Eis como decidiram apelar para os meus serviços. F. T. acabava apenas de expor-me essas ocorrências, quando chegamos a sua casa; a Sra. F. T. esperava-nos ansiosa e nos fez entrar imediatamente no aposento da doente.

Quem se não lembra da bela e graciosa cantora, cujo talento maravilhoso atraiu toda a cidade de Paris? A Sra. De la G., embora o tempo tenha embranquecido um pouco os seus cabelos, é sempre a mulher amável e distinta que a nossa geração conheceu e admirou. Apesar dos intensos sofrimentos que suportava e da extrema agitação em que a febre a colocara, recebeu-me com a graça e bondade que a caracterizam, para agradecer a minha solicitude. As circunstâncias nunca me haviam colocado em relações com a Sra. de la G.; era a primeira vez que me aproximava dela; mas, estabeleceu-se imediatamente relação, pois o Magnetismo tem isto de bom: faz prontamente formar-se um laço simpático entre o operador e o paciente.

Apliquei-me, por meio de longas e persistentes imposições das mãos sobre os rins e o epigástrio, e por passes lentos da cabeça aos pés, a produzir a calma e o equilíbrio nesse organismo, que a congestão tinha profundamente perturbado, fechando, já há quatro dias, todas as saídas às excreções.

Por meio de insuflações quentes e penetrantes no cerebelo, no epigástrio e nos hipocôndrios, procurei provocar a reação dos centros nervosos e trazer para a periferia, por uma dispersão salutar, as forças cuja condensação exagerada obstava a irradiação funcional.

Pouco a pouco, esses esforços reduplicados tiveram pleno êxito; fez-se uma calma relativa, uma leve sudação substituiu o calor seco e ardente da pele, os nervos se distenderam, bocejos freqüentes sobrevieram e uma suave sonolência substituiu a agitação febril anterior.

Aproveitei esse instante para magnetizar um copo d'água, recomendando lha fizessem beber aos goles, e afastei-me na ponta dos pés, a fim de não arrancar a doente daquela sonolência de bom agouro.

Era mais de meia-noite, a sessão havia durado cerca de duas horas e eu estava muito fatigado; animei da melhor forma a Sra. F. T. acerca do estado de sua mãe, exprimindo-lhe a esperança dum próximo repouso mais completo e despedi-me, prometendo voltar no dia seguinte, logo que pudesse.

Ao apresentar-me nesse dia no aposento da doente, julguei, à primeira vista, pelo açodamento com que procuraram introduzir-me e pela expressão fisionômica das pessoas da casa, que as coisas estavam bem encaminhadas, tal como previra. Efetivamente, encontrei a doente em muito boas condições; disse-me ela que, depois da minha retirada, o estado de calma em que a deixara havia continuado; que tinha tomado, como eu determinara, a água magnetizada aos goles, de quarto em quarto de hora; que, pelas quatro horas da manhã tivera cólicas; e que um forte impulso interno trouxera-lhe um alívio completo, restabelecendo as funções por tanto tempo suspensas. Ia tudo muito bem, alguns

dias de tratamento bastaram para fazer voltar completamente as forças, pondo a doente de pé.

Referindo o que precede, poderia citar os nomes sem quebra do sigilo profissional, porque toda a família, encantada com este epílogo feliz, julgou dever, no interesse da verdade e como boa ação, proclamar *urbi et orbi* os maravilhosos efeitos do Magnetismo; ela nunca perde ocasião de torná-lo conhecido, e a Sra. de la G., só me denomina *seu Salvador*.

A rapidez dessa cura fez grande ruído nos arredores; e, como acontece sempre em tais casos, a história repetida de boca em boca tomou uma feição tal (com o auxílio da imaginação), que os meus fracos méritos e os do Magnetismo foram consideravelmente aumentados, a ponto de, tendo o Sr. de X, alguns meses depois, fraturado a coluna vertebral numa queda de cavalo, em Lião, a condessa de R., que tinha conhecimento do caso da Sra. de la G., enviar telegramas reiterados a F. T. para fazer-me partir sem demora, esperando, na sua grande dor, que a minha intervenção pudesse salvar-lhe o genro.

Tive dificuldade em alienar de mim tão grande honra e fazer compreender que o Magnetismo não chegava ao ponto de fazer milagres. Só a morte do Sr. de X. conseguiu dissuadi-la.

Infelizmente, a ação magnética tem seus limites, e é bom que esta ação seja secundada pelas condições do meio em que se exerce. No caso acima, eu vinha encontrar a Sra. de la G. admiravelmente preparada para as influências dinâmicas, pelo tratamento homeopático que havia seguido, desde o começo da enfermidade.

Nenhuma medicação violenta viera perturbar o organismo, travando-lhe a reação vital; em uma palavra, encontrara a estrada livre para agir e fazer pender a balança da vida no sentido do movimento funcional que desejava restabelecer. Isso nem sempre acontece nos doentes tratados *pela alopatia*. E os medicamentos em doses elevadas são, muitas vezes, um obstáculo insuperável à ação magnética.

Não poderia terminar a narrativa deste primeiro caso sem prestar homenagem ao critério e ao ecletismo do clínico prudente

e esclarecido, que, vendo que o medicamento se tornava impotente para despertar a reação vital, não hesitou aconselhar o emprego de recurso mais útil. Aliás, não foi só dessa vez que o Dr. T. se exprimiu claramente sobre o grau de confiança que devemos ter nas virtudes curativas do Magnetismo: no prefácio de sua obra intitulada: *Le Magnéstisme expliqué*, assim se exprimia ele em 1845:

> "Graças a Deus que os incrédulos, meio convertidos, começam a dizer do Magnetismo: *"Há alguma coisa nesses fatos!"*; acrescentem, depois de haverem lido estas páginas: *"Há essencialmente alguma coisa."* Quanto aos *incrédulos sistemáticos*, que, depois de se haverem inconsideradamente pronunciado contra o Magnetismo, não possuem coragem bastante para retratar-se e contentam-se em fechar os olhos clamando contra o charlatanismo, só lhes peço uma coisa:
>
> É que me deixem sossegado. Espíritos frívolos, sem alcance, artificiais, o que têm eles a contestar das nossas verdades? Estas não carecem do apoio deles para se propagar pelo mundo; e, quando afetam a pretensão de sustar-lhes o curso, fazem-me lembrar aquele aldeão que, colocando um pé na nascente do Danúbio, persuadia-se que ia privar de água todas as regiões banhadas por esse rio."

Quantos *aldeões do Danúbio*, acrescentamos nós, têm surgido depois dessa troça espirituosa do Mestre! Mas, também, quanta água já tem passado por baixo da ponte, e quanta, apesar deles, passará ainda!

2º caso

Quando nos defrontamos com simples perturbações funcionais da espécie daquelas que fazem o objeto do primeiro caso, vê-se que o Magnetismo obtém efeitos imediatos. Bem sabemos que certos incrédulos, mais ou menos cépticos, só querem ver nesta ação rápida uma coincidência feliz: "Chegastes no momento oportuno, dizem eles; quando mesmo nada houvésseis feito, a vida teria recuperado os seus direitos, e a função ter-se-ia restabelecido."

Esta objeção pode ter o seu valor em relação a um fato insulado; mas, quando numa série de casos os fatos se repetem, não haverá indiferença ou má fé persistindo em não ver, por toda a parte e sempre, senão casualidades banais e coincidências fortuitas?

Eis um segundo caso muito digno de ser citado para apoiar a nossa asserção; escolhemo-lo de preferência a muitos outros, por causa dos laços estreitos que o prendem ao primeiro e também pela originalidade típica que o caracteriza.

Certa manhã recebi a seguinte carta:

> "Paris, 25 de abril de 1888.
>
> Senhor. Uma pessoa das relações da Sra. de la G. referiu-me a cura maravilhosa feita por V. S., de uma moléstia dos intestinos, que estava prestes a matá-la. Meu velho professor de canto, o Sr. P., está desenganado de uma moléstia que parece semelhante. Venho pedir-lhe a bondade de vê-lo hoje mesmo; peço que diga aos seus enfermeiros o que pensa a respeito: são pessoas de inteira confiança. Parece que o meu amigo está muito pior esta manhã; insisto, portanto, para que não perca um instante. Se, desgraçadamente, nada puderdes fazer depois de havê-lo visto, não terei que exprobrar-me por não haver tentado tudo junto de um homem cuja dedicação foi tão apreciada pelo Sr. F. T., numa conjuntura grave. Receba meus antecipados agradecimentos e a segurança dos meus mais sinceros sentimentos.
>
> Baronesa D. P."

Tive conhecimento, na mesma ocasião, por outra via, de que o amigo que noticiara a cura da Sra. de la G. à Baronesa D. P. não fora outro senão o cunhado de F. T., Sr. L., violinista muito conhecido. E dele recebi as mais pressurosas solicitações, a fim de aceder ao convite que me fora feito. Apressei-me, portanto, em ir ver o Sr. P.

Os enfermeiros do Sr. P., de acordo com o que já me haviam prevenido, eram efetivamente os mais dedicados: eram de uma família de Auvergnats, muito honesta. Indubitavelmente, haviam

sido prevenidos da minha visita, porque me receberam como se eu fosse esperado; e enquanto a mulher cuidava dos arranjos caseiros, vigiando uma gorda criança de dois ou três anos, que corria pela casa e vinha atirar-se às minhas pernas, o marido pôs-me prontamente a par da situação:

"O bom do homem (como ele familiarmente chamava o doente) estava em maus lençóis; há muito arrastava-se com dores reumáticas, que o forçavam, de vez em quando, a guardar leito; mas havia cinco ou seis meses que as coisas tinham-se complicado singularmente; ele estava de cama, sem poder mexer-se, constrangido desde a manhã até à noite, já não se alimentando e nem defecando, e o pior de tudo é que agora expelia as matérias fecais pela boca.

Ora, quando se tem 72 anos, acrescentava o enfermeiro, chegando a este ponto, há poucas probabilidades de salvação. Tudo se tem feito, entretanto; os médicos se têm sucedido, ensaiaram-se todos os tratamentos e nada de resultado. Conserva-se sempre no mesmo estado; receio muito que não seja o senhor melhor sucedido que os outros."

Ao subirmos a escada, em conversa com o meu guia, ele volta-se para mim e diz em tom de meia confidência: "E depois, nem sempre se faz o que se quer, principalmente depois que ele está doente. O senhor vai ver."

E, ao pronunciar estas palavras, chegamos ao patamar do quarto andar, onde me introduziu na direção de um aposento.

Detive-me na saleta, enquanto ia prevenir o Sr. P. da minha chegada; ouvi-o trocar algumas palavras, fechar uma janela, depois reaparecer à porta, para fazer-me sinal de que podia entrar.

Achava-me então num estado fácil de compreender-se; as minudências que me acabavam de dar acerca do novo cliente, não eram animadoras; quando enfrentei com ele, minha decepção foi ainda maior.

Sobre uma cama, no fundo de uma alcova acanhada, muito mal alumiada por uma só janela, jazia um moribundo, ofegante, contrafeito, deixando transparecer no rosto o sofrimento, e cujo

olhar sem expressão volveu-se apenas, para mim, ao aproximar-me.

Em duas palavras expus o fim da visita, dizendo-lhe da parte de quem vinha; e no falar, dando à voz a mais suave vibração para vencer melhor a desconfiança que transparecia no olhar do velho; evitando a forma interrogativa para desobrigá-lo de qualquer resposta, tomei-lhe as mãos que mal se destacavam da alvura dos lençóis. Obtive, assim, naturalmente, uma relação que, pouco a pouco, pôs o meu doente em confiança e permitiu-me, alguns minutos depois, colocar uma de minhas mãos sobre o seu epigástrio.

Concentrando-me então energicamente, com o intenso desejo de aliviá-lo, apoderei-me insensivelmente da sua vontade hesitante: alguns instantes depois, seu olhar vago flutuou de minhas mãos para o meu rosto silencioso, como se procurasse compreender o que eu fazia; depois, suas pálpebras baixaram, a contração do semblante dissipou-se, a respiração menos brusca deixou de ser um lamento.

Desse modo apoderei-me dele, e estava por insinuação neste lugar, sem ter sido constrangido a pronunciar a famosa palavra: *magnetismo*. Esta palavra, por vezes tão mal compreendida, teria talvez inquietado o doente; pelo menos tê-lo-ia prevenido e nesta circunstância, mais do que em qualquer outra, eu não desejaria de forma alguma entrar em explicações teóricas.

Já sentia pesar instintivamente sobre mim o olhar inquisitorial do enfermeiro, que não havia mudado de lugar e seguia, com um misto de curiosidade e admiração, todos os meus movimentos, sem atinar com a razão pela qual eu me detinha assim, em frente ao patrão, com os braços e mãos estendidos para ele. Quando me viu traçar, muito lentamente, da cabeça aos pés, longos passes a distância, e que, puxando o cobertor para os pés, comecei a fazer-lhe insuflações sobre o epigástrio e o cécum, não mais se conteve. Pelo espelho colocado sobre a mesa de cabeceira, surpreendi-lhe um sorriso e um erguer de ombros, que significavam incontestavelmente: “Se é isto que vai curá-lo, quero que o diabo me carregue!” Depois, retirou-se na ponta dos pés, como se estivesse satisfeito com o juízo que fizera a meu respeito.

Essa retirada, longe de incomodar-me, restituiu-me, ao contrário, toda a liberdade para desenvolver a ação que sentia de algum modo tolhida, com a presença de uma testemunha ignorante e céptica.

Esforcei-me, principalmente, em atuar sobre o cécum, que fazia uma saliência proeminente na fossa ilíaca direita e parecia muito tenso e doloroso, como se houvesse inflamação.

Depois, dispersei os fluidos e, antes de retirar-me, magnetizei uma garrafa d'água que encontrara ao meu alcance, concitando insistentemente o Sr. P. a beber desse líquido, até à próxima visita, que lhe anunciei para o dia seguinte à mesma hora.

Com dificuldade obtive desse homem taciturno um olhar de agradecimento ou de adeus, ao retirar-me. No momento em que me aproximava da porta, encontrei face a face o enfermeiro céptico, o qual, com um movimento de cabeça significativo, interrogou-me laconicamente deste modo: "Então?".

"Penso – respondi-lhe – que é talvez um pouco tarde para obter bom resultado, mas, enfim, vamos ver. Em três ou quatro dias..." E fui andando rapidamente.

Ouvi então o meu homem, em tom de mofa e girando nos calcanhares, dizer à mulher: "Três ou quatro dias. Se realmente ele acredita que o bom homem se curará, está muito enganado".

Era a flecha de Parto que me lançavam: decididamente, não lidava nessa casa com pessoas convencidas.

No dia seguinte, às três horas, voltei. O porteiro, a pretexto de estar só, para tomar conta da casa, deu-me a chave do aposento do Sr. P. e convidou-me a subir sozinho.

O Sr. P. acolheu-me de muito mau humor: pelo que me disse, tinha estado pior do que nunca; sofrera horrivelmente; não dormira toda a noite, os vômitos tinham tido uma recrudescência notável. Encontrei-o, portanto, pouco disposto a receber os meus cuidados; exprimiu-me, até, o receio de que o meu tratamento lhe aumentasse o sofrimento; tive, por assim dizer, que me impor e magnetizá-lo contra a vontade. Andei bem, por isso que a minha perseverança devia, como se verá, encontrar recompensa.

Efetivamente, no dia seguinte, às três horas, aguardava-me uma verdadeira ovação; logo que apareci, o enfermeiro todo alegre correu ao meu encontro, gesticulando: "Vitória em toda a linha. Pela manhã, às oito horas, o Sr. P. fizera *três dejeções naturais* e não vomitara mais..." Decididamente, eu era um grande homem! O meu tratamento operava maravilhas! Não mais era olhado de soslaio, por cima do ombro!

Por espaço de um quarto de hora tive que sofrer a tagarelice prolixa do marido e da mulher.

Encontrei no Sr. P. o mesmo acolhimento; ele estava sentado e inquieto com a minha pequena demora; temia, por momentos, que não me visse: falou-me dos salutares efeitos obtidos, prestou-se a tudo com rara complacência, creio até que esboçou um gracioso sorriso. Que diferença dos dias precedentes, em que me fazia tão má cara!

Jamais ousaria esperar êxito tão rápido e completo: duas sessões, as de 25 e 26, tinham bastado para trazer uma melhora; a terceira, a de 27, devia acentuá-la consideravelmente.

De fato, quando no dia 28 à tarde fui visitar o doente, ele tivera desde a véspera várias dejeções, e, coisa muito notável, *os vômitos não tinham reaparecido*.

Por esse motivo, cada dia eu crescia na estima do doente e dos serviçais, e o meu amor-próprio satisfeito tomou larga desforra dos primeiros tempos. Mas esqueci-me de que a Rocha Tarpéia não dista do Capitólio! No dia 30, uma tempestade formidável devia desabar-me sobre a cabeça!...

Nesse dia, à minha chegada, o porteiro e sua mulher receberam-me consternados: "Ah! Senhor, exclamou ele, o doente está numa situação desoladora! Desde ontem às cinco horas da tarde, faz-se necessário colocá-lo à banca de 2 em 2 horas; ele não evacua. Diz que vai morrer e que o querem matar. Minha mulher e eu estamos numa dobadoura; com estas idas e vindas e o serviço da casa, compreende que se isto durar muito tempo, não podemos continuar. Que fazer?" E levantavam os braços ao céu como desesperados, entregando-me a chave do aposento.

Durante a subida dos quatro andares, preparei-me para o acolhimento que aquelas palavras faziam prever. Mas não me passava ainda pela idéia a cena trágico-cômica que me aguardava.

Encontrei o doente sentado, porém muito superexcitado; já não era a atonia prostrada e choramingas dos primeiros dias; sob as mechas rebeldes dos cabelos brancos, o olhar brilhava com o fogo, com o ardor da febre; o sangue tingia levemente a região saliente do seu rosto; o pescoço estava agitado dum tremor convulso e ele, com os braços tensos para mim, parecia querer fulminar-me com a sua maldição. Com a voz que, pelo esforço visível que fazia para dominar-se, tornava-se sepulcral, dirigiu-me as mais acerbas censuras, acusando-me de haver muito liberalmente aberto à Natureza as saídas desde muito fechadas, e por ter desse modo abusado, por vaidade, sem dúvida, da minha força magnética, para pôr nesse estado um pobre velho que só tinha respiração.

Por mais que me defendesse desta imputação, explicando-lhe que a Natureza, ao chamar a si os seus direitos, age como lhe apraz e que nenhuma autoridade possuímos para regularizar o curso das coisas, ele não me quis atender.

"Sim, senhor, repetia ele; sim, abusastes dos vossos meios. E fizestes mal. Não podíeis contentar-vos com o maravilhoso resultado obtido em duas sessões? Não vos bastava ter sustado esses vômitos horríveis, que não conseguíamos parar? As dejeções naturais não estavam restabelecidas? Os meus conhecidos, o próprio Dr. X., todos finalmente faziam-vos justiça, assim como ao vosso tratamento, reconhecendo-lhe a eficácia incontestável! Que queríeis mais?

"Por que razão escravizar-me a esta perpétua necessidade que, dia e noite, não me deixa tréguas nem repouso? Já não posso mais, estou extenuado e sinto-me morrer."

E, deixando cair a cabeça no travesseiro: "Não, é demais, é demais!" repetia com voz dolente.

Não era oportuno pensar em lutar contra essa excitabilidade nervosa e injustas prevenções; o alvitre mais prudente, no próprio interesse do doente, era retirar-me. Foi o que fiz.

Passaram-se dias, e, na faina de minhas ocupações diárias, quase me esquecera desse doente original, quando recebi um bilhetinho da Baronesa D. P.

> "Cheguei, dizia-me ela, de uma viagem de alguns dias; encontrei o Sr. P. tão melhorado, que me senti satisfeita e quero agradecer-vos; vi-o há pouco e *rogou-me exprimir-vos o desejo que tem de vos tornar a ver.* Ainda há dores bastante agudas, mas o pior mal está conjurado. Crede na minha gratidão e na sinceridade dos meus sentimentos."

Ao mesmo tempo, encontrei em casa a carta do Dr. X... com estas palavras traçadas a lápis: "Amigo e Sr.: Apelo para vossa dedicação, a fim de irdes a casa do Sr. P.... *Ele deseja ver-vos.*"

Não podia eximir-me de dois convites tão precisos, sem que fizesse acreditar haver conservado rancor pelo passado, o que estava muito longe do meu coração. Fui de novo visitar o Sr. P.

Pouco a pouco, as dores foram-se acalmando; as dejeções, cuja freqüência era moderada, tornaram-se normais e o Sr. P. recomeçou a sua vida ordinária. Em 25 de maio, a Baronesa D. P. endereçava-me a seguinte cartinha:

> "Envio-vos agradecimentos sinceros pelos cuidados eficazes que dispensastes ao Sr. P. Efetivamente, ele se acha em vias de restabelecimento. Agradeço-vos, principalmente, as últimas visitas, que a meu pedido, lhe fizestes, e certifico-vos da sinceridade dos meus sentimentos e reconhecida lembrança."

De que moléstia se achava atacado o Sr. P., e de que maneira se curou? Tal é a questão, que se pode naturalmente levantar. O Sr. P. era reumático; mas, além das dores reumáticas de que sofria, é provável que existisse no intestino uma hérnia do apêndice cecal, como era atestado pelos vômitos de matérias estercorais.

O Magnetismo, provocando um movimento das fibras nervosas, determinou, certamente, contrações peristálticas que desprenderam o intestino da pressão herniária que o comprimia; o

que prova a abundância dos gases e o impulso prodigioso das matérias líquidas que tão fortemente o inquietaram.

O Barão du Potet, no livro intitulado *Manuel de l'Etudiant magnétiseur*, pág. 59, cita um caso de cura idêntico a este.

3º caso

As relações que melhor resistem aos contactos e atritos da vida são, certamente, as que se contraíram nos bancos da escola. Essas suaves flores da amizade, nascidas na primavera da existência, na livre expansão do seu desenvolvimento, possuem a magia de conservar indefinidamente o seu perfume; e quando o nosso coração, um tanto desconfiado pela idade, não mais se expande a novos afetos, elas não cessam de encantá-lo e regozijá-lo como viva e indelével lembrança.

O nome apenas de um dos meus velhos camaradas, pronunciado ao acaso, muito tempo depois da nossa retirada da escola, despertou-me sempre esses longínquos ecos dum passado que me apraz reviver. Assim se dá, acredito, com cada um de nós; dir-se-ia que uma espécie de maçonaria do coração entretém em nós, mesmo a distância, simpáticas lembranças que não poderiam ser enfraquecidas pelo tempo.

Dentre os meus velhos camaradas de infância, existe um que habita em Paris, e a quem vejo uma vez ou outra: é o Marquês de V.

O Sr. de V. me é duplamente caro por suas qualidades naturais, que fazem dele ao mesmo tempo um amigo dedicado e o homem mais honesto que conheço.

Se a sua modéstia não igualasse à sua bravura, com toda a certeza traria hoje, como seu pai, antigo ajudante de campo do Rei Luiz Felipe, as dragonas de três estrelas; mas depois de ter conquistado, durante o ano sangrento, gloriosas feridas nos membros e na face, abandonou prematuramente o Exército como coronel, achando-se (ao contrário de muitos outros mais ambiciosos) suficientemente recompensado com a satisfação do dever cumprido.

No estado celibatário em que se conservara, consagra os lazeres ao alívio de todos os infortúnios; onde haja um sofrimento moral ou físico a aliviar, temos a certeza de encontrá-lo, levando consolações discretas e pressurosas; a camaradagem é para ele um culto; a cabeceira dos doentes o atrai; e se já não fosse o tipo do mais perfeito fidalgo, não se poderia melhor descrevê-lo senão representando-o como modelo de irmãs de caridade, pois possui tanto a dedicação como a paciente bondade.

Uma noite, esse velho amigo, muito triste, veio procurar-me. Ao sentar-se, disse, sem mais detença: "Conheces bem C., o Comandante do Regimento de Caçadores, que faz a guarnição de Rambouillet? Pois bem, esse infeliz está à morte." C. (como se adivinha) era um dos nossos camaradas, com o qual tínhamos feito todo o curso da Escola Militar de Fléche, na de Saint-Cyr. Éramos unidos pelos laços da mais íntima camaradagem e esta notícia veio entristecer-me; e surpreendi-me tanto mais quanto, pouco tempo antes, tinha recebido notícias de C. e julgava-o de perfeita saúde. C. (pelo que me disse o Sr. de V.) estava doente havia alguns meses; mas não deu importância ao que ele acreditava ser uma simples indisposição devida a um resfriado, a uma coriza mal curada, quando sobreveio a inspeção geral do seu Regimento; a fadiga que suportou nessa ocasião, uma dolorosa decepção que experimentou, invalidaram-no completamente; guardou leito com febre, declarando-se uma grave albuminúria.

Apesar dos maiores cuidados, a moléstia progrediu rapidamente e, depois de uma conferência de três médicos, entre os quais se achava uma notabilidade parisiense, o prognóstico foi fatal; não havia mais esperança; os rins profundamente lesados não funcionavam; o edema, invadindo os membros inferiores, chegara rapidamente até os pulmões e o coração, ameaçando as próprias fontes de vida.

"Venho de Rambouillet – disse-me o Sr. de V. –, estou acabrunhado com o espetáculo que se me apresentou aos meus olhos; a dor daqueles que cercam o nosso pobre amigo é muito grande; quanto a ele, meio sufocado, dispnéico, sentindo o edema que lhe sobe ao coração e o afoga, luta passo a passo contra a morte, admirando-se da impotência da medicina, não

compreendendo como seja impossível encontrar remédio para o seu mal. Quando a moléstia lhe dá um pouco de trégua, revolta-se contra os doutores e a Faculdade. Há dias quis prender o médico do Regimento, por isso que não o curava prontamente. Seria cômico. Coitado.

"Ontem, em conversa, foi por acaso pronunciado o teu nome. Creio que C. conhece as experiências magnéticas a que te entregas há muitos anos e exclamou imediatamente: "Sim. Só Bouvier não me deixaria sofrer assim; tenho a certeza de que se ele aqui estivesse eu ficaria bom." E insistiu vivamente para que eu viesse buscá-lo; prometi-lhe, aqui estou.

"Não acredito, acrescentou o Sr. de V., que possas livrá-lo da moléstia, infelizmente ele está condenado. Mas estou bem certo (como conheço o teu coração) que corresponderás ao desejo dum moribundo e não recusarás ao nosso pobre amigo este último testemunho da tua amizade."

Apertei a mão do Sr. de V., afirmando-lhe que não se enganava sobre a natureza dos meus sentimentos e combinamos partir no primeiro trem, o qual, no dia seguinte pela manhã, devia deixar-nos em Rambouillet, às oito horas.

Era domingo; eu estava desocupado toda manhã e prometi seriamente, apesar do prognóstico desesperador que haviam feito sobre o meu velho camarada, utilizar todo o tempo e todos os recursos do Magnetismo num supremo e último esforço para salvá-lo.

Ao chegarmos a Rambouillet, encontramos C. no seu leito de dor, cercado de travesseiros, ofegante e quase sufocado: não podia estar pior; dificilmente deu-nos sinal de vida ao entrarmos, e, quando lhe apertei silenciosamente a mão, aproximando-me do leito, disse-me: "Ah! meu amigo, estou perdido!" – e correspondendo ao meu aperto de mão, uma grossa lágrima rolou-lhe dos olhos, já um tanto mergulhados no vácuo.

Não era ocasião azada para longos discursos: plantei-me à sua cabeceira e, sem preâmbulos, pus-me a magnetizá-lo: estando o pescoço fora do travesseiro para facilitar a respiração, tornava a

minha tarefa bastante fácil, pondo ao meu alcance a coluna vertebral e os rins, sobre os quais queria, precisamente, operar.

Deste modo, podia fazer insuflações ao longo de todo o eixo cérebro-espinhal, sem obrigar o doente a tomar uma posição nova que o fatigasse.

"Se os rins não estão inteiramente perdidos, dizia a mim mesmo, tenho probabilidades de despertar a função renal, concentrando toda a minha ação sobre a rede do *grande simpático*, esse rio poderoso que vai levar a inervação e a vida a todos os gânglios e aos plexos das vísceras; demais, será o caso tão desesperador como se pretende? A experiência demonstrou, muitas vezes, que não se deve ter confiança absoluta nos juízos firmados pela douta Faculdade."

Empenhei-me na luta com toda a tenacidade e ardor que me davam a amizade ao velho camarada, o desejo de salvá-lo, a inteira e profunda confiança que tenho no Magnetismo.

Cerca de meio-dia, o Sr. de V. e outro dos nossos camaradas, que veio com a esposa saber notícias de C., arrastaram-me, um tanto contra minha vontade, para fora do quarto do doente e levaram-me para o hotel. Efetivamente, era-me necessário um momento de repouso: almocei com eles muito sumariamente, e, apesar do cepticismo que nutriam, voltei a toda pressa para o meu posto, a recomeçar minhas insuflações, com as quais eu contava mais do que nunca, por isso que uma melhora já se havia manifestado no doente, depois da minha chegada.

Pouco depois, essa melhora acentuou-se rapidamente: a vida parecia renascer sob o meu sopro, a respiração, menos curta, tornava-se mais livre; o cérebro acordava, o pensamento surgia, e com ele a lembrança, a palavra e quase a alegria: já não estava o pobre amigo, como pela manhã, absorvido, ofegante, indiferente a tudo quanto se passava ao derredor: conversava agora, mudava de posição, agitava-se; certa ocasião, reportando mesmo as suas lembranças para os nossos tempos de colégio, cantarolou, risonho, uma canção inglesa, com a qual, naquela época, eu havia alcançado alguns aplausos! Que transformação! E quanto me sentia pago dos meus esforços, vendo-o alegrar-se pelo alívio

que experimentava nos seus sofrimentos! Estávamos todos jubilosos! Um só ponto negro subsistia no horizonte: a função renal, inteiramente suprimida desde muitos dias, ainda não reaparecera, e, enquanto não se manifestava, mantinha-me inquieto.

Eu era o único a premunir-me de esperança, porque sabia por experiência, ser necessária à reação vital um certo tempo para que ela se produzisse; todos os sintomas indicavam-me uma solução próxima, mas os minutos, que se iam passando, tinham trazido o fim do dia, a hora de partir havia soado. Com grande pesar tive que deixar o velho camarada.

Entrei em casa à meia-noite, alquebrado, extenuado por essas longas horas de ansiedade e fadiga, ficando o meu velho amigo V. pouco confiante nas minhas afirmações, e pouco seguro de, por seu turno, ocupar futuramente o seu domicílio.

No dia seguinte, ao despertar, tive a indizível alegria de receber este lacônico mas confiante telegrama:

> "O vosso amigo experimentou esta noite uma melhora muito grande: urina, eis o principal! Obrigado pelo grande benefício que lhe concedestes!"

Portanto, não havia perdido o meu trabalho e o meu tempo. Julgava-me bastante recompensado da tenaz perseverança que me fora necessário desenvolver, a fim de reagir contra a deplorável influência da opinião emitida pelos médicos e também contra a atmosfera de incredulidade no meio da qual tinha operado. C. restabeleceu-se muito rapidamente: todos os dias punham-me ao corrente das melhoras que se manifestavam no seu estado, e no dia 31 de março seguinte, dez dias depois desse famoso domingo em que eu o encontrara expirante, recebi do seu próprio punho este bilhete de agradecimento:

> "Meu caro Bouvier. Sou muito grato pela tua bondosa missiva; senti bastante que não pudesses vir a Rambouillet no domingo; porque, é aos teus bons cuidados que devo a melhora que se manifestou no meu estado, desde a tua primeira visita; esta melhora, felizmente, tem continuado. Espero entrar hoje em vias de completo restabelecimento.

Teria satisfação em ver-te de novo, agradecer-te, dizer-te quanto estou reconhecido pela prova de afeição que me deste; espero que cumprirás a promessa, vindo ver-me em Garges, aonde vou acabar minha convalescença; estou ansioso por deixar Rambouillet, terra em que me viste num estado tão deplorável.

Até mais ver, portanto, e fica certo da minha inolvidável e sincera amizade."

Se escolhi este exemplo de cura entre tantos outros, não foi, certo, com a idéia mesquinha de engrandecer-me aos olhos dos que me lerem; como o dom de curar pelo Magnetismo não é apanágio exclusivo de ninguém e qualquer homem de boa vontade pode repetir o que fiz, espero que não se me faça a injustiça de uma opinião errônea.

Citando este fato, quero simplesmente mostrar que, ao contrário dos decretos da Faculdade e nas circunstâncias aparentemente as mais críticas, o desejo ardente e profundo de aliviar o seu semelhante, revestido de imperturbável tenacidade, pode triunfar de qualquer obstáculo, trazendo inopinadamente a reação vital; e, para edificação de todos, acrescentarei que, em muitas circunstâncias graves, tenho tido a inestimável fortuna de experiências coroadas de bom êxito, tanto com minha mulher como com meu próprio filho...

CAPÍTULO VI
Do Sonambulismo

Definição do Sonambulismo. – Falsa denominação. – Classificações arbitrárias. – O fenômeno realmente só apresenta três fases distintas. – O sonambulismo tem sido mais nocivo do que útil à causa do Magnetismo: opiniões de La Fontaine, Deleuze e Aubin Gauthier. – Aparências complexas do fenômeno devido à idiossincrasia dos sonâmbulos. – Processos para favorecer a eclosão do sonambulismo e fazê-lo cessar. – *Efeitos Psíquicos*: Atração magnética, nulificação dos sentidos, reviramento da pupila, insensibilidade. – *Efeitos Psíquicos*: exaltação das faculdades intelectuais, transmissão do pensamento, clarividência, vista a distância, percepção das moléstias, previsão. – Fragilidade da clarividência. – Necessidade de uma boa direção. – Impressões morais transmitidas. – Sugestões. – Perda da lembrança ao despertar. – *Percepção luminosa das irradiações luminosas*. – Irradiação dos corpos. – Variações resultantes da idade, do temperamento e do estado de saúde. – Experiência do copo d'água. – Aumento da refração luminosa pelo movimento e pelo choque. – Acordo entre a maneira de ver dos sonâmbulos e dos sensitivos, na câmara escura. – O *Od* do Barão Reichenbach. – As *vibrações* de A. Gauthier. – A *Força radiante* de Crookes. – *Relações entre a Força e a Matéria*, segundo Lodge.

Sob a influência das irradiações magnéticas, produz-se às vezes espontaneamente, no organismo, um estado particular, que impropriamente se chama *sonambulismo*; esta expressão se aplica com maior acerto à ação de *caminhar dormindo*, dos notâmbulos naturais.

O sonambulismo magnético, estado misto que não participa da vigília nem do sono, difere essencialmente do notambulismo; uma espécie de concentração interior das faculdades parece imprimir no sonâmbulo uma mudança radical entre as relações ordinárias da alma e do corpo: o fenômeno, sob o duplo aspecto psicofisiológico, nos aparece como dependendo de duas condições essenciais: "a suspensão mais ou menos absoluta da ação dos sentidos externos e uma disposição nova e especial de sintetizar interiormente todas as percepções."

Procurou-se estabelecer nesse estado particular classificações e graus. Certos *sonambulizadores* imbuídos da mania de especializar, chegaram mesmo a pretender que se podia levar os sonâmbulos até um *trigésimo terceiro* grau de clarividência. O Conde de Lutzelbourg, mais modesto nos seus escritos, limita-se a fixar em número de sete, os períodos críticos de que os três primeiros seriam reputados *meias-crises*; distinções especiosas, que os magnetizadores sérios puseram de parte, insinuando os seus adeptos a tirar do sonambulismo tudo quanto ele pode dar, em qualquer grau que atinja. "Que importa o número de degraus de uma escada, se a altura é a mesma?", dizia logicamente uma sonâmbula, à qual se pedia opinião acerca das classificações em correntes. Na realidade, só as distinções seguintes podem ser estabelecidas:

1ª fase – o sonâmbulo dorme, mas não fala;

2ª fase – fala, porém, concentrado em si mesmo, não sente a vontade do magnetizador e nada vê;

3ª fase – finalmente, sente a vontade do magnetizador e é clarividente.

Se o sonâmbulo chega a ver a sua moléstia, a prever-lhe as crises e pode indicar a melhor marcha a seguir para obter prontamente a cura do ponto de vista curativo, não é isto tudo quanto se deve esperar do sonambulismo?

> "Quando o doente tem faculdade para tudo isso, que importam as sutilezas de uma classificação científica mais ou menos arbitrária? Agradeçamos à Providência a graça que nos concede, projetando luz tão preciosa no meio das trevas da nossa ignorância, e não caminhemos além! Lembremo-nos que não magnetizamos para obter uma vã satisfação de amor-próprio, chicanando sobre as idéias e as palavras, porém unicamente para aliviar os sofrimentos do doente que se entrega aos nossos cuidados, à nossa benevolência e à nossa caridade." (Aubin Gauthier).

> "O primeiro conselho que posso dar é o de nunca se procurar provocar o sonambulismo, mas deixá-lo vir naturalmente. Seria importuno que um doente pudesse acreditar que

só lhe é possível a cura tornando-se sonâmbulo; pois, de cem pessoas apenas dez caem no estado sonambúlico." (Deleuze).

"Não dependendo a lucidez dum sonâmbulo do magnetizador, há uma multidão de causas para que o sonâmbulo mais clarividente não o seja, quando consultado; e, como não há meio de descobrir quando ele vê positivamente ou quando está sob a influência de uma alucinação, não se deve pensar em utilizar seriamente a lucidez dos sonâmbulos senão quando tiverem sido descobertas as condições que podem torná-la exata. Em geral, o sonambulismo tem sido até aqui antes nocivo do que útil à causa do Magnetismo. Os magnetizadores que se dedicaram particularmente ao sonambulismo causaram, com a exploração que fizeram dele e com a sua ignorância, mais mal ao Magnetismo do que as diatribes dos seus mais encarniçados inimigos." (La Fontaine).

Tais são as textuais palavras dos magnetizadores justamente considerados como os mais experimentados, e cuja autoridade nesta matéria é incontestável; nunca será de mais insistir nas suas opiniões; uma longa prática levou-me a participar da sua opinião, e convido ardentemente, de parceria com esses homens de bem, todos os que se ocupam do Magnetismo a encará-lo somente sob o ponto de vista terapêutico e a dedicarem-se a uma prática séria, conquanto às vezes fatigante, mas a única que pode fazer promanar a verdadeira utilidade do Magnetismo, e, vulgarizando-o por curas maravilhosas, trazer um benefício real à humanidade.

Se o estado sonambúlico só comporta três fases, como acabamos de dizê-lo, e se essas três fases realmente não são mais que graus ascendentes dum todo indivisível, não é menos verdade que o fenômeno se nos apresenta sob aparências complexas, muito próprias a nos enganarem. São tão diferentes os sonâmbulos, quanto o são as gradações que eles apresentam; do mesmo modo que nenhum ser é igual em a Natureza, assim também sonâmbulo algum é igual a outro sonâmbulo. Cada indivíduo, inversamente influenciado na razão de sua idiossincrasia e

temperamento, vê surgir em si, nesse estado misto, toda a ininterrupta sucessão das relações que, sob a influência de condições especiais de tempo, meios ou incitações diversas, podem, incessantemente, se produzir entre as influências internas e externas.

É como no caleidoscópio, uma diversidade infinita de combinações e de gradações que se manifestam, da produção do fenômeno; e diante de tal variedade de manifestações, não é de admirar que os experimentadores enganando-se acerca da origem dos fatos, tenham atribuído ao próprio fenômeno aquilo que na realidade é apenas o simples reflexo da idiossincrasia dos sonâmbulos sobre os quais experimenta; daí esses agrupamentos artificiais e essas classificações que, longe de esclarecerem o problema, apenas conseguiram dificultá-lo.

Quando ao magnetizar-se um indivíduo, não com a intenção de sonambulizá-lo, porém de curá-lo ou aliviá-lo, sobrevêm bocejos acompanhados de tremores dos olhos, batimento e fechamento de pálpebras, inclinação da cabeça e dormência mais ou menos profunda parece querer invadi-lo, pode-se favorecer esse estado sonolento conservando as mãos ou impondo os polegares sobre o epigástrio; depois, quando os olhos cessarem de rolar sob as pálpebras e o movimento de deglutição, por momentos acelerado, tiver diminuído, levanta-se as duas mãos sobre a cabeça do paciente, faz-se uma imposição sobre o cérebro e desce-se depois por meio de passes longos, muito lentos, na extensão dos braços, até à extremidade dos dedos.

Repetem-se passes semelhantes em frente ao tronco, até à altura do epigástrio, onde se faz uma parada de cada vez, apresentando-se os dedos em ponta; também se fazem passes impondo as mãos sobre o cerebelo e descendo-as por trás das orelhas e das espáduas, para voltá-las sobre os braços, de maneira a envolver completamente o paciente com passes de grande corrente. É a melhor maneira de agir para produzir normalmente o estado sonambúlico e desenvolver subseqüentemente a lucidez, podendo toda a incitação direta e violenta, sobre o cérebro, acarretar os inconvenientes que já assinalamos.

Depois de haver operado desse modo, durante alguns momentos, interroga-se delicadamente o paciente sobre o seu atual estado: "Está dormindo?"

Se ele estiver apenas num estado de sonolência, despertará; susta-se então a operação, dispersam-se os fluidos, transferindo para outra ocasião uma tentativa que, em benefício do próprio doente, nunca deve ser levada ao extremo.

O sono pode ser tão profundo que nenhum barulho, nenhuma sensação venha perturbar o paciente; interroga-se e ele não responde; toca-se e nem sequer pestaneja. Este é o primeiro passo para o estado sonambúlico.

Pouco a pouco, esse estado se acentua sob o impulso da ação magnética prolongada; o paciente acaba por perceber o som da voz; nesse momento, entretanto, não o instigueis a falar; é-lhe necessário tempo para habituar-se à sua nova situação: conserva-se num torpor, num aniquilamento corporal de que carece e em que se compraz; daí a poucos instantes, vos responderá por um sinal de cabeça ou de mão, e indicará o momento em que deseja ser despertado. Por vezes, a pergunta: "Dormis?" – toca-o como faísca elétrica e ele responde. É um sinal manifesto de que o paciente se acha em estado sonambúlico completo; cumpre, então, evitar assoberbá-lo de perguntas; deve-se ficar limitado a perguntar-lhe como se sente, o que há a fazer em seu benefício e quanto tempo podemos deixá-lo nesse estado.

Desperta-se o paciente em seguida, utilizando as *dispersões*,[3] as *insuflações frias a distância* sobre a testa e os olhos, tocando vivamente os supercílios, desde a sua origem até as têmporas. É importante, após o estado sonambúlico, dispersar bem, a fim de evitar o peso da cabeça e a dormência das pernas, que poderiam persistir.

O estado sonambúlico produz, no físico e no moral dos sonâmbulos, perturbações mais ou menos profundas, na razão do seu temperamento e da sua idiossincrasia.

Efeitos físicos – Sob o ponto de vista *físico* verifica-se, geralmente, que o magnetizador se torna senhor dos movimentos voluntários do seu sonâmbulo: fá-lo levantar, baixar ou virar a

cabeça; erguer os braços e andar, tudo isto por uma espécie de atração, apresentando a mão do lado para o qual deseja arrastar o membro; há, porém, sonâmbulos móveis como ímãs, enquanto que outros, pelo contrário, só lentamente obedecem àquelas ações e são quase insensíveis à atração magnética.

Em geral, o sonâmbulo não percebe mais as formas, as imagens, os sons, o odor, o sabor, pelos órgãos em que residem essas percepções. Ouve, vê, sente, sem o socorro dos sentidos, pelos dedos, testa, occipital, epigástrio; entretanto, enquanto certos sonâmbulos são completamente isolados, não ouvem nem vêem senão o seu magnetizador e só com ele comunicam, outros só ficam isolados em parte, e alguns há que de todo não o ficam.

O estado sonambúlico é quase sempre caracterizado pelo reviramento da pupila e por uma insensibilidade absoluta, que permite atravessar as carnes com agulhas e fazer sem dor toda a espécie de operações cirúrgicas; mas há casos de sonambulismo em que esses caracteres faltam, absolutamente; nem há reviramento da pupila, nem insensibilidade.

Seria um erro acreditar, finalmente, que os sonâmbulos são sempre insensíveis; quase todos que se vêem nesse estado servem geralmente de ponto de mira nas experiências públicas, e, sua disposição particular provocada é devida a uma magnetização muito intensa e mal dirigida. Os verdadeiros sonâmbulos, isto é, aqueles nos quais o estado sonambúlico tem sido normalmente desenvolvido por ações progressivas, sentem, pelo contrário, muito vivamente, as emanações físicas dos seres vivos que os cercam; algumas vezes, são mesmo profundamente sacudidos e afetados pelo menor contato; um animal que inopinadamente passe por eles, mão estranha que os toque, sem que para isso estejam preparados, podem mergulhá-los instantaneamente em crises nervosas muito dolorosas, difíceis de ser acalmadas; e essa grande delicadeza de sensibilidade, que as ações a distância também compreendem, é uma das maiores causas das perturbações que muitas vezes se manifestam nos sonâmbulos, quando se acham num meio hostil ou pouco simpático.

Depois de haver verificado vários casos em que a insensibilidade era confirmada pelos médicos, Deleuze acrescenta:

"*Os meus sonâmbulos nunca a manifestaram*; pelo contrário, a sensibilidade deles é *mais delicada* do que no estado de vigília; o contato de um corpo não magnetizado lhes é desagradável, o toque de pessoa estranha lhes faz muito mal. Tenho mesmo a certeza de que certos sonâmbulos experimentaram convulsões e despertaram, devido a terem sido tocados bruscamente por alguém que não estava em relação com eles." (Deleuze – *Inst. prát.*).

Efeitos psíquicos – O estado sonambúlico exalta as faculdades intelectuais e morais. Nesse estado, o sonâmbulo apresenta ao espírito tudo quanto sabe, e pode perceber o que não sabe. Lê no pensamento, ouve e responde sem que se lhe tenha falado. Vê através dos corpos opacos e a distâncias mais ou menos consideráveis. Experimenta momentaneamente a moléstia das pessoas com as quais foi posto em relação; vê, muitas vezes, a origem das moléstias e pode indicar os meios mais acertados para curá-las. Vê o seu próprio mal, prevê as suas crises e as dos outros e anuncia a maneira e época do termo final.

Encontra-se nele, ao mesmo tempo, *clarividência e precisão*, mas em graus muito diferentes; e é raro que, fazendo-se a síntese das faculdades, não consiga o sonambulismo harmonizá-las completamente; se tal se desse, o passivo em estado sonambúlico atingiria um estado muito superior ao da natureza humana, de que ele participa mais ou menos; nele, certas faculdades aumentam, se não a expensas das outras, pelo menos mais do que elas; admiravelmente lúcido acerca dum ponto, conserva-se absolutamente obscuro sobre outros: a fantasia parece alternar-se nele com a realidade. E a lucidez sonambúlica é instrumento de uma fragilidade inaudita, que o menor incidente pode falsear; varia indefinidamente de um sonâmbulo para outro, e num mesmo indivíduo esta volubilidade pode patentear-se com grande franqueza; as mulheres, por exemplo, perdem geralmente toda a sua clarividência nas épocas catameniais.

Essa preciosa faculdade requer desenvolver-se com arte, por meio do exercício, e exige uma direção prudente e bem compreendida. Não basta encontrar um sonâmbulo: é também necessário formá-lo e velar principalmente para que as suas qualidades,

dificilmente adquiridas, não cheguem a perder-se ou desviar-se. Isto constitui assunto que exige cuidados; um sonâmbulo exercitado por diversos magnetizadores não sente a vontade de nenhum, nem tão pouco se pertence; se tiver, desde o começo algumas qualidades, em breve as perde; seu espírito de concentração enfraquece, exterioriza-se e perde as faculdades sintéticas. Conseqüentemente, um sonâmbulo se aperfeiçoa ou se transvia, conforme a direção que recebe; e se fizerem do sonambulismo um emprego diuturno, objetivando um lucro qualquer, não tardará chegar à simulação consciente ou inconsciente.

O sonâmbulo é suscetível de receber também impressões morais, que podem modificar, até certo ponto, o seu caráter; recebe o que se chama sugestões, e estas persistem após o despertar.

Em geral, o sonâmbulo perde completamente a memória dos seus atos; quando desperta, está numa ignorância absoluta de ter visto, agido e falado. Entretanto, certos sonâmbulos, fazendo exceção a esta regra, conservam, senão a lembrança, ao menos uma impressão vaga e instintiva do que experimentaram durante o sono.

Finalmente, no estado sonambúlico, há este fato muito importante, a saber: a maior parte dos sonâmbulos sensitivos *vêem as irradiações magnéticas*.

A árvore nervosa com seus centros, verdadeiros acumuladores da força livre, com seus cruzamentos, seus gânglios, seus plexos, suas inúmeras vias que se entrecruzam em todos os sentidos e vão perder-se em filamentos capilares infinitos, na massa de nossos tecidos, aparece nos sensitivos como o ponto de apoio de uma força essencializada, que corre luminosa, vibrátil, radiante, ao longo de todos esses canais, desenhando um regato de fogo, uma carpintaria ideal, espécie de fosforescência vaporosa, em cujos contornos a matéria obediente parece modelar-se por atração. Nossa forma material na aparência tão pesada, tão grosseira, tão opaca, lhes aparece tão luminosa como a poeira de fogo que branqueia a Via-Láctea; a nossa sombra destaca-se no espaço, não menos vaporosa e diáfana, qual o tecido que forma a cauda dos cometas.

Eles vêem, das extremidades dos dedos do magnetizador, quando este vai lentamente descendo-os ao longo do seu corpo, sem tocá-lo, jorrar longas agulhas brilhantes, que parecem envolvê-los em suas cintilações fosforescentes.

Todos os corpos da Natureza, qualquer que seja o reino a que pertençam, homem, animal, planta, mineral, brilham igualmente para eles, com esse fogo divino; são todos luminosos e diáfanos, e seus reflexos variam desde o branco leitoso da opala, até os múltiplos matizes das irradiações do espectro.

Os corpos orgânicos, vivos, são mais brilhantes do que os vegetais e os minerais; nos primeiros, as luminosidades mais vivas existem nas *antenas*, no *pistilo* e nos *ovários*; entre os minerais, são os metais e o cristal de rocha que primam em incandescência.

Pareceria que o estado luminoso acompanha o grau de vitalidade dos corpos e a sua ordem hierárquica na Natureza; a morte é mais sombria do que a vida, a moléstia apaga o fogo dos órgãos que já não funcionam, e é por isso que os sonâmbulos podem reconhecer as partes doentes: são as que no organismo lhes parecem mais escuras.

Os matizes brilhantes diferem conforme os indivíduos: variam do jovem ao velho, do sangüíneo ao bilioso, do homem são ao doente.

Para certificar-me, repeti muitas vezes a experiência seguinte, em sonâmbulos: apresentava-lhes, primeiramente, um copo d'água pura e perguntava-lhes: "Que vedes?" Admirados da minha pergunta, respondiam, geralmente, num tom de indiferença notável: "Pois que há de ser? – um copo d'água!" Afastando-me, fazia alguns passes na água e no copo, apresentava-os novamente, tornando a perguntar. Era raro que o sonâmbulo não manifestasse espontaneamente sua admiração, exclamando: "Oh! como é lindo! Como brilha! Dir-se-ia água fosforescente!..."

Se, depois, fazia passar o copo às pessoas presentes pedindo-lhes que o magnetizassem cada um por sua vez, o sonâmbulo, chamado a pronunciar-se acerca do estado da água, percebia muito bem outras tantas camadas de matizes diferentes, quantos

tinham sido os magnetizadores, como se cada um de nós tivesse armazenado sucessivamente, nessa água, irradiações de qualidades diversas, as quais se haviam superposto sem se confundirem.

O brilho aumenta com o movimento; varia conforme se está de pé ou deitado, imóvel ou andando; uma viva contensão da vontade é bastante para aumentar sensivelmente a intensidade luminosa das irradiações e a atividade da sua emissão.

Qualquer choque determina verdadeiras descargas e clarões fulgurantes: uma campainha, vibrada pelo som, torna-se brilhante; o arco que atrita as cordas de uma rabeca ilumina as cordas, a parte anterior do instrumento, e é tanto mais viva a luz, quanto mais agudo é o som; o que permite dizer *que cada som* tem, para o indivíduo sonambulizado, *a sua cor luminosa*.

Uma garrafa de champanhe, que se abre, produz uma chuva de fogo colorido, que dá a imagem dum verdadeiro fogo de artifício.

Esta faculdade particular que possui a maioria dos sonâmbulos, de ver as irradiações magnéticas dos corpos, parece, à primeira vista, um tanto extraordinária e seríamos tentados a crer, ou que os sonâmbulos são vítimas de uma ilusão dos sentidos, ou que obedecem a alguma influência sugestiva; mas, quando observamos a concordância existente entre eles, em todos os pontos, e recolhemos a unanimidade do testemunho dos experimentadores sobre esse assunto;[4] quando, por outro lado, comparamos esses fenômenos com os obtidos pelo Barão Carlos Reichenbach em suas pesquisas acerca do dinamismo em suas relações com a força vital, somos obrigados a convir que existem relações íntimas entre a maneira de ver dos pacientes sonambulizados e a dos sensitivos encerrados na câmara escura; uns e outros estão de acordo, porque cada um por seu lado demonstra a existência de uma força universal, penetrando todos os corpos e imprimindo-lhes vibrações luminosas e coloridas.

> "Existe, sem dúvida, na Natureza alguma coisa de infinitamente sutil, que os sensitivos percebem, mas cuja essência não se conhece; essa alguma coisa se assemelha a uma chama e se escapa dos corpos; as propriedades desse agente

demonstram que ele é diferente dos agentes dinâmicos conhecidos, tais como a eletricidade, o magnetismo terrestre, o calor, a luz; essa alguma coisa, que apresenta ao exame propriedades variadas, tanto em sua própria maneira de ser como no conjunto dos fenômenos que se relacionam com ela, foi designada sob o nome de *Od*.[5] O Od, essa incógnita, perceptível por meio dos sentidos, é necessariamente de essência material, mas de uma materialidade extremamente sutil, por isso que atravessa o vidro, penetra a água, conglomera-se e condensa-se nela. Ignorado ainda atualmente em Física e em Fisiologia, inerente a todos os corpos, o *od* permite que estes atuem a distância uns sobre os outros, através do espaço e dos corpos opacos, e é um dos principais fatores no conjunto complexo das forças a que denominamos *forças vitais*; domina-as, determina as formas, governa a matéria, toma parte no desenvolvimento de todas as funções e acompanha a vida animal e espiritual, no estado de saúde e de moléstia, até que ela se extinga...

Como é que essa ação profunda do homem sobre o homem, que ocasiona às vezes verdadeiras revoluções no sistema nervoso, não deveria ter influência alguma sobre o estado de saúde e de moléstia? Os médicos que assim pensam, certamente, pouco estudaram a questão sob o ponto de vista terapêutico e acham-se em erro." (*Le Fluide des Magnétiseurs*, pelo Cel. de Rochas, Paris, 1891).

Os que não admitem um caráter suficientemente científico, nas experiências feitas pelo Barão de Reichenbach sobre os seus sensitivos, podem reportar-se à opinião emitida por um sábio oficial, o Sr. Armand Gautier.

Em seu curso de Química na Faculdade de Medicina de Paris, o eminente professor demonstra com fatos irrecusáveis que não é a matéria, como substância, que age sobre os nossos sentidos e nos influencia, mas sim o modo de estrutura dessa matéria e a natureza do *movimento que deriva do arranjo das suas moléculas*; em outras palavras, segundo Armand Gautier, *"nós percebemos os corpos por suas vibrações e não por sua massa"*. A substância propriamente dita não é mais do que um intermediá-

rio, servindo para nos comunicar o *movimento vibratório das forças*; não é, portanto, à especialidade química das substâncias medicamentosas que se deverá atribuir as reações fisiológicas exercidas sobre o organismo, e sim *aos movimentos vibratórios* que essas substâncias nos transmitem. (*Revue Scientifique* de 3 de janeiro de 1885).

Eis aí uma confissão oriunda da escola oficial que é bom registrar; condenando velhos preconceitos da terapêutica e da polifarmácia, dá singularmente razão às teorias dinamistas, e particularmente às dos magnetistas, admitindo a emissão vibratória dos corpos, invisível para nós, porém que os sonâmbulos e os sensitivos percebem pela irradiação, no estado particular em que eles se acham.

Numerosas notabilidades científicas esclarecem a questão com alta competência e apóiam, de algum modo, os chamados *lúcidos* e *sensitivos*; na América o Dr. Robert Hare; na Inglaterra o Dr. Benjamin Richardson; na Rússia o professor Boutlerow, da Universidade de São Petersburgo; na Suíça o professor Thury, da Academia de Genebra; na França o Conde Agenor de Gasparin e o Dr. Barety admitiram, há muito tempo, a existência de uma atmosfera e de uma irradiação nervosa. Ninguém, finalmente, ignora as provas feitas sobre a *força radiante*, pelo eminente sábio inglês William Crookes, que, por meio de instrumentos mui delicados e de uma precisão absoluta, construídos especialmente para esse fim, conseguiu, não somente provar que o organismo humano age a distância por sua irradiação sobre a matéria inerte, como ainda chegou a enumerar matematicamente a potência de projeção dessa *força radiante*.

Que se varie a denominação dessa força, a que os investigadores deram nomes diferentes: *Od*, *força vital*, *força psíquica* ou *ectênica*, *força nêurica* ou *radiante*, não é menos verdade que ela existe, que irradia e que, em certas condições fisiológicas, projeta-se a distâncias mais ou menos consideráveis; nada há, portanto, para admirar que os sonâmbulos e os sensitivos assinalem sua existência e pretendam perceber-lhe as irradiações luminosas.

“Bem o sentimos, atendendo ao adiantamento das ciências – dizia ultimamente o Sr. Oliver Lodge, presidente da Secção das Ciências Matemáticas e Físicas no Congresso da Associação Britânica –, que além dos nossos conhecimentos atuais se estende uma vasta região em contato com vários ramos conhecidos da Ciência, que um espírito culto deve abordar. Esse domínio é limítrofe ao mesmo tempo da Física e da Psicologia, intermediário da energia e da vida, do espírito e da matéria.

A relação entre a vida e a energia está ainda por ser compreendida: a vida é um princípio dirigente, que ainda não encontrou o seu lugar no domínio da Física. Que é a *força* e de que modo gastam-na os seres? De que maneira a matéria pode ser deslocada, guiada, desarranjada por intermédio dos seres?

A descoberta de um novo modo de comunicação por uma ação mais imediata, talvez através do éter, não é de modo algum incompatível com o princípio da conservação da energia, nem com algum dos nossos conhecimentos atuais. E não é dar prova de sabedoria o recusar-se a examinar fenômenos porque acreditemos estar seguros de sua impossibilidade, como se o nosso conhecimento do Universo fosse completo.

Ademais, quando nos acostumarmos, isso não nos parecerá mais tão estranho; não é mais do que uma conseqüência natural da comunhão de vida, ou das relações de família entre todos os seres existentes.

A transmissão da vida pode ser comparada, sob muitos pontos de vista, à transmissão do Magnetismo; não estão todos os ímãs ligados simpaticamente de modo que, se forem convenientemente suspensos, *qualquer vibração de um deles se repercute em todos os outros, mesmo na distância de 150 milhões de quilômetros?*

Por que a barreira que até aqui separou o espírito da matéria não poderia ser gradualmente afastada, como já o foram tantas outras? Por que razão não poderíamos chegar a uma

percepção mais completa acerca da unidade da Natureza, tal como já foi idealizado por muitos filósofos?

Desde o começo, as coisas parecem misteriosas: um cometa, o raio, a aurora, a chuva, são outros tantos fenômenos misteriosos para aquele que os vê pela primeira vez. Tudo parece razoável, encarado sob um ponto de vista conveniente; as possibilidades do Universo são infinitas, como a sua extensão física. Porque procurar sempre negar *a priori* a impossibilidade das coisas que decorrem da nossa concepção ordinária?

Não devemos recuar diante de problema algum, desde que se apresente a oportunidade de abordá-lo. Não devemos hesitar em prosseguir livremente a investigação das leis, misteriosas embora, que regem a vida e o espírito; o que sabemos, nada é ao lado do que nos resta aprender. Querer restringir o nosso exame aos territórios já meio conquistados, é enganar a fé dos homens que lutaram pelo direito de livre exame, é trair as esperanças mais legítimas da Ciência..."

Quisemos terminar nossa exposição com essas nobres palavras do sábio físico inglês, a fim de mostrarmos que todo espírito liberal deve emancipar-se dos seus preconceitos, no exame dos fenômenos da Natureza, por mais estranhos que eles nos pareçam, como, por exemplo, a percepção sonambúlica das irradiações magnéticas.

CAPÍTULO VII
Da Clarividência sob o ponto de vista terapêutico

Raridade da clarividência magnética. – Sua utilidade para a terapêutica, quando se desenvolve espontaneamente no decurso dum tratamento. – Cura de uma sonâmbula, referida por ela própria. – Conclusão do relatório da Comissão da Academia de Medicina em 1861, acerca da faculdade que possuem os sonâmbulos de precisarem o gênero, a duração e o termo das moléstias. – Diferentes modos de percepção dos sonâmbulos. – Consultas feitas mediante objetos e cabelos. – Precauções a tomar com um paciente sonambúlico.

Na própria opinião dos mestres do Magnetismo, está admitido que se não deve magnetizar com o intuito exclusivo de produzir o sonambulismo.

> "Se nos limitássemos a este único modo de magnetizar – diz com razão Aubin Gauthier –, se efetivamente os processos magnéticos fossem aqueles de que se servem os *sonambulizadores*, na opinião dos quais o Magnetismo só existe no sonambulismo, seria preciso convir desde logo que não há ciência nem arte de magnetizar e que todo o saber consiste em formar sonâmbulos, a fim de assim obter oráculos."

Cairíamos assim no embaraço desagradável, que tão acentuadamente contribuiu para depreciar o Magnetismo, circunscrevendo-o a limites muito restritos, e dando-lhe uma base muito frágil.

Como, por um lado, encontramos apenas dez sonâmbulos sobre cem doentes, e como, por outro lado, a clarividência desses sonâmbulos é sempre mais ou menos hipotética, seria para lastimar profundamente que esse erro chegasse a acreditar-se, isto é, que um doente não se pode curar senão tornando-se sonâmbulo.

Aceitemos, portanto, o sonambulismo quando ele se apresentar naturalmente e de maneira toda espontânea, mas *evitemos provocá-lo* e principalmente não tratemos, com persistência, de obtê-lo quando tardar a manifestar-se; além de não tirarmos

nenhuma vantagem notável, arriscar-nos-íamos a fatigar o doente e fazê-lo piorar. Se é rara a manifestação do sonambulismo, ainda o é mais a verdadeira clarividência. Dissemos, no capítulo precedente, qual a extrema fragilidade da lucidez e a pouca confiança que ela merece.

Pondo de parte dois ou três exemplos de perfeita lucidez, justificada pela realização dos fatos, nunca tive ocasião, em minha longa experiência magnética, de reunir número suficiente de fatos comprobatórios para afirmar a utilidade prática da clarividência magnética.

Pareceu-me impossível tirar seriamente partido desses jactos de lucidez que se manifestavam, com intervalos irregulares, de maneira absolutamente imprevista, e com os quais não se poderia contar, num dado momento, sem incorrer no risco de uma ilusão.

Onde a clarividência me parece dever prestar verdadeiros serviços é quando, desenvolvendo-se normalmente no decurso dum tratamento, sem ter sido exigida nem solicitada, se manifesta espontaneamente num doente, como crise natural que devia produzir-se.

O doente, nesse estado, julga claramente da natureza do seu mal, da sua origem e da sua causa, dos meios a empregar para combatê-la; *vê o interior* do seu corpo, os órgãos doentes; prevê, de antemão, a natureza e a época exata das crises pelas quais deverá passar e anuncia todas as peripécias da marcha da moléstia, sua duração e modo de eliminá-la.

Os raros videntes que encontrei nunca se enganaram quanto a pontos que diretamente lhes diziam respeito; menos afirmativos e menos clarividentes para os outros, encontrei-os muitas vezes em contradição com os fatos, quando os consultei por terceiros.

A clarividência, manifestando-se a propósito nos casos difíceis, é um grande auxiliar; é certo que o fenômeno produzindo-se no momento oportuno e nas condições exigidas, oferece auxílio poderoso ao magnetizador, para guiá-lo nas crises e certificá-lo da sua terminação.

Poderia fornecer vários exemplos da admirável lucidez que se desenvolve, por vezes, nos doentes, no momento mais crítico da

moléstia, mas limitar-me-ei a citar aquele que considero o mais notável e mais suscetível de dar justa idéia das vantagens que apresenta a clarividência do ponto de vista terapêutico, quando essa clarividência é real, quando se manifesta espontaneamente e é tão só empregada a benefício do doente.

Considerando como único aspecto verdadeiramente sério do Magnetismo a sua virtude curadora, preocupei-me sempre em magnetizar para curar, e nunca procurei provocar o sono em meus doentes, nem tampouco a dupla vista, a catalepsia ou o êxtase.

Quando casualmente se apresentaram esses fenômenos no decurso das minhas magnetizações, deixei que eles se manifestassem livremente, aproveitando-me, assim, da ocasião para estudá-los; mas evitei cuidadosamente fazer deles uma diversão, como é costume de tantos outros, e procurei utilizar o desenvolvimento desses fenômenos em proveito da cura que me esforçava por produzir.

Entre os sonâmbulos que encontrei, houve um cuja notável clarividência não somente me permitiu fazer as mais curiosas experiências de transmissão de pensamento e vidência a distância, como ainda me forneceu meios de ultimar uma das mais interessantes curas. Meu sonâmbulo era uma encantadora jovem de 24 anos, Blanche H.

Havia muitos anos ela definhava, sem que pudessem dar um nome à sua moléstia.

Tinha consunção geral e os médicos consultados, atribuindo a doença a essa coisa vaga, indefinida, que se conveio chamar *anemia*, prescreveram, como sempre sem resultado: ferro, quinina, óleo de fígado de bacalhau, regime fortificante, etc... Os pais, justamente alarmados ante esse estado de abatimento que nada conseguia vencer, tiveram a feliz idéia de recorrer ao Magnetismo. Como houvesse entre nós íntima amizade, confiaram-me a filha e Blanche veio habitar nosso lar, onde encontrou todos os desvelos de que carecia o seu estado de saúde.

Depois dum tratamento de seis meses, cheio de mil peripécias, a cura foi completa; sonâmbula de notável lucidez, a jovem

doente ficou tão maravilhada com os esforços para se chegar ao resultado que havíamos alcançado, que me convidou insistentemente, quando se achava um dia em estado sonambúlico, a dar publicidade à narração dessa cura importantíssima.

Para referir com todos os pormenores as diferentes fases da moléstia, minha narrativa necessariamente falharia, por isso que deixei de tomar apontamentos durante o curso do tratamento; exprimi-lhe meu embaraço, porém ela cortou a dificuldade oferecendo-se para fazer o histórico da sua cura, enquanto permanecia em estado sonambúlico.

Muito curioso em saber de que modo ela se sairia dessa tarefa, aceitei a oferta com ardor, e eis o documento que me foi ditado em três sessões consecutivas, nos dias 19, 20 e 21 de setembro de 1875. Não lhe acrescentei nem mudei palavra alguma. É impossível fazer, em estilo mais correto, uma exposição mais exata dos fatos que se passaram. Fora eu encarregado dessa tarefa e dificilmente teria atingido o mesmo grau de clareza e precisão; em todo caso, essa redação teria exigido de minha parte um trabalho por demais longo, o que não sucedeu à sonâmbula.

Restabelecimento de uma sonâmbula, referido por ela própria

> "Estou salva! Com o auxílio da homeopatia, o Magnetismo restituiu-me suavemente à vida, que se extinguia pouco a pouco. Hoje, depois de três meses do mais simples tratamento, do mais natural, vejo-me em vésperas de ficar radicalmente curada de moléstia sempre muito grave, freqüentemente mortal, e que a alopatia jamais deixa de conceituar incurável. Que os ignorantes neguem o Magnetismo; que os tolos o ridiculizem; que os que têm interesse em asfixiar esta ciência em seu germe fecundo a chamem magia ou feitiçaria, e nem por isso ela deixará de ter um domínio brilhante e universal. Dia virá em que o mundo, arrependido dos seus erros grosseiros, dos seus velhos preconceitos, da sua cegueira sistemática, compreenderá a luminosa simplicidade do Magnetismo e quererá conhecer-lhe os maravilhosos efeitos.

Nesse dia, a alopatia, com seus falsos princípios e máximas caducas, terá deixado de viver.

É a minha cura que eu quero referir, tal como a vejo neste sono imaterial, no qual a alma, desprendida dos laços naturais que a prendem ao corpo, é tão clarividente e só se inspira na verdade.

Possa esta narração esclarecer alguns cegos, converter alguns incrédulos. Seja como for e o que quer que pensem os homens, cumpro um dever para com a ciência que me restituiu a vida. Presto uma solene homenagem de reconhecimento tocante e profundo, ao amigo dedicado cuja inteligência e coração, acima dos míseros escrúpulos do vulgo, salvaram-me de morte iminente e próxima.

O Magnetismo já me havia curado de uma afecção do estômago, que datava da minha infância; logo que me senti fraca, enlanguescida, presa dum abatimento que me arrebatava até a faculdade de ver claro e de bem raciocinar ao manancial da saúde.

Minha tez estava medonhamente amarelada e terrosa, os olhos cavos e com olheiras; testa, nariz e queixo achavam-se cobertos de uma porção de pontos pretos, indícios certos de uma desordem interna: tudo anunciava uma decomposição gradual: a consunção seguia marcha progressiva e lenta.

As primeiras sessões (duas diariamente, com de cerca de 3/4 de hora cada uma) mergulharam-me numa prostração vizinha da estupidez: depois de cada magnetização, conservava-me longas horas em estado de depressão, muda e exausta; se tentava dar alguns passos caía imediatamente na cadeira, inerte, atordoada, semelhante à criança habituada a beber água e à qual se tivesse dado um vinho puro, generoso; estava como que ébria de um fluido ainda muito forte para meu sangue enfraquecido.

Não experimentava grande sofrimento, mas tal era o torpor geral, que, no sono sonambúlico, já não tinha a mesma lucidez, a mesma segurança do olhar, a mesma precisão da linguagem: “Receitei”, entretanto, *alumina* para fazer cessar

a leucorréia que me enfraquecia; depois *arsênicum*, a fim de restabelecer o equilíbrio dos órgãos. Passaram-se três semanas; comecei a sair desse entorpecimento mórbido; vi mais claramente o meu estado: o Magnetismo despertou a dor, rasgando o véu que empanava a minha penetração.

O interior do corpo apareceu-me claramente, como num espelho, mais puro, mais fiel: uma inflamação terrível roía-me as entranhas, devorava-me o útero; dois meses no máximo, uma peritonite aguda, mortal, se declarava. Tomei *sépia* e aguardei uma primeira crise, que o Magnetismo não podia deixar de operar. As dores tornavam-se cada vez mais vivas durante as sessões; a imposição das mãos sobre o ventre, e principalmente sobre o útero, causava-me cruéis sofrimentos: os dez dedos do meu magnetizador produziam o efeito de dez ferros em brasa que caíssem pesadamente numa ferida viva, revolvendo-a em todos os sentidos.

Mas, sempre admiravelmente previdente, quando mãos tão culposas quão inábeis não se antepõem aos seus esforços ou as desviam do seu intento, a Natureza agia com precaução, medindo o seu trabalho de acordo com a debilidade, do mesmo modo qual mãe terna e prudente, que, no momento de administrar ao filho querido o remédio amargo que deve restituí-lo à vida, acaricia-o por muito tempo e multiplica os beijos na proporção dos sofrimentos. A crise anunciada não se fez esperar: o catamênio sobreveio e decidiu-lhe a explosão.

Então compreendi donde partia essa moléstia de útero, que podia causar admiração a uma jovem. Ainda muito nova, aos 11 anos, meu sangue achava-se empobrecido, na idade ordinária da puberdade. Havia necessidade de ser renovada pelo casamento. Em vez disso, uma existência concentrada, monótona, absolutamente contrária às aspirações ardentes da minha natureza essencialmente amorosa e ativa, havia esgotado em mim a fonte vital; perdas brancas contínuas, regras demasiadamente freqüentes, forçando o útero a trabalho incessante, tinham feito o resto.

Durante essa crise de dores lancinantes, as sensações de queimadura eram tão agudas que eu parei com o Magnetismo um dia inteiro. O fluido perfurava o útero, forrado de botões purulentos, com intensidade que eu não tinha ainda a força de suportar; a meu pedido, aplicou-se-me no ventre uma cataplasma de farinha de linhaça (feita com água magnetizada) e destinada simplesmente a amolentar os tecidos, preparando-os para uma saída de botões, que eu previa.

Esta deu-se abundante pruriginosa, causando-me dolorosas comichões internas e externas; estando, porém, o útero provisoriamente exonerado, levantei-me dessa crise, já menos fraca. A alopatia exclamaria: Blasfêmia! Foi uma crise sem abalos, uma moléstia sem convalescença, e todo o cortejo exigido de operações transitórias. Porém, aos olhos dos *ilustres* discípulos de Hipócrates, foi isso muito simplesmente uma heresia escandalosa, um crime de lesa-princípio médico!

Substituí o *arsênicum* pela *sépia*, que reservei para as crises. Recomendei as abluções frias, a fim de restituir vigor aos nervos abatidos.

Alguns dias depois, produziu-se uma segunda crise; mas, desta vez, minhas forças permitiram tolerar o Magnetismo; nova erupção, ainda mais considerável; prurido intolerável nas partes tumefactas. Durante as sessões, os choques eram tão fortes que eu afastava com violência as mãos do magnetizador; meus braços se torciam, os dedos em crispação davam estalidos, um suor frio transudava do corpo sacudido convulsivamente; lágrimas abundantes corriam-me dos olhos; meu rosto contraía-se em movimentos espasmódicos; e no meio desses sofrimentos inauditos, eu afirmava com segurança e serenidade, a cura ainda indeterminada, mas certa.

Duas outras crises se sucederam do mesmo modo, sempre mais fortes, à medida que a fraqueza diminuía; crises com corrimentos fétidos, nos quais se encontravam pequenas peles delgadas, enegrecidas e destacadas do útero.

O estado geral era mais satisfatório; meu olhar readquiria um pouco de vivacidade; as funções intestinais se faziam regularmente e a lucidez sonambúlica tornava-se aguda, penetrante. Descobri, então, unido às paredes do ovário esquerdo, imóvel e meio oculto por baixo da inflamação, um tumor do tamanho de uma noz, porém alongado como uma amêndoa; não me atemorizei com isso; se enxergava o mal, certamente também via a cura; entretanto, ela devia fazer-se esperar; antes que o Magnetismo atuasse de maneira enérgica e direta sobre o tumor, era necessário que o útero estivesse a pleno caminho da cura. Disse-o e repito: zelosa dos seus meios, ambiciosa por atingir o seu fim, mas, antes de tudo, sábia e acautelada, a Natureza caminha lentamente e nunca procede como os homens, com intervalos e movimentos bruscos.

Cada crise, cada dor, eram um passo para a saúde. Eu bem o compreendia. Seguia, escrupulosamente, os progressos desse mal, os quais convergiam para um só fim: *a cura*. Meu corpo sofria, mas a alma pairava acima da Terra, admirando e abençoando essa vontade dominadora e soberana que, com um só esforço, me adormecia num sono profundo, num repouso benéfico, permitindo-me sofrer torturas que, acordada, jamais teria podido suportar...

O quinto assalto foi terrível. Afetando todas o mesmo caráter, produzindo todas o mesmo resultado, essas crises só diferiam por uma intensidade sempre crescente. Para acalmar os ardores intoleráveis do útero, fiz que me magnetizassem meio litro d'água e pedi que pingassem nela duas gotas de *arnica* e três de *rhus tóxico dendron*. Imediatamente experimentei um grande alívio. O útero ia melhor, aquelas erupções cinco vezes repetidas tinham atenuado o tumor, poderosamente; o apetite era bom, o sono menos agitado; a vida circulava mais quente e rápida nas minhas veias regeneradas.

Um dia, após vigorosa magnetização durante a qual sofri a ponto de arrancar os cabelos e gritar de maneira áspera e selvagem; depois de insuflações quentes nos rins e de lado, ouvi um choque no corpo. Era o tumor que se despregava.

Debaixo da ação calorosa do Magnetismo, senti que ele batia e se agitava. Não havia dúvida, tinha mobilidade. Não restava mais nada senão *querer o resultado*...

Chegou a sexta crise; meu sangue, até então água vermelha, começava a espessar-se; *rhus* e *beladona*, alternados, acabaram por dar-lhe uma cor natural, ao mesmo tempo em que o Magnetismo fortificava-o, apurava-o; as regras apareciam, então, em épocas fixas; o que havia dez anos não acontecia: a Natureza prosseguia, entretanto, na sua obra estratégica, com circunspeção notável; estava tudo aparelhado para a luta suprema: a vida e a morte, face a face, iam dar-se um combate decisivo.

Perseverante como a Natureza, de que é ele o agente principal, o mais fiel e zeloso, o Magnetismo vendo um novo inimigo a combater, uma nova vitória a ganhar, dobrou de esforços corajosos; não somente as partes doentes foram impregnadas de fluido, como também todo o meu corpo; fiquei literalmente banhada, inundada. Sons surdos, semelhantes a lamentos inarticulados, ruídos duradouros e de pavorosa sonoridade, fizeram-se ouvir no ovário; era o inimigo que, forçado no seu reduto, decidia-se, afinal, abandonar a praça. Como adversário hábil e implacável, o Magnetismo havia atacado o tumor pelo centro; e semelhante ao verme que rói o interior do fruto, ele fazia corromper o tumor, dissolver-se e perder-se em corrimento.

Ficamos neste ponto: Tomo *carbo vegetális* a fim de fazer desaparecer qualquer traço de clorose; meus sofrimento são atrozes, inauditos e tanto mais insuportáveis, quanto se prolongam ao despertar. Mas, antes que se passem dois meses, virá a cura. Antes de dois meses a Natureza e o Magnetismo terão terminado a sua obra. Cinco meses de labores pacientes, de dedicação infatigável, bastarão para realizar esta prodigiosa ressurreição...

E agora, que se ouse negar a poderosa ação do Magnetismo. Que se tenha a audácia de dizer que o Magnetismo não existe...

Eu bem o sei; para provocar a confiança e obter aprovação da nossa sociedade "chamada do progresso", é necessário o apoio, a sanção de uma autoridade superior; ao mesmo tempo, cépticos obstinados e crédulos, os homens repelem a luz que não lhes é apresentada por mãos legalmente autorizadas, quando, entretanto, admitem como artigos de fé certos absurdos ridículos, revoltantes. Primeiramente o egoísmo, depois os hábitos inveterados, são outros tantos obstáculos à fundação de uma doutrina *humanitária*, antes de tudo!

Sim. A nossa civilização moderna se opõe a esse espírito de confraternidade que deveria fazer palpitar todos os corações, dirigir todas as ações; mas o *Magnetismo é a ciência de todos*; o Magnetismo triunfará contra todos... Não é necessário ser mais ou menos influente de uma Faculdade para ser depositário desse fluido precioso, manancial de vida e de saúde; cada qual o possui, pode servir-se dele com eficácia para fazer o bem e ser útil ao seu semelhante.

Que de mais belo e maravilhoso? É necessário que a inteligência tenha sido atrofiada por lucubrações nocivas, o coração esterilizado por um amor imoderado do *eu*, para que o homem, naturalmente caritativo e bom, desdenhe e menospreze uma força que o Cristo e seus apóstolos haviam elevado ao ponto de divinizá-la. Mas, paciência. O mundo voltará ao que deve ser, ao que era primitivamente: uma família imensa, unida pelos mesmos interesses e os mesmos afetos. Será, talvez, o Magnetismo a cadeia misteriosa que ligará os seus elos desunidos; todo amor e caridade, ele ensinará os homens a se conhecerem, a fraternizarem, a se consolarem mutuamente, enfim, a se amarem.

Coragem, portanto, nobres campeões da mais generosa das causas; neste momento estabeleceis as bases de uma sociedade nova. O solo é árido, mas vós o desbravareis. Não haja desfalecimento. Nossas fileiras, tão cheias de claros, se tornarão numerosas e compactas; hoje sois apupados, ridicularizados. Não vos entibieis: no correr dos tempos o vosso nome será abençoado, a vossa lembrança será deificada, mi-

lhares de vozes entusiastas e reconhecidas, qual a minha, vos denominarão "*Salvadores da Humanidade*".

Como se pode julgar pela narração que precede, não somente a minha sonâmbula tinha seguido passo a passo a marcha da sua moléstia, determinando-lhe a origem e natureza, vendo o estado dos órgãos e predizendo a época das suas crises, como ainda, embora não tivesse conhecimento algum da medicina homeopática, havia indicado os remédios que convinham ao seu estado e deviam favorecer a cura. Por mais singular que pareça esta faculdade, o fato não é novo. A história do Magnetismo está cheia de exemplos semelhantes; citavam-se diariamente casos iguais no tratamento de Mésmer, e a famosa comissão encarregada pela Academia de Medicina de estudar os fenômenos magnéticos, após cinco anos de investigação, reconheceu em 1831, nos sonâmbulos, não somente a faculdade de precisarem o gênero de suas moléstias, sua duração e finalidade, como ainda o gênero, duração e terminação das moléstias de pessoas com as quais se punham em relação.

Essas conclusões, muito em desacordo com os preconceitos científicos da época, não agradaram à douta assembléia que, por proposta de um dos seus membros, o Dr. Cassel, recusou mandar imprimir e publicar um relatório tendente a dar na ciência fisiológica um profundo golpe.

Apesar desse ostracismo, o fato não é menos verdadeiro; é referido por todos os autores, e *os convulsionários*, mesmo esses, fornecem-nos dele uma prova.

> "Acontece, muitas vezes – diz Carré de Montgeron –, que *os convulsionários percebem as moléstias* sem saberem se as pessoas que se aproximam deles estão doentes e sem conhecerem a natureza de suas moléstias; ficam conhecendo-as pelos *sentimentos de dor que experimentam nas mesmas partes*, e os doentes que testemunham o singular fenômeno *acreditam-se livres dos seus males*." (Carré de Montgeron).

O que os possessos e convulsionários manifestavam sem que fossem provocados, os sonâmbulos o fazem sob a influência do Magnetismo:

> "A maior parte dos sonâmbulos sente as dores das pessoas com as quais se põem em relação; essa sensação é fugitiva, não deixa traço ao despertar, se houver o cuidado de romper bem a *relação*." (Charpignon).

Os sonâmbulos percebem mais intimamente as perturbações gerais, funcionais, que atingem os órgãos essenciais à vida, do que os mais locais que afetam os membros e a superfície do corpo; isto devido à identificação momentânea que a relação estabelece entre o sistema nervoso do consulente e o do sonâmbulo, identificação que permite a este último apanhar todas as flutuações que sobrevêm no equilíbrio das correntes.

É a essa espécie de identificação nervosa entre magnetizador e magnetizado que se deve o fenômeno da *imitação*:

> "Se o magnetizador assoa-se, tosse, escarra, o sonâmbulo repete os seus atos; se toma rapé, ele espirra; picando-se ou queimando-se, o sonâmbulo sentirá nos mesmos lugares essas dores." (Charpignon).

Nem todos os sonâmbulos têm a percepção de igual maneira: uns reconhecem as perturbações doentias pela sensação dolorosa que experimentam; outros não parecem perceber sensação alguma, mas pretendem *ver* no interior do corpo e apanhar certos matizes que lhes permitem diagnosticar o estado dos órgãos.

Alguns há para os quais é inútil qualquer *contato*. Percebem simpaticamente, a *distância*, os sofrimentos do consulente; para outros faz-se preciso *tocar*; passeiam as mãos sobre o corpo com certa atenção, até que encontram o órgão doente.

> "Nas consultas dos sonâmbulos – diz Bertrand – é preciso cuidadosamente distinguir *o que eles declaram experimentar com o contato* dos doentes daquilo que *imaginam ver* no interior do corpo; o que eles dizem sentir merece muito mais confiança do que aquilo que acreditam ver."

Isso constitui uma distinção sutil, que se não deve fazer; um sonâmbulo ou é bom ou mau; se é bom, *vê* tão bem quanto *sente*; tudo se resume numa questão de individualidade e de grau, e se a lucidez se exerce em proveito dum terceiro é sempre mais ou

menos imperfeita ou mais ou menos duvidosa, é raro que se apanhe um bom sonâmbulo em falta, quanto à clarividência sobre si mesmo.

Eu tratava de uma jovem de 24 anos, Luíza C., que estava afetada, havia doze anos, de uma *atrofia muscular progressiva*; tinha as pernas completamente paralisadas e os braços começavam a ficar paralíticos; no fim de um mês de tratamento, a doente caiu em estado sonambúlico, tornou-se quase imediatamente muito lúcida; violentas crises anunciadas por ela, muitos dias antes, sucederam-se irremissivelmente; sob a influência do Magnetismo operou-se benéfica reação e a vitalidade voltou pouco a pouco às partes que ameaçava abandonar.

Luíza, em sono magnético, seguia diariamente esse trabalho de reorganização da Natureza, com interesse crescente; como *via* perfeitamente o interior do corpo, tinha prazer em pôr-me ao corrente das flutuações que o tratamento imprimia ao seu estado; o que lhe chamava principalmente a atenção era o aspecto dos seus músculos. Não possuindo nenhuma noção de anatomia, limitava-se simplesmente a explicar-me a seu modo aquilo que via.

Os músculos assim enferrujados pela inação, afiguravam-se-lhe, a princípio, como que empastados de substância amarelo-fosca, que parecia ter invadido os interstícios fibrilares; de amarela que era, essa substância tornou-se branca; depois, pareceu fundir-se e reabsorver-se; o sangue afluiu, então, mais abundantemente para o músculo, vindo restituir-lhe a vitalidade e mobilidade; mas, ao mesmo tempo, ela previu uma crise próxima e de grandes sofrimentos: "A vida volta – disse-me ela –, mas é acompanhada da inflamação; já se acha invadido o envoltório dos músculos por placas vermelhas, semeadas de milhares de botõezinhos; oh! como vou sofrer horrivelmente!" E passado um momento de silêncio, acrescentava: "Mas é necessário e depois passarei muito melhor".

As coisas realizaram-se como havia predito: no fim de algumas semanas os músculos das mãos, dos braços e das espáduas, depois de sofrimentos muito dolorosos, readquiriram a sua amplitude e tonicidade; o movimento voltou tão bem que ela

pôde depois escrever, coser e tocar piano, o que era incapaz de fazer, vendo-se cada dia ameaçada de ficar completamente paralítica como a irmã mais velha, que, com a idade de 32 anos, já tinha perdido o uso de pernas e braços. Essas duas pobres senhoras são vítimas de um mal congênito.

Não é absolutamente necessário pôr diretamente o sonâmbulo em relação com o doente, para obter uma consulta; pode-se utilizar corpos intermediários: um objeto tendo pertencido ao doente, ou que fosse manuseado por ele, um lenço, luva, uma carta, uma mecha de cabelos, bastam.

Os cabelos, principalmente, possuem a propriedade de conservar e manifestar melhor que qualquer outro objeto, o estado patológico do doente; os cabelos, esses *nervos externos*, como lhes chama Louis Lucas, são efetivamente, qual os nervos, verdadeiros acumuladores da força irradiadora; suas qualidades se modificam, ao mesmo tempo em que a irradiação nervosa se transforma com a idade; o sexo, o temperamento, a idiossincrasia, o estado de saúde ou de moléstia e, pode dizer-se que as impressões táteis e olfativas que eles dão acham-se em relação direta com as evoluções físicas e psíquicas do ser.

Qualquer sonâmbulo, ao qual se dê uma mecha de cabelos, procura primeiramente formar uma impressão pelo tato; manuseia-os, apalpa-os, alonga-os em todos os sentidos; submete-os, em seguida, ao exame do olfato, cheira-os por muito tempo; e o olfato, esse sentido *instintivo*, desenvolvido em tão alto grau entre os animais, parece aqui, por analogia, tirar do estado primitivo, que caracteriza o sono magnético, uma importância especial.

Enfim, numerosos fatos vêm provar a transmissibilidade possível das moléstias, o fenômeno se opera por transmissão direta ou indireta, por meio das correntes; é uma espécie de contato nervoso; o organismo do magnetizado percebe as menores perturbações nervosas do organismo do consulente.

Se assim é, compreende-se todas as precauções que se devem tomar com uma pessoa imersa no estado sonambúlico. Não se deve jamais deixá-la tocar por pessoas que não estiverem em

relação com ela. Cumpre evitar qualquer ruído ou choque que possam fazê-la cair em catalepsia ou em convulsões; nunca se deve despertá-la bruscamente, e quando esteja acordada, não lhe referir senão o que lhe for útil saber, a fim de não impressioná-la inutilmente. Os perigos atribuídos ao Magnetismo só são imputáveis à imprudência e à ignorância dos que abusam do estado sonambúlico, ou não sabem servir-se e tirar proveito dele.

CAPÍTULO VIII
Das causas que atrasaram o conhecimento e propagação das virtudes curativas do Magnetismo

Memória acerca da descoberta do magnetismo animal, publicada em 1779 por Mésmer. – Arresto da Faculdade contra o Dr. d'Eslon. – Relatórios sobre o Magnetismo, apresentados à Academia das Ciências e à Sociedade Real de Medicina, em 1784. – Imparcialidade de Jussieu. – Sociedades magnéticas da *Harmonia*; sua propaganda até a Revolução. – As árvores magnetizadas de Buzancy. – Os dois irmãos de Puységur; o padre Hervier, o abade Faria, Deleuze; os magnetizadores modernos. La Fontaine, Du Potet, etc. – Comissões de 1831 e de 1837. – Relatório de Husson. – Prêmio Burdin. – Os magnetizadores saindo de seus papéis de *curadores* para apresentarem o Magnetismo ao público e às corporações sábias; a opinião expressa por esses últimos só foi realmente dada quanto aos fenômenos de letargia, catalepsia e sonambulismo, e não sobre as virtudes curativas do Magnetismo. – Conseqüências desastrosas das crises e das experiências públicas. – Congresso Internacional de Magnetismo Curativo, em 1889. – Sua composição, seu fim e resultados.

A doutrina de Mésmer causou verdadeira revolução na França; as corporações sábias, dominadas pelo espírito de partido, profligaram-no com animosidade sem exemplo.

A memória sobre a descoberta do Magnetismo animal, publicada pelo mestre em 1779, foi o ponto de partida das hostilidades. Em 18 de setembro de 1780, a Faculdade de Medicina de Paris suspendia de seus direitos o Dr. d'Eslon e rejeitava as proposições de Mésmer, transmitidas por aquele doutor.

Em 27 de agosto de 1784, publicava um arresto proibindo a qualquer médico declarar-se partidário do Magnetismo animal, quer por meio de escritos, quer pela prática, sob pena de ser riscado do quadro dos doutores vigentes.

Nesse mesmo ano, a Academia das Ciências e a Sociedade Real de Medicina, pelo órgão de suas Comissões, uma composta dos doutores Sallin, J. d'Arcet, Guillotin, Majault, e dos acadêmicos Franklin, Le Roi, Bailly, de Bory e Lavoisier; a outra

composta dos doutores Mauduyt, Andry, Caillé e Poissonnier, declaravam que "o Magnetismo era *perigoso para os costumes e para a saúde*, e afirmavam que não tinha realidade alguma como fluido, pois consistia simplesmente em *provocar convulsões com arte, ou antes, por artifício*".

Essas decisões eivadas de prevenção e esses arrestos iníquos, visando aqueles que procuravam estudar os fenômenos, longe de desacreditarem Mésmer e sua doutrina, contribuíram, ao contrário, para aumentar o número dos seus partidários; essa injusta parcialidade teve como conseqüência abalar num grande número de espíritos o respeito que se podia ter às agremiações sábias, principalmente quando se viu o ilustre botânico Jussieu, cujo caráter e saber eram com justiça apreciados, separar-se dos seus colegas, recusar assinar o relatório da segunda Comissão de que fazia parte, e publicar uma memória especial, na qual, sem admitir inteiramente o sistema de Mésmer, concedia ao menos que ele continha certas verdades.

Em breve, formaram-se dois campos: os que negavam obstinadamente todos os fatos, e os que, pelo contrário, admitiam-nos com uma fé cega, levada algumas vezes até à exageração. Paris teve uma inundação de brochuras; toda gente tomou partido pró ou contra as novas doutrinas; mas a perseguição injusta e o ostracismo das corporações sábias não fizeram mais do que excitar uma violenta reação.

Mésmer ofereceu transmitir o segredo do seu método a um certo número de subscritores; apesar do preço elevado da subscrição, que era de cem luíses, o número dos subscritores, que devia ser de cem no começo, foi muito excedido.

Os membros desta Sociedade, de posse do método do Mestre, espalharam-se pelas províncias, onde foram propagar gratuitamente o conhecimento do Magnetismo.

Um movimento prodigioso se operou. De todos os lados formaram-se sociedades magnéticas, sob o nome de "Sociedades de Harmonia", que se ocupavam do tratamento das moléstias: Lyon, Bordeaux, Nantes, Rouen, Strasburgo, tiveram suas clínicas gratuitas, para onde afluíam os doentes em multidão. O Marquês

de Puységur, retirado em sua terra de Buzancy, próximo a Soissons, fazia maravilhas ao derredor de suas árvores magnetizadas, nos tratamentos em comum, por meio da cadeia.

Em França, por toda parte, apesar da opinião emitida pelas corporações sábias, curava-se pelo novo método; relatórios, constatando as curas, eram impressos e espalhados em profusão para esclarecimento das massas; depositavam-se os originais das peças justificativas no cartório dos tabeliães, acompanhados de depósitos pecuniários em apoio, destinados a serem postos à disposição dos incrédulos que desejassem acompanhar a verificação dos fatos, ou sua veracidade.

> "Nunca – diz Du Potet – a medicina ordinária ofereceu ao público o exemplo de semelhantes garantias."

Esse movimento de propaganda, sustentado por numerosas revistas, foi admirável; estendia-se como um rastilho de pólvora a todas as províncias, quando de súbito explodiu a revolução que o fez parar na sua propaganda. A tempestade política, fazendo que tudo se obscurecesse, fez com que também caminhassem para a penumbra as artes e as ciências; surgiram outros interesses a defender, que não os da verdade; e cada qual teve de pensar em si; os discípulos de Mésmer, todos ricos e titulados, para salvarem a vida, foram obrigados a se expatriar e dispersaram no estrangeiro; as Sociedades da Harmonia desapareceram, fez-se silêncio em torno do Magnetismo, que em breve ficou esquecido.

Só depois da Revolução e do primeiro Império, na época do restabelecimento geral da paz na Europa, é que o Magnetismo animal fez sua reaparição. Mas, a partir desse tempo, só se registram esforços individuais e intermitentes, que não podiam ter o alcance que prometia o grande movimento de propaganda anterior à Revolução.

Os dois irmãos Puységur, de volta do estrangeiro, recomeçaram seus estudos magnéticos; o padre Hervier curou numerosos doentes; o abade Faria estabeleceu cursos e sessões de fascinação; depois, vemos desfilar na história do Magnetismo os nomes bem conhecidos de: Deleuze (o sábio naturalista que, devido aos seus escritos, foi chamado o Hipócrates do Magnetismo), Du

Potet, La Fontaine, Pigeaire, Durand de Gros, Aubin Gauthier, Charpignon, Teste, Ricard Despine, Puel, Geraud, Huguet, Berna, Frappart, Morin e tantos outros.

Durante esse período, por duas vezes a Academia voltou ao exame do Magnetismo, em 1831 e 1837.

A primeira Comissão, a de 1831, composta de Bourdois de la Motte, Fouquier, Gueneau de Mussy, Guersent, Itard, J. J. Leroux, Marc, Thillaye e Husson (relator), concluiu pela existência dos fenômenos magnéticos. O relatório que apresentou não foi, porém, submetido à discussão da Assembléia e ficou sepultado nas pastas.

Quanto à segunda Comissão, a de 1837, composta por Bouillaud, Roux, H. Cloquet, Emery, Pelletier, Caventon, Cornat, Oudet, Dubois d'Amiens (relator), enterrou definitivamente o Magnetismo. O Prêmio Burdin de 3.000 francos, oferecido a qualquer sonâmbulo que pudesse ler sem auxílio dos lhos, da luz e do tato, não tendo podido ser levantado pelos dois magnetizadores Pigeaire, de Montpellier, e Hublier, de Provins, que haviam tentado com seus sonâmbulos ganhar o desafio, a Academia de Medicina, por proposta de um dos seus membros, o Sr. Double, decidiu que desde então não se ocuparia mais do Magnetismo, questão que colocava desde logo no mesmo plano da *quadratura do círculo* e do *moto contínuo*.

Do rápido esboço que precede, podemos deduzir este útil ensino: que o Magnetismo curativo, abandonado constantemente num segundo plano pelos próprios magnetizadores, viu sempre a sua vulgarização obstada pela produção dos fenômenos do *sono provocado*.

Aí estão os fatos para demonstrar que os partidários e propagadores mais convictos das virtudes curativas do Magnetismo, ao invés de se empregarem simplesmente em trazer à publicidade essas virtudes preciosas, multiplicando o número de curas, detiveram-se, por um zelo intempestivo, a pôr em cena pacientes sonambúlicos e aplicaram-se a reproduzir de preferência a série de fenômenos a que com tanta justiça se chamou *A Magia do Magnetismo*.

Foi por esse lado incerto e perturbador que procuraram tornar popular o Magnetismo, foi por essas questões complexas, onde o acaso representa um papel tão importante, que eles atraíram a atenção das Academias.

Forçados a saírem do seu verdadeiro papel, o de *curadores*, para formarem sonâmbulos, que entregavam-se depois a todos os azares das experiências públicas ou do exame céptico de comissários mais ou menos bem intencionados, correram ao encalço de decepções inevitáveis, que fizeram com que fossem tratados como impostores; e desse modo, por culpa própria, comprometeram o Magnetismo, fazendo com que os adversários envolvessem na mesma reprovação não só as experiências teatrais, que não conseguiram resultado, como ainda as virtudes curativas que nem sequer estavam em questão.

Se, desde o começo, as teorias de Mésmer encontraram uma oposição tão viva, se seus processos foram tão severamente condenados pelas sociedades sábias, não resta dúvida que a causa é atribuída àquela encenação ruidosa que o mestre julgara dever empregar para impressionar as imaginações e atrair a atenção pública sobre o seu método.

A famosa *cuba*, a *varinha mágica*, as esquisitices de vestuário e os misteriosos acordes de cítara que armavam o efeito; as convulsões que duravam horas inteiras, com estremecimentos, gritos agudos, choros ou risos imoderados, sufocações, sobressaltos; as mulheres que caíam com ataques e cujos espartilhos se afrouxavam em público, tudo isso era bem aparelhado para impressionar as almas tímidas e crédulas; mas, para os espíritos fortes e cépticos, eram apenas *"ninharias escandalosas, dum manejo cheio de embustes"*.

A *câmara das crises*, cognominada *"o inferno das convulsões"*, não se prestava para dar uma idéia do poder calmante e equilibrante das *imposições* e dos *passes*; não podia contribuir senão para afastar os espíritos de uma tal concepção.

Não se daria o mesmo com as cadeias magnéticas formadas pelo Marquês de Puységur em derredor das árvores de Buzancy? Ali não havia, talvez, o espetáculo das convulsões produzidas

pelos tratamentos públicos de Mésmer; mas esse *sono nervoso* em que caíam os doentes, a singularidade dessas cenas em pleno ar, onde as árvores representavam papel tão imprevisto, forneceram aos adversários do Magnetismo um amplo alimento à sua maledicência e às suas sátiras.

> "Os camponeses de Buzancy – diz Izidore Bourdon nas suas *Cartas a Camilo* – eram muito ingênuos para imitarem os espasmos e o nervosismo da alta sociedade; mas, em vez de convulsões e de caretas, adormeciam muito simplesmente, ou por canseira ou depois de beberem, ou mesmo por complacência e polidez para com um hóspede que lhes pagava tão generosamente em mesa franca, à sombra de fresca ramagem."

O alcance benéfico e curativo do Magnetismo ainda se eclipsava aqui por detrás da singularidade dos fenômenos sonambúlicos, que se manifestavam aos olhos pasmos de uma multidão desconfiada ou ávida de ilusões; ninguém se dava ao trabalho de ir até ao fundo daquelas coisas, ninguém procurava saber se todas aquelas pessoas se restabeleciam: o que principalmente impressionava era a originalidade dos processos empregados. De fato, em todas as circunstâncias o conceito público apenas se deteve sobre fenômenos aparentes, e não sobre as virtudes ocultas do Magnetismo.

Foi assim que o abade Faria, com seus grandes gestos fascinadores e voz de trovão, não conseguiu mais do que se fazer passar por charlatão e atrair os epigramas e gracejos da imprensa, em vez de fazer adeptos para o Magnetismo. Foi do mesmo modo que o Sr. Berna, esse magnetizador que em 1837 pretendia trazer à Academia de Medicina fatos concludentes em favor do Magnetismo, por meio de experiências realizadas em pacientes sonambúlicos, não conseguiu, por insucesso dos seus sonâmbulos, senão provocar a negação dos fenômenos cujas provas ele queria dar: transposição dos sentidos, sugestão mental e clarividência.

Finalmente, foi também assim que os doutores Hublier e Pigeaire, na sua avidez de provar a possibilidade de ler sem o

auxílio dos olhos, em estado sonambúlico, fracassaram no concurso para o Prêmio Burdin e tornaram fulminante a condenação do Magnetismo.

Ora, em substância, quais são as conclusões das Comissões que se pronunciaram contra os processos magnéticos? Essas conclusões se limitaram às seguintes declarações:

1ª) As *crises* e as *convulsões*, por causarem abalos violentos, são nocivas ao organismo;

2ª) Os efeitos desastrosos que se observam nos tratamentos públicos, provenientes da ação da imaginação em exercício, dessa imaginação maquinal que nos leva, mau grado nosso, a repetir o que impressiona os nossos sentidos, podem, não só apresentar perigos para os que são objeto desses efeitos, senão também para aqueles que os testemunham;

3ª) Todo tratamento público, em que esses meios são empregados, não pode ter, com o decurso do tempo, senão efeitos funestos (*Relatório de Bailly*, 1784);

4ª) Em suma, esse pretenso meio de curar, que se reduz a *uma irritação violenta das regiões sensíveis à imitação e aos efeitos da imaginação*, é pelo menos inútil para aqueles que não têm convulsões e muito nocivo aos que as têm (*Relatório de Poissonnier*, 1784).

Esse conceito condena, porventura, um método curativo que exclui formalmente as crises provocadas e as convulsões? De modo algum. Ele visa unicamente os processos violentos, que nós mesmos reprovamos. E, mais tarde, em 1847, os juízes declaram que nenhuma prova especial lhes pôde ser trazida pelo Sr. Berna:

1º) sobre a existência dum estado particular, chamado "estado de sonambulismo magnético";

2º) sobre a abolição e a restituição da sensibilidade;

3º) sobre a obediência a uma ordem mental;

4º) sobre a transposição dos sentidos;

5º) sobre a clarividência magnética.

É evidente que esses juízes não se preocuparam senão com fenômenos submetidos à sua apreciação, isto é, os do *sono provocado*; e, do conjunto dos fatos que precedem, resulta que eles nunca se pronunciaram categoricamente sobre a existência ou alcance das virtudes curativas, que não foram apresentadas à verificação.

Se os defensores das virtudes curativas se tivessem prudentemente abstido de produzir em público, ou perante sociedades sábias, essa série de fenômenos estranhos, *dos quais não há uma só experiência que não possa ser simulada por compadres adestrados*, e que compreende a catalepsia, a letargia, o sonambulismo e o êxtase, não teriam levantado contra eles esse grito de indignação e de injúrias, e não teriam sido tratados, do mesmo modo que o seu mestre, como escamoteadores, visionários, charlatães e impostores.

Se se limitassem ao papel mais obscuro de *curadores*, se simplesmente tivessem feito a *imposição das mãos*, no recolhimento do silêncio, a fim de praticarem o bem, se em vez de procurarem os aplausos da multidão nas reuniões públicas, atraíssem a simpatia geral, teriam, assim, servido melhor a causa da humanidade.

Sei que homens profundamente dedicados, curadores de grande talento, quais o foram La Fontaine e Du Potet, não compartilharam dessa maneira de ver; convencidos de que, para fazerem-se aceitar fenômenos tão novos como os que produz o Magnetismo, não bastam relatórios nem se deve magnetizar na sombra, eles entendiam que a melhor obra de propaganda é pôr esses fenômenos aos olhos do público sob uma forma que permita compreendê-los e apreciá-los.

Esses magnetizadores deram freqüentemente sessões públicas de sono provocado, fascinação, catalepsia, letargia e êxtase, acreditando que podiam tornar-se momentaneamente *hipnotistas* para as necessidades da causa.

É, não hesitamos em proclamá-lo, um alvitre mais perigoso do que útil. Essas representações teatrais ruidosas, desordenadas, essas experiências de salão, onde a vaidade do operador não se

exime de representar um certo papel, não fizeram dar um passo ao Magnetismo e contribuíram para lançar a todos, mesmo o corpo médico, na estrada das experimentações hipnóticas.

A única propaganda útil a favor do Magnetismo curativo é a que foi empreendida antes da Revolução pelas Sociedades da Harmonia; depois dessa época, tudo quanto se fez só contribuiu para afastá-lo do seu objetivo; uma reação séria fazia-se necessária; foi o que compreenderam os promotores do Congresso Internacional de Magnetismo, que se realizou em Paris por ocasião da Exposição Universal de 1889.

Esforçaram-se pela reunião desse Congresso a fim de combaterem os preconceitos de que era vítima o Magnetismo e para publicarem os recursos inesgotáveis, que é possível tirar desse agente da Natureza, exclusivamente empregado para o *alívio* e *cura dos doentes*.

Esse congresso, que deu sessões de 21 a 26 de outubro, na rua Grenelle, no local da Sociedade de Horticultura, e que terminou por um grande banquete no domingo, 27 de outubro, em casa de Lemardelay, teve como presidente de honra o Dr. Puel, veterano do Magnetismo, distinto botânico, cuja idade avançada e trabalhos o designavam para aquele posto de honra.

A diretoria era assim composta: Conde de Constantin, *presidente*; Dr. Huet (de Vars), Dr. Gerard, Dr. Foveau de Gourmelles, Dr. Baraduc, Fabert, publicista, *vice-presidentes*; Millien, *secretário geral*; A. Santareille, *tesoureiro*.

Apesar de constituído depois de uma decisão um pouco tardia, esse congresso teve numerosos aderentes e todas as questões importantes do Magnetismo foram ali tratadas do ponto de vista da medicina, da legalidade e da consciência; afirmaram-se, principalmente, as propriedades curativas do magnetismo fora do sonambulismo e discutiram-se os perigos que apresentavam as sessões públicas experimentais sob o ponto de vista da propagação dos verdadeiros princípios. Numerosos oradores tomaram parte nas discussões, que duraram oito dias:

Os doutores Hurguet, Gérard, Foveau, Baraduc, Peyronnet, Angerville e os Srs. de Meissas, Bouvier, de Rochas, Ragaczi,

Labrousse, Durville, Wirth, Milo de Meyer, Rouvier, Sausse, Guyonnet du Pérat, Moutin, Reybaud, Donato, de Casti, Barão de la Guérinière, Armand Noisel, Gabriel Pilin, Simonin, etc., tomaram sucessivamente a palavra.

O relatório geral, no qual estão consignadas as atas das sessões do Congresso, representa um grosso volume em 8º de 370 páginas, publicado em Paris pela casa de Georges Carré.

No número dos votos formulados pelo Congresso internacional, salientamos os seguintes:

1º) A *prática livre* do Magnetismo curativo, chamado *mesmeriano*, do mesmo modo que a prática da hidroterapia, da massagem, da ortopedia e geralmente de todos os adjuvantes da arte de curar, não implica a obrigação dum título oficial, para ser aplicada;

2º) A criação, em Paris, de uma *Escola de Magnetismo* (com adjunção de uma *clínica*) podendo, no fim de certo tempo de estudos, conceder um diploma de magnetizador aos alunos que apresentarem garantias suficientes de ciência e moralidade.

Infelizmente, para atingir a realização desses votos, faz-se mister um conjunto de condições muito difíceis de reunir: precisa-se, principalmente, de capitais. Ora, a utilidade do Magnetismo não se acha ainda suficientemente reconhecida para estimular os generosos donativos dos filantropos e decidi-los a fundar uma obra humanitária desse gênero. Além disso, é necessário que homens de saber incontestável e de respeitabilidade a toda prova, tomando a peito a direção da nova idéia, se esforcem por arrancar o Magnetismo do descrédito em que o fizeram cair as intervenções descriteriosas.

Quando o Magnetismo, dignamente patrocinado, tiver feito publicamente suas provas e firmar-se por suas curas, não duvidamos que a verdade transpareça e o bom senso público e o amor do próximo acabem por triunfar dos obstáculos que ainda hoje impedem a marcha do progresso.

CAPÍTULO IX
O exercício do Magnetismo sob o ponto de vista legal

O preconceito que consiste em só considerar o Magnetismo sob a forma do *sono provocado* pode contribuir para obstar o seu livre exercício. – Processo de Montpellier (1836). – Defesa do Barão Du Potet perante o Tribunal Correcional e a Corte régia. – Processos de Bressuire e d'Angers (1842-1845). – Defesa do advogado Charles Ledru, no Tribunal de Paris. – Opinião de Royer-Collard e dos Drs. Péan, Péter, Chevandier e de Pietra-Santa sobre o exercício da Medicina, ao presidente do Congresso Internacional de Magnetismo em 1889. – O Magnetismo é uma propriedade coletiva sobre a qual ninguém tem o direito de primazia. – Exemplos de casos desesperados em que o Magnetismo tem sido, ou poderia ser de grande auxílio à Medicina. – Odisséia de um infeliz reumático. – Uma operação evitada pelo Magnetismo. – Conseqüências de uma operação inoportuna, reparadas pelo Magnetismo. – Efeitos poderosos do Magnetismo no crupe. – A morte de Jules Ferry.

Nas condições em que o Magnetismo foi apresentado ao público e às Sociedades sábias por aqueles mesmos que louvavam suas virtudes e procuravam propagar-lhe a aplicação, compreende-se quantas dificuldades deveria encontrar o seu livre exercício. O estado sonambúlico em que caem os pacientes, as crises de letargia e catalepsia que acompanham quase sempre aquele estado *provocado*, eram apropriadas a melindrarem as suscetibilidades, inquietarem as consciências e afastarem de um tratamento que aparências desagradáveis tendiam a fazer proscrever, tanto mais quanto os sonâmbulos, prescrevendo remédios, colocam-se diariamente em contravenção flagrante com as leis acerca do exercício da Medicina.

O preconceito consistente em considerar o magnetismo somente sob a forma de *sono provocado*, devia forçosamente atrair a atenção daqueles que têm a missão de velar pela aplicação das leis e pela conservação da saúde pública; e eis porque os magnetizadores foram, em todos os tempos, mais ou menos obstados quanto ao livre exercício da sua prática, por juízes e médicos.

Amargamente se têm eles queixado; porém, como já o demonstramos, cumpre convir que eles próprios são merecedores de muitas censuras.

Finalmente, devemos fazer justiça a quem de direito; todas as vezes que o Magnetismo compareceu perante os tribunais, estes o absolveram, convencidos da lealdade dos delinqüentes e da sua intenção bem firme de não violarem a lei, abstendo-se de prescrever qualquer medicação.

Neste gênero, o mais célebre processo foi o que teve de ser sustentado por Du Potet, em Montpellier.

Em virtude da queixa do reitor da Academia, que na obra de propaganda magnética do célebre magnetizador tinha visto uma infração à lei, Du Potet compareceu ante o Tribunal de Polícia Correcional e ante a Corte Régia daquela cidade, nos dias 15 e 27 de junho de 1836, e foi duas vezes absolvido.

Du Potet, cujos cursos e tratamentos públicos tinham produzido na Academia e na cidade uma verdadeira revolução, não quis tomar advogado e produziu ele próprio a sua defesa.

Eis, em substância, o que disse aos juízes:

> "Senhores:
>
> A Natureza oferece um meio universal de curar e preservar os homens. A Faculdade de Medicina não quer que isto seja verdade; censura aqueles que se oferecem para vos convencer deste fato: imitareis tal modo de proceder?
>
> Não poderei, perante vós, justificar os magnetizadores da suspeita de impostores, que pesa sobre eles?
>
> Todo o meu crime é ter solicitado o exame público, não de uma *doutrina*, mas de simples fenômenos que os sábios da vossa cidade ignoram. A mocidade respondeu ao meu apelo; quis formar sua opinião sobre uma coisa ainda fora da ciência atual; quis saber se o descrédito lançado pelos sábios ao Magnetismo era merecido; desdenhando, por momentos, as tradições da Escola, esses jovens estudantes apressaram-se a ver os novos fenômenos.
>
> Condenar-me-eis por tal fato?

Condenaríeis Paganini por ter arrancado sons novos do seu instrumento? O abade Parabère, porque a sua organização faz-lhe encontrar mananciais?

O primeiro que imantou uma barra de ferro e apresentou-a à multidão, não seria também culpado? Condenaríeis a Galvani e Volta, sê eles viessem demonstrar os incríveis efeitos de uma pilha de metais diversamente superpostos?

Em que sou mais culpado do que eles?

Pequei contra a moral? – Ensino os homens a fazerem de suas reservas vitais o emprego mais nobre: *aliviar os sofrimentos dos seus semelhantes*.

Transgredi a lei do ensino ou da Medicina? Que faço eu? Será Física, Química, Medicina ou alguma coisa que exceda em grandeza a todas essas ciências?

Há nisto uma ciência, ou uma arte?

Eu mesmo não sei; tudo quanto posso dizer-vos, é que ensino a produzir o sono sem *ópio*, a curar a febre sem *quina*; a minha ciência dispensa as drogas, a minha arte arruína os boticários.

Nós, magnetizadores, damos forças ao organismo, sustentamo-lo quando ele sucumbe; damos *óleo à lâmpada, quando ela já não o tem*.

Vede quanto nos diferençamos dos sábios: estes, com toda a sua ciência, só conseguem eliminar a vida; nós damos-lhe maior duração.

O seu saber está contido em um livro, o nosso reside na própria natureza de cada ser.

O nosso ensino é fácil e simples: não necessitamos de dissecar os cadáveres e os vivos.

Não é uma ciência de *palavras*: é uma ciência de *fatos*.

Considerais culpado um homem leal que quis dar provas daquilo que ele acredita ser uma potência nova capaz de prestar serviços importantes aos seus semelhantes?

Um homem que só procurou pôr em ação as propriedades do seu ser?

Será acaso necessário que eu vá pedir ao Sr. ministro e ao Sr. reitor a permissão de caminhar?

Caminhar, magnetizar, não constituem, em uma palavra, faculdade natural do homem?

Grande número de sábios crê honrar-se grandemente, rejeitando sem exame as coisas novas. O tempo, no seu curso, lhes dará uma severa lição. Um dia o Magnetismo será a glória das escolas, os médicos empregarão os processos que atualmente condenam.

Finalmente, não se pode impedir de proclamar uma verdade.

Calar-se, porque esta verdade pode ofuscar certos espíritos prevenidos ou retardatários, é, na minha opinião, mais do que um crime: é uma covardia."

Esse processo retumbante, facultando a tribuna ao valente propagandista e dando-lhe ocasião de exprimir altivamente o seu modo de pensar, atraiu aos seus cursos públicos grande número de alunos e de doentes.

O mesmo ostracismo universitário, tendendo a tolher o vôo do Magnetismo, nem por isso continuou menos a dominar, e alguns anos mais tarde, em 1842, vemos Lafeuillade, procurador do rei junto ao Tribunal de Bressuire, exercer perseguições contra um magnetizador chamado Ricard. Esse curioso processo durou três anos, de 1842 a 1845.

Condenado em Bressuire, Ricard conseguiu a anulação do processo no Tribunal de Cassação, e finalmente a absolvição definitiva perante a Corte de Angers, para onde fora remetido.

Da eloqüente defesa do advogado Charles Ledru, no Júri de Paris, patrono de Ricard, destacamos este quadro típico das flutuações e das contradições da arte médica, mostrando que ela obedece às mais arbitrárias especulações, reflete todas as fantasias e excentricidades do cérebro humano e edifica sistema contra sistema.

Defesa do advogado Charles Ledru no Tribunal de Paris

Não são os magnetizadores os únicos, neste mundo, cuja doutrina seja fortemente combatida. Quanto aos médicos, é bem sabido que eles nem sempre adotam a mesma opinião, já não direi sobre uma moléstia qualquer, porém sobre o modo geral de curá-la.

Tomemos unicamente das mais famosas teorias médicas deste século.

O célebre escocês *Brown* explica a maioria das moléstias por uma eliminação da força vital: é o *estado astênico*, para usar das sua linguagem; conseqüentemente, os doentes dessa escola estão colocados sob o regime dos *estimulantes*. Essa consoladora teoria foi derribada por um doutor não menos célebre, o italiano *Rasori*.

Este, só via por toda parte *inflamações*; em vez de *estimulantes* aplicava *contra-estimulantes*! É o pai intelectual dos Srs. *Broussais* e *Bouilland*.

A verdade é uma só. Pois bem, eis-nos, portanto, em presença de dois sistemas.

Um trata a *gastrite* com *água de gema*, o outro com *pimenta do reino* e *mostarda*. A cura, na opinião de um, está numa alimentação excitante, substancial, num vinho generoso. "Acautelai-vos com tudo isso, diz o outro, *fora das sanguessugas e da dieta*, *não há salvação*."

Ainda isso é nada:

"Chega *Hahnemann* e a homeopatia, em vez da máxima *"Contrária contrariis curantur"* emprega a máxima diametralmente oposta: *"Similia similibus curantur"*. Escutai-os: "A *alopatia* é a moléstia e a morte revestidas com o manto de uma ciência mentirosa. O sol das inteligências é Hahnemann, e o tesouro da saúde se oculta nas doses infinitamente pequenas."

Não acrediteis que fiquem sem dar resposta os alopatas.

"Que são os discípulos de Hahnemann?

“Ignorantes, charlatães, profanadores de um culto, que são indignos de compreender.”

E como esses senhores têm ao menos a vantagem da prioridade e das posições feitas, servem-se para com a nova escola dos mesmos processos que sempre empregaram os que possuem, contra aqueles que querem possuir. Foi assim que a Faculdade de Montpellier riscou dos seus registros o nome de um mancebo cheio de ciência e de talento, dizem, e cujo crime consistia no exagerado culto ao novo deus.

Eis aí, senhores, o que é a ciência humana, a ciência chamada *positiva*.

Ora, admitindo o sistema do Sr. Procurador do Rei em Bressuire, que acontecerá no mundo judiciário? Aqui, um procurador *alopata* fará condenar à prisão todos os *homeopatas*; ali, um juiz *homeopata*, fará condenar à penitenciária os *alopatas*; e assim procederão os juízes de instância e de apelação à voz do Ministério Público, uns sob a bandeira de *Brown*, outros sob a de *Broussais*, e ainda outros sob a de *Hahnemann*. Para chamar à razão os cavaleiros desta nova cruzada, será necessário criar no Tribunal de Cassação uma sessão médica que estabeleça os bons princípios em relação à enxaqueca e a verdadeira jurisprudência em matéria de remédios.

A lógica requer que assim seja. Quando isto se der, chegará por seu turno o meu amigo *Raspail* com os seus cigarros salutares, e, juiz de todos os sistemas, lhes dirá com aquela voz conhecida, estimada e respeitada: “Há dois mil anos queixamo-nos de que a linguagem na medicina é uma algaravia ininteligível para o doente; que os seus recursos são alienadamente preconizados e repudiados pelos pontífices do templo, de modo que não existe um só tratamento que, depois de haver tido a maior voga, não seja cedo ou tarde acusado de ter feito sucumbir todos os que se submeteram à sua ação! Como, porém, o médico é irresponsável e o seu diploma lhe confere direito a todas as ousadias, do mesmo modo que a legalidade da fórmula põe à coberto a imprudência e a inoportunidade da prescrição, não assiste aos sobreviventes o direito de vingarem os mortos senão com a arma do ridículo. Não se pode citar o médico senão para o tribunal de Molière;

e ali, muitas vezes, quem se ri com mais vontade é o médico, que não deixa de ter sua razão. O mais ridículo nesse ponto não é ele, são os outros. "Porque – assim dizia La Bruyère –, enquanto os homens puderem morrer e tiverem amor à vida, a Medicina será ridicularizada, mas... será paga".

Vede, senhores, que se podemos fazer em nome da Medicina e contra o Magnetismo requisições eloqüentes, não será difícil ao Magnetismo levar a guerra ao campo dos seus inimigos; ou antes, vede quão ridículo se torna resolver por violências, difamações, prisões e ultrajes, quaisquer questões de Ciência.

Talvez, quem sabe? não haja uma só cuja perfeita solução seja possível à fraqueza da nossa inteligência, e que nestas coisas só haja de verdade o grito sublime do poeta perguntando ao seu gênio onde estava a sabedoria?

"Socrate la chercahait aux beaux jours de la Grèce.
Platon, à Sunium, la cherchait après lui!
Deux mille ans sont passés, je la cherche aujourd'hui.
Deux mille ans passeront, et les enfants des hommes
S'agiteront encore dans la nuit où nous sommes!..."

Esta incerteza da Ciência, que o advogado Charles Ledru tão judiciosamente assinala na sua eloqüente defesa, convida, efetivamente, os verdadeiros sábios a um grande ecletismo nos seus conceitos, com muita indulgência para os investigadores.

> "Por que razão – exclamava o célebre professor Roger Collard, em plena Academia, no dia 31 de maio de 1842 – não será cada qual livre de procurar a Verdade como entender, mesmo pelos mais estranhos caminhos?
>
> A ciência oficial será tão positiva, tão invariavelmente estabelecida, que se possa afirmar que em alguns anos ela não se vos afigurará tão falsa quão verdadeira vos parece hoje?
>
> Eu sou dos que pensam que a liberdade ilimitada das opiniões, uma vez que só ataque as opiniões e se não traduza em atos nocivos ou repreensíveis, é sempre um benefício muito maior do que o mal que acarreta o seu abuso.

Que, portanto, se uma polícia médica qualquer pretendesse guerrear a *homeopatia*, – chamando as coisas pelo devido nome – ao *Magnetismo*, mesmo que fosse em busca da *pedra filosofal*, eu seria o primeiro a tomar a sua defesa, protestaria alto e publicamente contra qualquer tentativa desta natureza."

Essa opinião, tão energicamente expressa pelo Sr. Roger Collard, acha-se hoje cada vez mais partilhada por espíritos elevados, e ainda ultimamente, num banquete da *Sociedade Francesa de Higiene* a que assistimos, ouvimos o grande cirurgião Péan, o célebre e lembrado professor Petér, o doutor Chevandier, deputado pelo Drôme, redator da nova lei sobre a Medicina, o doutor de Pietra-Santa, o honrado secretário geral dessa Sociedade, *todos filhos de suas obras* – pronunciarem discursos notáveis e, na essência, de um ecletismo liberal que os honra profundamente, com aplausos unânimes dum auditório numeroso, em que primava o escol da Ciência e do jornalismo. Vimos esses mestres levantarem suas taças em saudação *"a todas as liberdades científicas"*.

Ainda ultimamente, quando os magnetizadores apreensivos com as conseqüências que lhes podiam advir do novo projeto de lei, sobre o exercício da Medicina, dirigiram uma petição à Câmara dos Deputados, o redator da lei, Dr. Chevandier, de quem acabamos de falar, apressou-se a lhes acalmar as inquietações com a seguinte carta dirigida ao Conde de Constantino, presidente do Congresso Internacional de Magnetismo Curativo, em 1889:

"Senhor Presidente.

A Comissão encarregada do estudo do projeto de lei sobre o exercício da medicina teve de examinar as numerosas petições junto à que foi feita pelo secretário do Congresso Internacional do Magnetismo Curativo, em 1889.

Foi reconhecido, por *unanimidade* dos membros presentes, que a lei sobre o exercício da Medicina não compreendia os massagistas nem os magnetizadores, *enquanto tão somente aplicarem seus processos ao tratamento das moléstias*.

Que cairiam sob a ação da lei no dia em que, sob a aparência de massagem, Magnetismo ou Hipnotismo, exercessem Medicina e prescrevessem medicamentos.

Nestas condições, a Comissão, acreditando ter respondido às petições que lhe chegaram às mãos, prescinde de ouvir os seus autores.

O que acabo de referir está consignado no meu relatório.

Aceitai, Sr. Presidente, os protestos da mais elevada cordialidade.

(Assinado) Dr. Chevandier, Relator.*"*

Conseqüentemente, desde que os magnetizadores só apliquem seus meios práticos ou seus processos (isto é, *as imposições e os passes*) no tratamento das moléstias; enquanto não exercerem medicina *prescrevendo medicamentos*, não cairão sob a ação da lei, e poderão magnetizar livremente.

É de inteira justiça, porque o Magnetismo animal, cuja virtude benéfica Mésmer proclamou no meio dessa onda de aclamações, de desprezos, de assentimentos e negativas, que acolheram as suas primitivas declarações no fim do último século, tornou-se propriedade de todos.

Como muito bem o disse La Fontaine, esse mestre honrado, "cada um de nós tem a missão de reclamar-lhe o livre exercício, porque ele é o seu bem pessoal, é a sua vida; é mais ainda: é o bem de todos, é uma propriedade coletiva, que ninguém tem o direito de monopolizar. É o *maná celeste* que no momento psicológico, quando toda a esperança parece irremediavelmente perdida, para o doente abandonado pela Medicina, curvado ao sofrimento, apresenta-se refazendo suas forças esgotadas, trazendo-lhe ao mesmo tempo a saúde e a esperança."

Quantas vezes, desde que me ocupo de Magnetismo, tenho pessoalmente experimentado esta alegria sem mescla, que nenhuma outra pode igualar: a de restituir a saúde a indivíduos que a julgavam perdida para sempre. Não posso citar todos os casos em que esta suave satisfação me foi concedida; somente escolhe-

rei alguns dos mais importantes, a fim de mostrar quanto seria injusto privar os doentes desse supremo recurso.

1º caso – Odisséia de um infeliz reumático

Estamos em setembro de 1873. Achava-me ainda em Angers, no 11º Regimento de Couraceiros (antigos Carabineiros da Guarda) e tinha resolvido retirar-me do Exército, a fim de me entregar mais livremente aos estudos. As numerosas experiências magnéticas que tinha feito de muitos anos, nessa cidade, e os resultados que obtivera em casos reputados incuráveis pela própria Academia, tinham-me granjeado uma certa notoriedade. Recebi de um negociante da cidade, Sr. D., a longa *narrativa* seguinte; apesar da sua extensão, transcrevo-a por inteiro, porque dá, acerca do doente e da sua moléstia, detalhes muito precisos, de tal modo interessantes, que eu não poderia fazer do caso que vou expor uma pintura mais empolgante.

Nada pode dar melhor uma idéia verdadeira da insuficiência da arte médica, do que esta simples narração de um homem cruelmente atacado pela enfermidade e pedindo, debalde, durante mais de vinte e cinco anos, à Medicina um alívio aos seus sofrimentos. Mostra-nos, também, como às vezes os maiores mestres dessa arte, imbuídos de um pirronismo intratável, podem transviar-se nos seus julgamentos e tornar-se vítimas de seus preconceitos pessoais aqueles que, à fé dos compromissos, cheios de cega confiança na elevada notoriedade de que gozam, vêm apelar para as suas luzes.

> "Angers, 24 de setembro de 1873.
>
> Senhor.
>
> No inverno do ano de 1850 (tinha eu 21 anos), fui subitamente afetado de violenta moléstia de rins, que em breve se complicou com uma dor aguda que partia do quadril direito e descia, em seguimento ao nervo ciático, até ao joelho e à barriga das pernas.
>
> Tintureiro de profissão, é provável que tivesse apanhado um resfriamento ao passar da oficina para o rio, a fim de lavar as lãs; tive que entrar para o hospital e seguir um trata-

mento. Tomei alguns banhos sulfurosos, sem resultado; depois, aplicaram-me vesicatórios volantes sobre os rins, coxas e barriga das pernas.

Não tendo produzido efeito esta primeira aplicação, deixaram-na, e os vesicatórios foram curados com *cloridrato de morfina*. Ao fim de alguns dias, tendo melhorado, – o que atribuo antes à força da minha constituição do que ao próprio tratamento, – pude sair do hospital. Longe estava de considerar-me curado, por isso que experimentava sempre dores atrozes em todo o lado direito e era obrigado a caminhar de muletas. Aconselharam-me tisanas quentes e fumigações de hera aquecida ao forno, a fim de determinar abundantes transpirações.

Os suores acalmavam um pouco as dores, mas enfraqueciam-me consideravelmente.

Contudo, pouco a pouco, consegui recuperar certa energia. Abandonei as muletas pelo uso de uma simples bengala e finalmente, com auxílio da calma do Estio, breve achei-me suficientemente forte para recomeçar o trabalho.

Passados dezoito meses, a moléstia voltou com incrível violência. Ocorreu-me a idéia de usar banhos de vapor, que já me haviam aliviado no começo da enfermidade. Como estávamos em pleno Inverno, fiz-me transportar para a abadia do Port-Engeard, próximo de Laval, onde me prodigalizaram os maiores desvelos. Mas os banhos de vapor não me deram alívio algum.

Nesta época, caiu-me às mãos um livro de Medicina. O autor, antigo membro da Faculdade de Medicina de Paris, era o Rev. Pe. Debreyne, então trapista no Convento de Mortagne (Orne).

Nessa obra tratava-se de uma cura especial a que tinham cedido numerosos casos de moléstia semelhante à minha. De tal modo eu sofria, que resolvi ir solicitar os cuidados do Rev. Pe. Debreyne. Fiz-me transportar a Mortagne; mas ali recusaram admitir-me como pensionista do Convento, e como se tratasse da aplicação de largas moxas nos rins, no

quadril e no joelho, hesitei submeter-me a tratamento tão violento, e logo depois pus-me a caminho.

Estava desesperado. Meu estado, longe de melhorar, tornava-se mais grave. Tomei uma deliberação definitiva. Era absolutamente necessário reconquistar rapidamente a saúde, a fim de poder recomeçar o meu ofício e ganhar a vida. Decidi-me partir para Paris.

Ali, dizia eu, irei encontrar os médicos mais justamente afamados, os príncipes da Ciência, infalivelmente me curarão.

Cheguei, todo esperança, à grande cidade e imediatamente me dirigi à consulta dos médicos de serviço nos hospitais; apresentei-me sucessivamente à portaria do de S. Louis, Beaujon e Charité. Nessas visitas soube que o Dr. Bouillaud era decano da Faculdade; indigitaram-no como um dos médicos mais hábeis de Paris. Resolvi recorrer aos seus cuidados.

Infelizmente, eu não era rico, e para entrar para a clínica hospitalar do Dr. Bouillaud era necessário declarar que morava em Paris e que ali exercia o meu emprego há dois anos. Não hesitei empregar um subterfúgio para poder fazer-me tratar pelo célebre doutor.

No dia seguinte ao de minha entrada no hospital, aguardava com ansiedade a hora da visita, quando vi o Dr. Bouillaud aproximar-se do meu leito; depois de um exame superficial, perguntou-me de que sofria.

– Sofro há muito tempo, doutor – disse-lhe eu – de uma *ciática aguda*; é, pelo menos, assim que os médicos que me têm tratado denominaram a moléstia; alguns também pretendem seja afecção *sacrocoxálgica*.

– Então – diz o doutor – fez você estudos de Medicina, meu rapaz?

– Não, senhor doutor – respondi-lhe – mas, infelizmente para mim, tenho ouvido muitas vezes falar dos meus sofrimentos, aqueles que em vão têm procurado curá-los, e apenas repito o que tenho ouvido falar. Tenho estado tão gra-

vemente afetado que, afinal, pensou-se por momentos num amolecimento da medula espinhal.

– Ora essa. Estais caçoando – disse o doutor, sorrindo; – dizei, antes, que não há trabalho em Paris neste momento, e que o hospital é um bom refúgio para a má estação.

E dirigindo-se para o leito próximo, sem mais preocupar-se de mim e do meu estado de saúde:

– *Dieta de saída* a este rapaz – acrescentou ele.

Fiquei consternado com esse acolhimento tão inesperado, e para mostrar ao doutor que não era o homem que supunha, tirei da minha carteira as receitas dos médicos de Laval que me haviam tratado. Estes testemunhos, embora provassem realmente a minha moléstia, puseram a descoberto o embuste bem inocente que eu havia empregado para ter entrada no hospital.

O Dr. Bouillaud, surpreendido com o tom resoluto com que eu lhe falara e no qual não podia deixar de transparecer o desapontamento e a cólera, voltou, examinou os papéis que eu atirara sobre a cama, e, depois de concentrar-se um pouco, receitou que se me aplicasse *dezoito* ventosas escarificadas sobre a região renal e se conservasse o sangue até à sua próxima visita.

No dia seguinte, quando fez de novo a sua visita e passou pelo meu leito, ao apresentarem-lhe o sangue que me tinham tirado, perguntou-me:

– De que lugar sois?

– Da Morbihan – respondi-lhe.

– Tão somente pelo exame do sangue eu deveria adivinhar.

E voltando-se para o séquito:

– Vede, senhores – disse ele – como este sangue é rico de seiva. Como este não encontraremos outro no Departamento do Sena.

E ordenou de novo que me dessem alta.

Decididamente, o doutor persistia em não acreditar na realidade da minha moléstia.

Eu não podia compreender porque me eram recusados os cuidados que viera procurar tão longe e de que tinha imperiosa necessidade; esbofei-me em persuadir o doutor, insisti ardentemente para que me deixassem ficar. Propus tomar um quarto particular e pagar uma pensão. Nada pôde demover o Dr. Bouillaud da sua decisão; objetou-me que tinha o tempo tomado com os doentes do Departamento, que não podia prestar cuidados aos estranhos. Tive que sair.

Fiquei alguns dias na casa de um parente que quis acolher-me. Depois entrei para o Hospital Beaujon, no arrabalde do Roule, ao serviço do Dr. Ribert.

Fui submetido, pouco depois de minha entrada, a uma conferência de que faziam parte os Drs. Ribert, Labbée, Velpeau, Ricord e Bouillaud. Esses senhores, e o próprio Dr. Bouillaud, que alguns dias antes não quisera reconhecer-me doente e me expulsara do seu hospital, decidiram que se devia aplicar-me a *cauterização transcorrente* de ferro em brasa, dos rins até aos calcanhares.

Cloroformizaram-me para fazer esta cruel operação. Na ocasião nada senti; mas alguns dias depois, ao começar a supuração, sofri torturas mil vezes mais horríveis que a própria moléstia. Ao fim de quarenta dias, as feridas feitas pelo ferro em brasa estavam apenas cicatrizadas, quando falaram em submeter-me a uma segunda operação. Não pude resolver-me a suportar novas torturas e deixei o hospital.

Já não sabendo a que santo recorrer, mais abatido pelos tratamentos violentos que tinha sofrido do que mesmo pela moléstia, fui procurar um médico homeopata, cujas prescrições segui durante alguns dias; depois, decidi-me voltar para Laval.

Diretor de uma tinturaria, e já não estando obrigado a um trabalho manual fatigante, pude restabelecer-me aos poucos. Parei com todos os remédios e limitei-me simplesmente a cobri-me de lã. A moléstia desapareceu com o correr do

tempo e julgava-me restabelecido, quando, dois anos depois, ela reapareceu bruscamente.

Entrei para o hospital da localidade, onde fui submetido a uma conferência. Fiz a exposição da minha moléstia e do tratamento que me fizeram sofrer em Paris, no Hospital Beaujon.

No dia seguinte, o Dr. Hubert, em cuja enfermaria me achava, mandou que eu ficasse nu no meu leito, e sem advertir-me do que ia fazer, de pincel em punho, cobriu-me a pele, desde a nuca até os calcanhares, de *ácido sulfúrico*, renovando com este cáustico violento as cauterizações que me haviam feito em Paris com o ferro em brasa. Um banho, que posteriormente me fizeram tomar, trouxe uma supuração abundante, que me ocasionou sofrimentos intoleráveis. Apesar de toda minha coragem e do ardente desejo que tinha de curar-me, tive que renunciar ao tratamento que queriam renovar; e, deixando o hospital, fui em demanda do Port Engeard, a fim de descansar das torturas que me haviam feito sofrer, e tomar alguns banhos de vapor. Voltou a boa estação, e como sempre, com o calor, reapareceu a saúde.

Durante alguns anos, estive quase bom, julgava-me livre dessa terrível moléstia, quando em 1859, estando em Angers, como diretor de tinturaria na casa do Sr. Oriolle, fui de novo surpreendido pelas dores; como, então, achava-me casado, fiz-me tratar em minha casa.

Aplicaram primeiramente alguns vesicatórios, depois fizeram-me uma operação muito dolorosa, enterrando-me na perna, ao longo do nervo ciático, *catorze agulhas*.

Depois dessa operação, tornando-se as dores mais agudas do que nunca, procuraram acalmá-las com injeções subcutâneas de *morfina*, fricções de linimentos diferentes, tais como *óleo canforado, bálsamo tranqüilo, óleo de meimendro, terebentina,* etc., mas sem resultado algum.

Fatigado de ser deste modo torturado pela Medicina, sem alcançar nenhum alívio, acabei renunciando aos médicos e

contentei-me em ficar bem agasalhado e tomar alguns banhos.

Assim fui-me arrastando durante dois anos, e afinal restabeleci-me inteiramente, pelo menos na aparência, porque de vez em quando experimentava ainda algumas dores, que, entretanto, eram suportáveis.

Durante a guerra de 1870, fui chamado à tinturaria a fim de preparar os tecidos para o nosso Exército; apanhei um resfriado que me trouxe uma recaída; minha saúde desde então alterou-se sensivelmente, e apesar do desgosto pronunciado que tinha para qualquer espécie de tratamento, fui constrangido pelas circunstâncias a entregar-me de novo aos médicos.

Aconselharam-me as águas minerais, mandaram-me sucessivamente para as termas de Mont-Dôre, de Barbotan e de Bagnéres-de-Luchon.

Longe de me acalmarem as dores, este novo tratamento exasperou-as a tal ponto que a moléstia complicou-se de novos males.

Fiquei afetado de constipações tenazes e de cólicas medonhas; as vísceras pareceram atacadas, como os músculos, dessas dores pungentes, que me faziam desejar a morte; todo o lado esquerdo, até então poupado, ficou sofrendo como o direito.

Fizeram-me passar, nessa ocasião, por todas as torturas dos primeiros tratamentos: tintura de iodo, vesicatórios com *cloridrato de morfina*, injeções subcutâneas, picadas de agulha, moscas, etc.

Desde essa época, a moléstia só piorou; os ataques, que se tornaram mais terríveis do que nunca, conservam uma periodicidade desoladora; das cinco horas da tarde até meia-noite não cesso de gritar; já não tenho sono, nem posso conservar-me em posição alguma; todo o lado esquerdo do corpo vai-se atrofiando e faz-me sofrer horrivelmente; desde o quadril até os dedos do pé, experimento dores lancinantes, afigurando-se-me cavarem o osso da perna e arrancarem a

rótula; os músculos apresentam tremores e sobressaltos constantes; sinto alternadamente calor ardente e frio intenso; a carne e a epiderme são de uma sensibilidade tal que me parece que a carne está desnudada; qualquer contacto, por mais leve que seja, é um sofrimento para mim.

Não tenho esperança alguma de restabelecer-me pelos meios comuns; e, ouvindo falar de vós, venho apelar para os vossos bons cuidados, a fim de tirar-me desta situação lamentável, se efetivamente julgais que o Magnetismo pode intervir beneficamente neste caso.

(Assinado) D.*"*

Comovido com essa extensa narração de sofrimentos, fui visitar o doente.

De simples operário, o Sr. D. tornara-se um dos importante negociantes da cidade de Angers; encontrei-o na pequena sala de sua residência, todo vestido, envolto em cobertores, estendido num canapé e incapaz de fazer qualquer movimento. Era assim que ele passava dias e noites e havia deliberado não mais despir-se para deitar, por isso que qualquer movimento ou contato lhe arrancava gritos. Fez-me de novo a narrativa dos seus males e mostrando-me um revólver sobre a mesa, ao alcance da mão, disse banhado em lágrimas: "Há muito tempo que teria acabado com a vida se não tivesse mulher e filhos".

No dia seguinte, comecei o tratamento magnético. Desde as primeiras sessões tive a inestimável satisfação de obter um resultado que permitiu favorável prognóstico sobre o êxito do tratamento; manifestou-se uma melhora sensível, as crises diminuíram pouco a pouco de intensidade, o sono voltou. Ao fim de duas ou três semanas, o doente conservava-se de pé e podia dar alguns passos, a princípio apoiando-se em duas bengalas e arrastando dificilmente as pernas; mais tarde, com maior facilidade.

Finalmente, o tratamento fez tais progressos, que, dois meses depois, nos primeiros dias de dezembro, encontrei o Sr. D. em tão boas condições que cessei de prodigalizar-lhe cuidados e confiei-o ao seu primeiro empregado, um jovem muito inteligen-

te, a quem mostrara minha maneira de proceder, fazendo-o assistir às sessões de Magnetismo.

Foi ele quem, por meio de magnetizações cada vez mais espaçadas, terminou a cura e favoreceu o retorno das forças que ainda faltavam ao patrão.

Apesar da estação desfavorável em que nos encontrávamos, o Magnetismo tinha atuado com uma rapidez que eu estava longe de esperar; o doente achava-se em estado tão lastimável, tinha passado tantos anos em peripécias de tal ordem, que eu não podia contar com uma cura tão pronta.

Eis aqui, certamente, um dos casos mais curiosos da ação magnética, e não se pode deixar de estabelecer um paralelo entre esse modo de tratamento tão simples, consistindo em alguns *passes* e *imposições*, *sem sono provocado*, e as violências que a medicina oficial impôs a esse infeliz doente durante vinte e cinco anos consecutivos.

Havia razão para tais violências? Quando remontamos à origem dessa cruel enfermidade e procuramos explicar-lhe as causas, só nos é dado deplorar amargamente os detestáveis preconceitos científicos, dos quais diariamente podemos todos ser vítimas.

O Sr. D. fez-nos saber que, passando da estufa para o rio, a fim de lavar as lãs, em pleno inverno, é que foi subitamente tomado de dores gerais. Evidentemente, estava nisso a causa dos seus sofrimentos. Ora, se admitirmos que todos os fenômenos físicos se resolvem em *condensações* e *dispersões* de movimento, é fácil explicar o que se produziu.

As vibrações do organismo, exaltadas pelo calor dispersivo da estufa, achando-se, sem transição alguma, em contato imediato com uma temperatura mais baixa, foram brutalmente tomadas de condensação, em virtude do ar gélido exterior: apenas em alguns segundos o ritmo vital passou de um a outro extremo. Aconteceu o que se dá quando se mergulha um ferro em brasa na água, ou se tenta fazer parar um trem a toda velocidade: o movimento adquirido se transforma instantaneamente em força fulminante de retorno, que condensa as moléculas do ferro, ou

quebra as articulações do trem. Aqui, a força viva posta em ação pelo calor, subitamente parada pelo ar gelado, foi recalcada nos canais nervosos encarregados de dar-lhe escoamento, e, refluindo para os centros, atingiu profundamente o equilíbrio vital; se desde logo se tivesse atuado sobre esse movimento de condensação brusca, abrindo as vias periféricas fechadas e evitando, assim, uma parada à tensão animal do movimento livre, ter-se-ia, com certeza, estabelecido o equilíbrio. Nesse momento, a ação magnética teria sido soberana; algumas *imposições* e *passes* teriam bastado; a demonstração feita, vinte e cinco anos mais tarde, permite supô-lo. E ter-se-ia assim, evitado a esse desventurado o longo martírio que sofrera.

Mas, que fizeram? Em lugar de se preocuparem com o restabelecimento do ritmo normal da dupla corrente que põe o organismo em relação constante com o meio ambiente em que nos movemos, os médicos atacaram, por meios violentos, a epiderme, esse invólucro de algum modo *idio-elétrico*, que a Natureza tão sabiamente colocou entre o sistema nervoso e o mundo exterior, precisamente para regular essa dupla corrente de que acabo de falar. Pelo ferro, pelo fogo, pelos cáusticos, queimou-se, lacerou-se, destruiu-se esse invólucro isolador, com cuja integridade se devia antes contar, exclusivamente; e assim se ajuntou uma nova causa de desorganização às já existentes.

Em lugar de favorecer a ação vital, fortificando-a, a fim de ajudá-la a expelir para o interior essa sobrecarga de movimento, refluída para os centros, anormalmente condensada nos plexos nervosos, trataram de ferir a vida nas suas fontes mais íntimas; tiraram sangue, enfraqueceram, provocaram no doente sofrimentos piores do que a moléstia.

Pelo emprego de estupefacientes, de venenos e anestésicos, adormeceram, mataram a reação vital, impedindo-a de se manifestar.

E quem o fez? Práticos obscuros, que talvez pudessem ter como desculpa a ignorância dos fenômenos fisiológicos? Não. Foram os primeiros entre os mais doutos, os que exercem a ciência e aplicam os princípios que constituem a base dessa ciência.

Pobre ciência! Ignorante das leis da vida, ela permite tais erros fisiológicos!...

Mas também pobres doentes! Tão cruelmente vítimas desse miserável estado de coisas, seria desumano privá-los do recurso supremo que o Magnetismo pode trazer-lhes, quando beberam o cálice até ao resíduo, e tudo tentaram debalde para curarem-se.

2º caso – Uma operação evitada pelo Magnetismo

O segundo caso parece ocupar lugar notável, depois do que acabo de citar; contribui para acentuar a fragilidade dos diagnósticos segundo os princípios da ciência atual, e demonstra que recursos inesperados os infelizes doentes podem encontrar no Magnetismo.

Há alguns anos, encontrei em Paris um dos meus antigos camaradas do Exército, o Barão de F., que eu havia perdido de vista durante algum tempo; casara-se, tinha pedido a sua demissão, e encontrei-o conselheiro do Tribunal de Contas. Conversamos sobre os tempos antigos, sobre a atualidade, e expus-lhe as minhas experiências acerca do Magnetismo, o que pareceu interessá-lo vivamente. Dias depois desse encontro, recebi dele a cartinha seguinte:

> "Paris, 26 de outubro de 1886.
>
> Caro camarada.
>
> Um velho sacerdote meu conhecido sofre, há dois anos, dores atrozes nas pernas; passou pelas mãos de todos os especialistas, os quais não lhe deram alívio algum.
>
> Trata-se, neste momento, de fazer-lhe uma operação grave. Dizei-me se quereis ver o meu padre. Pedindo-vos desculpa, subscreve-se o
>
> Vosso muito dedicado amigo
>
> Barão de F."

Respondi ao camarada agradecendo-lhe a oportunidade que me oferecia de praticar o bem, levando alívio a um sofredor, e, de posse do endereço do desventurado doente, fui visitá-lo.

Encontrei o padre B. num quinto andar, em pequeno aposento modestamente mobilado: cama de ferro, algumas cadeiras de palhinha, tosca mesa de madeira branca empilhada de livros, alguns papéis; pendentes da parede, diversos quadros religiosos. Era um homem de sessenta anos, baixo, magro, cujos traços manifestavam sofrimento.

Fizemos desde logo intimidade.

Falou-me dos sofrimentos atrozes que suportava havia dois meses, dia e noite, sofrimentos que o privavam do sono e impediam-no de alimentar-se; descobrindo as pernas, mostrou-me a direita, toda deformada; já não havia vestígios da barriga da perna; o joelho estava intumescido e luzidio, e, sobre a curva, duas cicatrizes tão profundas que se podia introduzir ali o punho, davam a idéia da passagem de uma bala que tivesse atravessado os músculos da coxa de lado a lado.

– Fostes ferido? – perguntei.

– Sim e não – respondeu sorrindo, tristemente – este mal vem de longa; vou explica-me.

"Sou filho de lavradores, passei toda a mocidade no campo.

"Tinha apenas dez anos quando fui acometido subitamente de grandes dores no joelho. Essas dores acarretaram-me alta febre e durante muitos dias fiquei em completo delírio, o que fez, por momentos, acreditar a meus pais que eu estava perdido. O médico do lugar chamou um colega em conferência, um jovem doutor que passava por muito hábil; decidiram eles ser necessário, sem demora, abrirem-me o joelho, que estava muito inchado. Feita a operação, saiu da ferida não pus, como esperavam, mas uma substância carnosa da grossura quase de uma sanguessuga. A ferida cicatrizou, e só cinco ou seis semanas depois é que os médicos reconheceram que o mal devia provir de uma inflamação do periósteo do osso do fêmur. Restabeleceram um cautério na sede do mal. A intumescência e as dores diminuíram sensivelmente. Mas, ao fim de cinco a seis meses, ainda não podia caminhar senão de muletas.

"Por esse tempo, ao descer a escada tive a infelicidade de dar uma queda e fraturar a perna, precisamente no lugar doente.

“Correu-se a procurar médico, porém, campo não é cidade: só no dia seguinte conseguiram a vinda do médico; quando ele chegou, a inflamação da perna era considerável e o curativo apresentou muitas dificuldades. Conservei-me três meses de cama com um aparelho e só pude usar as muletas seis meses depois do acidente. Sobreveio, então, pouco depois, uma fístula profunda, indo até ao osso e que purgou durante cinco anos. Pelos quinze anos, tendo-se apresentado uma forte esquírola do fêmur através da ferida supurante foi destacada, e, cicatrizando-se esta, foi a perna readquirindo forças. Pude, finalmente, abandonar as muletas e recomeçar seriamente o curso dos estudos até então paralisados.

“Dos 15 aos 55 anos, senti uma vez por outra bastantes dores nesta perna, mas eram suportáveis e passageiras; atacavam-me principalmente à noite, mas não me impossibilitavam de caminhar.

“Em 1884 e 1885 fiz duas estações em *Aix-les-Bains*; achando-me muito lépido; tive a insensatez de fazer excursões imoderadas nas montanhas; um dia, no segundo ano, perdemo-nos e fomos obrigados a atravessar blocos de neve, que chegavam à cintura. À minha volta desta última excursão, fui subitamente tomado de uma crise das mais violentas. Consultei o Dr. M. e ele, vendo na moléstia apenas um reumatismo, procurou combatê-lo com calmantes.

“Não experimentando melhora sensível com esse tratamento, fui procurar o Dr. J., que qualificou o mal de *necrose*, e aconselhou-me recorresse imediatamente a um cirurgião. Com recomendação de pessoas interessadas decidi-me, então, ir consultar o professor D., cirurgião dos hospitais e membro da Academia de Medicina. Esse senhor opinou por eminente professor; mas, antes de me decidir a uma operação tão grave, resolvi ouvir alguns dos seus colegas. Consultei sucessivamente os doutores D’O., J., Le B., cirurgião do Hospital Saint-Joseph; C., lente substituto da Faculdade de Medicina; J., discípulo do Dr. Péan; e T., cirurgião dos hospitais e membro da Academia de Medicina. Esses seis doutores concordaram com a opinião do Sr. D., ou quase deram o mesmo diagnóstico, com exceção do Sr. T., que

aconselhou simplesmente uma inflamação do osso e do periósteo, com um ou muitos seqüestros invaginados. Declarou-me que só via um meio de curar-me: era praticar a operação que consistia em descobrir o osso e fazer eliminação dos seqüestros.

"Volto muito surpreso com o diagnóstico do envolver a perna desde o maléolo até o quadril, num aparelho silicatado; e o Sr. C., que não tendo certeza da existência dos seqüestros, era de opinião que se fizesse apenas uma raspagem do osso.

"À vista desse acordo de opiniões, estou, disse o pobre padre, numa cruel perplexidade. Devo resolver-me a fazer uma operação cujas conseqüências, no estado de fraqueza e prostração em que me encontro, não oferece verdadeiras garantias de bom êxito?

"Tenho usado, sem resultado, todos os paliativos que se me tem indicado: cataplasmas de todas as espécies, ungüentos, banhos de ervas, banhos emolientes, banhos de vapor, linimentos, vesicatórios, pontas de fogo, tintura de iodo, eletricidade, hidroterapia, iodeto de potássio. Fiz-me aplicar a massagem durante 35 dias seguidos, pelo Dr. M., que, por esse método, tem feito curas tão maravilhosas: tudo fiz, tudo experimentei. Há um ano que sofro sem um instante de trégua.

"Apesar de toda a minha coragem, estou exausto. É preferível morrer a ter de continuar a sofrer desta maneira.

"Estava assim resignado à minha sorte infeliz, decidido a arriscar-me à operação, tendo para isso já tomado algumas decisões preliminares quando, ultimamente, vosso amigo Barão de F. falou-me a respeito do Magnetismo, procurando levantar-me o ânimo.

"Sou muito amigo do Barão, fui preceptor do seu filho e ele tem tido para comigo todas as deferências. Apesar de não ter nenhuma idéia assente acerca do Magnetismo e seus efeitos, acolhi o conselho como manifestação da Divina Providência e vi brilhar em minha alma um lampejo de esperança; pelo que acabais de ouvir, podeis julgar da gravidade do meu estado: acreditais que o magnetismo ainda possa alguma coisa a meu favor?..."

E, ao pronunciar estas palavras, o bom padre fixou-me ansiosamente.

Ouvira com toda a atenção a longa narrativa e disse-lhe, então:

"A coisa não é fácil; de pronto, é difícil responder categoricamente à pergunta que me fazeis, pois não quero dar-vos uma falsa esperança.

"Se houver *necrose*, *periotite*, *seqüestro* (como afirmam os honrados médicos que acabais de citar-me), não acredito poder dar-vos grande alívio; se, porém, como creio, tratar-se apenas de uma simples *congestão nervosa*, comprometo-me a pôr-vos em breve de pé; demais, não nos demoraremos neste ponto; porque, se graças à influência das *imposições* e dos *passes* manifestar-se uma melhora imediata, é que os médicos se enganaram sobre o vosso estado e não existe *necrose*."

No dia seguinte comecei o tratamento. O que previ, realizou-se: os sofrimentos atenuaram-se quase imediatamente; pude proporcionar-lhe algumas excelentes noites de sono, o apetite restabeleceu-se, as melhoras acentuaram-se rapidamente.

Portanto, não havia *necrose* nem *seqüestro*, a operação não era urgente.

Estávamos, como havia suposto, em presença dum desses fenômenos de *condensação* nervosa anormal, como tantas vezes observara e de cuja dor violenta denominada raiva de dentes (esta afecção é terrivelmente dolorosa), temos um exemplo constante.

O sistema nervoso, (como vimos na primeira parte, capítulo III), é um circuito tenso, que representa no organismo uma harpa vibrante, submetida às inúmeras influências que partem do exterior e do interior, influências que podem romper inopinadamente a harmonia do sistema, levando, de um modo anormal, afluxo do movimento condensado a um dos pontos do organismo. Pode, igualmente, acontecer que o eretismo nervoso se torne, por uma causa qualquer, impotente para fazer vibrar normalmente um ponto do organismo, embaraçado numa resistência especial; daí, essas desordens orgânicas, essas inflamações

locais, essas perturbações convulsivas que tanta analogia oferecem com as dissonâncias típicas que em acústica se chamam *batimentos*.

Como nosso equilíbrio nervoso flutua constantemente entre *condensações* preponderantes, *dispersões* excessivas, tão perigosas umas como outras, o primeiro cuidado do fisiologista é ter em vista o jogo dessas forças, de maneira a restabelecê-las desde logo no seu equilíbrio normal.

Na cárie, a *raiva de dentes* (*ponto morto* no circuito), formando obstáculo à corrente sob a influência de certas condições atmosféricas, dá origem a uma condensação nervosa anormal, e consecutivamente a congestão sanguínea, inflamação dos tecidos com sofrimentos intoleráveis. O mal desaparece velozmente como veio, ao impulso de uma reação dispersiva.

No caso presente, a mutilação do joelho, dos ossos e dos músculos da coxa, resultado das complicações mórbidas e cirúrgicas que o padre sofrera na infância, representava o papel da *cárie dentária*.

A corrente nervosa, embaraçada em seu circuito pelo obstáculo permanente, tinha uma tendência a sofrer, sob as influências variáveis da temperatura, freqüentes estados de condensação, acarretando aquelas crises passageiras, de que se queixava o padre. O excesso de fadiga e o grande resfriamento experimentado nas excursões a Aix-les-Bains, complicando a situação, tinham determinado tal dificuldade de transmissão, que a reação expansiva já não podia tomar a preponderância.

As magnetizações sucessivas vieram em auxílio dessa reação, e as forças nervosas, vigorosamente sustentadas, acabaram por ligar-se, a fim de superarem o obstáculo que se interpunha à sua livre expansão. Sob o impulso das minhas imposições e passes, mesmo a distância, (eu afastava-me alguma vezes dois ou três metros do doente), os músculos da coxa começaram a contrair-se violentamente e os estremecimentos tornaram-se tais que se alastravam por todo o corpo.

Testemunhei esse fenômeno curioso com várias pessoas, entre elas um doutor, meu amigo, o Sr. O., que mostrava muito interesse pelo Magnetismo.

Esse estado de coisas durou o espaço de duas ou três semanas; pouco a pouco os estremecimentos diminuíram de intensidade, para cessarem inteiramente. A corrente se tornara normal.

Desde então o estado geral melhorou sensivelmente; o padre pôde atender de novo às suas ocupações e às suas lições, que estavam completamente suspensas. Encontrei-o, algumas vezes, em nossos passeios, vivo, alegre, com saúde, correndo à casa dos alunos, sem auxílio de bengala para caminhar.

O Magnetismo talvez não o tenha absolutamente emancipado das crises de que terá sempre, mais ou menos, de queixar-se; mas, se não lhe pude dar uma perna nova, pelo menos intervim a tempo de evitar uma operação inútil... É sempre assim...

Referi, um dia, o caso desse padre a um hábil médico meu conhecido, lente substituto da Faculdade de Medicina, cirurgião dos hospitais, e disse-lhe: "Seria para desejar que a prática do Magnetismo, esse meio curador tão útil e tão confortante, se generalizasse; poder-se-ia assim evitar certas operações dolorosas, ou pelo menos preparar com vantagem os infelizes para os quais essas operações fossem reconhecidas como necessárias."

"Assim julgais, replicou, rindo-se o Sr. C. M.; pois, bem, que seria de nós outros cirurgiões, se conseguísseis curar os nossos doentes?"

Esta resposta traduzia antes um simples gracejo em relação ao magnetismo, do que uma objeção importante; porque o Sr. C. M. além de ser um dos homens mais caritativos que conheço, um dos médicos mais conscienciosos da Faculdade, confia um pouco na virtude curativa das *imposições* e dos *passes*, ao contrário dos seus colegas, para os quais, nos casos difíceis, só há um meio de cortar o *nó górdio*: – o bisturi.

Também o Dr. C. M. recorreu ao Magnetismo em circunstâncias que vou referir:

3º caso – Conseqüências de uma operação inoportuna, reparadas pelo Magnetismo

Certa senhora estava atacada de terrível nevralgia no dedo *anular* da mão esquerda, nevralgia que se poderia qualificar de *tempestade por baixo da unha*, tão atrozes eram as dores contínuas. Não havia nenhum dado que permitisse diagnosticar a causa desse mal misterioso; faziam-se conjeturas acerca da sua origem e já haviam desesperado, desde muito, dos meios de aliviá-la; o único paliativo que atenuava um pouco os sofrimentos, no momento das grandes crises, era mergulhar o dedo doente na água quase em ebulição; instintivamente, o Dr. M. B. lançou mão deste remédio.

Entrementes, a Sra. B., cuja saúde geral se achava fortemente abalada por essas dores nervosas e contínuas, foi tentar um tratamento hidroterápico numa casa muito conhecida, de Paris; o diretor dessa casa, observando cuidadosamente a pensionista, acreditou ter encontrado a chave do enigma tão inutilmente procurada até então. Na sua opinião, o mal devia ter por ponto de partida um *nevroma* colocado no trajeto do *nervo cubital*; a palpação indicava-lhe a sede; o Dr. C. M. (cirurgião do qual há pouco falei) chamado a dar seu parecer, hesitava em adotar a opinião do colega hidropata, mas este tanto fez e com tanta perícia, que a própria doente reclamou uma operação, que, afirmava o doutor, devia por termo aos seus horríveis sofrimentos. A operação do *nevroma* ficou, portanto, resolvida; marcou-se dia; o prático e ajudantes reuniram-se; exibiram o arsenal operatório e o hidropata, todo compenetrado da importância do seu diagnóstico, chegou a trazer um vidro adequado para receber o famoso *nevroma*, logo que praticada a extirpação.

Anestesiam a doente, fazem-lhe a incisão a bisturi no braço e na região indicada; mas, oh! decepção, nada de *nevroma*! Que mau resultado. Que fazer? – Se se aproveitasse a circunstância para tentar o *alongamento do nervo*?

Esta operação, praticada em casos de nevroses semelhantes, dá às vezes bom resultado. Tenta-se; pratica-se o *alongamento do nervo*, depois desperta-se a operada para saber se se tocou

justamente o ponto. Oh! não, a dor horrível continua sempre ali, mais lancinante e aguda do que nunca, desesperando a pobre doente e parecendo zombar dos operadores; então, essas perturbações nervosas não provêm do nervo *cubital*, como se supunha? Não será antes o *radial* (o outro nervo do braço) que está afetado? Vejamos.

Adormecem de novo a infeliz paciente, pratica-se o *alongamento do radial*. Infelizmente sem maior êxito que da primeira vez. E depois de tatear hora e meia por cruéis tentativas, que não tiveram como resultado senão enfraquecer a doente e exaltar-lhe os sofrimentos, decidem, afinal, abandonar a desventurada à sua infeliz sorte.

Mas o *alongamento dos nervos* já tão dolorosamente irritados pela necrose, produziu um estado de exacerbação tal, que a doente não cessa de dar gritos contínuos e agudos; o mal complicou-se, de repente, com uma paralisia do braço; ela entra em convulsões atrozes; teme-se o *tétano*: nenhum paliativo consegue atenuar o sofrimento. O marido dessa senhora, e os médicos consternados, já não sabem a que santo recorrer; em desespero de causa, recorreram a um aparelho *refrigerante*; colocaram o braço doente no gelo, mas não puderam deixá-lo ali perpetuamente; quando o retiraram, a reação foi pior que o mal. Empregaram-se, então, pulverizações de éter e de clorofórmio, com as quais se esforçam por paliar essas recrudescências e atenuar o mais possível as horríveis torturas da pobre operada. A paralisia persiste sempre.

Afinal, tardiamente, ao fim de alguns dias, surge a idéia do Magnetismo. O eminente cirurgião que praticara a operação a contra-gosto e que lhe deplorava amargamente as más conseqüências, lembra-se de uma de suas parentas próximas, a quem as minhas *imposições* e *passes* fizeram muito benefício; chamam-me e o Magnetismo consegue, ao fim de algumas semanas, abrandar as dores, vencer a paralisia do braço, restabelecendo na doente um equilíbrio relativo.

Entretanto, o estado geral é sempre muito crítico; a Sra. B. é uma nevrótica a quem se torna necessário prestar grandes cuidados, ar e movimento. Ela não quer abandonar o leito e se estiola

num quarto, em Paris. Aconselho o marido a envidar todos os esforços para mudar esse estado de coisas e provocar uma diversão nesse corpo e espírito doentes; não é por operações locais, como as que infelizmente tentaram, que se curará a Sra. B. Seu mal não está localizado, afeta o organismo inteiro e até o próprio moral está contaminado; ela é uma *nevrótica*.

O Sr. B. compenetrou-se da situação e, alguns dias depois, achando-se a esposa suficientemente forte para pôr-se a caminho, partem ambos para a Suíça, residência de suas famílias.

Fora dos casos que acabamos de citar, existem alguns em que a medicina oficial tardia ou impotente não pode tão rapidamente enfrentar o perigo imediato, que apresentam certas moléstias. Nesses casos fulminantes, é bom se saiba nas famílias que o Magnetismo pode, fora da Medicina, apresentar um recurso supremo. É com este intuito que damos as indicações seguintes:

4º caso – Efeitos poderosos do Magnetismo no crupe

O crupe, o espantalho das mães! Quem não conhece esse terrível flagelo que todos os anos ceifa tantas existências?

É geralmente quando a noite vai em meio, que explode, como o raio, essa moléstia. A criança, depois de um dia de bem-estar e de alegres diversões adormeceu, suavemente, embalada pelas carícias maternas; seu último olhar foi um sorriso a que respondeu um beijo maternal; na casa tudo repousa, naquele lazer que dá o doce quietismo da felicidade e da esperança; nada parece dever perturbar aquela calma paz doméstica. Entretanto, de súbito, no silêncio da noite, um grito rouco ecoa até ao coração materno, e ela acorre ao leito da criança. Esta, desperta em sobressalto, debate-se já contra a sufocação; a voz é sibilante e afônica, os olhos cavam-se e enchem-se de lágrimas; o nariz aperta-se, os músculos do rosto enrijecem; violentos espasmos, partindo do íntimo das vísceras, contraem o umbigo e provocam uma tosse seca e metálica, que termina em grito semelhante ao de um frango.

Com a presciência que lhe dá a sua ternura, a pobre mãe aflita compreendeu a iminência do perigo: é o crupe! esse inimigo do

qual tantas vezes ouvira falar e instintivamente temia. Eis, pois, o terrível mal que arrebata as criancinhas ao amor das mães... Que fazer?

A casa, ainda há pouco tão sossegada, se movimenta; há um vai-vem de criados que se apressam.

– Um médico, depressa!...

Virá o médico àquela hora da noite? Onde encontrá-lo? É preciso procurá-lo, decidi-lo a vir.

Na cidade, as portas estão fechadas, dormem todos profundamente; o médico que foram chamar está à cabeceira de outro doente.

No campo... como são longas as distâncias!

Quantas causas de demora...

E, entretanto, o tempo foge, os instantes são contados, a moléstia prossegue a sua obra, os espasmos redobram, a tosse torna-se surda; uma espécie de ruído característico, semelhante ao vai-vem da serra que morde a pedra, faz-se na laringe; a pobre criança, com a cabeça violentamente dobrada para trás, músculos contraídos, boca aberta, narinas dilatadas, em vão procura a respiração que lhe falta; esta torna-se estertorosa aos beijos maternos; e, no meio dos seus soluços, a mãe atira ao céu um apelo desesperado.

Enfim, chega o médico.

Toda a esperança daquela mãe concentra-se nele. O facultativo é o homem da Ciência, que conhece a moléstia; é o salvador que traz o remédio.

Doutor, salvai-a.

Oh! desilusão! O homem da arte, insuficientemente armado contra o mal, nem sempre é portador daquilo que se espera. Chamado, vem com todas as incertezas, todos os erros de uma ciência incompleta, que nos desvendou ainda muito pouca coisa das leis da vida.

Efetivamente, que será essa misteriosa potência que, em equilíbrio normal, preside ao desenvolvimento regular do nosso ser e ao funcionamento dos nossos órgãos, porém que, uma vez desvi-

ada do seu curso, origina esses prodigiosos fenômenos de desassimilação que fulminam o organismo dentro de alguns instantes?

A Ciência não o diz.

Na criança, em quem essa força está em toda a atividade de edificação, esses como descarrilamentos da Natureza são ainda mais notáveis do que no adulto; nessa primeira fase do crescimento, o equilíbrio vital assemelha-se a essas agulhas imantadas, que o menor sopro faz desviar dum pólo a outro; ele flutua, instável no seu centro; um nada restabelece-o; daí, essas febres violentas, essas convulsões da primeira idade, que se desenvolvem instantaneamente e se conjuram do mesmo modo.

O crupe apresenta o exemplo dum desses singulares fenômenos de *desvio* vital.

A evolução da moléstia é tão rápida, a febre tão intensa, que mil complicações imprevistas podem surgir: o sangue se decompõe; vegetações numerosas, espontâneas, invadem as mucosas; é um abalo geral da vida, ocasionando tudo o que se tem a temer: hemorragias, paralisias, gangrenas, erisipelas.

Em presença de um desses misteriosos movimentos da Natureza, que a Ciência é tão impotente para explicar, aplicam-se os medicamentos usados em tal caso isto é, os *vomitórios* e os *cáusticos*. Dever-se-á recorrer a essa cruel operação que se chama a *traqueotomia* e que vem a ser – praticar um buraco no pescoço da criança?

Conheço grande número de médicos que condenam o emprego desses meios violentos.

Com razão objetam que, pelo menos, é imprudente, senão perigoso, juntar à chama devoradora da febre e fogo de um corrosivo que disseca e queima a mucosa; e às contrações anormais do diafragma, já tão funestas, o espasmo do *emético*.

Quanto à traqueotomia, pensam eles que um problema vital desta importância não pode ser resolvido pelo cutelo, que é o pior alvitre, e não uma solução.

Nesses primeiros instantes em que os princípios mórbidos se desenvolvem com tão temível rapidez, é mister efetivamente, lançar mão do mais rápido e evitar o sofrimento tanto quanto o

enfraquecimento da criança. Antes de tudo, é preciso sustentar-lhe as forças, distender-lhe os músculos contraídos, regularizar os movimentos desordenados do diafragma, revestir a reação vital de toda a energia que lhe é indispensável, a fim de restabelecer o equilíbrio tão profundamente perturbado. Em uma palavra, fazer apelo a todas as potências da vida, que, postas em jogo, sã as únicas capazes de triunfarem do assalto que lhes é feito.

Mas, de que modo se deve proceder para a obtenção desse resultado?

De que modo se deve agir sobre as próprias fontes da vida?

Para fazer apelo às potências vitais e armá-las contra o mal, basta *amar*, *querer* e *perseverar*.

Quem poderá ter maior amor, energia e perseverança do que pai ou mãe, quando se trata da vida de um filho?

Conseqüentemente, quando vier a moléstia, em lugar de desfazer-vos em lágrimas e lamentos inúteis, revesti-vos de coragem, elevai vossa alma, concentrai a energia da vossa vontade na idéia de salvar o entezinho que se debate aos vossos olhos. Com o vosso sopro, com a *imposição* de vossas mãos e a vossa própria irradiação, podeis dar-lhes a vida.

E isto não é uma simples palavra, uma simples imagem; este poder de curar, vós o tendes bem real e *materialmente*; crede-me e sabei fazer uso dele.

Começai desembaraçando a garganta, passando de leve *os vossos dedos em ponta*, desde a parte posterior das orelhas até as espáduas, seguindo o trajeto das jugulares. Fazei *insuflações quentes* no pescoço, por detrás das orelhas e sobre a nuca. Duplicai o efeito dessas insuflações, por si mesmas já tão poderosas, (assim como tereis desde logo a prova com o pronto e maravilhoso resultado que haveis de obter), praticando *através das esponjas quentes, aquecidas a vapor d'água*; a junção do efeito puramente físico do calor e as emanações sutis da esponja quente, arrastadas pelo sopro à corrente através dos poros da pele, aumentam sensivelmente a ação benéfica da insuflação natural.

Com que alegria, então, vereis sob vossos dedos e ao influxo do vosso sopro, renascerem a flexibilidade e a vida em todas essas partes ainda há pouco contraídas e enrijecidas! De sibilante que era, a respiração tornar-se-á fácil e regular, cessará a ansiedade e todos os sintomas alarmantes se desvanecerão como por encanto.

No momento das crises, quando vier a sufocação, ao erguer-se o doentinho no seu leito, entortando a cabeça para trás, prestes a perder a respiração, imponde fortemente as mãos, uma sobre os rins, outra sobre o umbigo, de maneira a agir sobre o diafragma, cujas contrações anormais ainda aumentam a perturbação da respiração, e em breve as contrações diafragmáticas cessarão.

Logo que se restabelecer um pouco a calma e o perigo iminente cessar, aproveitai o intervalo das crises para encher os centros vitais com as vossas irradiações. Imponde, por longo tempo, as mãos sobre a cabeça e o epigástrio; fazei *longos passes*, lentamente, da cabeça aos pés; em uma palavra, *saturai* o organismo, para robustecer a vida com vossos eflúvios vitais e premunir o doente contra novos assaltos que ele pudesse vir a sofrer. Não enfraqueçais um instante; postai-vos diante do inimigo, atento, com tensão de espírito, tendo as vossas faculdades concentradas em um só ponto, como o lutador que, havendo enlaçado o adversário, recolhe-se num supremo esforço para tentar derribá-lo. Evitai um ardor impaciente e irrefletido: *toda virtude benéfica e curativa* está na constância, na igualdade da ação e na mais absoluta calma. Demais, é mister economizar as forças, porque a luta pode ser longa, e se quiserdes certificar-vos do bom êxito, é necessário não abandoneis a criança, sem que ela esteja inteiramente fora de perigo.

Eis aqui o segredo desvendado: *ao desvio vital*, fulminante, produzido pelo crupe, é preciso opor uma espécie de *transfusão da vida*, que chama instantaneamente a reação e conduz ao equilíbrio. Por mais estranho que vos pareça este processo, não hesitais em empregá-lo, aguardando os socorros do médico; usai-o, mesmo, para auxiliar os seus esforços. Principalmente, tende *fé*; não duvideis do recurso nem de vós mesmo; o emprego do *sopro* e da *imposição* das mãos para curar não é coisa nova; estas

práticas datam das primeiras idades do mundo; e se eu vo-las recordo, se as recomendo, é que tive a felicidade, graças a elas, de curar do crupe meu próprio filho. Num caso absolutamente desesperador, também salvei da mesma moléstia o filho de um amigo...

Que este exemplo vos dê confiança; e quando estiverdes na presença do perigo, lembrai-vos destas palavras de Plauto: *"Hoch facere mihi corid est"*, "tenho o propósito de fazer isto".

5º caso – Efeito poderoso das insuflações a propósito da morte de Jules Ferry

Se me ocupo aqui da morte deste homem político, não é que tenha a intenção de fazer o panegírico ou a crítica dos atos da sua vida: não trato de política e a única coisa que me apaixona é a filosofia dos fatos. Eis precisamente o que depreendi dessa morte, a fim de patentear a inanidade das coisas em geral, e da ciência médica em particular.

Eis em que termos o *Figaro* fez a narração do acontecimento:

> "Jules Ferry volta do Senado quinta-feira à noite, às 7:15; senta-se à mesa e janta como de costume; depois, sentindo-se um pouco fatigado, deixa de ir a uma *soirée* para o qual estava convidado e, às onze horas, recolhe-se ao seu quarto, depois de ter conversado e trabalhado sem discrepância dos seus hábitos. Cerca de 1:30 da madrugada, é subitamente tomado de violenta crise cardíaca; mandam chamar um médico, depois dois: eles comparecem; apesar das injeções de *éter*, de *cafeína*, de *trinitrina*, os sofrimentos continuam até pela manhã, com intensidade extrema; pela madrugada, um ligeiro alívio se produz; há uma conferência, mas as notabilidades médicas chamadas para socorrer o doente não o impedem de sofrer violentas opressões; dificilmente pode pronunciar algumas palavras ofegantes, entrecortadas pela brevidade da respiração, e passa a maior parte da manhã em alternativas cruéis. À noite, aumentando a ansiedade, decidem fazer-lhe uma injeção de morfina; desde então o doente cai num estado comatoso, e por volta de 6:15 expira quase sem

sofrimentos, sentado numa poltrona, cercado de todos os seus, desolados completamente diante de um golpe tão imprevisto e cruel."

E eis que um homem, cuja existência era preciosa, por muitos títulos, por isso que não somente um partido político depositava nele as suas mais caras esperanças, como ainda numerosos amigos, partidários dedicados, uma família amorosa, envolviam-no com a sua viva e profunda simpatia, é subitamente arrebatado pela morte, por essa moléstia temível a *cárdio-esclerose*, que tanto pode ser engendrada pelo amor como pelo ódio, pela alegria como pela dor, e cuja garra de ferro constrange e sufoca o coração. Ela vem ferir o grande homem no seu lar, no apogeu do triunfo, no meio dos seus sucessos políticos e das suas afeições; o ilustre político debate-se durante vinte quatro horas; o seu cérebro poderoso procura, em vão, dominar o coração lesado; luta, dizem, *com uma energia feroz*, como se quisesse desafiar o destino que o comprime; e os que o cercavam – amigos, família, médicos – assistem àquela luta homérica, inconscientes, mudos, desarmados, como que fulminados pela enormidade do desastre.

Ninguém encontra um meio de favorecer aquela tentativa de reação, que ensaia a Natureza agreste do paciente; ninguém vem em seu auxílio; o único *viático* que a ciência médica, chamada a toda pressa, lhe traz é uma injeção de *éter*, uma picada de *morfina*, isto é, anestésicos, *venenos vitais*, mergulham definitivamente o doente nesse estado comatoso, precursor da morte, em que se extinguirá ao fim de alguns minutos.

Em tudo quanto o amor dos seus, tudo quanto a ciência oficial pode encontrar para salvar uma existência tão preciosa: em vez de um *elemento de vida*, trouxeram-lhe um *elemento de morte*.

Entretanto, havia alguma coisa melhor a fazer, alguma coisa muito simples e tão elementar, que, na verdade, quando o sabemos, não podemos deixar de ficar profundamente abatidos, só em pensar que nenhum dos circunstantes – amigos, parentes, fâmulos ou médicos – tivesse tido a idéia de tentá-la: *bastava que fizessem insuflações quentes na base do coração!*

Vejo daqui os doutos médicos que assistiram ao ilustre doente motejarem alegremente da minha ingênua afirmação e levantarem os ombros com desdém: "Como? *um remédio sem importância*. Algum *sortilégio magnético*. Deixemo-nos disso. São coisas pouco dignas da Ciência..." Sim, convenho, a *insuflação magnética* é um pouco menos *científica*, com efeito, que o vosso *éter*, a vossa *cafeína*, a vossa *morfina*, até mesmo a *trinitrina*; mas possui sobre estes específicos de laboratório a incontestável vantagem que lhe dá a Natureza – a de fazer cessar os espasmos e dissipar as constrições, despertando as funções em vez de nulificá-las.

Que os nossos muito ilustres mestres nos permitam citar-lhes um fato recente, bem aparelhado, por seu caráter sugestivo, para excitar-lhes a sagacidade. Trata-se, precisamente, da mulher de um seu colega. Nos primeiros dias de fevereiro, recebia eu de um médico amigo o recado seguinte: "Minha pobre mulher está *muito* doente e confesso que, se conseguirdes, não direi curá-la, *o que me parece impossível*, mas somente aliviá-la e permitir-lhe viver, realizareis a meus olhos *metade de um milagre*."

Essa senhora, com cerca de 58 anos de idade, tinha de há muito tempo uma grave lesão do coração, que vulgarmente se denomina *angina do peito*, e as coisas se tinham tão seriamente complicado, nas últimas semanas, com um estado edematoso do abdômen e das pernas, que a respiração, tornando-se muito difícil, impedia a doente de deitar-se; ela passava dia e noite numa poltrona, em estado ofegante, aflitivo, com todas as suas funções perturbadas, sem sono, já não se alimentando, incapaz de fazer movimento e parecendo, a todo momento, prestes a exalar o último suspiro.

Em algumas sessões, as insuflações processaram aquele estado de paroxismo supremo, que ameaçava a vida; uma melhora imediata se deu; o abdômen distendeu-se, a respiração tornou a ficar quase normal; e se a doente não se restabeleceu completamente, pode-se pelo menos afirmar que foi conjurado todo o perigo imediato: as funções regularizadas acarretaram o apetite e o sono, e, o que é notável, ela pode dormir e dormir toda a noite,

deitada na sua cama; pode-se, portanto, sem exagero, dizer que *metade do milagre* pedido pelo doutor, meu amigo, foi realizado.

Mas este não é um fato insulado, como se poderia acreditar. Cem outros casos, não menos típicos, poderiam ser citados. Quanto a mim, pude muitas vezes verificar o maravilhoso efeito das insuflações e tive o prazer de dominar *grandes* sofrimentos, graças a essa *simples* intervenção. Pululam os exemplos nos *Anais magnéticos*. Citei dois, particularmente dramáticos, no *Manual Técnico*; esses dois casos, que têm como protagonistas uma princesa de Ligne e o Dr. Desprez, são históricos, e não há nada de mais comovente do que a narração dessas *quase-ressurreições* operadas pelo sopro.

É que ele traz consigo a vida, e retém-na quando ela ameaça escapar-se. Tenha-se bem em vista que não há meio mais seguro para despertar as funções adormecidas, suprimir todas as obstruções, fazer cessar os espasmos. É um meio ao alcance de todos. Se em caso algum pode ser nocivo, porque não o empregar? Será porque não seja *clássico* o processo? Ah! quando se trata da vida de um de nossos semelhantes, da vida de um ser que nos é caro e que a medicina oficial, desarmada, não pode corresponder ao nosso desvelo e à nossa grande dor, trazendo um alívio ao querido enfermo, porque acalentar escrúpulos ou menosprezos? Recordemo-nos do conceito altruístico do poeta: *"Nihil humani a me alienum puto."* (Nada devo ignorar ou desconhecer do que é atinente à humanidade).

É inútil multiplicar esses exemplos, numerosos por toda parte. O que quisemos demonstrar é que o Magnetismo consegue, às vezes, resolver questões filosóficas diante das quais a medicina oficial se conserva inteiramente impotente.

Seria, portanto, lamentável que a pretexto de uma questão de legalidade, muito discutível, se tentasse proscrever um meio curativo tão simples, ou pelo menos reduzir-lhe o emprego, quando os doentes desesperados podem tirar dele tão grande benefício.

O dever restrito de todo homem de bem é, pelo contrário, propagar-lhe e vulgarizar-lhe o emprego, no interesse da huma-

nidade! Seria injusto obstar a aspiração generosa daqueles que se dedicam ao alívio dos sofrimentos de seus semelhantes. Por mais que finjam melindres de usurpações que a dignidade da Ciência não pode tolerar, e que se grite em todos os tons – charlatanismo! – esta intolerância esconde um sentimento muito menos confessável; e demais, não é pela repressão que se conseguirá pôr um dique às usurpações, quaisquer que elas sejam; extirpação radical dos abusos, só se consegue pela liberdade. A liberdade é necessária à Ciência para viver, porque sem liberdade não há responsabilidade, e sem responsabilidade não há progresso. "Ora, a responsabilidade científica só terá existência plena para o médico no dia em que ele já não tiver de contar com o ministério público para a repressão do exercício ilegal." É um dos melhores médicos de Paris quem o diz, e acrescenta muito judiciosamente:

> "A responsabilidade só existirá para os doentes e para aqueles que os rodeiam quando forem instruídos; e só serão instruídos quando o forem os próprios médicos, isto é, quando as Faculdades ensinarem a ciência e não o empirismo!" [6]

CAPÍTULO X
Da prática do Magnetismo sob o ponto de vista da consciência

O preconceito que consiste em considerar o Magnetismo tão somente sob a forma do *sono provocado* contribuiu para originar escrúpulos de consciência. – O Magnetismo nunca foi condenado pela Igreja e nada tem de diabólico, tese sustentada no Congresso Internacional de Magnetismo em 1889 pelo Padre de Meissas, doutor em Teologia. – O Magnetismo na sociedade e nas casas religiosas. – Exemplos de escrúpulos vencidos. Cura de cólicas hepáticas.

A vulgarização das virtudes curativas do Magnetismo não somente encontrou um obstáculo na indiferença e ignorância públicas, no veto pronunciado pelos magistrados e os sábios, como ainda num outro, igualmente muito sério, nas prudentes oposições do clero e nos escrúpulos de consciência dos féis.

E isso, como sempre, devido às experiências públicas de sugestão, de catalepsia, de letargia, de êxtase, e às misteriosas faculdades desenvolvidas nos passivos postos em estado sonambúlico. Se, como dissemos, se houvessem limitado a impor simplesmente as mãos sobre os doentes a fim de curá-los; se, para excitar a curiosidade pública, não se divertissem a provocar efeitos estranhos, que podem acarretar o sono sonambúlico, é provável que ninguém se lembrasse, mesmo os mais timoratos ou rigoristas, que o Magnetismo poderia ter alguma coisa de diabólico.

Se os padres, os bispos, a Cúria Romana, consultados por diferentes vezes sobre esse assunto delicado, responderam de maneira um tanto ambígua, é que, embaraçados pelo aspecto especial sob o qual lhes era apresentado o Magnetismo, não quiseram pronunciar-se sobre a essência que eles não podiam conhecer, e limitaram-se a condenar os abusos assinalados.

Tratou-se do *Sonambulismo*, não do *Magnetismo*; proscreveu-se o *abuso*, não o *uso*.

Seria, portanto, um preconceito acreditar que o Magnetismo foi condenado pela Igreja.

Essa importante questão foi tratada com muita independência e clareza no Congresso Internacional de 1889, pelo padre Nicolas de Meissas, primeiro esmoler, no Colégio Rollin. Antigo capelão de Santa Genoveva, doutor em Teologia, antigo esmoler do Exército em 1870, o padre Meissas, cujo procedimento durante a guerra e a Comuna esteve acima de todo elogio, reúne sob a batina a caridade cristã do sacerdote, a ciência do sábio e a energia heróica do soldado. Liberal esclarecido e ardente, ele investe intrepidamente contra todos os preconceitos, do mesmo modo que outrora corria sob as balas inimigas, a levar consolação aos nossos infelizes feridos. Convencido, pela experiência e pela prática, da eficácia do Magnetismo e dos inapreciáveis recursos que dele podem tirar os doentes, não cessa, pela palavra e pelos escritos, de proclamar-lhe os benefícios. Em 1889, por ocasião do Congresso Internacional do Magnetismo Curativo, todos os sufrágios designaram-no para a sua presidência; mas foi obrigado a declinar desta honra e se bem tomasse parte em posição menos saliente, nem por isso deixou de ser um dos membros mais ativos e mais ouvidos.

A tese do padre Meissas compreende duas partes:

Na primeira, detém-se a estabelecer sucintamente o que poderíamos chamar – *jurisprudência* religiosa do Magnetismo.

Tomando por ponto de partida uma das consultas mais importantes, a do bispo de Lausanne, feita em 1841 à Cúria de Roma, ele demonstra que a Congregação da *Sagrada Penitência* respondendo: "*Prout exponitur no licet*, tal como o assunto é exposto não convém, tal como a coisa é permitida", não corta de modo algum a questão em sua essência, mas dirige-se unicamente ao quadro mais ou menos fantasista e quimérico que se faz do Magnetismo na referida consulta.

Efetivamente, não se representa aí o Magnetismo senão do ponto de vista do *sonambulismo*, *da dupla vista*, *da leitura sem auxílio dos olhos*, *da previsão e da adivinhação;* e nada se diz, em suma, desse agente natural que, *sem produzir o sono provo-*

cado, pode ser aplicado com vantagem ao alívio e à cura dos doentes.

E a prova de que esta primeira resposta da Cúria de Roma só visa cortar os abusos é que, em 1842 e 1856, ela volta à questão e refere-se de novo, especialmente, aos abusos que lhe são assinalados: a produção do sonambulismo em um paciente feminino, "por gestos desonestos (*Gesticulationibus non semper verecundis*)".

Essas proibições em nada nulificam as virtudes curativas do Magnetismo, não lhe proíbem o uso: simplesmente declaram que tudo quanto nessa prática possa ferir a moral deve ser abandonado. Ora, os magnetizadores têm sido os primeiros a pôr os adeptos do Magnetismo em guarda contra os escolhos que se podem encontrar não só na prática do Magnetismo, mas ainda em toda aproximação entre pessoas de sexo diferente.

Deleuze e Aubin Gauthier consagram capítulos inteiros de suas obras a esse assunto delicado; Gauthier chega mesmo a propor um juramento que ele quereria ver prestado pelos magnetizadores, do mesmo modo que o próprio Hipócrates o impunha aos médicos. Ei-lo:

> "Juro ocupar-me exclusivamente da saúde dos doentes que se confiarem aos meus cuidados; de auxiliar neles a Natureza, sem jamais contrariá-la, de defendê-los contra todas as ações imprudentes ou nocivas; juro que nunca exporei os sonâmbulos em espetáculo, nem nunca farei com eles experiência alguma contrária à sua cura; que, por toda parte onde for chamado, respeitarei mulheres e donzelas; não as seduzirei, nem tentarei seduzi-las."

Os magnetizadores, insistindo na pureza dos costumes e na honestidade prudente, que são efetivamente as qualidades essenciais de todo prático, estão assim de perfeito acordo com o *non licet* da Igreja, que só atinge, em suma, às manobras excêntricas ou imorais.

Na segunda parte da sua tese, o padre de Meissas refuta aquele raciocínio sustentado por um certo número de católicos e

mesmo por alguns membros do clero, os quais, só conhecendo o Magnetismo de oitiva, julgam inexplicáveis os fenômenos:

> "Esses fenômenos, dizem eles, não podem ter sua causa nas faculdades do homem; é necessário procurá-la exteriormente. Não podem provir de Deus, logo partem do Diabo."

O padre Meissas detém-se em demonstrar (para aqueles que ficam aterrorizados com as faculdades da *vista a distância* e *previsão*) que, apesar das diferenças aparentes que existem entre esses singulares fenômenos e os nossos modos de percepção habituais, eles nada têm de sobrenaturais: fora dos cinco sentidos clássicos, existe uma ordem diferente de percepções; as notícias do mundo exterior nos chegam por outras vias que não os sentidos, etc., e a esse propósito cita, como exemplo, as ações admiráveis dos insetos e dos pássaros, ações necessárias à conservação da espécie, mas por vezes inteiramente estranhas às necessidades do indivíduo. Dá exemplos de previsão e de vista a distância, e por meio de fatos prova que a alma possui uma faculdade de *previsão*, do mesmo modo que possui uma faculdade de *lembrança*.

Quanto às consciências timoratas, ele as fortalece contra tudo quanto foi dito e feito nestes últimos tempos, com relação às *sugestões hipnóticas*.

> "Os hipnotistas – diz – perturbaram a consciência pública, afirmando que o livre arbítrio desaparece no indivíduo hipnotizado, a ponto de o homem mais honesto, em prazo mais ou menos longínquo, fixado por eles, cometer o crime mais terrível, que lhe houverem sugerido.
>
> "Os hipnotistas observaram mal, felizmente; mas, se estivesse definitivamente provado que por seus processos se consegue a supressão do livre arbítrio, estaria nesse fato uma prova mais a juntar-se a tantas outras, de que essa *falsificação* do *Magnetismo* é tão maléfica quanto aquele é benéfico; porque o sonambulismo, sobrevindo no decurso dum tratamento magnético, nunca trouxe como conseqüência o enfraquecimento da razão, nem o obscurecimento da consciência, nem sombra de supressão da liberdade moral. Todos aqueles

que têm tido ocasião de observar esse maravilhoso estado, sabem que o contrário é o que se dá, e que produz, antes, uma notável expansão das faculdades da alma."

Finalmente, o padre de Meissas termina a sua notável defesa em favor do Magnetismo com esta eloqüente peroração:

"Longe de ser *diabólico*, o Magnetismo deve ser considerado como um dos mais importantes dons que Deus tem dado à humanidade. Nosso dever, nós que o conhecemos claramente, que sabemos o que cada progresso da nossa santa causa pode representar de menos em relação a lágrimas e dores, é difundir em torno de nós a luz que possuímos. Se nos defrontarmos com alguns em estado de espírito absolutamente refratário, se estes, quando sofrerem ou estiverem doentes, persistirem no temor do diabo, ou por espírito de rotina, teimarem em privar-se dos benefícios do Magnetismo curativo, tanto pior para eles. Mas, quando esses mesmos homens procuram influenciar outros para privá-los também do alívio que mão amiga, movida pela caridade, pode levar aos seus males, *então já não é somente um grande prejuízo*; *penso que é um grande crime*."

Quanto a mim, desde que me ocupo de Magnetismo, só tenho a louvar-me das relações com as pessoas que, próxima ou remotamente, têm seus interesses ligados ao clero, relações que o acaso tem produzido.

Tenho tratado vários eclesiásticos; entre outros, o Rev. P. L., dos Dominicanos, que ultimamente, na Suécia, tem alcançado grandes triunfos oratórios; e por toda parte a minha prática e teorias têm sido acolhidas com tanto interesse como curiosidade. Em um instituto das cercanias de Paris, onde se recolhem as crianças e os velhos de nacionalidade polaca, as irmãs de caridade, ao saberem que eu me havia instalado por algumas semanas em sua vizinhança, vieram reclamar meus cuidados para uma das suas pensionistas, que sofria de horrível nevralgia cerebral. Como era meu amigo o médico desse estabelecimento e fosse ele o primeiro a persuadir-me de tentar uma experiência com aquela menina, acedi de boa vontade ao desejo das irmãs. Coincidiu que

essa doente fosse, precisamente, uma sonâmbula de grande sensibilidade magnética.

A superiora, mulher de espírito elevado e grande coração, surpreendida com a simplicidade dos meus processos e de sua rápida eficácia, compenetrou-se extraordinariamente do meu método e das explicações que eu tinha prazer em dar-lhe.

Todas as manhãs eu ia até ao estabelecimento das irmãs, e, juntando a teoria à prática, fazia durante uma hora um verdadeiro curso de Magnetismo; livres das suas ocupações, jovens e velhos corriam a ouvir-me as lições; toda a comunidade quis ouvi-las; mesmo algumas irmãs vieram da casa matriz de Paris; esforcei-me por demonstrar-lhes todo o partido que podiam tirar do seu vigor e da sua saúde com esse meio curativo, nos cuidados que diariamente tinham de prestar. Ignoro se consegui fazer prosélitos entre elas e se depois da minha partida as boas irmãs impuseram as mãos sobre os seus doentes; em todo caso, nada desprezei durante dois meses, para levar a convicção ao ânimo daquelas santas mulheres.

Na sociedade, às vezes, aconteceu-me encontrar certas hesitações e certos escrúpulos de consciência, que se desviavam manifestamente do Magnetismo; sem atribuir-lhe precisamente um caráter diabólico, essas pessoas não o julgavam, entretanto, de acordo com o espírito da Igreja; todas as vezes que se me ofereceu ocasião, fui de encontro a essas repugnâncias, e foi-me fácil induzir esses espíritos timoratos a uma apreciação mais justa das coisas; um fato, em toda a sua simplicidade e uma demonstração lógica, bastavam quase sempre para vencer todos os escrúpulos e dissipar todas as dúvidas.

Eis, por exemplo, o que aconteceu com um dos meus bons camaradas de infância, cuja mulher possuía princípios religiosos intransigentes:

Cura de cólicas hepáticas

No começo do inverno de 1876, o acaso fez-me encontrar em Paris um dos meus camaradas de escola, Léon de L., que era então oficial de Cavalaria, em serviço no Ministério da Guerra.

Havia muitos anos que não nos víamos; encontrei-o muito mudado e fiz-lhe mesmo observar esta circunstância. Disse-me, então, que há cerca de dois anos a sua saúde se alterara profundamente, sem causa aparente. Tinha consultado vários médicos e todos, (fato raro), tendo concordado quanto à natureza do mal de que estava afetado, o haviam tratado como sofrendo de *gastralgia*. Mas os tratamento a que o submetiam, longe de curá-lo, tinham deixado o mal recrudescer de maneira espantosa. Os acessos, primeiramente muito distanciados, tinham-se tornado cada vez mais freqüentes e havia alguns meses que a sua periodicidade e violência eram tais, que lhe não deixavam um só instante de calma.

Toda questão de medicina, em tese, me é sempre interessante. No presente caso, minha atenção foi principalmente despertada pela afeição toda particular que tributava ao velho amigo. Interroguei-o de mil maneiras acerca dos seus sofrimentos; falei-lhe das experiências que diariamente fazia sobre Magnetismo, e pus-me inteiramente ao seu dispor, caso os médicos não conseguissem curá-lo.

Léon de L., como muitos outros, não tinha nenhuma razão séria para acreditar no Magnetismo; pensou que eu andava iludido acerca da eficácia dum agente tão discutido por homens de Ciência e tantas vezes explorado pelos charlatães, e apenas considerou nas minhas palavras a expressão muito natural do sentimento de afetuosa camaradagem, que desde tantos anos nos ligava e me impelia a partilhar dos seus males. Agradeceu os oferecimentos, afirmando-me que acabava de iniciar um novo tratamento, do qual esperava os melhores resultados.

Habitando ambos a mesma cidade, víamo-nos freqüentemente. O estado de Léon de L., longe de melhorar, ia piorando; todas as semanas e com certa regularidade (na sexta-feira ou sábado) declarava-se uma crise que o retinha por três dias no leito.

Essas crises começavam, invariavelmente, por uma dor aguda no epigástrio, a qual, caminhando pelo hipocôndrio direito, ia irradiando pelo abdômen e pelas costas, abaixo da omoplata: a dor excessiva era acompanhada de angústias e suores frios. O

humor passava, sucessivamente, por todas as alternativas, desde a violência do desespero, até o mais profundo abatimento.

Entre cada acesso, cuja reprodução tinha a desoladora regularidade das febres intermitentes, o doente não gozava nenhuma espécie de calma, porque as angústias e as apreensões do próximo ataque pesavam dolorosamente no seu cérebro. Esses sintomas pareceram-me característicos de um mau funcionamento do fígado, em vez de os de uma gastralgia; tanto mais que Léon de L. tinha tido alguns desgostos e contratempos, acerca da sua promoção. Comuniquei-lhe o meu diagnóstico, de novo insisti tenazmente para que recorresse ao Magnetismo. Léon de L., porém, apesar da sincera amizade que me votava, apesar do vivo desejo de restabelecer-se, estava imbuído dos preconceitos da sociedade em que vivia. Acerca do Magnetismo, era de uma incredulidade profunda: por outro lado, os que o rodeavam eram muito timoratos e religiosos; sua mulher, cuja devoção era grande, vendo no Magnetismo uma prática perigosa, proibida pela Igreja, não menos contribuía para afastá-lo de um recurso em que ele tinha apenas confiança medíocre.

Quando lhe afirmei que tinha o fígado doente e não o estômago, riu-se da minha pretensão de ler melhor o seu estado do que os numerosos médicos que se haviam já pronunciado sobre o sofrimento. Não insisti.

Uma tarde, ao entrar em casa, cerca de seis horas, encontrei um bilhete da Sra. de L. pedindo-me com insistência que fosse ver o pobre amigo, acabrunhado por uma crise mais violenta que as outras. Parti imediatamente e encontrei-o de cama, sofrendo mais do que nunca. Desesperado, desanimado, já não tendo confiança em qualquer medicação, entregou-se às minhas mãos:

"Afinal, magnetiza-me – disse –, já que pretendes que isso me pode fazer bem; mas asseguro-te que já não tenho coragem e começo a crer que não há remédio para a minha moléstia."

Animei-o da melhor maneira que pude, comecei a magnetizá-lo imediatamente.

Convencido (como já havia afirmado) de que tudo provinha da má função do fígado, atuei sobre o hipocôndrio direito e fiz, em seguida, uma massagem lateral, desde as costelas até a axila.

Ao voltar no dia seguinte, o amigo, com a fisionomia bastante triste, informou-me que a sua moléstia parecia tomar uma feição muito inquietadora, pois desde a véspera *urinara sangue*.

Pedi para ver a urina e verifiquei que aquilo que ele julgava ser sangue era simplesmente uma coloração vermelho-escura da urina, devido à bílis concreta, que, com a magnetização da véspera, tinha-se desprendido dos canais hepáticos, ingurgitados.

Este fato confirmava amplamente o meu diagnóstico e o doente rendeu-se desde logo à evidência, porque, dois dias depois, em seguida a novas magnetizações, não somente a coloração da urina continuou, como ainda a pele tornou-se amarela, como se dá na icterícia, com a diferença, porém, de que essa coloração da pele em vez de começar pela face, conjuntivas, asas do nariz e ao redor da boca, como se dá na icterícia comum, só se manifestou na parte inferior do corpo, desde a cintura até aos pés, isto é, na parte do corpo sobre a qual particularmente eu atuava por meio dos passes e massagens.

Continuei a magnetização durante uns quinze dias e desembaracei, assim, completamente, o meu incrédulo amigo das suas temíveis crises de cólicas hepáticas.

Durante algum tempo, ele experimentou ainda vagas apreensões, temendo sempre a volta da afecção, da qual não podia acreditar-se livre tão facilmente; mas esse pesadelo deixou-o finalmente, e tão importante cura conquistou um adepto entusiasta para o Magnetismo. Quanto à Sra. L., desapareceram-lhe também os escrúpulos, está hoje inteiramente convencida da nenhuma intervenção diabólica do Magnetismo, principalmente depois que um rev. padre, seu confessor, afirmou-lhe positivamente que o trabalho que tem por intuito o alívio dos que sofrem não pode ser obra do demônio.

SEGUNDA PARTE
Lei dos Fenômenos

CAPÍTULO I
O estudo do Magnetismo conduz em terapêutica a uma síntese

Objeto da Medicina; seu problema fundamental. – O primeiro princípio de toda terapêutica deve ser: *"A Natureza cura!"* – Fisiologia, Patologia, Terapêutica. – Classificação das moléstias: Nosologias *orgânica, etiológica e sintomática*. – Não existe atualmente terapêutica: opinião dos mestres a respeito. – Golpe de vista retrospectivo sobre a história das doutrinas médicas. – Necessidade de uma *síntese*. – Investigações da lei que engendra os fenômenos e regula as funções da vida. – Esta lei acha-se implicitamente contida nos princípios formulados por Mésmer.

O objeto da Medicina pode ser assim definido: a *conservação* e o *restabelecimento* da saúde. Daí, duas divisões primordiais: *Higiene* e *Terapêutica*.

O problema fundamental da Medicina, em sua dualidade, se estabelece, pois, da maneira seguinte: que é preciso fazer-se para manter o equilíbrio da saúde? Quando este for destruído, que convém fazer para restabelecê-lo?

É da segunda parte da proposição, ou da Terapêutica, que nos ocuparemos aqui.

Hipócrates, pai da Medicina, disse:

"*Natura medicatrix quae lucere oportet, quae maxime vergunt, eo ducenda per loca convenientia.*" (A Natureza cura, mas com a condição de que seus efeitos sejam sustentados, auxiliados, dirigidos convenientemente).

Para o mestre, o primeiro princípio da Terapêutica é este: *Natura medicatrix* (A Natureza cura); porém, formulado nestes termos absolutos, um tal princípio teria sido a negação da Medicina. Eis porque acrescenta: cumpre sustentar, auxiliar, dirigir seus esforços.

Portanto, toda a ciência médica reside na pesquisa dos meios que podem sustentar, secundar, dirigir os esforços da Natureza, o único e exclusivo agente da cura.

Mas, para conhecer esses meios, torna-se indispensável, antes de tudo, saber em que consiste o equilíbrio vital, isto é, a *saúde*, e os desvios desse equilíbrio, isto é, a *moléstia*. Será necessário criar uma *Fisiologia* ou ciência do homem com saúde, depois uma *Patologia* ou ciência do homem doente, e finalmente uma *Terapêutica* ou arte de tratar as moléstias.

Pois bem; é triste dizê-lo, mas após dois mil anos de esforços, estamos quase tão adiantados como no primeiro dia, ou – porque não dizê-lo? – ainda estamos mais atrasados, pois, no entravamento inextricável de todas as doutrinas, a que as pesquisas deram origem, nasceu uma tal confusão, que o assunto, longe de esclarecer-se, obscureceu-se ainda mais. Para falar acertadamente e com a confissão dos próprios médicos mais distintos, não temos atualmente *Fisiologia*, nem *Patologia*, nem *Terapêutica*. O *Diagnóstico*, sem o qual não poderá haver *Prognóstico* seguro nem *Terapêutica* certa, não existe. Em vão tem-se tentado descrever as moléstias na sua origem, causas, marcha e conseqüências; procurou-se, infrutuosamente, uma classificação metódica e racional para esses desvios da saúde.

Uns propuseram um método de classificação baseado na *Anatomia*; grande número, porém, de moléstias, principalmente as nevroses, não têm sede determinada e nem deixam traço algum de lesão material, depois da morte. Outros, imitando o método dos naturalistas e botânicos, julgaram poder classificar as moléstias em *classes*, *gêneros* e *espécies*, como os animais e as plantas; mas esse método, chamado *nosológico* ou *filosófico*, apresenta o grave inconveniente de fazer aproximações forçadas, reunindo num mesmo grupo afecções muito dessemelhantes.

Essa classificação não dá, aliás, nenhuma explicação das causas, que se conservam sempre tão vagas, tão obscuras, tão desconhecidas mesmo.

Sobre que bases se poderia, com efeito, estabelecer uma ordem racional? Sobre a das *desordens orgânicas*, cuja inconstân-

cia ainda há pouco assinalamos? Sobre as *perturbações funcionais*? ou mesmo sobre os *sintomas*, estas aparências tão diversamente variáveis, cuja nomenclatura é comum a tantas moléstias dessemelhantes?

Todos os dias surgem profundos desacordos entre os partidários do método *nosológico* para determinar-se claramente os caracteres que distinguem as *classes*, os *gêneros* e as *espécies* mórbidas. De fato, uma nosologia não pode ser exclusivamente *orgânica*, nem exclusivamente *etiológica*, nem exclusivamente *sintomática*; e foi isso tão bem reconhecido, que, em desespero de causa, procurou-se de momento a questão, apoiando-se muito simplesmente na *classificação alfabética*.

"Os quadros nosológicos – diz Bayle – são meios artificiais empregados para suprir a fraqueza da nossa inteligência; pode-se acrescentar – diz Beclar – que eles correspondem à *insuficiência notória dos nossos conhecimentos*."

Realmente, diz o Dr. Hecker, e com razão, ainda não temos Fisiologia; não sabemos o que seja moléstia, ignoramos de que modo atuam os medicamentos e como eles curam os doentes.

Os professores mais eminentes, os práticos mais notáveis, não hesitam em confessar que na Medicina "há completa ausência de princípios na aplicação da arte". E essa profissão de fé, que pode parecer pelo menos estranha na boca desses sábios, esclarecidos por longa experiência, é de algum modo um grito de desespero e de desânimo arrancado à lealdade deles pela mais triste das realidades.

A que se deve esse estado de coisas?

Os verdadeiros filósofos no-lo dizem:

> "A Ciência peca por deficiência de noções exatas sobre o seu objeto, pelo uso de métodos defeituosos, pela miragem enganadora de hipóteses que fazem perder de vista as manifestações da Natureza." (H. Girard).

> "O acúmulo dos fatos nos esmaga; asfixiamo-nos ao peso deles. Já não podemos guiar-nos através dessas regiões em que se agita a imensa multidão dos fenômenos; os fatos lu-

tam contra os fatos; em nenhum ponto encontramos sua concordância; a experiência do dia desmente a experiência da véspera e nessa obscura confusão os espíritos são invadidos por um incurável cepticismo." (Dr. Chauffard).

"Perdida nos meandros da organização, que tinha por fim tornar conhecida, a Ciência deixou a presa pela sombra. Transviada nos detalhes da composição dos tecidos e dos seus princípios mediatos e imediatos, da conformação e mecanismo dos órgãos, das propriedades orgânicas e da história natural das funções, desprezou demasiadamente o estudo do conjunto, *as leis gerais* do ser organizado. Sem guia, no meio de inúmeros documentos reunidos pela paciência dos observadores e incapaz de grupá-los metodicamente, ela marcha para o imprevisto através dos conhecimentos adquiridos. A boa estrada parece havê-la perdido." (Dr. Bouchut).

Eis porque, já no seu tempo, dizia Van Helmont: "a Medicina não caminha, mas gira em torno do seu eixo."

Essa a razão pela qual a história das doutrinas médicas, mostrando-nos a Medicina escrava das flutuações da moda, obedecendo à especulação mais arbitrária, edificando sistema sobre sistema, reflete todas as fantasias e excentricidades do cérebro humano.

Em começo, filha da ignorância primitiva, tomando por guia o bom senso, só admitiu um curador, "a Natureza!" Foi a *idade de ouro* dos doentes; não se fazia então com ela sofredores.

Mas essa medicina de *expectação* durou pouco; atribuiu-se, em breve, as moléstias a causas imaginárias, multidão de sistemas surgiu dentre a perturbação das idéias; e foram: o *Empirismo* de Pitágoras, de Empédocles e de Hipócrates, o *Dogmatismo* de Platão e de Aristóteles, o *Stoïcismo* de Zenon; depois, o *Pneumatismo* e o *Metodismo*, com as teorias de Asclepíades, de Temison e de Celso, às quais sucede o *Sistema Humoral* de Galeno. O número 4 parece ser o cabalístico da doutrina; admitem-se quatro elementos: o *fogo*, o *ar*, a *terra* e a *água*; quatro qualidades: o *quente*, o *frio*, o *seco* e o *úmido*; quatro humores cardiais; o *sangue*, a *bílis*, a *pituita* e a *melancolia.*

Pode dizer-se que foi a *idade de ferro* dos doentes: durante mais de catorze séculos que existiu, foram eles postos à tortura, submetendo-se às dietas absolutas chamadas *curas pela fome* e às terríveis provas da *recorporatio* ou *metasincries*, por meio das quais tinha-se a pretensão de pôr o organismo completamente novo.

O sistema humoral, que de todos os sistemas é deveras o mais ilógico sob o ponto de vista teórico e o mais cruel na aplicação, foi (é triste dizê-lo) o que melhor resistiu aos caprichos do tempo; e, apesar das numerosas lutas que teve de sustentar e das discussões que levantou, vimos persistir e reaparecer em todas as épocas: a *evacuação cocção* dos humores encontra-se no fundo de todos os métodos: é a medicina do *Dr. Purgon*.

Por momentos, a descoberta da circulação dirige os espíritos para novas especulações. O mecanismo do curso do sangue, o estudo da estrutura do coração e de seus vasos, fixam a atenção dos homens da arte. O coração aparece como o centro da ação vital: atribui-se-lhe tudo e ao sangue que ele se acha encarregado de distribuir pelo organismo; as moléstias são ocasionadas pela força ou fraqueza desse órgão; e as teorias médicas se baseiam exclusivamente na *Mecânica* e na *Hidráulica*.

Mas a descoberta da Química vem fazer diversão, dando origem ao *Quimismo*; neste novo sistema, só se trata de *ebulições, fermentações* e *depurações*; é a medicina de Boé e de Paracelso.

Em breve, o Quimismo cede passo ao *Animismo*; já não são a Química e a Mecânica que presidem às funções da vida: é a alma. Esta torna-se exclusivamente o regulador do corpo; mas, como as teorias religiosas proclamavam a alma independente dos órgãos, inventou-se uma alma material, o *Arquêu* e seus subalternos.

Sucedem-se os métodos de Van-Helmont, Boerhave e Stahl.

Mais tarde, depois do Animismo, o *Solidismo* de Haller; e, após este, o *Dinamismo*, mas um dinamismo material, onde tudo reside num excesso ou falta de força, que se combate pelos *debilitantes* ou *fortificantes*: é a medicina de Hófman, de Cullen e de Brown.

A Botânica, até então bem pouco conhecida, torna-se uma ciência que dá idéia das classificações; assimila-se a esse método a arte de curar, e começa-se a classificar as moléstias do mesmo modo que os minerais, as plantas e os animais, por meio de caracteres constantes: é o *Nosologismo* de Sauvages.

Inesperadamente, o vento volta aos primitivos dados da Ciência, retrocede-se a Hipócrates e a Galeno, e, creio que em lembrança dos quatro humores cardeais, inventam-se os quatro elementos; o *bilioso*, o *mucoso*, o *nervoso* e o *inflamatório*. Combate-se o bilioso pelos *vomitivos*, o mucoso pelos *purgativos*, o nervoso pelos *antispasmódicos*, o inflamatório pelas *sangrias*; ressuscita-se a *recorporatio* ou *metasincrise*, sangrando-se *a branco*.

A Medicina fez o seu primeiro circuito e acha-se no mesmo ponto de partida: a mesma incerteza, a mesma obscuridade, os mesmos desvios.

Entretanto, a Anatomia e a Fisiologia progrediram; cansados com essas vãs especulações que conservam a arte de curar em situação tão lastimosa, os médicos inclinam-se para novos dados científicos, que parecem dever ajudar a romper o véu que encobre a verdade: pesquisa-se o cadáver com afã, esperando-se encontrar aí o segredo da vida. Todos os fatos patológicos se explicam, então, pelas alterações cadavéricas; essa nova orientação dá origem à doutrina dos *anatomopatologistas.*

Não é ainda este o caminho que deve levar à luz; bem depressa o percebem e a esperança se desvanece no momento em que nasceu. A obscuridade científica torna-se mais profunda; em tudo existe a dúvida, de novo todas as coisas são submetidas à observação. Cada qual extrai do passado o que pode, para constituir um método: têm livre curso todas as opiniões médicas. A indiferença e o desânimo se apoderam dos espíritos, conduzindo-os à medicina fácil das *águas termais* e dos *específicos farmacêuticos*. Vendo que se não consegue curar, procura-se, pelo menos, *mascarar* a moléstia com os *anestésicos* que, *baixando a tensão vital*, adormecem o sofrimento.

Esse período, em que cada qual respiga no acervo das ruínas empilhadas pelos séculos, chama-se o período do *ecletismo* ou do *cepticismo*.

Eis ao que chegamos.

Todo espírito desejoso do bem da humanidade e do progresso poderá deixar de preocupar-se com o futuro da Ciência? Onde, pois, está a verdade? Onde o progresso?

Como poderá sair a Medicina da contingência em que se acha? Como poderá tornar-se uma ciência verdadeiramente útil e prática e prestar à humanidade os serviços que ela tem o direito de esperar?

> "É – dizem os sábios escritores que citamos há pouco – pela volta às verdades necessárias; só elas podem constituir em um todo os elementos dispersos das coisas, que o trabalho moderno vai dissociando cada vez mais. Ao lado da *análise* contínua, é mister colocar a ação fortificante e superior da *síntese*; é necessário que esta, sempre presente e ativa, mantenha a aproximação e as relações naturais dos fenômenos, que os submeta, fixe e substancialize." (Dr. Chauffard).

> "Se a observação atenta da estrutura e do mecanismo dos seres vivos é indispensável ao progresso da ciência médica, a razão que esclarece essas observações, que as classifica e que lhes deduz as *leis gerais*, não é menos necessária à magnitude da obra científica." (Dr. Bouchut).

> "A primeira necessidade da época atual é um retorno às verdades sintéticas. Os diferentes ramos da Ciência deixam de viver em contato diário, insulam-se cada vez mais, ignoram-se uns aos outros, prosseguem separadamente o seu caminho; entregues, desse modo, a si mesmos, fora do contato fortificante das *generalizações superiores*, perdem todo o sentimento sintético e imergem em fastidiosos detalhes, que só fornecem trabalho à memória." (H. Girard).

É, por conseqüência, necessário voltar à unidade de plano, que caracteriza a sublime organização do Universo. É preciso investigar a grande lei produtora de todos os fenômenos naturais

que regula as funções da vida. Cumpre que a Ciência, rompendo as tradições que a mantém presa à *matéria* e ao *ponderável*, reconheça, afinal, a onipotência das forças e do *imponderável*.

Que a Medicina, deixando de parte o órgão com que ela demasiadamente se preocupa, reconheça, no ser, esse *dinâmide* poderoso (seu elemento primordial), que preside a todas as funções e se manifesta desde a concepção; que forma, desenvolve, nutre o ser, serve de mediador à sua atividade corporal e repara as brechas feitas no substrato material; à forma, pelas forças exteriores coligadas. Em outras palavras, a Medicina não pode pensar em sair da dificuldade em que se acha senão adotando uma fisiologia sintética, baseada numa lei de física geral, e colocando-se resolutamente ao lado da terapêutica baseada no terreno do dinamismo vital.

O Magnetismo afigura-se-nos destinado a abrir-lhe esse novo caminho, porque repousa sobre uma síntese admirável, que Mésmer formulou nestes termos:

"Só há uma *vida*, uma *saúde*, uma *moléstia* e um *remédio*."

Esta proposição do mestre, tomada ao pé da letra, pareceu muito absoluta: foi motejada; julgou-se nela uma pretensão a apresentar o Magnetismo como panacéia universal.

Esta fórmula contém, entretanto, em nossa opinião, a mais luminosa das verdades que podem esclarecer a marcha vacilante da ciência médica, no meio das obscuridades caóticas em que ela há séculos se arrasta; e é o que vamos procurar demonstrar, explicando o que se continha no pensamento do mestre, quando disse:

"Só há uma *vida*, uma *saúde*, uma *moléstia* e um *remédio*."

CAPÍTULO II
Só há uma Vida

Forma e Movimento ou *Matéria* e *Força.* – À concepção *objetiva* das coisas, cumpre adicionar uma concepção *subjetiva*. – Necessidade de formular uma hipótese. – A ciência moderna não possui idéia organizadora suscetível de ligar entre si os fatos esparsos. – *Teoria atômica*; seu cunho materialista. – É necessário procurar o princípio de vida na *Força* e não na *Matéria*. – Da Causa das causas, ou da Hipótese das hipóteses; necessidade de colocar no limiar de todas as nossas concepções filosóficas a *idéia de uma causa primária*. – A idéia primordial matemática, que cria os números, permite, por analogia, compreender a Idéia Primordial universal, que cria os mundos. – Unidade Ternária. – Paralelismo e obliqüidade. – O *múltiplo* sai da obliqüidade ou da *Angulação*. – Movimento da série. O infinitamente pequeno e o infinitamente grande. – O Universo visível sai da imaterialidade dum princípio, do mesmo modo que os números saem da imaterialidade do zero. – A série é ao mesmo tempo *causa* e *efeito*, *força* e *substância*. – Estabelecimento de uma lei do movimento baseado na anterioridade da *Força*, ponto de partida de todos os fenômenos, *Una* e *Trinitária* como o princípio abstrato donde emana: *Seriação*, *Limitação*, *Tonalização*. – Só há uma Vida, porque só há uma Força e porque só há uma Lei que rege essa Força.

Forma e *Movimento*, tais são os dois aspectos sob os quais nos aparece a Vida. A Forma dá-nos a idéia da Matéria; e o Movimento, a idéia da Força; Força e Matéria resumem, pois, em duas palavras tudo quanto é acessível às nossas investigações e é este o problema que, desde o começo dos séculos, procura o espírito humano resolver em sua misteriosa dualidade.

Conhecer a Força e a Matéria, senão em sua essência, pelo menos em suas relações, seria conhecer o mecanismo universal, seria conhecer as leis que regem os fenômenos; mas poderemos atingir esse conhecimento? Será dado à nossa pequenez conceber a majestosa grandeza das Causas? O véu que encobre à nossa fraca vista os esplendores da Natureza poderá, um dia, rasgar-se ou entreabrir-se para mostrar-nos o *porquê* das coisas?

Para penetrar esse mistério, só possuímos bem fracos instrumentos: – os nossos sentidos; e mesmo assim, é necessário nos coloquemos continuamente em guarda contra eles, por isso que só nos dão uma idéia imperfeita da Força.

Por intermédio dos sentidos percebemos bem as propriedades dos corpos, seus caracteres e atributos, assim como as múltiplas transformações que eles sofrem; mas se quisermos ter uma visão nítida dos fenômenos, faz-se preciso que absolutamente desprendamos os nossos conhecimentos do cunho superficial, que os nossos sentidos lhes imprimem. Além da concepção *objetiva* das coisas, é necessário formar uma concepção *subjetiva*; é preciso partir de um ponto fixo, sob pena de nos desviarmos nos meandros da infinita variedade dos fatos que nos dá a *análise*; faz-se mister um *plano*; e as numerosas observações, que nos traz a experimentação, devem ser ligadas por uma *síntese*.

Partir de um ponto fixo é formular uma hipótese. A hipótese, diz Bacon, é a *idéia antecipada* que nos precede na investigação da verdade, do mesmo modo como a luz, encarregada de dissipar as trevas do caminho, deve preceder os nossos passos.

A História mostra-nos o homem na pesquisa da melhor hipótese; a multidão dos sistemas levantados no conhecimento das coisas prova-nos que ainda não encontramos a lei que deve servir de ponto de ligação a todas as nossas concepções físicas, mostrando-nos que, sob a aparente diversidade, que tão profundamente divide os fenômenos da Natureza, existe entre eles uma concordância, uma dependência e uma analogia tão íntimas, que tudo no Universo vem fundir-se numa unidade grandiosa.

Conservados no domínio do múltiplo que nos oculta a unidade do plano da Natureza, em vez de sintetizarmos as nossas percepções, temo-las deixado vagar sobre todos os objetos que nos cercam; demos uma causa a cada fenômeno; e a Ciência, multiplicando o número das hipóteses, ressente-se ainda da falta de uma idéia organizadora, que deve ligar entre si os milhares de fatos esparsos:

A Mecânica é fundada na hipótese da *gravitação*; a Ótica, na do *éter*; a Química, adotando sucessivamente as teorias mais

diversas, *radicais*, *substituições*, *equivalentes*, flutua de uma hipótese para outra. A Geologia, para explicar as evoluções do solo, ainda luta entre duas hipóteses contraditórias, as teorias *netuniana* e *plutoniana*. A Matemática, que passa entretanto pela mais positiva das ciências, só repousa sobre *axiomas* e *postulados*, cujo número e natureza têm mais ou menos variado e sobre cujos valores os matemáticos não estão de acordo.

Finalmente, a teoria atômica, base fundamental de todas as outras (por isso que não existe uma mudança no Universo que não se refira a um deslocamento ou a uma combinação de átomos), é de todas, efetivamente, a mais discutível. Os partidários desta hipótese admitem que os átomos são pequeníssimas partículas sólidas, de natureza imutável, separadas umas das outras por um éter tão hipotético como essas próprias partículas; e como os fenômenos mais vulgares de metamorfose, principalmente os da Química, não pudessem encontrar explicação na suposição de átomos materiais imóveis, eles concederam a cada átomo uma soma inerente de força suscetível de movê-lo: deram-lhe uma alma. Prazer e desgosto, desejo e aversão, atração e repulsão, são qualidades comuns a todos os átomos; dotados de *sensibilidade* e de *vontade* (mas de vontade *inconsciente*), são levados a se aproximarem ou desviarem uns dos outros; as *afinidades eletivas* de que os átomos são dotados, afinidades fatais que os impelem invencivelmente uns para os outros, dão origem, por meio de agregações mais ou menos simpáticas, primeiramente às moléculas, depois aos cristais e aos plastides, e finalmente aos organismos; desenhando assim, hierarquicamente, desde as aglomerações elementares até os processos orgânicos mais complexos, o grande turbilhão de átomos que constitui a evolução vital.

Eis o mundo atômico, tal como no-lo apresentam. É debalde, concedendo-se ao átomo material uma alma eterna e imutável como ele, julgar-se poder conciliar a concepção atomística com a concepção dinâmica. Se os partidários do atomismo acreditaram livrar-se desse modo da pecha de materialismo, enganaram-se redondamente: sua concepção, pelo contrário, é a expressão do mais puro materialismo, e, como muito bem o diz Louis Lucas, é

a teoria dos átomos que tem obscurecido a inteligência dos fenômenos da Natureza e contribui ainda, infelizmente, para postergar o advento das leis sintéticas que repousam sobre a Força. Altas notabilidades científicas partilharam essa opinião. "Se eu tivesse poder, declarou o ilustre Dumas em suas lições de filosofia química, apagaria da Ciência a palavra *átomo*, porque ela vai mais longe que a experiência."

Desdobrando-se indefinidamente as partículas materiais, julgou-se poder atingir o misterioso berço da matéria e apanhar assim o segredo da Natureza; mas a matéria por si mesma nada é, nem é a entidade preponderante que se acredita; não pode ser percebida no *objeto em si*; só pode ser julgada e apreciada por intermédio da Força, único princípio gerador e motor de todas as agregações e seriações materiais.

Tomar por ponto de partida a vida psíquica elementar, *inconsciente*, do átomo, é basear a evolução vital no jogo essencialmente automático de uma troca incessante entre as partículas materiais; é, considerando os organismos superiores como simples agregados de almas atômicas independentes, reduzir a nada a unidade da vontade consciente desses organismos; é, finalmente, multiplicar sem necessidade as fontes da vida.

Só há uma vida. Só há um princípio de vida. E esse princípio de vida não é nas últimas partículas da matéria que devemos procurá-lo, é na força: *Unidade*, *Indestrutibilidade*, *Conversibilidade* e *Continuidade da Força*, tal é a idéia que deve dominar, com todo o seu prestígio, os fenômenos da Natureza, e a única que pode constituir o seu laço de união; fora dessa concepção, nada há de lógico a estabelecer-se para os conhecimentos humanos.

O átomo minúsculo que se compraz em apresentar como sendo ao mesmo tempo o elemento constitutivo da Matéria e o agente ativo do Movimento, esse *homúnculo* invisível e inabordável, ou esse *gigante mascarado*, como quiserem (é assim que o chama Tyndall), não pode, quer com sua pequenez real, quer com sua suposta grandeza, servir de *substratum* ao Mundo e darlhe o impulso.

Acima desse átomo elementar, acima dessa alma individual que o vivifica, acima desse éter clássico em que o fazem agitar, existe a *Causa das causas*, a Soberana Potência Criadora, que produz *tudo o que existe*: não só o átomo, como o seu movimento e o seu meio.

Qualquer que seja a idéia que se queira fazer do Universo, é preciso admitir-se, antes de tudo, a existência dessa *Causa-primeira*; não se pode dispensar este primeiro ponto de vista; não se pode edificar sem ele; é, por assim dizer, a *Hipótese das hipóteses*, e, fora dela, nenhuma outra concepção pode tomar corpo.

A idéia de uma *Causa-primeira*, absorvendo em sua indivisível unidade a infinita variedade dos fenômenos, é (nós o sabemos) desviada da Ciência como artigo de fé, porém, se devemos admitir com razão que a experiência e os sentidos são as únicas portas de ingresso para a estrada que conduz ao conhecimento das causas, cumpre não esquecer também que a Hipótese, isto é, a fé, é a luz que alumia as trevas dessa estrada, e que sem ela nos arriscaríamos muito a transviar-nos, para jamais atingir o que procuramos. Para nos elevarmos com segurança até à concepção do *Absoluto*, é, pois, necessário que possamos aliar a Ciência e a Fé, porque não há mais verdadeira Ciência sem Fé, assim como não pode haver verdadeira Fé sem Ciência.

Mas, de que modo abordar essa grande Incógnita, qualificada de *Incognocível* por Herbert Spencer, dada a fraqueza de nossas percepções?

Se não podemos atingi-la no *objeto em si*, se não podemos apreendê-la como *potência*, se sua misteriosa essência nos escapa, não poderemos ao menos vê-la e compreendê-la em sua *substancialidade* e na realização de seus atos, uma vez que tudo que se acha ao alcance dos nossos sentidos é o produto da sua sublime e ideal onipotência?

Por um esforço do cérebro podemos, efetivamente, fazer sair o *Abstrato do Concreto*, remontar do *Fenômeno* ao *Númeno*, do *Efeito* à *Causa*, e, atingindo assim o limite do possível, chegar por *abstração* a fazer da Idéia Primordial uma concepção íntima

suficiente; apreendê-la em sua natureza intrínseca não é, sob o ponto de vista científico, o que mais importa; o essencial é conhecê-la na expressão da sua lei; e, se consideramos como premissa indispensável de qualquer hipótese científica a *Hipótese das hipóteses*, é que só a presença desta grande idéia no limiar das nossas concepções filosóficas permite estabelecer *ab-ovo* a precedência do *Espírito* sobre a *Matéria*, da *Idéia* sobre a *Forma*, da *Causa* sobre o *Efeito*, e proclamar a unidade consciente do ser, remontando à sua causa essencial.

Mas, quer se parta da idéia abstrata que domina todos os fenômenos, quer se observe passo a passo o caminho que segue a Força inteligente e livre, remontando ao seu ponto de partida original, do mineral ao vegetal, do vegetal ao animal e do animal ao homem, desde a simples agregação do cristal até a sublime organização do pensamento, encontra-se, por toda parte, a expressão de uma lei – a das harmonias da Natureza, que, abraçando todos os fatos num só e mesmo amplexo, desvenda a admirável unidade do plano da Idéia Criadora. Tudo sai desta abstração, tudo volta a ela.

É, ao mesmo tempo, o ponto de partida e chegada de tudo quanto pode ser percebido pelos nossos sentidos.

Mas, como essa Entidade *Ideal*, fonte geradora de todas as Formas, poderá substancializar-se aos nossos olhos? Se não podemos tirá-la do Absoluto em que ela paira, não nos será ao menos possível compreender a maneira por que dela se originou a hierarquia ilimitada das obras da criação?

Um raciocínio, que na Matemática serve para explicar a gênese dos números, vai ajudar-nos a destrinçar esse mistério de maneira palpável.

A analogia é surpreendente.

Considerando, com efeito, a Matemática dum ponto de vista elevado, vemos que existe na culminância desta ciência uma idéia primordial, absolutamente independente, única, indivisível, criada por sua própria potência, baseada sobre si mesma, e não se derivando de nenhuma outra coisa: essa idéia primordial é o *zero*.

Espírito puro, pairando idealmente acima e fora da série dos números de que não faz parte, o zero, sem valor numérico pessoal é, entretanto, a alma encarnada dessa série; é por sua virtualidade ativa que a série se desenvolve das unidades simples às dezenas, das dezenas às centenas, das centenas aos milhares, e assim por diante, criando a cadeia ininterrupta e infinita dos graus numéricos.

Origem ideal da hierarquia dos números, o zero não nos ajuda a conceber a imagem dessa idealidade grandiosa, origem dos mundos, a que por analogia Pitágoras chamava *Número dos números* e Platão a *Idéia das idéias*? Potência eterna, imensa, incompreendida, infinita, que se nos representa sem modo, sem qualidade e sem paixão: enchendo o Universo com sua imensidade, sem ser uma de suas partes integrantes; indivisível e incorpórea, como o zero, e, como ele, criando um encadeamento serial, donde saíram as categorias indizíveis dos mundos.

E onde a aproximação é ainda mais sensível, é quando sob a aparente *unidade*, que caracteriza estes dois princípios, se manifesta uma misteriosa *Trilogia*. A Idéia Primordial matemática, sob a sua unidade aparente, não encerra efetivamente três idéias expressas por três sinais distintos? O zero (0) o mais (+) e o menos (–) colocados em uma dependência comum tão estreita, que o sinal mais (+) não tem razão de ser sem a idéia precedente do zero, e que o sinal menos (–) supõe necessariamente a existência do sinal mais (+) e do zero (0).

De um lado, como do outro, a *unidade ternária* exprime, pois, uma Idéia Primordial, reunida a duas outras que daí decorrem, ou para melhor dizer, essas duas outras idéias são a própria idéia primitiva, que, conservando-se tal como é, se manifesta sob duas formas diferentes; as três idéias não têm sucessão, coexistem e não formam mais que uma: é a *unidade Criadora*, manifestando-se como *Trindade* e imprimindo à Natureza inteira esse cunho de misteriosa triplicidade que encontraremos por toda parte e sempre na aplicação da lei que rege os fenômenos.

Chave da gênese dos números, chave da gênese dos mundos, a manifestação ativa do princípio ternário é o *movens* de todas as coisas: arrancando os elementos primordiais de sua passividade

ou do seu paralelismo, cria os multíplices graus da série; pela *angulação* de seus princípios, ela faz surdir o múltiplo da unidade. Porque, do mesmo modo que a uniformidade (ou o repouso) nasce do paralelismo, assim também a diversidade (ou o movimento) nasce da obliqüidade e da angulação. Vejamos o exemplo:

Cortando-se qualquer número de retas, paralelas entre si, por uma linha AB que caia sobre essas retas naturalmente, todas as divisões assim obtidas são iguais: eis a *uniformidade no paralelismo*.

Substituindo-se a linha AB por uma oblíqua CD, as divisões obtidas por esse modo tornam-se desiguais e proporcionais à inclinação da oblíqua: é a multiplicação indefinida de termos desiguais sucedendo à igualdade do paralelismo, é a *diversidade* sucedendo *à uniformidade*, o *movimento* ao *repouso*.

Enquanto a causa primeira conserva-se, pois, no paralelismo de seus elementos, isto é, na imanência passiva da sua unidade, está, para nós, no estado de princípio abstrato, inapreensível, invisível, ideal e imaterial. É o zero antes da hierarquia serial dos números, que a sua potência virtual produzirá mais tarde, é esse estado primordial do *Princípio-Principiante*, designado à frente do primeiro capítulo da *Gênese* pela palavra *Beroeshiht*: "Antes de haver-se criado qualquer coisa, o *Princípio* existia em *potência* e não em ato".

Mas, que a Causa Primeira venha a manifestar-se na *angulação* dos seus três princípios; que o zero, em vez de ser só, apareça com o sinal mais (+) e menos (–), o paralelismo cessa e a angulação começa, indefinida, tudo sai da imobilidade do nada: o *múltiplo* sucede à *unidade*, o *concreto* ao *abstrato*, e o movimento da série aparece em toda a sua majestosa potência, manifestação visível da Idéia Primordial.

Do antagonismo dos sinais *mais* (+) e *menos* (–), saindo angularmente do zero, nascem as séries *positivas* e *negativas* dos números:

+1 +2 +3 +4 +5 +6, etc.

–1 –2 –3 –4 –5 –6, etc.

Depois, de um lado, como a unidade pode juntar-se indefinidamente à unidade, a hierarquia *ascendente* das séries positivas e negativas caminha para um infinito que ela jamais poderá cumular nem atingir, dando-nos, desse modo, a imagem do *infinitamente Grande*; por outro lado, como a unidade pode, igualmente, subdividir-se em frações cada vez menores, sempre suscetíveis de se dividir ainda, a hierarquia *descendente* das séries positivas e negativas caminha indefinidamente para o zero, sem nunca atingi-lo, dando-nos assim a imagem do *infinitamente Pequeno.*

Assim se desenrolam indefinidamente, no infinitamente Grande e no infinitamente Pequeno, os termos da série universal, saindo todos da Causa Primeira, sem nunca terem produzido aí algum vácuo e gravitando para ela sem jamais conseguir fundir-se em sua individualidade onipotente; não participando sua natureza intrínseca da outra em coisa alguma e sua existência essencialmente *objetiva* sendo apenas devida a uma manifestação abstrata, cuja cessação faria instantaneamente reentrar toda a série em o nada do zero e na uniformidade do paralelismo.

A maneira ideal pela qual o mais (+) e o menos (–) se combinam com o zero (0), mostrando-nos movimento da série, originado de um impulso primitivo, que não supõe prévia existência de matéria alguma, nos ensina de que modo o *real* pode nascer do *ideal*, e como, aparentemente, do *nada* pode sair *alguma coisa*.

A substancialidade da *forma* não se nos manifesta, então, senão como a expressão do espírito sutil e imponderável da *força*; o universo visível sai da imaterialidade de um princípio, do mesmo modo como os números saíram da imaterialidade do zero.

A *série*, originada de um antagonismo abstrato, se desenrola sob as nossas vistas, no seu movimento de progressão e expansão como *causa* e *substância*, ao mesmo tempo como *causa* sendo *força*, como *substância* sendo *figura*; e causas e *substâncias*, até então dissociadas, reconciliam-se nesse tipo eterno da série, infelizmente tão ignorado e ainda desconhecido, se bem que as forças *livres* da Natureza nos ofereçam a cada passo a imutável e constante expressão desse fato. Vede desenhar-se no

céu uma das mais majestosas manifestações da série, o arco-íris. A projeção irisada do espectro não é, acaso, *substância*, uma vez que sofre modificações e influencia os nossos sentidos? Mas, também é *força* e *causa*, porque as mil cores que o compõem vêm invariavelmente *colocar-se por si mesmas* numa ordem mística, que lhes é imposta pela lei das séries.

Mas a Ótica por si só não nos dá a imagem da série; descendo até o âmago de cada fenômeno, encontraremos por toda parte, no Universo visível, a sua manifestação substancial. Saindo, assim, da concepção metafísica que nos tem servido de ponto de partida, nos entregaremos ao estudo experimental e à observação por meio dos quais poderemos remontar depois à Idéia Primeira, porque é do encontro destas duas linhas partindo de dois pontos diferentes que, somente, poderá jorrar a luz capaz de esclarecer-nos sobre a verdadeira interpretação dos fenômenos.

O que quisemos desde logo estabelecer com clareza foi a supremacia da *força* sobre a *matéria*, sua *anterioridade*; quisemos demonstrar que a *força* é para a *forma* o que a *idéia* é para o *ato*:

A *força* precede a *forma* e se manifesta aos nossos sentidos pela *forma*, do mesmo modo que a *idéia* precede o *ato* e se corporifica aos nossos olhos pelo *ato*.

A *força* e a *idéia* podem existir em *si*, sem se exprimirem por seus veículos naturais, a *forma* e o *ato*; conservam-se, então, em *potência* prestes a manifestar-se; mas assim como a idéia engendra todos os atos, também a força, origem única dos fenômenos da Natureza, engendra tudo o que cai sob os nossos sentidos; o Universo, em uma palavra, não é senão "a *realização* da Idéia Primordial pelo movimento".

Todos os nossos esforços devem, portanto, tender para estabelecer a "Lei do movimento"; é ela que nos dará a chave da Física geral.

Ora, essa lei decorre naturalmente, como vamos ver, das premissas que acabamos de estabelecer.

Vimos a série no espectro colorido, da luz fazer a força do seu princípio abstrato, tornando-a impressionável nos nossos sentidos, mostrando-no-la, com efeito, suscetível de *mais* e de

menos, e substancializando-se em matizes múltiplos, tão fixos como as divisões do ângulo geométrico de que saiu.

Se essas diferenciações vêm afetar os nossos sentidos de várias maneiras, é porque os nossos sentidos são organizados de modo a fazerem com que as nossas percepções sofram numerosas bifurcações.

Efetivamente, fenômenos tão diversos na aparência, como sejam os da eletricidade, calor, luz, magnetismo, não são mais que modificações, em suas diversas aparências sensoriais, de um fato único que é o *movimento da série*.

É o movimento da série que, devido à angulação do raio branco, permite à vista apreender no prisma, debaixo das cores azuis do espectro luminoso, as *dilatações* da força, opondo-se por antagonismo às suas *condensações* representadas pelo vermelho.

E, se a angulação retilínea do prisma substituir-se por uma substância angular circular, a série de anéis irisados concêntricos, que sucede ao espectro linear, dará uma imagem mais completa ainda da hierarquia serial da força. Compreendemos então como a força, obedecendo ao imutável princípio que regula a sua expansão e fracionamento normal pela angulação, pode produzir essas maravilhosas combinações de matizes que vêm encantar os nossos olhos na coloração dos cristais, na da plumagem e pêlo dos animais, em todas as superfícies variantes da Natureza, onde a força, quebrando-se em mil metamorfoses luminosas, produz uma miragem sempre nova e continuamente renascente.

Mas a luz não é o único fenômeno que nos permite apreender o movimento da série; os nossos sentidos podem ainda fazê-lo na afinidade molecular, na coesão, na capilaridade, no atrito, na osmose, gravidade e gravitação, outras tantas manifestações do movimento serial.

Tudo repousa neste fato de seriação fenomenal. A harmonia do mundo depende dela; cada corpo, seja simples ou composto, bruto ou organizado, representa uma modalidade, uma fração ou

um termo dessa série eterna, que se manifesta em categorias infinitas, através dos próprios espaços infinitos.

Prisma imenso, onde, desde o movimento molecular da cristalização elementar, até ao dos astros, as forças seriais vêm exibir-se em dilatações e condensações sucessivas, o Universo nos mostra a sucessão dos corpos como sendo de alguma forma o colosso em miniatura do grande espectro natural.

A cristalização, do mesmo modo que os anéis óticos, é, em grau diferente, uma *solidificação serial* sob a influência de um movimento angulado; e a gravitação, que se nos representa na Ciência como a simples expressão de uma relação numérica fixa, é a confirmação de um fato muito superior, a *constituição* normal da série.

A série nos aparece, pois, como a expressão da força em sua expansão primordial, em seu equilíbrio simples. É ela que designa a cada elemento o seu lugar na Natureza, conforme essa ordem fixa e imutável que nada tem do dualismo inflexível e cego, *negativo*, *positivo*, *repulsivo* e *atrativo*, que se lhe empresta, porém *resulta das irradiações da força em torno de categorias de centros, determinados pelo impulso de um* PRINCÍPIO PRIMORDIAL *regulador.*

A força, na expansão normal e ritmada da sua expansão serial, segue marcha igual e proporcional às resistências que encontra, e essas resistências, que variam ao infinito, opõem ao movimento livre e regular da série *limitações incessantes*; são essas limitações que produzem os efeitos especializados da *força*.

SÉRIE e LIMITAÇÃO constituem, de alguma forma, dois termos inseparáveis, que se completam; a série é o instrumento do arranjo metódico da força: a limitação é a verdadeira mola de suas combinações; o único fato da angulação que sofre a força desde a origem da sua marcha serial não será já um primeiro fato de limitação? A limitação nasce, portanto, com a série; depois *resolve-se* alternadamente, ou se *opõe* com ela, quer secundando o desenvolvimento da série, como na angulação do prisma, quer atrasando esse desenvolvimento e favorecendo os estados de

condensação da força que vem ferir os nossos sentidos sob a forma luminosa, calórica, elétrica, magnética ou acústica.

Se tomarmos do ângulo geométrico, por meio do qual demos uma idéia do modo pelo qual nasce da angulação o movimento serial, poderemos ainda, tomando os dois pontos quaisquer sobre as retas que formam esse ângulo, e juntando estes dois pontos por uma linha, conceber figuradamente de que modo a limitação nasce de um estacionamento da série:

Em vez de um ângulo indefinido, cujos lados se vão perder no infinito, obremos uma figura fechada, o triângulo; ora, o triângulo é precisamente a base elementar do desenvolvimento das formas na Natureza; é a figura geométrica que engendra todas as superfícies.

Platão havia cogitado da possibilidade de tudo referir às divisões de triângulo; efetivamente, o triângulo é a substancialização da *Tríade* geradora universal, presidindo à edificação dessas inúmeras combinações da força a que damos o nome de *corpos*; é essa Tríade limitada que, criando equilíbrios transitórios, obriga a força a se *espessar*, de qualquer maneira, desde a sua *dilatação* mais sutil – os gases –, até a *condensação* mais acentuada – os metais –, passando pela *liquefação*, termo médio da expansão; mostrando-se-nos sucessivamente sob os três estados característicos (*gasoso, líquido* e *sólido*) essa matéria de que se faz uma entidade diretora e que realmente nada mais é do que o produto das resistências que a força encontra; o produto das limitações que ela sofre e o dos equilíbrios provisórios que dela resultam.

A Natureza é, portanto, o resultado dum jogo constante de limitações, fazendo oscilar a força entre um *minimum* e um *maximum* de condensações, que procuram equilibrar-se; e assim é que há corpos dotados de movimento em *mais* ou *menos*, e corpos *neutros* ou *indiferentes*; é assim que passam os corpos de um estado para outro, influenciam-se mutuamente, unem-se ou se desassociam; e que a força, em sua marcha incessante para limitações sempre novas, indispensáveis ao mesmo tempo ao seu equilíbrio e à sua impulsão, passa por esses efeitos compostos, que fazem do Universo um caleidoscópio imenso, em que se

refletem com riqueza e diversidade inauditas todos os elementos criados.

Manifesta-se-nos então a substância sólida ponderável sob nova feição, isto é, como *Movimento em estado passivo*, como *Força condensada*, sob a lei de um equilíbrio ocasional, que o mais leve impulso *determinante* está sempre prestes a libertar, para reabrir-se nessa *Força-princípio*, momentaneamente retida nos liames que a embaraçam, as eternas veredas que ela é eternamente chamada a percorrer.

Assim, turbilhonam nos espaços infinitos as inumeráveis metamorfoses do Universo, engendradas por essas combinações múltiplas que se formam e desfazem alternadamente; e os fenômenos de fosforescência, de aromatização, assim como a isolação elétrica ou calórica, nos aparecem como a resultante de um fato único: *a resistência que certos estados condensados da força opõem ao movimento livre e regular da série*.

A limitação, dando-nos a chave das teorias da iluminação, dos explosivos e da têmpera de que ela é a base, ensina-nos que, por combinações *variadas*, podemos mesmo, até certo ponto, modificar artificialmente as *resistências*, ou opor-lhes dissimilares, de modo a produzir nos corpos profundas modificações ou conflagrações violentas; e é por essas especializações sucessivas *naturais* ou *artificiais*, que a força se dirige, individualizando-se cada vez mais, para o seu termo final, que é o estado de *tonalização* de que o monocórdio nos dá uma imagem tangível. Suponde efetivamente uma corda de violino *não tensa*; ela conserva-se muda; mas dai tensão a essa corda, *limitando-a* em sua extensão entre dois pontos fixos; ela se anima e vibrará sob a pressão do dedo que a encurva num deslocamento angular; oscilará descrevendo uma figura elipsoidal, produzindo um som.

A elipse e o som angularmente produzidos pela distensão da corda são a resultante de uma série infinita de outras ressonâncias que acompanham a principal; "é, de alguma sorte, um eco múltiplo que se vai afastando até aos limites da percepção, e uma oscilação elíptica que, decompondo-se até aos extremos imperceptíveis das divisões moleculares, nos permitem apanhar num só movimento vibratório o tipo da série infinita." (*Louis Lucas*).

Na ressonância do monocórdio, o olhar e o ouvido podem, pois, seguir ao mesmo tempo os efeitos de *limitação* e de *seriação* da força. Um terceiro estado, mais especializado, daí decorre igualmente; porque, se se conseguir modificar a limitação da corda, reduzindo-lhe a extensão pela metade, pela terça ou quarta parte, obter-se-á sempre a mesma série de figuras elipsoidais, a mesma série de ressonâncias; tão somente mudará o som fundamental da corda, a cada redução da limitação; e se obterá assim uma sucessão de individualidades tonais caracterizadas, que constituem o que se chama *tonalidades*. A *tonalidade*, que poderíamos figuradamente representar pelo círculo, do mesmo modo que já representamos a série pelo ângulo e a limitação pelo triângulo, é o ponto no qual vem regularizar-se o movimento serial de uma ou várias séries, para produzir um movimento unificado e especializado. Já não é o movimento simples e primordial da série onde a força se equilibra sobre si mesma e numa série indefinida de termos hierarquizados; é o equilíbrio fictício de elementos diversos, sobrecarregados de disparates e antagonismos, que fariam acreditar na sua aproximação e confusão, e que, entretanto, se acham envolvidos numa unidade superior tonalizante, que os regula e os domina sem absorvê-los.

Em outras palavras: *tonalização*, significando exclusivamente *"sujeição do múltiplo à unidade"*, exclui toda idéia de retorno à unidade; não é, de modo algum, uma *fusão*: é uma organização do múltiplo." (*Louis Lucas*).

A tonalidade, de fato, não possui nenhuma relação de partes com os detalhes que a compõem. É autônoma.

É o tipo da individualização, é a base de todo organismo; desde o equilíbrio mais simples até o mais complicado, a escala dos seres nos apresenta uma série ininterrupta de equilíbrios complexos, oscilando em uma centralização mais ou menos graduada, formando um todo unitário provisoriamente tonalizado, de que nos dá múltiplos exemplos a individualidade do líquen e do pólipo, até a do carvalho e do homem.

O próprio Universo no seu conjunto, manifestação equilibrada da Idéia Primordial, resumindo todas as tonalizações individuais, não é mais do que uma tonalização universal, *absorvendo*

na esfera todos os círculos, do mesmo modo que o círculo absorve o ângulo e o triângulo.

A lei fenomênica da força é una e tríplice como a Idéia Primordial que a originou e da qual aquela é somente o reflexo.

Resumamos e digamos: Uma única hipótese – a Idéia Primordial, *una*, *trinitária*, dando a impulsão primeira a tudo o que existe e criando o *movimento* dos *mundos*: princípio abstrato que podemos apanhar em seus termos absolutos, por analogia com a Idéia Primordial matemática, que produz a série e cria o movimento dos números.

Uma só lei fenomênica: una e trinitária, como o princípio abstrato de que ela emana, *realização simples da Idéia Primordial*, resolvendo-se nestes três termos verificáveis pela observação e a experiência: *série, limitação, tonalidade*, apresentando três idéias sem sucessão, coexistentes e constituindo apenas uma.

Tal é, em nossa opinião, a idéia organizadora, que deverá um dia unir num só feixe as ciências especiais, cujo conjunto constitui o saber humano: tal é a lei fundamental, que deve servir de base à terapêutica do futuro.

Se o valor de uma hipótese se mede pelo número e pela importância dos pontos que ela esclarece, assim como pela simplicidade e generalidade das causas que servem de base aos seus princípios, acreditamos com os Srs. Girard, Emile Jacquemin e Louis Lucas, escritores e filósofos distintos, nos quais nos inspiramos e em cujas obras fizemos tantos empréstimos, que, por sua unidade sintética, esta hipótese suprime o espírito de divisão, de análise e particularismo, que reina atualmente na Ciência.

A rígida individualidade concedida a cada partícula, a cada átomo, a cada corpo, ainda mais a cada uma das modificações desses corpos, rompendo o fio das deduções, multiplicando os pontos de vista, nos tem afastado insensivelmente do ponto de mira; se quisermos ligar a cadeia indefinida e ininterrupta dos fenômenos que uma falsa concepção das coisas quebrou, é necessário voltar à unidade da qual nos afastou o trabalho da análise moderna.

O objetivo supremo da Ciência, o *Conhecimento da Verdade*, não pode ser atingido fora do trabalho do pensamento, pela experiência única dos sentidos. É necessário aliar a filosofia à experimentação; cumpre não separar a teoria *subjetiva* do domínio dos fatos; romper com essa idéia dualista, que contribui para postergar os progressos da Ciência e consiste em tomar de um dos termos do problema para opô-lo ao outro.

O antagonismo da *força* e da *matéria* não existe; os fenômenos da Natureza não são, tampouco, o produto necessário de forças físico-químicas inerentes à matéria. Esta, com sua divisibilidade infinita, não pode ser tomada como ponto de partida das nossas concepções filosóficas.

Em vez, portanto, de atribuir a essa matéria, a que se deu o valor de uma entidade, propriedades especiais que forças múltiplas colocadas nela ou fora dela viessem diferençar sob os nomes diversos de *atração, afinidade, coesão, gravidade, força centrífuga, força centrípeta, eletricidade, calor, luz, magnetismo;* em vez de confinar toda a idéia de movimento nos limites estreitos dum fenômeno vulgar de deslocamento de sólidos e comparar a matéria a "um coche ao qual, à guisa de cavalos, pode-se colocar ou retirar alternadamente as forças", – parece-nos mais lógico admitir a idéia de uma força imaterial criadora, existindo fora do Universo Visível, e cuja existência nos permite fundar, sem indignação, a *unidade fenomênica* sobre a anterioridade e onipotência da força.

> "Só há um *princípio*, só há um *efeito* – diz Jean Reinaud – ; a própria fixidez desse efeito é a ordem inalterável das suas mutações; sua incorruptibilidade é a sua permanência; sua imaterialidade é a imensidade da sua extensão; se quisermos elevar-nos ao verdadeiro sentimento da natureza do Universo, é mister deixar de parte qualquer comparação com os objetos materiais; a ciência do Universo precisa desenvolver-se atraindo ao domínio que cultiva a *idéia mágica* da vida".

Essa idéia mágica da vida, a unidade das forças da Natureza permite-nos concebê-la; porque, em lugar de nos mostrar os organismos vivos como o conjunto arquitetônico de múltiplos

órgãos, ela no-los mostra em sua unidade sintética, uniformemente regidos pelas leis fixas e imutáveis da *série*, da *limitação* e da *tonalidade*; repetindo-os na renovação de cada fenômeno: só há uma *vida*, porque só há uma *força*; só há uma *vida*, porque só há uma lei encarregada de especializar, de individualizar, de organizar a força, de *tonalizá-la* enfim.

Se Mésmer, procurando com afinco atribuir os fenômenos físicos a um só e mesmo princípio e desembaraçar desse modo as veredas da Ciência das numerosas entidades que nela se cumula, tivesse partido da hipótese de uma força primordial em vez de apoiar-se, como fez, sobre a divisibilidade infinita da matéria, teria, com certeza, conseguido com mais proveito fazer compreender a *imponderabilidade* do Magnetismo e de suas irradiações.

Mas, estabelecendo na décima terceira proposição de sua primeira Memória sobre Magnetismo, em 1779, o princípio: "Observa-se pela experiência o *fluxo de matéria* cuja sutileza penetra todos os corpos sem perder notavelmente a sua atividade" materializou, efetivamente, com esta comparação, aquilo que longe de ser *um fluxo de matéria*, não é mais que manifestação da força, e deu assim origem a esse equívoco da *substancialidade fluídica*, de que tem sido o Magnetismo mais ou menos vítima, e que ainda ultimamente lhe atraía da parte de um dos nossos modernos sábios esta crítica indébita: "Nunca compreendi como um homem inteligente e conhecedor dos princípios fundamentais da Fisiologia possa admitir uma tal transmissão fluídica." (*Brown-Séquard*).

Não. Magnetismo não é um *fluido*, por mais sutil que o suponhamos, como não o é a eletricidade, a luz, o calor, e o som. Esses fenômenos são, em diversos graus, simples modalidade da força una, indivisível, que sob o império de uma lei una e imutável qual ela, se *seria*, se *limita* e se *tonaliza*, desdobrando na Natureza todas as modalidades de *dispersão* e de *condensação* realizáveis, e em suas mutações incessantes, criando correntes contrárias, chave de todas as metamorfoses.

Essa força universal, protéica, era bem conhecida dos antigos; os hindus chamavam-lhe *akasa*, os hebreus, *aôr*; é o *telesma* de Hermes, o *azoth* dos alquimistas, a *serpente* da Bíblia; é a *luz*

astral de Martinez e Eliphas Lévi, o *od* de Reichenbach, a *força psíquica* de Crookes; é o *fluido* de Mésmer.

Atribuíam-lhe geralmente quatro manifestações sensíveis: – *calor, luz, eletricidade, magnetismo*, e, ainda mais, a propriedade de *imantar* todos os corpos por uma dupla polaridade antagonista, que *repele* e *atrai*.

CAPÍTULO III
Só há uma Saúde

A *Analogia* e a *série* são os princípios de primeiro plano, que dão às nossas premissas e conclusões o caráter de universalidade que devem ter. – Tudo na Natureza é *tonalidade*. – Identidade analógica dos fenômenos *acústicos, óticos, calóricos, elétricos, químicos, fisiológicos*. A tonalidade acústica tomada como modelo *típico*. – A música ou teoria do som, considerada por todos os filósofos como o *símbolo da organização* das forças. (*Newton, Rumford, Kleper, Euler, Euclides, Descartes, Mersenne, Platão, Hoëné Wronski, Louis Lucas*). – Elementos fundamentais da tonalidade musical: *tônica*, *dominante*, *mediante*, *sensível*. – Ressonâncias fisiológicas correspondentes: *cérebro, aparelho genital, coração e fígado*. – A resultante da vida está na relação *tonal* desses quatro termos. Ondulações do *Enormon*. – Na faculdade que o ser possui de mais ou menos se estender e se equilibrar, é que reside sua força ou sua fraqueza. – A *tensão equilibrada* é a salvaguarda dos organismos. – A bolha de sabão, protótipo da célula viva, é a imagem rudimentar da forma *oclusa*. – Movimento de *volatilização* e de *sucção*. – *Eliminação e absorção*. – A saúde é a resultante dum equilíbrio. – Só há uma saúde, pois que só há um ponto de equilíbrio.

Dissemos que só há uma força oriunda da Idéia Primordial, una e trinitária, ponto de partida de todos os movimentos e geradora de todas as formas.

Só há uma lei fenomênica, realização substancial da Idéia Primordial, una e trinitária, como o princípio abstrato do qual ela promana. Não somente essa lei abraça num mesmo amplexo todos os fenômenos da Natureza, como os rege soberanamente, conduzindo-os invariavelmente a um estado combinado de *seriação, limitação e tonalização*.

Tudo quanto existe na Natureza encontra, pois, uma solução nesta lei, que, fazendo-nos conhecer as relações de coexistência e sucessão das coisas, nos dá a noção da gradação e continuidade dos fenômenos.

Abre-nos ainda mais vastos horizontes, os da *analogia*; porque na passagem regular de um termo para outro, permite-nos

apanhar entre cada termo a existência necessária de certas afinidades de essência, que nos dão uma concepção mais perfeita da *unidade de composição* da Natureza, mostrando-nos todas as criações como sendo a realização mais ou menos completa dum plano comum.

Então, à proporção que mais os penetramos, os objetos mais heterogêneos, na aparência, desdobram suas relações de analogia e conexão; todas as dissonâncias, indo fundir-se numa relatividade comum, caminham, por um movimento de *resolução* gradual, para uma harmonia solúvel e definitiva; as causas, consideradas até aqui como não tendo relação alguma de similitude ou, pelo menos, como muito afastadas, se aproximam insensivelmente e se confundem à nossa vista, num só feixe, que a analogia esclarece.

> "A contemplação dos fenômenos desenvolvidos pela *lei de série* – diz o Dr. Castle (fisiologista muito distinto) – desvenda a existência de uma lei correlativa: a da *afinidade universal* ou de reprodução, em graus diversos, de um fenômeno ou de uma ordem de fenômenos em outros; esta concepção das afinidades universais é a da *analogia* ou das relações recíprocas."

A analogia, que os tratados de lógica mencionam como simples concepção do experimento, não tendo aos olhos da Ciência o valor de um processo regular, nem por isso com a idéia serial, deixa de ser o único princípio de primeiro plano, que permite dar às nossas premissas ou às nossas conclusões o caráter de universalidade que elas devem ter.

Fora da série e da analogia, o laço dos fatos se rompe, a concepção científica do *múltiplo* na *unidade* se desvanece, e à ordem da hierarquia progressiva sucede a obscura confusão de elementos não tributários. Se quisermos conseguir a interpretação da lei que liga entre si os fenômenos observados, se quisermos ter a percepção nítida do encadeamento dos fenômenos pelo fluxo perene de um no outro, é-nos absolutamente necessário usar do método analógico.

> "Há dois gêneros de analogia – diz Geoffroy Saint-Hilaire –: a que se revela pela observação direta e a que é evidente em virtude da conseqüência; uma analogia que não é facilmente evidente aos olhos do corpo pode tornar-se evidente para a vista do Espírito."

A analogia é que nos permite estabelecer, *a priori*, que tudo é *seriado*, *limitado* e *tonalizado*; é pelo fato da unidade característica da lei fenomênica e da analogia que une os fenômenos entre si, que o estado de tonalização da força nos aparece como termo final de *resolução*, trazido pelos efeitos de seriação e de limitação, desaparecendo estes no segundo plano, depois de terem preparado o estado de tonalização.

Tudo na Natureza se apresenta, portanto, aos nossos olhos, sob um só e mesmo aspecto: a *tonalização* da força; as formas, os corpos são a expressão de uma tonalização; os fenômenos acústicos, óticos, químicos, calóricos, elétricos, magnéticos, fisiológicos, são produtos diversos da tonalização da força.

E, como a força só possui um modo de ser e de tonalizar-se; como a lei na sua expressão é una, conhecer uma tonalização no jogo de suas partes é conhecer todas.

A acústica, sendo entre todos os ramos da Física aquele cujos fenômenos são mais bem conhecidos, poderá mais que qualquer outra ciência servir-nos de ponto de comparação; é para ela que apelaremos, a fim de explicar as tonalizações da força e especialmente a *tonalidade fisiológica* que mais importa conhecermos.

A teoria do som, ou a música, foi em todos os tempos considerada pelos filósofos como o símbolo da *organização* das forças; pelo estudo de suas combinações penetramos quase o âmago da criação do movimento, e assim nos tornamos aptos para penetrar o encadeamento das coisas. Objeto constante da atenção dos grandes matemáticos e dos filósofos, a música preocupou sempre os investigadores e muitas vezes lhes abriu novos caminhos. Newton hauriu nela as bases da sua Ótica; Rumford associa-lhe a teoria do frio e do quente; Kepler descobre nela as leis astronômicas; Euler serve-se dela para explicar as auroras boreais e as caudas dos cometas; Euclides, Descartes,

Mersenne e Kepler compuseram tratados de música; Platão fez gravar na fachada do pórtico da Academia: *Ninguém aqui entra sem ser geômetra e músico*. Mais recentemente, um sábio moderno, Hoëne Wronski, para demonstrar a universalidade da *lei de criação*, tirou da tonalidade musical considerações de que alguns compositores belgas distintos como o Conde Camille Durutte, Ernest Britt e Coegaert se utilizaram, e lhes permitiu dar à arte um novo alcance. Charles, professor na Sorbona, procurou por seu lado interpretar certas modificações fisiológicas pela música; finalmente Louis Lucas, apoiando-se na identidade típica entre as tonalizações luminosas, elétricas, calóricas, químicas e as ressonâncias acústicas (a exemplo de Herder, que é fervoroso discípulo) estabeleceu o princípio de conexão que faz encontrar, por toda parte e sempre (quer se trate de *som, luz, eletricidade, calor,* ou *permutas químicas*) a lei simples, única, eterna, imutável, que tudo movimenta em torno de um centro comum, tanto a simples molécula como os poderosos astros do céu; tomando a música como ponto de partida, Louis Lucas estabeleceu a *anatomia comparada das forças*, lançando assim os primeiros alicerces das leis do movimento em sua *acústica*, sua *química* e sua *medicina novas*. Para Louis Lucas, "a vida se deve à tonalização dos elementos que constituem o nosso ser material; como em acústica, a *tonalidade fisiológica* só existe pela dependência exata de ressonâncias múltiplas, sujeitas à direção de uma movimentação equilibrante única, que se chama *tônica*. O equilíbrio fisiológico depende da relação tonal que existe entre as três ressonâncias fundamentais, que caracterizam toda a hierarquia sonora; a *tônica*, a quinta ou *dominante* e a terceira ou *mediante*.

A *tônica* é o ponto de apoio.

A *dominante*, sua antagonista, é o ponto culminante em que vêm fundir-se e absorver-se todas as harmonias da tonalidade.

A *mediante* é o ponto indiferente (de algum modo neutro) prestes a seguir a *tônica*, ou a *dominante*, conforme a tendência ao predomínio de uma ou de outra.

Sob o ponto de vista da importância de sua funcionalidade, um quarto termo deve ser também considerado no equilíbrio tonal: é a *sétima* ou *sensível*.

A *sensível* é o ponto de *resolução* da tonalidade. É ela que fecha o círculo da tonalidade, levando-a ao ponto de partida: a *tônica*.

Invariavelmente composta de um semitom, a *sensível* está sempre pronta a fazer sair a tonalidade do seu equilíbrio tonal, sob a influência de *determinantes* que a arrastam então para modulações novas. Se nos referirmos a uma figura já conhecida, ao esquema do equilíbrio vital que demos algures, encontraremos ali as quatro ressonâncias fisiológicas, que correspondem aos quatro termos fundamentais da tonalidade acústica, e que são chamadas a representar o mesmo papel na tonalidade orgânica; são o *cérebro*, o *aparelho genital*, o *coração* e o *fígado*.

Detenhamo-nos por momentos no papel fisiológico que cada uma dessas ressonâncias desempenha no equilíbrio vital:

O *cérebro*, colocado na caixa craniana, na culminância do edifício, é o ponto de partida e chegada de todas as séries sensitivas; é ele que determina a natureza das sensações em relação a si mesmo; é ele que dá o som; o cérebro, em uma palavra, é a *tônica* orgânica.

É nele que se elabora o pensamento e seus trabalhos reflexos; é nele que a sensação, depois de ter passado o orifício occipital, é apresentada por órgãos especiais ao espelho formado pelos dois hemisférios, onde ela se julga e realiza esse ato singular do pensamento em presença de si mesma, ato a que tão acertadamente se chamou *reflexão*.

Mas seria desarrazoado dar ao cérebro um papel preponderante, considerando-o como a sede da vida. A vida não reside nele nem fora dele. Não esqueçamos que ela é uma *resultante* e o cérebro não é, como os seus congêneres, os outros órgãos, senão um comparsa no equilíbrio vital; um simples instrumento de relação, do mesmo modo que é a vista que percebe o obstáculo, o ouvido que pressente o perigo, o tato que desvia o ferimento. O

cérebro, bem considerado, não é mais do que um sexto sentido – o da *razão*.

Aparelho seriador por excelência, o cérebro contém, efetivamente, o prisma nervoso destinado a julgar as sensações; de um lado, recebe as sensações externas pelos sentidos, do outro as sensações internas viscerais; aquelas já estão devidamente preparadas à seriação final, porque a força percorre os nervos com uma diferenciação realizada, que varia para cada um deles, tanto o nervo como o prisma, *angulando* o movimento que o atravessa.

A disposição anatômica do sistema *espino-ganglionar*, que representa uma espécie de harpa estendida no meio do corpo vivo, e o próprio cordão medular, que é em forma prismática, favorecem singularmente essa marcha serial da força para o cérebro; mas, como toda sucessão de angulação cria diferenças seriais, existe em fisiologia, como em ótica e acústica, uma conseqüência fatal desses desvios: é o que se chama *cromatismo*.

O cromatismo orgânico, originado da angulação dos tecidos, do mesmo modo que o cromatismo ótico, nasce da disposição mais ou menos regular dos aparelhos de detalhe, engendra o *fantástico*, a desigualdade de percepção e o erro; é à lente focal do cérebro que cabe o papel de reerguer os desvios seriais do organismo; as vísceras vêm procurar na caixa cerebral os contatos que lhes convêm, enquanto que os sentidos externos trazem as impressões do exterior; desse duplo conflito nascem as idéias gerais, as idéias abstratas, os juízos, os raciocínios, as deduções que hierarquizam os indivíduos e os especializam. Essas ressonâncias especiais, nascidas da série, despertam no ser o *sentir*, eretismo *objetivo*, e o *querer*, eretismo *subjetivo*; do choque destes dois eretismos saem o livre-arbítrio e a consciência, que imprimem ao equilíbrio vital a sua cor tonal, a sua individualidade.

A vontade, essa *balança sensível* do indivíduo e da humanidade, como tão acertadamente lhe chama Hoefer, é de fato a nossa verdadeira característica tonal; é ela que, determinando todos os nossos atos, determina a nossa *motilidade*:

> "A vontade – diz o Comandante Jouffret, em sua *Teoria da Energia* – é uma força que imprime às moléculas do cérebro movimentos que, por intermédio dos nervos, transformam em *energia dinâmica* uma parte da *energia potencial* reunida no organismo, como o artilheiro que, puxando o cordel de um tira-fogo, transforma a energia potencial armazenada na carga e produz um desenvolvimento formidável dessa energia dinâmica, ou qual o mecânico fazendo girar um botão a lançar por sobre os trilhos um trem com o peso de muitas centenas de toneladas."

A vontade é o agente especial da nossa potência tensional; ela age igualmente sobre a matéria organizada, sensível, e sobre a matéria inorgânica, insensível.

"Educar uma criança – diz Hoefer – é levantar uma vontade; instruir um homem é dirigir, esclarecer uma vontade; a vida é a educação da vontade."

Descartes disse: "Penso, logo existo."

"*Eu quero*, logo existo" – é o que devemos dizer.

O cérebro, sede da vontade ativa é, pois, certamente, a nota moral característica da tonalidade fisiológica, isto é, a sua *tônica*.

O *aparelho genital*, antagonista do cérebro, é a *dominante* da tonalidade fisiológica. Construído do mesmo modo que o cérebro, segundo a lei dos desfiladeiros, representa a mais alta das vibrações harmônicas do ser, tendendo à procriação e à perenidade da espécie.

Enquanto o elemento vital se centraliza no pólo superior em *substância medular*, vemo-lo dividir-se no pólo oposto em *zospermas*; de um lado o elemento nervoso se concentra, fortificando a unidade individual; do outro expande-se, criando o múltiplo, por via de renovamento ou reprodução.

O encéfalo representa o mais alto grau de elaboração no reino animal; o aparelho genital, antagonista do *encéfalo*, representa o primeiro grau de organização da substância, isto é, o elemento *protoplasmático* reprodutivo.

Pilha orgânica viva, cujos dois pólos se comunicam pelo cordão medular dos ráquis, o sistema nervoso resolve, pela oposição *cérebro-genital*, todas as relações de antagonismo ou de simpatia existentes entre o *espírito* e a *matéria*, o *uno* e o *múltiplo*, a *inteligência* e o *instinto*.

No pólo *cérebro-bucal* se manifesta a *atração*; no pólo *gênito-anal*, a *repulsão*; o primeiro atrai e condensa no organismo todos os elementos da nutrição intelectual ou substancial, pensamento e alimento; o segundo rejeita do organismo os produtos excrementícios e exonera-o de tudo quanto o cumula.

As paixões *exultantes*, alegria, cólera, admiração, dominação, aspiram e sobem para o pólo cerebral, colocado na parte superior e anterior, e na face dorsal. As paixões *deprimentes*, como sejam temor, tristeza, timidez, humilhação, caem na esfera genital, colocada inferiormente, na parte posterior e oculta, na face ventral.

Estranhas simpatias unem esses dois pólos: desenvolvem-se e declinam paralelamente ao mesmo tempo: influenciam-se, combatem-se ou equilibram-se; o abuso de um torna-se a destruição e a anulação do outro; as volúpias extáticas em seu supremo grau têm igualmente, aí, a sua sede; de um lado é Minerva, surgindo armada da cabeça de Júpiter; do outro é Vênus Afrodita, nascida da espuma das ondas: a ambição mata o amor, a embriaguez dos sentidos sepulta o gênio; Minerva é casta e os filtros de Circé transformam os homens em animais.

O *nervo fuente*, conservando o ser em embrião, é para nós o mesmo que o *pólen* para a planta; – a *dominante* que, sob o menor volume possível, retém o conjunto de nossas *harmonias* condensadas, prestes a fazerem irrupção.

Tal o papel da tônica e da dominante fisiológicas, representadas pelo cérebro e o aparelho genital, sobre o *circuito-nervoso*.

Vamos examinar agora o papel da *mediante* e da *sensível* fisiológicas, que, representadas pelo coração e o fígado, se acham colocadas no círculo *digestivocirculatório*; o coração contribui para equilibrar o antagonismo dos dois pólos nervosos, cérebro e aparelho genital; é a *mediante* da tonalidade.

Músculo poderoso, formando nó e desfiladeiro sobre o circuito da circulação sangüínea, de que é o regulador, o coração retarda ou acelera mecanicamente todas as relações permanentes que existem entre o influxo nervoso e o animal interno; a exemplo desses *volantes* de máquinas industriais que recolhem, condensam e regularizam a força em sua marcha de transmissão, ou como o *pêndulo* que com seus batimentos isócronos demora o movimento das molas do cronômetro, o coração retém numa oscilação alternadora, regular, as expansões cerebrais e genitais.

Como, porém, em acústica, onde a *tônica* e a *dominante* disputam continuamente a predominância, procurando arrastar a *mediante* em seus desvios, assim, também no organismo, o movimento *cérebro-genital* chega a influenciar gravemente o coração: essas rápidas flutuações da circulação, caracterizadas pela palidez ou vermelhidão súbitas, sob inapreciáveis influências passionais; ou esses grandes desfalecimentos viscerais que vêm inopinadamente ferir o organismo, nos advertem da ruptura de acordo da *tônica*.

Órgão compensador colocado entre a nossa vontade e os nossos desejos; entre a razão e o amor; entre o *eu consciente* e o *instinto*, o coração, nosso mediante, nem sempre mantém entre os nossos movimentos passionais essa igualdade de temperamento tão indispensável à integridade do equilíbrio tonal, que provoca esses inúmeros desvios patológicos, fontes da maior parte de males.

Reforçado mecanicamente em sua potência dinâmica pelo antagonismo da condensação capilar, esta mesma devida à tensão nervosa que a cria e move, o coração é o *agente especial* da tensão de todo o movimento circulatório, que se *centrifuga* pela artéria e se *centripeda* pela veia. Mas, ainda que imperando de algum modo sobre todas as *absorções* e *secreções*, o coração, da mesma forma que o cérebro, não é tampouco a sede da vida; esta não se acha nos produtos da circulação ou na composição química do sangue e da linfa, nem ainda na irradiação cerebral; calorificação, coloração, assimilação, metamorfoses e trocas, tudo isto se associa, do mesmo modo que a sensação e o pensamento, a um princípio superior de *tensão normal*; e, se a *circulação* e a

tensão são efetivamente as duas grandes fases do fenômeno vital, cumpre considerar que a *circulação* não é mais do que uma conseqüência da *tensão*, e que o verdadeiro segredo dos organismos reside nas resistências e nas limitações que nascem do estado de *oclusão* e de *claustração*.

O coração não é mais que uma roda da máquina humana colocada, com os demais órgãos, sob a direção do esforço tensional vital, e desempenhando, como acabamos de dizer, o simples papel de *volante industrial*, encarregado de condensar as forças adquiridas e lhes regular o fluxo; elemento de transição entre o animal externo e o animal interno, ele serve de ponto de união entre a força essencializada na corrente nervosa e essa mesma força materializada na circulação, sob a substância dessa carne fluente, que se denomina – *sangue*. Ponto neutro equilibrante, pela resistência limitativa de sua construção em desfiladeiro, ele tempera e balança a atividade dos impulsos cerebrais e genitais, de que segue muito freqüentemente os desvios, acusando desse modo todos os caracteres típicos da *mediante*, que na tonalidade acústica flutua de contínuo da *tônica* para a *dominante*.

O *fígado* é o quarto termo da tonalidade fisiológica; representa o papel da *sensível*.

O fígado, víscera poderosa, a maior do organismo, composta de uma verdadeira rede de capilares e, demais, confiada entre dois desfiladeiros – a *veia-aorta* de um lado, a *veia-cava* do outro –, representa um dos focos principais da *calorificação* e do *trabalho industrial* orgânico; é o recinto de *seleção* onde se elaboram, dividem e classificam os elementos extremos da nutrição, os que devem contribuir para a *assimilação* e os que devem *preparar as secreções*. Ponto de *resolução*, onde vem convergir o movimento da tonalidade, o fígado é, a seu turno, o lugar em que começam todas as transmutações e metamorfoses que presidem ao mesmo tempo às repartições internas, às expedições do exterior, às reservas e às exonerações: é o grande partidor, o escritório geral de classificação e saída da fábrica.

Apesar das majestosas aparências do seu desenvolvimento, atualmente só se dá a este órgão um papel muito secundário; e este, exclusivamente químico, é só completar por um lado a

quilificação do bolo alimentar já preparado pela saliva, sucos gástrico e intestinal, e, por outro, operar a dissolução das matérias azotadas pela secreção da *bílis*. Limitar, porém, as funções do fígado a simples ações químicas, é deixar na sombra a sua ação preponderante, puramente dinâmica.

É no fígado que vêm bater, mas geralmente, *esses determinativos* de movimento que arrastam a tonalidade orgânica a dissonâncias patológicas, cujo acordo de tônica apresenta, muitas vezes, dificuldade para se restabelecer.

As menores impressões morais, as mais leves flutuações atmosféricas, vão refletir-se no fígado; e é pela *sensível* que os agentes externos tentam o assalto da nossa tonalidade; um só instante de demora, um *obstáculo* fugitivo na partida assimiladora, bastam para produzir no circuito vital um recalcamento, uma retroversão da força, que sucessivamente vai influenciar, com a sua onda de retorno, as três pedras do alicerce da Tonalidade: o *coração*, o *pólo genital* e o *cérebro*.

Essas elevadas considerações do equilíbrio das forças, mostrando-nos as secreções e excreções como essencialmente tributárias da tensão vital, abrem-nos horizontes mais vastos, em antinomia com as acanhadas concepções que atribuem exclusivamente os fenômenos vitais a conseqüências mecânicas, anatômicas ou químicas.

É, portanto, somente a relação tonal que deve existir entre os quatro termos fundamentais da tonalidade fisiológica, *cérebro, pólo genital, coração e fígado*, que cumpre procurar a verdadeira *resultante* da vida: é neste centro de *tensão equilibrada*, a que chamamos *enormon*, que se manifestam todas as flutuações vitais. O *enormon* sobe, desce, inclina-se para a direita ou para a esquerda, se expande ou se constringe, se dilata ou se contrai sob as diversas influências por que passa.

Como na tonalidade acústica, a *mediante*, elevando-se e baixando-se alternadamente, arrastada em sua flutuação, quer para a *tônica*, quer para a *dominante*, engendra os tons *maiores* e *menores*; no primeiro caso, temos virilidade, animação, alegria, coragem; o segundo, efeminação, vaga languidez, tristeza.

O ser em quem o centro vital se conservar alto, não duvida de nada, não se admira de nada, nem recua diante de coisa alguma; aquele em quem o centro vital se conservar baixo é triste, moroso, inquieto, hesitante, cheio de humores negros e de fraquezas.

Quando esse centro flutua instável, à guisa das mediantes das melodias primitivas, entre as modalidades maiores e menores, o ser torna-se caprichoso e fantástico; o seu espírito passará sem transição da alegria para a melancolia.

É a posição baixa ou elevada, direita ou esquerda, superficial ou profunda desse centro figurado de equilíbrio, que classifica os homens não somente por gradações de espírito e de caráter, como ainda pelas modalidades de temperamento.

É na variabilidade incessante desse equilíbrio tonal que reside a flutuação da saúde. Tudo o que vier influenciá-lo, mais ou menos profundamente, dá origem a um desvio patológico.

Esse equilíbrio se modifica com a idade e os meios. Na criança, o centro vital é muito elevado: ri, salta e canta; mas também está sujeita às convulsões, às moléstias nervosas e inflamatórias, como ainda aos espasmos que afetam especialmente a face e os membros superiores.

No ancião o centro vital se abaixa, arrastando juntamente com a tristeza e a hipocondria todo o cortejo das afecções do fígado, do estômago, dos intestinos, bexiga e também a hidropisia ou a paralisia dos membros inferiores.

A loucura, as nevralgias, a epilepsia, não são mais do que fraquezas de movimentos, simples impotência de tensão, trazida pelo próprio abuso dessa tensão; pois que nada concorre mais para a destruição da tensão vital que a embriaguez das paixões e a ação exultante ou deprimente dos vícios.

Tudo concorre para entreter ou destruir essa tensão, e cada um de nós, criança, adulto, mulher ou ancião, condensa a força livre e a organiza na razão do seu equilíbrio tonal; é, pois, na faculdade que possuem os organismos de acomodar e organizar a força livre a seu proveito, que assenta sua potência ou sua fraqueza; é o grau de *tensão* que podem realizar, que lhes assegura

a independência e a confiança. A *tensão*, digamo-lo, é a verdadeira salvaguarda dos organismos.

Para compreendermos perfeitamente o que entendemos por *tensão*, um fato muito simples pode auxiliar-nos:

Qual de nós não se divertiu, pelo menos uma vez na vida, em fazer bolhas de sabão, agradável distração para crianças de qualquer idade? Com que precauções se gradua a respiração para encher a bolha, suspensa como pérola brilhante à extremidade de um canudo, e com que ingênua alegria se segue depois, com o olhar, todos esses globos criados, que volteiam no espaço à vontade dos ventos. Uns, apenas soltos, desfazem-se à impressão das forças ambientes coligadas; outros, melhor aparelhados para a luta, caminham para longe, meteoros luminosos, levando uma carreira relativamente mais longa. Nesse divertimento, por certo todos não vemos mais que uma infantilidade; entretanto, nele como em tudo, a Natureza, na sua profunda sabedoria administra um ensino de que podemos tirar proveito.

Essa leve bolha, que diverte, fornece a imagem perfeita do primeiro passo da força livre, para o estado de *oclusão* ou de *tensão*.

Aprisionando a sua respiração nessa delgada película que ela distende à vontade, a criança, sem o perceber, não se improvisa em criador? Não organiza, com todas as peças, uma forma equilibrada, inteiramente rudimentar, é verdade, mas dotada de um movimento inicial, e que, graças ao impulso recebido, prosseguirá no espaço e no tempo uma série de fases evolutivas, proporcionadas à potência dessa impulsão? Temos aí, sob nossas vistas, a expressão da lei que preside a toda evolução vital; essa forma oclusa é um primeiro grau de *organização*, porque, quem diz *organização*, diz coisa construída, definida, limitada; e, do mesmo modo que não se poderia imaginar uma força, exibindo-se em um nada sem limitação e sem reação, assim também não se pode conceber um organismo vivo sem *oclusão* e sem *tensão*.

Tudo se apóia no Universo, cada ponto do espaço procura equilibrar sua tensão própria com as tensões ambientes; e quando um organismo, espécie de fortaleza viva, em que a força se acha

em tensão permanente, já não consegue equilibrar-se com as tensões exteriores, é que ele está fatalmente votado à morte e esta, na realidade, não é mais que a vitória do mundo exterior sobre a tensão de um organismo fechado. Mas, para equilibrar-se com o meio que o cerca, não basta ao organismo estar *em tensão normal*; é-lhe também necessário entreter com esse meio uma relação de trocas; e se nos reportarmos à bolha de sabão, esse protótipo da célula viva, veremos que ela goza efetivamente de um duplo movimento de *volatilização* e de *sucção*, que, tornando-a permeável até um certo ponto aos agentes externos, favorece as trocas indispensáveis ao entretenimento de sua vitalidade e dota-a de uma elasticidade, que constitui em grande parte a sua força de resistência.

Esse duplo movimento de *absorção* e *eliminação* é a mola da célula viva, base dos organismos; quanto mais elevada é a hierarquia que ocupa o indivíduo na escala dos seres, tanto maior é a perfeição do seu mecanismo; favorecendo e regulando esse movimento alternado, duplica a sua energia vital; na célula vegetal, composta de um invólucro restritamente globular, contendo um líquido mais ou menos dotado de movimento, os fenômenos da vida só se manifestam com parcimônia; se, partindo de ínfimo ponto, chegarmos até ao animal, qualquer que seja a simplicidade dos seus aparelhos de funcionamento, o trabalho de elaboração vital adquire desde logo, sob o impulso mecânico da força orgânica mais desenvolvida, um notável acréscimo de potência; mas, diversamente se opera, quando nos encontrarmos na presença dos organismos superiores; neste caso, o concurso de múltiplos aparelhos compostos vêm centuplicar a atividade e a resistência vitais.

Já não é a simples tensão do movimento livre serial, tensão limitada por uma película rudimentar, mais ou menos porosa, acessível a todos os choques e tão facilmente atacável, como a bolha de sabão; ao contrário, é uma coligação de forças unidas e equilibradas, apoiando-se num organismo poderoso, e de tal modo fracionado em sua complicada vascularidade, que as ações exteriores já não podem atacá-lo senão parcialmente.

Esse conjunto é servido por numerosos órgãos, instrumentos maravilhosos de suas receitas e de suas despesas de tensão – o que lhe permite regularizar à vontade as suas *condensações* e *dispersões* de movimento; e, como toda a tensão é particularmente servida em sua energia pelo grau de dificuldade que a força experimenta ao transmitir-se rápida e largamente, numerosos e estreitos desfiladeiros armam, então, o organismo para a sua defesa, de uma instantaneidade e intensidade de ação indispensáveis à sua preservação.

Resumamos, pois, e digamos:

Todo organismo afeta uma forma *oclusa*, que obedece restritamente às leis de *tonalização*, da qual a tonalidade acústica oferece-nos o modelo-tipo.

A potência de vitalidade de um organismo reside na sua potência de *tensão* equilibrada e na justa relação de antagonismo existente entre a sua tensão própria e as tensões ambientes.

Essa justa relação se resolve num duplo movimento de *absorção* e *eliminação*, de *condensação* e *dispersão*, de *receitas* e *despesas*.

O equilíbrio desse duplo movimento é a *saúde*. Só há uma saúde, porque só há um ponto de equilíbrio.

CAPÍTULO IV
Só há uma Moléstia

Equilíbrio oscilatório da tonalidade, desde a concepção até a morte. – Todo desvio patológico nasce da ruptura desse ritmo. – Efeitos da tensão equilibrada sobre os humores do organismo. – Assimilação e secreção. – Moléstias agudas e crônicas. – Flutuação do equilíbrio vital entre o estado de *condensação* e o estado de *dispersão*. – O estado de tonalização protege a nossa *identidade*. – Condições de que gozam os sustentáculos da ação radiante da força. – Linhas de forças, de Faraday. – Galvanoplastia. – Contratibilidade, sensibilidade e percepção. – Estado de imunidade que as altas tensões periféricas dão ao organismo. – Perigos que apresenta a predominância de um dos pontos da tonalização. – Efeitos retroativos das altas tensões. Toda falta ou todo excesso de tensão traz perturbações orgânicas. – Dissonâncias e *batimentos*. – Não há moléstias *nervosas*, nem moléstias *específicas*, nem moléstias *miasmáticas*. – *Microzimas* e *bactérias*. – Teoria do Professor Bechamp. – Toda moléstia provém de um *desacordo* entre a tensão do organismo e a das forças ambientes. – Só há um ponto de equilíbrio, e conseqüentemente uma só *saúde* e uma só *moléstia.*

Como a bolha de sabão, cuja delgada película resiste às tensões ambientes coligadas, enquanto a força inicial interna pode fazer-lhe equilíbrio, assim também o ser encontra a sua salvaguarda na *tensão equilibrada*.

Da concepção à morte, seguindo a *trajetória* que nos traça o destino, é-nos preciso, do mesmo modo que ao equilibrista na corda esticada, olhar fixo na mira, sustentar sem desfalecimento nem descuido esse equilíbrio oscilatório contra o qual se coligam todas as forças atrativas ou repulsivas que nos cercam.

Durante o tempo da vida uterina, a força inicial, envolvida no gérmen, participa da tonalização materna, da qual sofre todas as flutuações e influências; a tonalidade da criança não conquista a sua verdadeira autonomia senão quando se separa da tonalidade materna. Desenvolve-se, então, sob a influência da educação física, intelectual e moral que recebe a criança, e isso não constitui a menor das provas por que tenha de passar, pois na obra

arquitetônica que prossegue e a que deve presidir durante os longos anos de desenvolvimento e crescimento, a tonalidade encontra, a cada passo, sérias ocasiões de se desviar do ritmo normal e esbarrar com obstáculos suscetíveis de fazê-la esmaecer, antes que tenha tido tempo de completar os órgãos compensadores, destinados a fortificarem o seu funcionamento.

É só quando chega ao término do crescimento, que o ser se acha definitivamente de posse de todos os meios para sustentar a luta pela existência; dotado de um bom impulso inicial, que a concepção lhe terá fornecido e que uma sólida educação terá fortificado; de posse de um organismo completo, ele poderá suster melhor os choques, e sua força de resistência será tanto maior quanto mais equilibrada for a sua tonalidade; mas, então, que se premuna contra si mesmo; que se individualize fortemente, armando a vontade contra o arrastamento das paixões: que se aplique a manter um justo equilíbrio entre o *físico* e o *moral*, entre o ser *vegetativo* e o ser *sensitivo*; que não deixe nenhuma das ressonâncias fundamentais da tonalidade tomar uma influência preponderante sobre as outras; porque, se na primeira parte da vida o ser está principalmente sujeito aos ataques e desvios materiais que partem do exterior, na segunda é de dentro que irrompem todas as sérias ameaças de desequilibração. Atingido o termo do completo desenvolvimento, o ser, menos facilmente dominado pelas causas externas que até então tiveram a primazia, entra no período de exercício do *livre-arbítrio* e da *vontade*; se souber ponderar os seus atos, se não deixar enfraquecer a vontade, *este agente de todas as suas tensões equilibradas* poderá atingir e atravessar sem estorvo a última prova de transição, que o aguarda no fastígio da vida, isto é, a passagem *da idade adulta para a idade madura*, em que a tonalidade, do mesmo modo que no período de crescimento, corre os mais graves riscos sob a influência de uma segunda evolução arquitetônica, destinada a preparar os alicerces da velhice.

Depois dessa prova tópica contra a qual vêm, na maioria dos casos, quebrar-se as tonalidades mal preparadas ou desamparadas, o ser recuperando um novo alento, a que já não vêm tão profundamente perturbar, com tanta freqüência, antagonismos

menos violentos, tal como se dava no período ascendente, encaminha-se para o prosseguimento da vida; e, munido de tonalidade revestida de uma *dominante* menos perturbadora e mais criteriosa, pode descer esse declive com passo calmo e regulado, realizando muitas vezes, desta maneira, um segundo ciclo tão longo quanto o primeiro.

Todo o segredo da vida dos organismos reside no seguinte: *Manter no seu ponto de tensão normal todo o ritmo vital, quer na sua direção, quer em contrário, em todas as flutuações que sofrer a tonalidade, desde a concepção até a morte.*

Atingir esse ponto é resolver o problema vital, conservando-se moral e fisicamente fora dessa escravidão dolorosa e humilhante, que nos impõem as paixões e a moléstia.

O homem de bem, o homem são, o homem feliz, está sempre em uníssono consigo mesmo, *vir semper sibi consonus*; o homem a quem a paixão transvia ou a moléstia apavora, perde todas as harmonias do seu ser e desafina horrivelmente, como se fora uma dissonância num concerto *homo absonus*.

Sejamos, portanto, senhores de nós mesmos; saibamos regular as nossas necessidades e gozos; não deixemos que se esgotem as nossas faculdades nos excessos ou nos vãos prazeres; conservemos, tanto quanto possível, o equilíbrio dentro e fora de nós. Qualquer infração física ou moral a esta lei de puro dinamismo, nos curvará ao jugo férreo desses inúmeros desvios patológicos, que constituem o fundo da grande miséria humana, a que chamamos *moléstia*.

Para evitar a moléstia, faz-se necessário que nossa tonalidade imponha aos antagonismos um acordo perfeito; deste, resultará uma tensão normal, que manterá em equilíbrio, no organismo, todos os humores; efetivamente, é a tensão que secciona em três partes os nossos materiais arquitetônicos, sólidos, líquidos e gasosos; que entretêm a forma e o movimento globular dos nossos tecidos; é ela que, regulando a dupla função de *absorção* e *eliminação*, assegura a alternância periódica das *assimilações* e *secreções* que resumem o mecanismo vital; as metamorfoses químicas em permanência no organismo relativamente à nutri-

ção, ao desenvolvimento e conservação do ser, na realidade nada mais são que uma conseqüência imediata do *estado de tensão*.

Enquanto persiste esse estado, o ser, como que envolvido em atmosfera protetora, pode resistir a todos os incitamentos do exterior e conservar a sua autonomia funcional; mas quando esse estado de tensão chega a romper-se, todas as vias abertas às invasões tornam o ser escravo e tributário das força ambientes que o oprimem; o movimento regular das funções, o das decomposições químicas, se alteram; a natureza intrínseca dos sólidos, dos líquidos e dos gasosos se modifica e o ser periclita em desorganização ascendente, que lhe pode acarretar uma perversão completa de todos os seus elementos.

As perdas de tensão podem ser bruscas ou progressivas, e assim é que produzem as moléstias *agudas* ou *crônicas*.

Qualquer indivíduo, em razão de sua idiossincrasia, é mais ou menos acessível às perdas de tensão; esse fato depende da maneira por que se acha equilibrado o seu *enormon*. As forças nervosas, estendidas do centro à circunferência, formam, já o vimos, uma espécie de harpa vibrante obedecendo a um ritmo, que cria o antagonismo da dupla corrente *centrípeta* e *centrífuga*; qualquer ser nervoso se estriba, de alguma sorte, sobre centros condensadores e irradia para a periferia, onde encontra a oposição das forças ambientes, que servem de barreira à sua elasticidade vital: debaixo da influência de causas diversas, o afluxo do movimento condensado se dirige para a periferia, ou para o centro; o equilíbrio flutua entre *condensações* preponderantes ou *distensões* excessivas; e a expansão se manifesta do centro para a circunferência, tanto mais normalmente quanto o ser melhor equilibrado se acha e mais senhor de suas *condensações* e *dispersões*.

Esse estado de tonalização equilibrada constitui, na realidade, a nossa verdadeira identidade pessoal; porque no meio das permutações moleculares incessantes, que se operam em nossa materialidade, em que se transformaria a nossa personalidade, se não possuíssemos algum meio de nos mantermos sempre idênticos a nós mesmos, na torrente das metamorfoses que arrasta os nossos elementos parcelares constitutivos?

É a tonalização que, fornecendo-nos um centro preponderante de ações ao mesmo tempo atrativas e repulsivas, nos permite reter, senão na imutabilidade de sua natureza, ao menos em suas relações constitutivas, os elementos variáveis do nosso sangue, da nossa medula, da nossa carne, dos nossos ossos, de maneira a mantê-los em séries de centros, ao mesmo tempo independentes e governados sob o predomínio de uma potência superior equilibrante, que é a conservadora da nossa característica física e moral.

A ordem simétrica e absoluta em que se colocam esses elementos é imutavelmente fixada pelo próprio grau da potência tensional, que preside ao desenvolvimento normal da silhueta do ser. Do mesmo modo que a limalha de ferro, quando agrupa suas partículas isoladas em torno da barra imantada sobre curvas geométricas regulares, a que Faraday chama *linhas de força*, a nossa potência tensional obedece às condições de que goza qualquer sustentáculo da ação radiante da força: é um princípio universal, que se encontra por toda parte, tanto nos fenômenos da galvanoplastia, onde esse princípio dirige a molécula sobre a molécula, como se uma inteligência primordial preexistisse nela quanto no organismo vivo, onde todas as moléculas se organizam entre si.

É à regularidade e à constância dessa classificação molecular, no meio das perpétuas trocas do organismo, que devemos a conservação da integridade da nossa forma e da nossa saúde; e essa regularidade e constância dependem da faculdade tonalizante que regula todas as nossas tensões, faculdade não somente variável em cada indivíduo, em virtude do lugar que ocupa na expansão serial de todos os tipos, mas variável também em razão da maneira pela qual o organismo percebe mais ou menos viva ou profundamente as sensações que partem do exterior.

Nosso organismo, a exemplo do último dos moluscos ou da delicada sensitiva, possui como função normal a faculdade de *contrair-se* à aproximação de um contato qualquer. Esse movimento contrátil é, de alguma sorte, a medida do grau de limitação que a força, em tensão no organismo, opõe às excitações externas, mas o que se chama *contratibilidade* não é mais que o

primeiro tempo do fenômeno sensitivo; e o segundo tempo é a *sensibilidade*.

Dependendo absolutamente de um efeito de retorno do movimento expansivo para a condensação, é necessário à *sensação*, para que se manifeste a conseqüência da contratibilidade (a sensibilidade), que a retirada da força nervosa, sobre os centros, se faça sem embaraço, que o *enormon* se contraia sobre si mesmo por um movimento *centrípeto*; e como não pode haver *sensação* sem *percepção*, é ainda necessário que o cérebro, o órgão das percepções, esteja com o resto do organismo na relação exigida. Em outros, para que o ser perceba nitidamente as sensações, é mister que a tonalidade devidamente equilibrada entretenha uma harmonia regulada entre a dupla corrente *centrípeta* e *centrífuga*, sendo essa harmonia necessária ao fenômeno de recorrência, que se denomina *sensibilidade*.

Tudo que elimina ou embaraça essa dupla corrente, tudo que impede com violência, por exemplo, as forças centralizadas do *enormon* para a periferia em um excesso de expansão exagerada, como a cólera, o ímpeto guerreiro, o êxtase (quer seja artístico, científico, erótico ou religioso), obscurece, por isso mesmo, a sensibilidade: o combatente, no ardor da luta, não sente, na ferida, o que lhe penetra a carne; o mártir, exaltado pela fé, sorri para o carrasco; o amor materno compraz-se em suas dores; em tempos remotos, miraculados fanáticos não suportavam impassíveis as violências mais monstruosas, sem que lhes adviesse nenhum mal ou conseqüência desastrosa?

Esses estados de alta tensão para a periferia, pelos curiosos casos patológicos que apresentam, têm mais de uma vez desorientado a Ciência; mas, quer se produzam fortuitamente ou por um violento esforço da vontade, não é menos verdade que esses estados de alta tensão periférica colocam, inconscientemente ou voluntariamente, o indivíduo ao abrigo de qualquer invasão mórbida e dos desfalecimentos a que uma grande dor poderia dar causa; dir-se-ia que, debaixo dessa influência, o organismo se encouraça contra todas as invasões: o homem, cujo *enormon* for suficientemente tenso, pode afrontar impunemente todos os contágios miasmáticos; o corajoso nadador, na irradiação da

dedicação que o impele a expor a vida, pode afrontar sem perigo o frio mortal da água gelada, que, em qualquer outra ocasião, lhe traria uma fluxão de peito e a morte; têm-se visto velhos valentes, opondo à dor um calma intrepidez, fumarem seu cachimbo, enquanto se lhes amputava a perna; Múcio Scævola, com a mão espalmada no braseiro incandescente a queimar-lhe as carnes, fez pasmar Porsena pela extraordinária placidez da sua calma.

Se a tensão nervosa, pela imunidade com que dota momentaneamente o organismo, produz tais prodígios, cria, ao mesmo tempo, pelo seu próprio excesso, grandes riscos; os extremos são igualmente perigosos, e na tonalização não é necessário que o ponto de *condensação* sobrepuje o da *resolução*, ou *vice-versa*.

Quando se estendem todas as forças do *enormon* para a periferia, é preciso ter o cuidado de deixar no centro as reservas necessárias para fazerem contrapeso às forças que se deslocam, sem o que, a tonalidade corre o risco de claudicar. Todos têm experimentado a penosa sensação ao desenvolverem-se, sem utilizá-las, certas tensões destinadas a levantar um peso ou a forçar um obstáculo; um degrau de escada que só existe em nosso pensamento, uma porta aberta, que se julgava fechada, trazem um choque de retorno da força não empregada, que vem afetar nossa sensibilidade assaz desagradavelmente.

Às vezes, certas descargas de tensão podem fulminar o organismo; os anais da medicina citam o caso de um hércules de feira, que, tendo de levantar um fardo muito pesado, foi vítima, por causa dum falso movimento ou do seu descuido, de uma dessas descargas fulminantes; na autópsia, não se encontrou nenhum derrame, nenhuma lesão; todas as forças do *enormon* em tensão para a rede muscular tinham, sem dúvida alguma e de maneira muito simples, feito oscilar a tonalidade insuficientemente equilibrada sobre o seu centro.

Às vezes, uma insignificância nesse estado de tensão extrema, para provocar o brusco retraimento das forças de um ponto sobre outro: quando o organismo, por exemplo, está em expansão dispersiva em conseqüência de um estado calórico exagerado produzido, quer por um meio superaquecido, quer por algum exercício imoderado, como a marcha, a dança ou a corrida, os

simples contato frio de um assento de pedra ou de uma relva úmida, alguns goles de uma bebida gelada, bastam para produzir instantaneamente a regressão das forças da periferia para os centros e, consecutivamente, esses fenômenos inflamatórios ou tíficos, que vêm fulminar as mucosas pulmonares, ou intestinais.

No refinamento de sua crueldade, os torturadores conheciam tanto esse fato, que proibiam expressamente se desse uma só gota d'água aos infelizes, que eram pela tortura colocados num estado de tensão suprema, temendo que a morte viesse prematuramente arrancá-los ao horror do suplício.

É por um fenômeno análogo que, num líquido em ebulição, no café, por exemplo, basta uma só gota d'água fria para precipitar no fundo do vaso todas as partículas sólidas em suspensão. É deste modo que praticam os Orientais, antes de se servirem dessa bebida aromática.

Enfim, as grandes tensões têm essa grande desvantagem: produzem, em sentido oposto, um efeito retroativo poderoso, e cada vez que o *enormon* se estende violentamente para a periferia, sofre, em seguida, invariavelmente, um retraimento proporcional para o centro; retraimento suscetível de deixar o organismo desarmado e de comprometer assim, mais ou menos, o equilíbrio tonal.

Deficiência ou excesso de tensão representam duas coisas igualmente funestas, por isso que a falta de tensão abre as portas a todas as invasões, entrega a tonalidade, sem defesa, às desequilibrações e produz, consecutivamente, graves desordens funcionais e orgânicas; e o excesso, colocando o organismo momentaneamente ao abrigo das invasões do exterior, produz por ação reflexa um desfalecimento de tensão, que pode reduzir o organismo à impotência.

Não há uma só moléstia, mesmo local, que não tenha por origem um desses dois termos extremos e antagônicos: *todos os desvios orgânicos partem de uma falta ou dum excesso de tensão*.

A moléstia, resultado de um desacordo puramente dinâmico, não é essa entidade de convenção, que o materialismo médico

coloca nas partes líquidas ou sólidas do organismo. A moléstia não deriva nem da inflamação das mucosas, nem da desagregação dos tecidos, nem da alcalescência dos humores, nem de uma suposta luta entre elementos químicos, tais como os *ácidos* e os *álcalis*. Deriva, ainda menos, da invasão mórbida dessas nuvens de micróbios que, na opinião dos nossos sábios, povoam o ar e as águas que nos rodeiam. São conseqüências, não causas.

"Se a moléstia tivesse por causa os produtos que ela origina, dizia, gracejando, um de nossos espirituosos homeopatas, bastaria assoar-se bem, para curar radicalmente o mais inveterado coriza." Propriamente falando, não há moléstias *nervosas*, nem moléstias *específicas*, nem moléstias *miasmáticas*. Só há perversões da tonalização, trazendo deslocamentos mais ou menos graves nas condensações da força. O antagonismo entre a tensão interna e as tensões ambientes, produzindo condensações anormais, paralisa ou destrói certas vibrações em atividade da tonalidade e produz esse fenômeno de luta entre duas vibrações, donde partem essas *dissonâncias* tão conhecidas em acústica pelo nome de *batimentos*.

Se o *enormon* se retrai ou se escapa sob o impulso de uma causa violenta ou de uma emoção viva, se se inclina para tal ou tal ressonância da tonalidade, como sejam o coração, o cérebro, o pólo genital ou o fígado, produz essas agitações do coração, que se levantam à aproximação do terror, de uma desgraça, de uma decepção, ou somente de uma simples perturbação atmosférica; ou ainda esses suores que inundam a nossa fronte, essas efusões de lágrimas, essas hemorragias, esses movimentos de bílis, essas secreções urinárias, esses transviamentos que empolgam as nossas faculdades e comprometem momentaneamente todo o mecanismo vital e o livre-arbítrio. O medo, uma emoção, o choque de um só pensamento triste ou violento, algumas gotas de uma bebida, posta em contato com os nossos órgãos digestivos, podem romper subitamente a harmonia da nossa tonalidade e lançar o *enormon* em desvios comprometedores, que arrastam o organismo a todas as emergências patológicas que se tem tentado classificar.

Supor um só momento que a origem dessas perturbações não está em nós, mas fora de nós, atribuí-las à presença de germes *preexistentes* e *primitivamente mórbidos* nos meios que nos cercam, é sacrificar a lógica e a razão a uma crença verdadeiramente supersticiosa.

Admitir que todas as criaturas estão, como pretendem alguns, à mercê de *uma panspermia microbiótica primitiva, essencialmente criada para ser nociva*, é substituir o acaso dos meios às leis imutáveis que regulam de maneira uniforme a harmonia dos fenômenos:

> "A vida do homem – diz o Sr. Béchamp, adversário declarado da teoria miasmática –, do mesmo modo que o curso dos astros, não pode estar entregue ao acaso."

Em Fisiologia, como em Física, só há uma lei, que é a das forças. Se há *micróbio, não é ele que engendra a moléstia, mas sim a moléstia que engendra o micróbio;* este não é, de maneira alguma, causa determinante específica, é um *epifenômeno*.

Basta ler as obras de elevada erudição prática do eminente professor das Faculdades de Montpellier e de Lille, para fazer-se uma idéia clara da questão. Não existe, como querem fazer crer, um gênio maléfico que, desde o começo do mundo, espalha por toda a parte os germes da peste, do cólera, da febre amarela, da varíola, da febre puerperal, do carbúnculo, do mormo, da sífilis, da tuberculose e de todas as moléstias epidêmicas e contagiosas. Os elementos histológicos primitivos de nossos tecidos, os *microzimas*, como lhes chama o Sr. Béchamp, são muito simplesmente dotados de propriedades diversas, conforme os centros de atividade em que evoluem. Quando certas influências perniciosas, tais como as imprudências, o desasseio, o confinamento de muitas pessoas num só recinto, a intemperança, a má alimentação, a vida irregular, etc., vêm modificar mais ou menos profundamente o estado geral do organismo, os nossos elementos histológicos, cessando, de algum modo, de vibrar em uníssono com o círculo vital, tomarão, de repente, uma evolução nova, transformar-se-ão em *bactérias* e tornar-se-ão, temporariamente, nossos inimigos; mas, sob melhores influências, quando o orga-

nismo venha a reconstituir-se, um movimento de *regressão* se operará e os nossos elementos histológicos, passando novamente do estado doentio para o estado de saúde, deixarão de ser *bactérias inimigas* para se transformarem em *microzimas amigas*. Tanto num como noutro caso, são os nossos próprios elementos constitutivos que, escapando ao nosso domínio ou voltando para ele, se desnaturam ou se reconstituem; não interveio nesse fato nenhum elemento estranho, e o fenômeno se resolve completamente numa metamorfose dos nossos elementos histológicos, sob a alternância das forças que os acionam.

É uma simples questão de equilíbrio.

Quando, portanto, um europeu, subitamente transportado para o seio das populações em que reinar a febre amarela, cair doente, vítima do flagelo, estando, entretanto, os que o cercam, de perfeita saúde, não será, propriamente falando de um *miasma*, que ele virá a sucumbir, mas de uma falta de adaptação de sua tonalidade ao novo meio em que vem habitar. Não se transporta um organismo do Pólo ao Equador, sem correr o risco de quebrar a sua tonalidade, sob a influência do desvio considerável dos antagonismos contra os quais essa tonalidade tem que exercer a sua tensão.

Os organismos podem, até certo ponto, resistir às forças ambientes; o seu grau de resistência está na razão da força de reação que lhes dá a sua tensão equilibrada; mas há certos *determinativos* preponderantes, em face dos quais todas as tonalidades ruirão; um só organismo não resistirá, por exemplo, ao contato do raio ou à influência mortal do *óxido de carbono*.

Isto nada mais tem a ver com as teorias *parasitárias* e *microbianas*, as quais, além do grande mal que podem causar, levando inutilmente o terror às almas tímidas, mostrando-lhes a morte pairando de contínuo no espaço sob mil formas inapreciáveis, apresentam um inconveniente muito mais grave, que é fazer perder de vista o verdadeiro ponto de partida *etiológico* das moléstias, e desse modo desviar completamente a *terapêutica*.

Resumamos, pois, e digamos:

A moléstia não tem o caráter de materialidade mórbida que se lhe empresta.

A nossa propensão natural para tudo interpretar pelos sentidos, torna-nos o joguete de uma ilusão, que nos faz tomar o *efeito* pela *causa*.

A moléstia não está no organismo, nem num princípio fictício, exterior ao organismo.

Resulta, invariavelmente, de um desacordo entre a nossa tensão desequilibrada e a das forças ambientes.

Sob a impulsão desse desacordo, produz-se um efeito consecutivo: as nossas funções se perturbam e os nossos elementos constitutivos, escapando ao domínio da *tonalidade*, se desagregam e se pervertem; não voltam, pela *regressão*, ao estado de saúde, senão quando, tendo-se refeito o *equilíbrio tonal*, entram de novo esses elementos sob a potência reguladora de nossa tensão equilibrada.

Só há um ponto de equilíbrio; não pode, portanto, haver mais do que uma *saúde* e uma *moléstia*.

CAPÍTULO V
Só há um Remédio

O que se deve entender pela expressão: *"Só há um remédio"*. – O mesmerismo está de completo acordo com o aforismo hipocrático: *"Natura Medicatrix"*. – A primeira noção de qualquer terapêutica é saber de que maneira se comporta a moléstia fora da ação do medicamento. – Ignorância em que se está acerca da oportunidade dos meios curativos e do seu valor real. – Da tolerância orgânica para os medicamentos. – Vegetais. – Minerais. – Antitérmicos. – Anestésicos. – Anti-sépticos. – O remédio varia na razão da idéia que se faz da vida e das causas de desorganização vital. – Método *derivativo* ou *antagonista.* – Método *excitante.* – Analépticos. – Administração dos medicamentos. – Injeções hipodérmicas. – Paliativos. – Emissões sangüíneas. – Operações cirúrgicas. – Necessidade de respeitar a integridade da epiderme. – Impotência da Ciência. – Erros de diagnóstico. – Da expectação. – A moléstia nada tem de material; é de pura *essência dinâmica*. – Vantagens do magnetismo sobre os outros agentes terapêuticos. – Sua ação estimulante sobre as mutações nutritivas. – O organismo obedece a uma lei de Morfologia geral, sob cujo influxo se reconstitui a *tonalidade* viva.

Se existe uma lei que rege soberanamente os fenômenos, se é da realização restrita dessa lei, no funcionamento orgânico, que dependem a *vida* e a *saúde*, é de toda a lógica admitir que só existe um modo de *remediar* a *moléstia*, que é chamar o organismo ao cumprimento integral da lei.

Eis o que cumpre entender por estas palavras: *Só há um remédio*. Eis o que *Mésmer* quis dizer quando avançou essa proposição; e nunca esteve no pensamento do mestre, nem mesmo em o nosso, apresentar o Magnetismo como panacéia universal ou remédio único que se pode opor à moléstia. Todo processo suscetível de chamar segura e prontamente o organismo ao cumprimento da lei, qualquer higiene capaz de preparar e favorecer a reação vital, eis, propriamente falando, o que se pode chamar o *remédio*.

A ação magnética, pela influência dinâmica poderosa que exerce sobre o sistema nervoso e consecutivamente sobre a mate-

rialidade dos órgãos é, evidentemente, para quem quer que tenha procurado prova sob o ponto de vista experimental, o meio mais seguro de favorecer as reações vitais; e eis porque Mésmer procurou demonstrar as virtudes curativas do seu método, colocando-se, neste ponto, de completo acordo com o aforismo hipocrático que, com razão, se pode considerar o ponto fundamental da arte:

É a Natureza que cura, com a condição de ser ajudada, sustentada e dirigida para os seus admiráveis fins.

Ser o ministro da Natureza, que é o nosso primeiro soberano; procurar conhecer as leis que regem o organismo e empregar os seus melhores esforços para colocar o organismo, o mais depressa possível, sob o império dessas leis; nunca substituir a ação do clínico à da Natureza: tal é o segredo da verdadeira ciência médica, da ciência que cura: fora disto só há empirismo tacanho, cego e nefasto.

Ora, apesar da afirmação bem explícita de Hipócrates, o pai da Medicina, que entretanto deveria servir de ponto de partida para Patologia, para a matéria médica e a Terapêutica, em vez de estudarem as leis dinâmicas que regem o organismo vivo e de procurarem as aplicações práticas que podem fazer dessas leis, muitos se entregaram às hipóteses mais fantasistas e contraditórias, e assim se têm flutuado, há vinte e três séculos, entre o prejuízo e o niilismo.

Todos deploram esse estado de coisas; as próprias notabilidades médicas, compenetradas da insuficiência da Ciência, não desdenham e assinalar-lhes as lacunas, mas ninguém ousa romper francamente com os prejuízos rotineiros da escola; temem, assim nos parece, tocar com a mão na arca *sacrossanta*; entretanto, mais de uma voz autorizada aponta, desde muito tempo, o caminho a seguir: "A primeira coisa para o médico que deve experimentar, e cuja ciência completa é constituída pela experiência bem feita – diz o célebre professor Trousseau na introdução da sua *Clínica médica* – é saber qual *a afeição natural da moléstia*; porém a maioria dos médicos, influenciados pela educação teórica que receberam, *impacientes em excesso*, que-

rem se adiantar à evolução da Natureza, ganhando a dianteira aos fenômenos naturais...

> "É triste dizê-lo: por isso mesmo que ele não observa com o máximo cuidado os fenômenos naturais, por isso mesmo que em tempo oportuno não aprende a conhecer a marcha e a feição das moléstias, o médico torna-se incapaz de conhecer a ação dos medicamentos que receita, e todas as experiências que daí em diante realiza carecem de base; porque a primeira noção, *a mais importante, é saber de que maneira ter-se-ia comportado a moléstia independentemente da ação do medicamento.*
>
> "Presumimos muito de nós mesmos e desconfiamos demasiadamente daquilo que metaforicamente chamei – *Natureza*; não ignoramos, totalmente, que *dado o empurrão* (desculpai-me esta expressão trivial) as coisas recuperam a sua modalidade normal. E nada deve ser mais respeitado pelo médico do que o retorno à atividade das funções naturais, que, desde então, farão para a cura mais que todos os agentes da matéria médica." (*Clinique Medicale*, Introdução).

Na mesma, introdução o sábio professor acrescenta:

> "Há muito tempo estou inclinado a crer na impotência da Medicina para o tratamento da pneumonia aguda; há muito tempo estou tentado a deixar à Natureza o cuidado de conduzir a bom termo esta moléstia, contra a qual estamos todos dispostos a agir com muito vigor; mas até hoje não ousei fazê-lo. Os *antimoniais*, os *vomitivos*, a *digital*, são as minhas armas prediletas; julgaria faltar a todos os meus deveres, se, convencido como estou (talvez sem razão) da extrema utilidade destes meios, ou pusesse à margem para ver de que modo a Natureza ultimaria a moléstia." (Trousseau, pág. 22).

O célebre professor assim se revela sem perífrase:

> "O médico, por preconceito, não julga dever abster-se, e ele próprio não ousa fazê-lo; em lugar de estudar a marcha natural da moléstia, institui um tratamento enérgico, que ne-

cessariamente perturba a evolução normal da moléstia; e, quando mesmo tenha o tratamento um êxito favorável, ignora-se absolutamente o que adviria se se tivesse abandonado a moléstia a si mesma. É ainda mil vezes pior, quando o tratamento não dá resultado, porque a perplexidade do médico aumenta com a ignorância em que fica depois desse revés, sobre o alcance da ação medicamentosa."

Em qualquer eventualidade, fica o médico, pois, no vácuo e não pode pronunciar-se acerca da oportunidade dos meios curativos que emprega, nem sobre o seu valor real.

Não há um só clínico honesto e consciencioso que não sofra com esta cruel perplexidade; e o honrado professor Trousseau, confessando suas ansiedades, procura atirar a culpa ao próprio doente:

"É bem triste, mas cumpre se diga bem alto: os doentes querem ser enganados. Encaram com maus olhos os médicos que os curam sem remédio. Impacientes por se restabelecerem, querem a nossa intervenção a todo o transe. Ao médico compete resistir, enganar essa legítima impaciência, *receitando panacéias sem valor*, que não venham agravar o estado patológico." (*Conferência da Associação Politécnica*, pág. 41).

Não está aí uma confissão manifesta do princípio *Natura medicatrix*, de que falávamos há pouco? Por que, pois, não estudar a feição natural das moléstias? Por que não procurar os meios mais seguros e expeditos para produzir a reação vital?

Não se nos vem dizer: que a *Natureza dá o empurrão à cura e faz mais que todos os agentes da Matéria Médica*? Que o médico, por um intervenção intempestiva, arrisca perturbar a cada momento a evolução normal? Por que passar além e não se abster? É que se não tem o corajoso desinteresse nem a franqueza de confessar a verdade ao doente, e que, pela rotina ou necessidade de ofício, prefere-se arriscar tudo para tudo ganhar como se arriscassem uma partida de dados.

Não se investiga a causa da desordem; e de que servirá isso? Ela é de essência dinâmica e os médicos sentem-se de antemão desarmados contra essas influências imponderáveis.

O que antes de tudo os preocupa é a materialidade do mal; eis o que o impressiona, e então limitam-se a expulsar do corpo (ainda mesmo em detrimento do doente) o produto material do desacordo dinâmico. Equilíbrio vital, tensão nervosa, são fatores que se desprezam; o único objetivo é o órgão; só o animal interno é atacado, assim como o sangue e os tecidos; atua-se diretamente sobre ele por combinações químicas ou ações mecânicas, cujos efeitos só imperfeitamente são conhecidos e cujos resultados não poderiam ser previstos.

Qual o cavalo de batalha da terapêutica atual? São os medicamentos, esses produtos farmacêuticos variados, em doses mais ou menos consideráveis, que são postos em contacto direto com o sangue ou a fibra viva.

Admitindo que o medicamento favoreça a reação vital, que só ele pode trazer o equilíbrio da nossa tonalidade doentia, como apreciar previamente, com alguma segurança, as ações químicas, mecânica sou físicas que podem resultar do peso, do volume, da forma, da natureza intrínseca e das afinidades de cada substância medicamentosa com os nossos tecidos, em face de uma reação dinâmica subseqüente? De que modo conhecer prontamente, entre as cinqüenta mil substâncias que a Farmacopéia comporta, a que melhor convém a cada um dos casos mórbidos, tão diversamente detalhados e catalogados em nossos quadros nosológicos artificiais?

De que modo, fora dessas questões de pura convenção, ou pelo menos de matizes incompletamente estudados e fixados, julgar das relações de afinidades ou do grau exato de eletividade que essas substâncias múltiplas podem ter sobre as não menos múltiplas variedades de temperamentos?

Como, finalmente, pronunciar-se sobre seu modo de dosagem? A *tolerância* do organismo para o medicamento depende de uma série de condições muito difíceis de ser apreciadas; a idade, o sexo, o gênero de vida, a profissão, o clima, o tempera-

mento, são outros tantos agentes modificadores, que devem ser levados em conta.

Não vemos os organismos sofrerem a influência medicamentosa de maneira muito diversa? Por exemplo: o que mata um, não nutre outro, ou *vice-versa*? E a quantidade de *noz-vômica* que mata o homem não é suportada, sem inconveniente, pelo porco? Podemos administrar altas doses de *arsênico* ao cavalo, mas ele sucumbe a uma exígua dose de *fósforo*. O *coentro selvagem* é nocivo às vacas e não causa dano aos burros; a semente de salva é, em geral, o veneno dos pássaros. O que se dá com o homem, dá-se com os animais; um em quem algumas folhas de agrião bastam para determinar uma erupção na pele (fato que tivemos muitas vezes ocasião de observar), pode impunemente absorver doses enormes de láudano de Sindenham (assim como o constata o Dr. Trousseau); tal dose inofensiva para este tornar-se-á tóxica para aquele; sob influências variáveis, os centros de eletividade mudam e se modificam; as substâncias ingeridas tornam-se perigosas por acumulação, ou se nulificam uma a outra por efeito contrário: cada corpo em a Natureza possui o seu pólo químico, ou por outra, o seu *antídoto*.

Como julgar e prever, no meio de tal complexidade de resultados inesperados, aquilo que convém à natureza da moléstia, à sua marcha, ao seu grau, à sua sede, ao estado do órgão especialmente afetado, ao temperamento do indivíduo?

Mas, objetar-se-á, é este precisamente o intuito da Ciência; é aí onde se manifesta, em todo o seu brilho, o talento do médico. Bem desejaríamos acreditá-lo; entretanto, considerando-se seriamente, é muito de temer que essa ciência tão complicada não esteja muitíssimo acima das nossas fracas concepções humanas e, com Hufeland (que parece partilhar essa opinião), acreditamos que é mil vezes preferível passar sem medicamentos, em caso de moléstia, do que tomar um que não convenha e arrisque comprometer gravemente o organismo. Se se trabalhasse em pesquisar até que *minimum* de dosagem é preciso para obter a evolução benéfica que se quer produzir no organismo, ainda bem. Mas é justamente o contrário que se tem praticado e o *Formulário Magistral* limita-se a fazer conhecer o *maximum*

de cada substância tóxica que o homem pode suportar sem perecer; brinca-se, a cada momento, como que por prazer, com as mais altas doses medicinais.

Faz-se ainda pior: apesar de todas as dificuldades para opinar com alguma segurança acerca da eficácia de uma só substância, adicionam-se duas, três, quatro juntamente, em proporções diversas, sem se preocupar se suas virtudes opostas não se neutralizam.

Daí, essas receitas compostas e esses medicamentos específicos, que faziam dizer ao velho doutor Meckel de Halle:

> "Quando quero divertir-me, vou às farmácias, ler as prescrições; o que me alegra mais do que as comédias e os repertórios de anedotas."

Essa incerteza no emprego dos específicos, dando origem a um sentimento de indiferença, conduziu certos espíritos cépticos a resumirem a ciência médica em alguns frascos, um só às vezes, o remédio da moda (a *antipirina* ou o *brometo de potássio*, por exemplo) que os próprios farmacêuticos exibem ironicamente como o arsenal em que os médicos vão abastecer-se para curar todos os males.

Em que remédios, afinal, devemos confiar?

Quais os mais aptos a produzirem essa evolução natural do organismo para a reconstituição do equilíbrio vital? Será nos minerais, nos vegetais, nos antitérmicos, nos tóxicos, nos anestésicos, nos anti-sépticos, nos analépticos ou reconstituintes, que se poderá encontrar essa fonte de vida? Não temos a pretensão de fazer aqui a análise documentada das propriedades medicinais de todas as substâncias; limitamo-nos a dar um rápido bosquejo dos efeitos desastrosos que, na opinião dos próprios médicos mais competentes, podem resultar dos tratamentos em uso.

Vegetais – Tinha-se outrora uma grande confiança nas virtudes medicinais das plantas; eram estas empregadas no estado natural, em infusões, decocções ou cataplasmas. Hoje como que as relegaram à medicina chamada dos simples, para a lista dos remédios de *curandeirismo*.

O homem, com as tendências que o caracterizam, de substituir por toda parte e sempre a sua ação à da Natureza, julgou fazer obra científica louvável extraindo das plantas seus compostos químicos para constituir os *alcalóides*; dizem ser isto um progresso notável, pois que os alcalóides apresentam sobre as substâncias brutas (ervas, cascas, raízes, sementes) a grande vantagem de permitir que se defina melhor os seus efeitos e de medir-lhes mais exatamente a dosagem. Assim é que se extraiu a *morfina* da papoula, a *quinina* da quina, a *atropina* da beladona, a *estriquinina* da noz-vômica, sem pensar que por tais manobras de laboratório se destruíram as preciosas *faculdades tonais* originárias, dadas pela Natureza à papoula, à quina, à beladona e à noz-vômica, e que o elemento de síntese que constitui a individualidade própria de cada um desses corpos foi substituído por elementos novos, que nenhuma relação têm com os primeiros.

Assim o ar, por exemplo, que, como se sabe, se compõe de 21 partes de oxigênio e 79 partes de azoto, não deve suas propriedades vitais senão a essa condição expressa de ser o produto tonal do antagonismo do oxigênio e do azoto, na relação de 21 para 79. Mudai essa relação, quebrai a tonalidade do ar, separai o azoto do oxigênio, e esses dois gases *isolados* já não terão separadamente sobre o nosso organismo os mesmos efeitos fisiológicos que o seu composto, perderão suas propriedades vivificantes.

Não se chegou ao mesmo resultado com a criação dos alcalóides? Quebrando a tonalidade viva da papoula, não mataram os seus princípios benéficos naturais, para substituí-los por produtos artificiais como o ópio, a morfina, a narceína, a codeína, a narcotina, a papaverina e a tebaína, tóxicos ou anestésicos violentos, todos eles mais perigosos uns que outros e que podem comprometer seriamente a tonalidade vital?

Depois do sumo da papoula, não há substância de que se tenha feito, a detrimento da humanidade, um abuso maior e mais freqüente do que a *quinina*; ora, a quinina, tomada em excesso, produz a tísica, a hidropisia, as vertigens, a surdez, uma perturbação profunda das vias digestivas e das idéias. É, como se sabe, o medicamento heróico da febre, mas ninguém ignora que as febres debeladas pela quinina reincidem mais freqüentemente do

que as tratadas por outros meios; sua ação rápida é apenas efêmera, a perturbação volta logo que se esgota a ação do remédio; daí, essas febres intermitentes indebeláveis, que, realmente, não são mais que uma moléstia medicamentosa, produzida pela quinina.

Quanto à *digitalina*, que também se emprega freqüentemente, é uma substância que, mais do que todas as outras, paralisa a reação vital; a digitalina neutraliza o efeito dos outros medicamentos, principalmente quando empregada *antipaticamente*, isto é, no caso em que o pulso é rápido. Em vez de ser, como geralmente se acredita, o agente *moderador* do sistema arterial, é o agente *perturbador* por excelência, dá aos batimentos das artérias uma intermitência irregular; na fraca dose de seis miligramas, pode acarretar acidentes temíveis.

Assim se dá com todos os alcalóides naturais, cujos princípios ativos extraídos dos vegetais são mais ou menos perigosos de manusear-se, e sobre os quais voltaremos mais tarde, quando tratarmos dos anestésicos. O que aqui queremos firmar é que despojando os princípios imediatos das substâncias, a pretexto de desembaraçar os corpos dos elementos estranhos e estéreis que os obstruem, o químico não suspeita, sob o ponto de vista da combinação das forças da Natureza, aonde podem conduzi-lo essas essencializações artificiais de laboratório.

Minerais – O organismo pode ainda, se a dose não for muito forte, defender-se contra os alcalóides vegetais, eliminando-os; mas contra os sais minerais, tais como os de platina, chumbo, cobre, arsênico, estanho, antimônio, ferro, mercúrio, ele já não tem a mesma potência de eliminação: Os minerais não somente não se absorvem, como reúnem ou dispersam as forças vitais.

> "O chumbo – diz o químico Louis Lucas –, que fere mortalmente o soldado no campo de batalha, não é menos mortal do que o próprio *bicloreto de mercúrio*: um é revestido de uma força balística; o outro de uma força de condensação química, relativa. Para mantê-lo em suspensão, o organismo se arruína em condensação normal, da mesma forma como

um hospedeiro pobre se arruína para receber um grão-senhor."

Os minerais são reunidores de movimentos; arruínam, com sua presença no organismo, a tensão normal da vida; e é assim que o mercúrio faz tão grandes assolações; a princípio apenas se limitaram a empregar o mercúrio como inseticida, mas depois o aplicaram como específico da sífilis, das moléstias da pele; e em seguida, generalizando o emprego, associaram-no a diversas substâncias, e principalmente ao iodo, contra a escrófula.

O próprio *iodo* tornou-se um medicamento tão na moda, que diariamente o empregam *intus et extra* sob a forma de *iodeto* e de *tintura*, contra todas as moléstias. Convencido da sua inocuidade, nas aplicações externas principalmente, cada um de nós o aplica em emborcações dos pés à cabeça, por qualquer motivo fútil.

Entretanto, não somente o iodo produz náuseas, vômitos, tremor dos membros, prostração geral, suores frios, como ainda disseca e corrói os tecidos brancos, ligamentos e invólucros das articulações sobre as quais o aplicam. O iodo não é, pois, tão inofensivo como se poderia crer.

Dá-se o mesmo com o *ferro*, de que fazem tão grande abuso na anemia; imaginam que o ferro, símbolo da força, deveria reforçar o organismo, do mesmo modo que se duplica a força de uma roda, ferrando-a. "É um erro que se eterniza nos livros, diz o Dr. Giacomini, mas na prática nunca se obterá por meio do ferro a menor elevação do ritmo das funções vitais." O abuso do ferro, sem razão considerado o específico da escrófula e do raquitismo, estraga os dentes, lesa o estômago, aquece os intestinos, produz diarréia e vômitos, abaixa o pulso, e finalmente inflama e enfraquece o organismo.

O ferro, por suas altas propriedades condensadoras do movimento, pode, aplicado à epiderme, sustar por seu simples contato as hemorragias, as câimbras e os espasmos mais violentos, mas, em relação às suas virtudes curativas, cumpre evitar absorvê-lo pela via estomacal.

Quanto ao *arsênico*, conhecem todos o perigo do seu emprego e não insistiremos; limitamo-nos a declarar que nenhum sal mineral é assimilável, e que qualquer tratamento pelos minerais apresenta um dano para a integridade da tonalidade vital.

Antitérmicos – Nestes últimos tempos tem-se dito muita coisa acerca dos antitérmicos. A *antipirina* teve e ainda tem muita voga; concorrentemente à antipirina empregavam-se outros produtos, como a *acetanilida* e a *kairina*.

O que de melhor podemos fazer é dar sobre o valor destes agentes farmacêuticos a opinião de um homem que foi um dos luzeiros da Academia de Medicina, o sempre lembrado professor Peter. Diz ele:

> "O seu emprego a título de antitérmico e *refrigerante* é motivado por um dos erros mais graves da medicina contemporânea; a medicina *físico-química*, que toma o *efeito* pela *causa*, o *fato* pelo *ato*, e considera a *hipertermia* ou *superelevação* da temperatura como constituindo perigo em moléstia. A hipertermia é muito simplesmente um desvio do ato funcional; combater a hipertermia por um medicamento *refrigerante*, não é mais que pôr em prática uma parte da tarefa médica; com grande risco do doente, abaixa-se bruscamente a temperatura de muitos graus; o estado do doente conserva-se tão mau como anteriormente, *sua prostração é maior ainda*, acha-se mesmo mais doente, porque o *medicamento cianozou-lhe as extremidades, tornando-as azuladas e frias como as de um afogado; há envenenamento médico, e se este envenenamento for profundo, o doente ficará tão frio como se a vida lhe houvesse fugido*."

Essa explicação categórica do sábio professor da Faculdade sobre as aplicações e as conseqüências funestas dos antitérmicos visa igualmente o método refrigerante aplicado às febres graves, em que se pensa poder extinguir o fogo da moléstia com um banho frio, como se apagassem uma brasa na água. Foi assim que os Drs. Leroy de Béthune, Brand de Stettin, e Liebermeister de Bâle, considerando a elevação de temperatura como o principal perigo das febres graves, julgaram dever aplicar o método

refrigerante à febre tifóide. Mas há nisso um erro que o célebre fisiologista Claude Bernard combateu o mais que pôde, demonstrando que na febre não se conhecem ainda os fenômenos íntimos de troca, de redução e de oxidação que se passam nos tecidos; e que, ao contrário, começa-se a entrever muito claramente a natureza das influências que pode exercer sobre eles o aparelho geral de regulação calorífica, o sistema nervoso. É, pois, à rede nervosa que é necessário dirigir-se, para combater o desacordo tonal; a superelevação do calor vital não é, como disse criteriosamente o professor Peter, senão um sintoma da moléstia e não a sua causa; e não é baixando bruscamente o calor vital, por um processo mecânico ou químico, que se chegará a atingir a origem do mal; tudo quanto se pode fazer, agindo deste modo, é perturbar ainda mais, por um choque violento, o equilíbrio nervoso.

Anestésicos – Ao lado dos antitérmicos, o progresso da ciência moderna colocou os *anestésicos*.

Anestésicos e antitérmicos suprimem a dor, e é isto principalmente que constitui a sua grande voga; mas, se suprimem a dor, é porque atuam sobre o cérebro e a medula, paralisando-os; o efeito é, portanto, aparente. Não nos iludamos; o clorofórmio, o éter, o cloral, o sulfonal, a cocaína, a morfina e seus congêneres são os mais temíveis agentes *deprimentes* do sistema nervoso; param os batimentos do coração, causam náuseas e vertigens, suores profusos, dilatam os vasos cutâneos e cianosam o sangue. Não atuam somente sobre os elementos nervosos, mantendo os nervos nas tonalidades baixas da sensibilidade geral; são também violentos venenos musculares, aumentada a dose, provocam ataques tetânicos, análogos aos produzidos pela estricnina; os músculos *antipirinados* ou *anestesiados* não respondem mais pela contração à excitação, e a fibra muscular, sob esta influência perniciosa, sobre uma espécie de *coagulação*, que dá ao músculo uma rigidez de que ele não se despoja senão quando a célula nervosa sai por si mesma da sua anestesia; uma muito freqüente repetição desse estado compreende-se que traga, com o correr do tempo, uma decadência profunda dos sistemas nervoso e muscular, e consecutivamente a ruína completa da tonalidade.

O remédio, dizem, suprimiu o sofrimento: Mas, não será pagar bem caro esse curto intervalo? Julgará o médico ter sustado o mal, e o doente estar livre de toda a reincidência? Nada mudou; apenas o organismo, mais comprometido que antes, torna-se menos suscetível do que nunca para responder daí em diante a uma reação salutar. Cumpre não haver confusão: a dor não é o mal; a dor, ao contrário, é a manifestação de um ato vital inerente a toda célula viva. "É, diz o Dr. Luys, *um ato de reação*. Para que haja dor, é preciso que haja o despertar da sensibilidade e mesmo uma dose de sensibilidade disponível; não sofre quem quer; para sofrer, é preciso sentir."

Enquanto se sofre, pode-se esperar uma reação vital; quando não mais se sofre, "longe de estar curado" não se faz, muitas vezes, mais do que se aproximar da morte; extinguir a dor pelos anestésicos não é pear a moléstia, é contentar-se com um subterfúgio tanto mais sedutor quanto faz desaparecer de vez, para o futuro, toda a reação vital.

Anti-sépticos – Chegou-se hoje a considerar a maior parte das moléstias como tendo um germe preexistente e como sendo engendradas por parasitas. Partindo então do princípio de que destruir o parasita é eliminar a causa da moléstia, empregam-se muito os remédios *anti-sépticos* e faz-se guerra encarniçada aos micróbios, em detrimento, muitas vezes, do próprio doente.

Quando, no decurso do crescimento da criança, a mucosa intestinal se inflama, dando lugar, de improviso, a milhares de vermes, os médicos, sem se preocuparem com as causas desta insólita invasão, contentam-se em administrar ao doentinho um vermífugo qualquer, firmando-se neste prolóquio popular: "Morto o animal, morto o veneno".

Em vinte e quatro horas desembaraça-se igualmente um sarnento do *acarus scabiei*, com alguns banhos sulfurosos, sem indagar se essa rápida expulsão do parasita pelo enxofre pode acarretar conseqüências más para o doente; ora, a repercussão da sarna produz, às vezes, uma moléstia das vias aéreas, que se chama a *phtisis purulenta pulmonum*, e, quanto a nós, observamos no Exército, entre os militares às nossas ordens, que a

maioria dos homens curados por esse meio tão rápido, reentravam muitas vezes dois ou três meses depois para o hospital, atacados de uma moléstia interna mais ou menos grave.

O remédio varia na razão da idéia que se faz da vida e das causas das desorganizações vitais; é neste ponto que, evidentemente, residem os erros médicos e todo o perigo.

Se acreditarmos, por exemplo, dever provocar artificialmente, pela administração de certos medicamentos, *derivações* e evacuações, como as que a vida produz naturalmente, conseguimos muitas vezes causar a ruína do organismo; e assim é que certas pessoas acabam por não mais digerir senão à força de pílulas purgativas, de águas minerais salinas, clistéres; e terminam miseravelmente a existência em consunção, entre a hidropisia, a congestão do intestino grosso e a gota, por isso que o abuso dos vomitivos e dos purgativos exageram, com o correr dos tempos, a constipação até ao ponto de torná-la incoercível.

Se, em lugar de provocar as evacuações, as combatem; se sustarem a diarréia pelo ópio, os vômitos por poções efervescentes, o suor dos pés por pedilúvios frios ou fomentações adstringentes, os exantemas, as úlceras por pomadas de chumbo ou de zinco, as hemorragias pelo tampão e o gelo, atinge-se o mesmo resultado; e o obstáculo que se oferece ao precioso trabalho de eliminação da Natureza susta o movimento de reação, que podia salvar o organismo.

Deve-se ligar um pólipo, extirpar uma glande tumefata, destruí-la pela supuração, por meio de irritantes locais, dissecar um quisto, operar um aneurisma, uma fístula, um seio canceroso, um osso cariado? Será preciso cauterizar um cancro, uma excrescência carnosa, uma verruga, desbridar um abcesso, expelir dartros da pele, feridas ou úlceras que a invadem, associando as pomadas adstringentes aos purgativos? Eis o que diariamente se faz, acreditando, assim, eliminar as causas do mal; e entretanto, à afecção primitiva, vê-se freqüentemente suceder complicações ainda piores; é que a desorganização dos tecidos não provém exclusivamente do obstáculo material, que se suprimiu, mas de uma causa de ordem *puramente dinâmica a que* se não deu

importância; limitou-se a empregar a faca e os reativos violentos, onde era preciso restabelecer um equilíbrio desfeito; lesou-se mais profundamente o organismo, dispersaram-se os últimos elementos de reação vital, que deixavam ainda ao doente algumas probabilidades de cura.

Pelo método *derivativo* ou *antagonista*, esgota-se em vez de reconstituir. Por que, pois, não recorrer aos fortificantes? Mas ainda aí, julgando-se praticar o bem, preparam-se desilusões, porque as substâncias nervinas ou tóxicas, pretensamente fortificantes, tais como a quina, os amargos, os marciais, que formam a base do *método excitante*, estão longe de ter as propriedades analépticas que se lhes dá; e na maioria dos casos, não fazem mais que juntar sua má influência à da causa desconhecida que se procura combater; é um preconceito acreditar que os caldos concentrados, os *consomés*, os sucos e extratos de carne, a polpa de carne crua, os chás de carne, o ferro, o manganês, o fosfato de cal, o cloreto de sódio, os alcoólicos sejam, por intermédio do sangue, reconstituintes da nutrição; os corpos gordurosos, o leite, a água, os óleos comestíveis, as féculas, o são ainda muito mais; a realização normal da nutrição e da assimilação depende, mais intimamente, de um equilíbrio nervoso que das metamorfoses químicas que se procura provocar com os adjuvantes artificiais empregados.

O medicamento, qualquer que ele seja, mesmo reconstituinte, não pode ser administrado internamente senão por certas vias, o estômago ou o reto. Por acaso sabe-se, previamente (admitindo que o estômago, cuja função é mais ou menos comprometida no estado de moléstia, possa digeri-los e não os rejeite), até que ponto o organismo desamparado poderá assimilar as substâncias ingeridas? O próprio suco gástrico, por sua ação poderosa, não neutralizará a influência de todos os corpos postos em contacto com ele? Foi com a idéia de obviar esses inconvenientes, que se instituiu nestes últimos tempos um novo método de medicação; introduz-se, agora, diretamente no organismo, por injeções hipodérmicas, os produtos farmacêuticos que se quer fazer absorver.

Foi o Dr. Koch, de Berlim, o primeiro que abriu o caminho com as suas injeções contra a tuberculose; por momentos, o mundo científico emocionou-se; acreditou-se ter encontrado a maravilhosa panacéia dessa terrível afecção, que fez tantas vítimas; o entusiasmo não foi de longa duração.

O método do professor alemão, por causa dos numerosos insucessos e dos seus perigos, desanimou muito depressa os mais audaciosos.

O professor Brown-Séquard reviveu, logo depois, a atenção pública, anunciando à Sociedade de Biologia que havia descoberto o meio de não envelhecer. O elixir de longa vida dos alquimistas da Idade média havia sido encontrado. E (como são os tempos!) esses filtros mágicos, que à Ciência há tanto tempo proscrevera, juntamente com os seus autores, eram então favoneados em todas as doutas Faculdades modernas.

Brown-Séquard teve numerosos imitadores e todas as vacinas de ovelha, de vitelo, de cabra, de cão e de cobaia, invadiram a matéria médica; o que leva Emile Gautier, o muito espirituoso redator científico do *Figaro* a formular seus receios: "Contanto que, diz ele, todas essas essências animais, de que os Circêus da fisiologia nos saturam à porfia, não nos façam, com o correr dos tempos, cair na bestialidade. Contanto que o homem que descende, dizem, do macaco, não acabe, a pretexto de enganar a morte, remontando ao porco da Índia..."

Gracejaríamos de boa vontade com o nosso amável colega sobre o lado cômico do novo método, se não víssemos nesses singulares desvios da Ciência um grave erro fisiológico e um verdadeiro perigo a assinalar. Voltaremos mais tarde e amplamente à questão das injeções hipodérmicas e das vacinas, mas não queremos esperar para protestar contra esse método que preconiza, no círculo fechado da circulação, a introdução direta de uma substância estranha – produto orgânico ou outro – quando a Fisiologia nos ensina que toda substância ingerida deve ser previamente submetida ao exame severo dos numerosos aparelhos, cuja missão é elaborar o minucioso trabalho de eliminação e absorção, salvaguarda do santuário da vitalidade.

Quando mesmo se considerasse as injeções hipodérmicas como paliativos, ainda assim, far-se-ia muito mal em usá-las. Os *paliativos* empregados para temporizar o mal, têm o grave inconveniente do sintoma mórbido agravar-se, logo que o paliativo cessa o seu efeito; e a reação mórbida é tanto maior quanto o paliativo tem sido administrado em doses mais elevadas.

Todo medicamento tem um efeito *primitivo* e um efeito *secundário*: o efeito secundário filia-se a uma reação de tensão do organismo; é a conseqüência deste princípio: que toda migração das forças traz ao organismo uma reação pior do que a ação; impeli violentamente uma cuba cheia, a água não entornará do lado oposto, mas por um movimento violento de retorno virá cair sobre vós. Um pedilúvio quente e fortemente sinapizado alivia a cabeça e atrai o sangue aos pés; mas, depois do banho, o sangue aflui tanto mais violentamente à cabeça, quanto mais bruscamente se deu o deslocamento.

Houve uma época em que, julgando favorecer a reação vital, se fez um estranho abuso da sangria; pela lanceta, as ventosas e as sanguessugas, tirava-se sangue, qualquer que fosse a moléstia. Mais tarde percebeu-se que a sangria, longe de desonerar o organismo nas moléstias inflamatórias, só fazia aumentar a substância filamentosa do sangue, em vez de diminuí-la, e reduzia o número de glóbulos.

A sangria, não há dúvida, abaixa a vitalidade; e certos médicos, os da escola italiana entre outros, empregaram-na como *contra-estimulante*, a fim de substituírem o estado hipostênico à hiperstenia; somente a hiperstenia muitas vezes persistia, mesmo depois de se haver esvaído o doente.

Se casualmente a emissão sangüínea produz um alívio passageiro, pode-se ficar certo de que ela não traz nenhuma melhora séria; tende, ao contrário, a enfraquecer o organismo, a aumentar o estado congestivo e acrescenta mesmo à moléstia uma agravação perigosa, emprestando-lhe um caráter nervoso especial.

> "O sangue – diz um dos nossos grandes fisiologistas – é o teatro de todas as ações vitais; é nele que se acham as condições da vida de todos os tecidos e de todos os órgãos; a cir-

culação pode ser mal equilibrada, mas nunca poderá haver uma só gota de sangue a mais nas veias."

Não é devido à superabundância de sangue que se dão as congestões e as inflamações.

"Sangrar na apoplexia – diz o Dr. Copemann – é duplicar a mortalidade ou acarretar uma paralisia consecutiva."

"Sangrar na pleurisia e na pneumonia – diz o Dr. Ziemssen – é ser nocivo à conservação das forças e à enérgica atividade da respiração, as duas causas mais urgentes e que aparecem muito antes da congestão do pulmão."

Sangrar é ocasionar incurável languidez, intermináveis convalescenças; é tirar ao doente a possibilidade de reparar-lhe as forças.

Todos os médicos inteligentes e honestos levantaram-se energicamente contra esse inepto e mortífero método, que fez tantas vítimas no século último.

"Esse sistema teve a vantagem singular – diz o Dr. Gallavardin – de facilitar os estudos dos anatomistas, dando-lhes ocasião de fazer um grande número de autópsias."

"O primeiro que ousou fazer uma sangria – dizia Bordeu – foi um homem muito corajoso, para não dizer mais; porém, o que pensar daquele que, tendo-se aventurado pela primeira vez a sangrar um doente, o vê morrer, e, entretanto, anima-se a sangrar, do mesmo modo, um outro doente, depois de ter visto morrer o primeiro?"

Renunciou-se às emissões sangüíneas, isto é, pôs-se de parte esse processo brutal, porque nos houvessem esclarecido as luzes da Fisiologia? Não. Se se abandonou a sangria, apareceram as operações cirúrgicas, o escalpelo e a serra substituíram a lanceta: questão de moda, não de progresso.

Hoje se considera como solução obrigada de toda afecção mórbida a brutal necessidade de intervir à mão armada em nossos órgãos. O clorofórmio, a cocaína e a morfina, suprimindo

o sofrimento, contribuíram grandemente para favorecer a introdução desses novos processos.

Os anestésicos tornam o paciente mais corajoso e o operador mais audaz; um abcesso, um furúnculo, o mais simples tumor tornam-se pretexto para as operações; investem contra os músculos, ligamentos, tendões: o bisturi tem a pretensão de tudo curar.

> "Esse método tornou-se pau para toda obra – diz espirituosamente o Dr. Verneuil, no discurso de abertura que pronunciou no Congresso Científico de Grenoble em 1885 –; exige-se tudo dele: é a panacéia operatória. A ginecologia e a oftalmologia disputam o lugar de honra nesse *turf* de novo gênero; inventou-se a raspagem ou ruginação dos abcessos frios; puseram-se então a raspar, a raspar, ainda hoje se raspa, e os que não raspam são declarados atrasados ou retrógrados. Assim, raspando-se, chega-se até, em caso de necessidade, ao canal raquidiano; e embora se dê sempre à operação resultados animadores (é a fórmula corrente), o doente *raspado* vai reunir-se aos seus antepassados num mundo melhor."

Essa linguagem do eminente cirurgião não foi certamente usada para tranqüilizar-nos acerca do excesso de zelo operatório, que caracteriza a nova escola.

É bom também consignar o que se diz acerca das *pontas de fogo*; elas destronaram o vesicatório, completamente fora da moda, e multiplicaram o seu emprego nas afecções mais diversas: gastralgia, bronquite, lumbago, ciática, reumatismo, asma, gota e mesmo nas nevroses.

> "Eu vos assinalo *esta mania* – diz o Dr. Verneuil –; ela tem pelo menos o mérito de ser quase inocente, é apenas *ridícula*: é o terror das crianças e não a alegria dos pais. Aplicam-se as pontas de fogo por qualquer motivo; só falta aplicarem-nas, preventivamente, nas pessoas de boa saúde, contra as moléstias futuras, mas podeis crer que certos médicos cogitam disso."

Terão efetivamente as pontas de fogo essa inocuidade que desperta a veia humorística do eminente professor?

Não o cremos. Com esse método de tratamento ofende-se inutilmente os tecidos; agindo profundamente sobre as ramificações nervosas do derma, traz-se perturbações à sua sensibilidade e desse modo se obscurece mais ou menos as indicações preciosas, que essa sensibilidade poderia fornecer sobre o estado do doente.

Essa tendência para substituir a terapêutica pelas manobras cirúrgicas vai cada dia aumentando; os especialistas, cessando de prender-se aos pequenos ramos da medicina operatória, atiram-se às mais temerárias operações. Possuem todas as audácias e dispõem-se a transformar as salas dos hospitais em laboratórios de experiências de vivissecção humana; não mais se contentam com as amputações dos membros, as ressecações articulares, as ablações de seios: atiram-se temerariamente aos órgãos mais essenciais da vida; ao estômago, aos intestinos, ao fígado, ao baço, ao rim, ao pâncreas; extirpam, sem mais detença, os ovários e o útero; tem-se mesmo tentado tocar nos pulmões e no cérebro; só o coração tem sido respeitado, porém, mesmo assim, não poupam os seus invólucros.

Não será preciso demonstrar quanto esses processos mortíferos são contrários às leis fisiológicas.

Não somos, como parecem acreditar, uma máquina articulada, que se monta e desmonta à vontade. Lembremo-nos daquele grito de alarma dado pelo célebre Dupuytren no seu leito de morte, exclamando com azedume: "Quanto deploro esta cirurgia sem princípios, a crer que a arte autoriza tudo o que permite a Anatomia." A aplicação brutal, no corpo humano, da mão armada com o ferro ou a faca, não pode constituir uma ciência: é querer não dar nenhuma importância às leis da vida. Homens da competência de Wolf, Broussais e Hunter proclamam alto que o abuso da medicina operatória é sinal manifesto da impotência da arte médica.

As únicas operações cirúrgicas permitidas devem ser aquelas que não poderiam ser desprezadas sem comprometer o organismo: aproximar-se os bordos abertos de uma ferida para favore-

cer-lhe a cicatrização; levantar e justapor as duas extremidades de um osso numa fratura; ligar uma artéria; trazer à sua posição normal um osso deslocado por efeito de uma luxação; desembaraçar as carnes de um corpo estranho violentamente introduzido; operar a amputação de um membro esmagado ou gangrenado; mas nunca se é demasiadamente restritivo e prudente quando se trata de atacar órgãos essenciais à vida, ou quando se tenta associar a Cirurgia à Medicina.

O método chamado *revulsivo*, que emprega a qualquer pretexto *sedenhos, moscas, ventosas, cautérios, vesicatórios, sangrias,* deve ser absolutamente rejeitado.

> "Os revulsivos são os recursos da ignorância, que não sabe o que fazer; e da Ciência quando já não tem recursos. – diz, com razão, o Dr. Bousquet. – Respeitar a integridade da epiderme é um axioma fisiológico que a Medicina não poderia desconhecer sem arriscar-se a cometer um erro capital."

> "A pele é para o homem um limite sensitivo, colocado à extremidade da sua alma – disse o célebre fisiologista Bichat –; é nesse limite que vêm chocar-se de contínuo todos os corpos; é por ele que o homem liga sua existência com aquelas que o cercam."

A pele é o envoltório ídio-elétrico com que a Natureza armou o organismo para regularizar suas irradiações e a absorção das correntes externas: e tanto isso é verdade, que um membro pode ser esmagado, os ossos podem ser triturados, os músculos dilacerados, sem que resulte de tão terríveis desordens nem gangrena, nem supuração, nem flegmasia local, nem reação febril geral; apenas com a condição expressa de *que a pele não tenha sido interessada* no ferimento; neste caso, a reparação se opera somente pelos atos fisiológicos, no entanto a mais insignificante escoriação pode tornar-se o ponto de partida de sérias complicações locais e de acidentes gerais muito graves. É necessário, pois, tanto quanto possível, nunca lesar voluntariamente a pele pelo fogo, cáusticos ou bisturi; é nisso que está o grande inconveniente das ventosas, das moscas, das pontas de fogo, dos

desbridamentos de abcessos, das ablações de tumores, da cauterização das feridas e da incisão dos flegmões.

Cumpre, igualmente, evitar a aplicação de pomadas epistáxicas sobre a epiderme, a pretexto de puxar o tumor e exonerar o organismo dos seus princípios morbíficos: os princípios graxos mais inofensivos na aparência, tais como os óleos, as gorduras e a glicerina, podem embaraçar a função dos poros da pele, a ponto de produzir uma asfixia parcial; todos os dias se tenta fazer desaparecer os dartros por meio de pomadas; é isso um perigo, porque, ou o dartro se exacerba ou desaparece e a sua desaparição provoca freqüentemente graves desordens internas, tais como oftalmia, surdez, espasmos, convulsões, apoplexia, moléstias do fígado ou dos pulmões.

"Quando se morre de uma inflamação dartrosa – diz Broussais –, não é da pele que se morre, mas de flegmasias viscerais."

Quando se debrida os ingurgitamentos frios, quando é trazido à supuração por meio de fricções arsenicais ou mercuriais, quando é reduzido pelos cáusticos, as cicatrizes que resultam dessas operações são mais disformes do que os traços que pode deixar a moléstia:

> "Uma libra de ungüento não produz um grão de carne sã – diz Paracelso –; a carne prolifera do interior e não do exterior."

A verdade é que todos esses males podem ceder à reação vital, se se tem a habilidade de favorecer esta reação com a paciência de esperá-la.

É para este objetivo que devem tender todos os esforços da Medicina, favorecendo da melhor maneira as reações naturais do organismo; assim, pois, sob a influência dos sentimentos altruístas que nos animam, unamos nossos votos ao que foi tão patriótica e nobremente expresso pelo mais sábio e mais humano dos nossos cirurgiões:

> "Possa um dia a Cirurgia, graças aos processos da ciência francesa, não mais derramar sangue e não mais fazer correr lágrimas." (Dr. Verneuil).

Tais são, em resumo, os diversos modos de tratamento em uso, tal a enumeração dos principais agentes que formam o fundo do arsenal terapêutico atual. Não é da nossa competência ajuizar do valor das teorias que regem a matéria médica e a Patologia. Deixando esse cuidado aos homens do ofício, limitamo-nos a observar que, profundamente divididos em opinião sobre os detalhes, quase todos estão de acordo sobre este ponto: que a Medicina é uma ciência sem unidade em seus princípios, sem fixidez em seus fundamentos, e que flutua sem bússola aos mil ventos da mais arbitrária experimentação.

Os nossos mais eminentes professores, os nossos médicos mais sábios, confessam publicamente a insuficiência da Ciência; eles assinalam os desvios que essa insuficiência pode produzir e não dissimulam os seus perigos.

Essa diversidade de apreciações, essa falta de unidade, o vago e a obscuridade que reinam na arte de curar, tornam muito difícil a aplicação da Medicina.

Não será necessário, antes de tudo, como vimos, que o médico determine com precisão o caso mórbido especial em cuja presença se acha?

Mas, como conseguir com segurança esse resultado, visto estar averiguado que existe um desacordo absoluto sobre as causas e a natureza das moléstias, sobre sua classificação metódica e sobre a própria essência da moléstia, considerada sob o ponto de vista geral?

Não será o conhecimento mais ou menos perfeito da moléstia que permitirá instituir o gênero de tratamento a aplicar?

Da própria confissão dos médicos mais experimentados, o diagnóstico é tudo quanto há de mais aleatório. A história da Medicina demonstra que no início de uma afecção aguda não somente é fácil o erro, senão que ele é freqüente; a história está cheia de fatos desse gênero.

Em um concurso de exame na Faculdade, um doente que entrava é submetido ao diagnóstico de um candidato. Este opina por uma *varíola*; um dos juízes prevê uma *febre tifóide*, e fazendo partilhar esta opinião por seus colegas, determina a elimina-

ção do candidato; acontece que no dia seguinte a varíola, fazendo irrupção e dando razão ao aluno desclassificado, é um cheque aos mestres encarregados de examiná-lo.

> "Um médico – diz o Dr. Trousseau –, depois de haver passado trinta anos nos hospitais, fica algumas vezes singularmente embaraçado para distinguir uma tísica pulmonar de um influxo que dure há muito tempo e que tenha esgotado o doente."

Que importa, responde a isso um dos seus colegas, pois que em ambos os casos se empregará os mesmos agentes terapêuticos: o óleo de fígado de bacalhau, os peitorais, os béquicos, os resinosos, os fosfatos, os vesicatórios e os cautérios?...

Não basta possuir uma noção precisa do caso particular em cuja presença nos achamos, é necessário saber fazer a escolha do medicamento mais apropriado à moléstia e ao indivíduo. Ora, vimos, pelo que precede, não ser fácil conhecer o que é verdadeiramente curativo; possui-se apenas um conhecimento muito vago das propriedades medicinais dos corpos e de sua apropriação às moléstias; existe a esse respeito uma divergência de opiniões que se manifesta a cada momento. Eis um exemplo, entre mil:

Um médico muito distinto, dos hospitais, tratava uma criança atacada de *bronco-pneumonia*; como a moléstia piorasse, o médico declarou que era preciso empregar um vesicatório; apenas ele saiu, a criança, ao executar-se a prescrição, começa a chorar, debate-se, repele o emplastro com furor e grita agudamente: Deixem-me morrer. Não quero vesicatório, quero a medicina de Cabárrus. Cabárrus, um velho amigo da família, era o célebre médico homeopata bem conhecido; os pais cedem, vão buscá-lo e ele prescreve, com a condição de se avisar ao médico assistente. No dia seguinte, este último verifica uma melhora surpreendente; o pai refere-lhe o que se havia passado; porém o doutor da Faculdade nega a eficácia do remédio homeopata e atribui a melhora a um retorno espontâneo da *ação vital*; então, se assim devesse ser, porque ter querido infligir a tortura de um remédio violento ao pobre doentinho, que certamente o teria

sofrido inutilmente, se não fora a sua repulsa e protestos enérgicos?

> "Quantas pneumonias e pleurisias têm sido assim curadas, que chegaram ao meu conhecimento – diz o médico que cita esse fato –, quando professores da Faculdade, acadêmicos e médicos dos hospitais, isto é, os clínicos mais experimentados tinham julgado necessário as sangrias, as sanguessugas, os vesicatórios os vomitivos e purgativos. As prescrições desses honrados mestres teriam sido, portanto, funestas aos doentes, ou pelo menos inoportunas."

Assim se dá com as demais moléstias.

> "Não seria mais preferível meditar sobre a morte dos doentes atacados de uma moléstia mortal – diz Bordeu –, do que tornar mortal uma moléstia que se teria curado por si mesma, se não se houvesse fatigado o infeliz doente com remédios mal estudados ou adotados com o fim de obter vãos e pueris testemunhos?"

A expectação, na opinião mesmo de um grande número de clínicos – e são os mais hábeis, justamente os mais prudentes – é mil vezes preferível ao desejo de intervir precipitadamente por meios violentos, suscetíveis de embaraçar a reação vital.

Cumpre não pensemos (como se julgava no tempo de Herman Boërhave) que a cura das moléstias "consiste unicamente em *atenuar* o que é mau, *espessar* o que é muito fluídico, *distender* o que for muito frouxo, *relaxar* o que for tenso, *moderar, suavizar* o que for impetuoso ou acre, abrir as passagens obstruídas, etc. Intervindo assim e substituindo uma ação direta e material ao misterioso trabalho da Natureza, transfundindo o sangue, varrendo os humores, atraindo-os para certos pontos do organismo, atacando os tecidos por doses consideráveis de medicamentos cujos efeitos são pouco conhecidos, acumulando diversas substâncias na mesma fórmula, tomando, assim, o encargo de tornar a ação mais obscura, acrescenta-se à moléstia existente novas moléstias medicinais; susta-se a aspiração vital, obriga-se um mal aparente, externo, a se projetar sobre os órgãos essenci-

ais da vida; aumenta-se o sofrimento do doente, esgota-se-lhe as forças; e, finalmente, dispersam-se os últimos elementos de reação que tinham alguma probabilidade de acarretar a cura, e, o que é triste dizer, é nos casos mais graves, naqueles em que o doente tanto necessita de todas as suas forças para lutar contra o mal, que o médico, temendo conservar-se ocioso espectador da luta, recorre aos remédios mais exagerados, opondo à perturbação da moléstia a perturbação do medicamento. A moléstia, já o demonstramos, nada tem de material, é de pura essência dinâmica e filia-se unicamente a um abaixamento da tonalidade.

As mudanças materiais que acompanham a moléstia têm a sua única e verdadeira causa (do mesmo modo que a decomposição depois da morte) na diminuição ou na redução da dominação da força vital sobre a matéria; não é, portanto, nessas perturbações físicas, nessas degenerescências de tecidos, resultados consecutivos da falta de equilíbrio da tonalidade, que convém nos dirigirmos, se quisermos obter a cura, e sim ao agente regulador de todas as tensões vitais, ao sistema nervoso. Isto constitui, precisamente, a vitória da ação magnética como agente terapêutico. O magnetizador, em face de um doente, não fica embaraçado como o médico; não precisa conhecer o nome da moléstia, não tem que deliberar sobre o remédio que deve escolher.

Apela, tão somente, para a reação vital, que se encarrega de restabelecer a tensão normal e o equilíbrio; realiza-se, então, o mecanismo das funções, os tecidos se reparam por si mesmos; cura-se sem derramar uma gota de sangue, sem administrar vomitivos, purgativos, laxativos, sudoríficos; não se recorrem aos banhos, nem aos pedilúvios, nem aos clisteres medicamentosos; não se empregam cantáridas, nem sinapismos, nem sedenhos, nem cautérios; não se queimam os doentes até os ossos com a mosca ou o ferro em brasa; não se envenena o organismo pelos tóxicos; nem se abaixa a vitalidade pelos antitérmicos e os anestésicos; não se adormece a dor, não se provoca nem se atenua coisa alguma; deixa-se à vida o cuidado de exaltar ou acalmar as crises, porque a potência das irradiações magnéticas dirige-se a todos os estados do movimento e impõe, alternada-

mente, ao organismo as nuanças infinitas de condensação e expansão, que se escalam desde a rigidez cataléptica até o extremo colapso.

O Magnetismo, agindo profundamente sobre o sistema nervoso, é o melhor estimulante das mutações nutritivas; sob o seu impulso, o organismo – obedecendo neste ponto às leis gerais da morfologia – tende a restabelecer-se na sua forma e unidade, e cumula suas perdas de substância com os fenômenos de cicatrização e reintegração, do mesmo modo que os minerais restabelecem por si mesmos a sua unidade morfológica especial quando são colocados em certas condições de liberdade.

Em última análise, não é o médico que nos cura; ele só pode fazer uma coisa: "ajudar-nos a reentrar no funcionamento da lei". Somos nós que criamos a nossa tonalidade: a nós pertence entretê-la e repará-la, obedecendo nisso à grande lei de evolução que, em nossa esfera e sob a nossa própria responsabilidade, nos dá a faculdade de reproduzir uma evolução similar àquelas que nos cercam. Essa evolução só *se realiza* quando a nossa tonalidade está em tensão normal. Só há um modo de curar, só há um remédio. Repor a tonalidade no seu posto, restituir ao organismo a tensão normal que perdeu, eis, em uma palavra, todo o segredo da terapêutica.

CAPÍTULO VI
O Magnetismo é o verdadeiro agente da transfusão da vida

Investigações acerca do *elixir de longa vida.* – A Ciência acreditou por momento ter encontrado o *segredo da vida* na transfusão do sangue: Denys, Blundell, Milne Edwards, Marmonier pai, Devay, Desgranges. – A Medicina hipodérmica moderna, renovada da antiga Medicina cabalista: Brown-Séquard e Consorts. – A vida não está no sangue, nem nos produtos orgânicos, ainda mesmo que fosse o elemento nervoso; existe no estado de *tonalização equilibrada.* – Sendo o sistema nervoso o instrumento de repartições nervosas e o *regulador fisiológico* do organismo, é a ele que é necessário nos dirigirmos a fim de refazer a *tonalidade viva*. – O agente por meio do qual se pode com mais segurança influenciar o sistema nervoso é o Magnetismo. – Exemplo de uma febre tifóide, curada somente pela influência da *imposição* das mãos e dos *passes* magnéticos, por um magnetizador absolutamente noviço. – A *Ciência* não é indispensável para curar: a *boa vontade* basta, com a condição de que se conheça o meio de conduzir a *reação vital*. – É à Natureza que se deve confiar o cuidado de refazer a *tonalidade*; só ela pode reconstituir os tecidos desorganizados: apólogo da *teia de aranha*.

> "Alongar o fio da vida, desviar a morte que caminha a passos lentos e que tem como causa a dissolução ou a atrofia da velhice – diz Bacon –, é assunto que nenhum médico tratou de maneira que corresponda à sua importância."

Que é preciso fazer-se para viver bem e durante muito tempo? Será necessário, a exemplo do célebre veneziano Carnaro, conformar-se restritamente ao texto bíblico *"qui abstinens adjiciet vitam", a sobriedade prolonga a existência*, ou então, esposando as teorias de Mortiner Collins, (esse homem original que, em seu *humor* britânico, assinava em seu livro "Um porco do rebanho de Epícuro")?

Será preciso beber bem, comer bem, dormir bem, só fazer o que lhe apraz, nada fazer se assim lhe agrada, deitar-se à hora que se quiser, levantar-se à hora que se preferir, viver na ociosi-

dade e na preguiça, e não se ocupar, em uma palavra, de coisa alguma que seja de natureza a fatigar o corpo e o espírito?

Em uma questão tão geral como esta, não queremos tomar o partido de um ou de outro; reservamos divulgar ulteriormente o regime dietético que se nos afigura mais favorável à conservação da saúde e à longevidade.

Neste momento examinaremos apenas a maneira pela qual, quando algum embaraço vem comprometer essa delicada teia de Penélope, que se desfia à medida que se tece, pode-se melhor conseguir reparar o precioso tecido.

Em todos os tempos, os infelizes humanos, atormentados com a idéia da morte, atiraram-se à pesquisa do benéfico filtro suscetível de preservá-los dos ataques da temível *bicha*. Desde o começo do mundo procura-se o *elixir de longa vida*. Por instantes, a Ciência julgou haver encontrado o *segredo da vida* na transfusão do sangue; foi Denys; médico da Faculdade de Montpellier, que em 1667 primeiro praticou em Paris, com o auxílio de Emmeretz, a transfusão no homem. "Nunca operação alguma fez nascer tantas esperanças fabulosas como esta".

> "A transfusão – diz o Dr. Pellagot em suas notas acerca da *macrobiótica* de Hufeland – devia, na opinião dos entusiastas, tornar-se panacéia universal, um meio de prolongar a vida indefinidamente. Os milagres da fonte de Juvência iam realizar-se; não havia mais moléstias. Tinha-se a mocidade eterna; a raça regenerada. As pessoas fracas e franzinas, os doentes, pediriam, de então por diante, às pessoas vigorosas e de boa saúde, para partilharem com elas a riqueza do seu sangue. Ainda mais: esperava-se, pela transfusão, atuar sobre o moral, domar o caráter de um homem violento e assomado, injetando-se-lhe sangue de cordeiro; torná-lo corajoso, infundindo-lhe sangue de leão. Cada qual perguntava a si próprio se seria possível também fazer crescer lã no corpo dos cães, injetando-se-lhe sangue de carneiro..."

Fizeram o ensaio e, à vista de muitos casos de insucesso, o Tribunal do Châtelet julgou prudente dar um arresto de proscrição, que sustou em seu vôo tão belo zelo.

Depois de um longo período de silêncio, Blundell, em 1818, tirou a transfusão do esquecimento; porém, apesar dos seus esforços, os de Milne Edwards, e algumas tentativas feitas por Nélaton, Marmonier pai, Devay e Desgranges, de Lião, a transfusão teve decididamente a sorte dessas numerosas utopias médicas, que alcançam os favores efêmeros da moda e desaparecem em seguida, por si mesmas, da prática oficial.

O erro fisiológico que encerra não subsistiu tampouco na Ciência, e sob os auspícios de nomes ilustres surge nestes últimos tempos um método novo, que sob o nome de *Medicina hipodérmica*, veio reivindicar todas as vantagens que se recusara à transfusão do sangue.

Esta medicina, renovada da antiga medicina cabalista, pretende, por meio de injeções subcutâneas, compostas, quer de sucos animais, quer de vírus microbianos, quer de produtos químicos (verdadeiros filtros misteriosos), assegurar a imunidade do organismo contra os mais temíveis contágios e combater vitoriosamente a dissociação dos elementos constitutivos causada pela moléstia ou gasto senil.

Assim é que Pasteur, no tratamento intensivo da *raiva*, emprega injeções de caldos de medula fresca, de coelho rábico; que o Dr. Koch e seus adeptos combatem a tuberculose com seus líquidos de cultura do bacilo tuberculoso; que Brown-Séquard pretende restituir, por meio de suas injeções testiculares de cobaia, a virilidade àqueles que a têm perdido.

Uma vez aberto o caminho e estimulados pela emulação, numerosos experimentadores lançaram-se vertiginosamente nessa nova senda: touros, coelhos, cabras, carneiros, cobaias forneceram sucessivamente os elementos parcelares de seus diversos órgãos aos ensaios de injeções que foram tentadas. Já não os detêm hoje os sucos testiculares, cerebrais, medulares, nervinos, pancreáticos, glandulares, esplênicos ou musculares dos animais; esgota-se toda a gama dos produtos químicos e começa-se a injetar indiferentemente o iodo, a alumina, o fosfato de soda, o ferro, o arsênico, a estricnina, o mentol, o timol, o eucaliptol, a cânfora, o enxofre e o fósforo. Alguns biologistas temerários vão mesmo até brincarem com as inoculações de vírus microbianos,

sem receio em relação à vida dos doentes sobre os quais tentam essas experiências.

A impossibilidade de calcular com segurança e de antemão a dosagem das injeções com o intuito do efeito terapêutico ou fisiológico a produzir, e a maior ou menor imperfeição das misturas e filtrações empregadas, ocasionam muitas desordens, flegmões, acidentes nervosos, etc.; mas acautelam-se de confessar o perigo dessas novas práticas, e foram as numerosas mortes que elas ocasionaram e o desacordo sobrevindo no próprio campo dos transfusores que acabaram por esclarecer o público.

Basta ler as recentes comunicações dos Drs. Constantin Paul, Hayem Dieulafou, J. Chéron, Albert Robin e J. Roussel, de Genebra, para perceber-se exatamente a confusão que reina em hipodermia, sob o ponto de vista fisiológico e terapêutico. Nas discussões travadas entre esses sábios clínicos, enquanto uns atribuem todo o valor da injeção hipodérmica à natureza da substância injetada, outros consideram que a ação fisiológica produzida pela injeção reside somente no veículo: o sérum do sangue, a água salgada e mesmo a água pura, destilada, substituem com vantagem todas as misturas animais ou químicas empregadas até hoje.

O Dr. Pellagot, que há pouco citamos, já nos dizia a esse respeito:

> "Nesses diversos ensaios de transfusão, há efetivamente, sob o ponto de vista fisiológico, um curioso exemplo da influência passageira que se pode exercer sobre o organismo cujo funcionamento esteja embaraçado; mas não nos equivoquemos; aí não é que está a vida, e para tornar tangível a idéia que se deve fazer desse fenômeno, é mister compará-lo àquele que se passa quando um dedo curioso vem agitar o pêndulo de um relógio parado. O mecanismo põe-se em movimento, oscila, e ouve-se por momentos o seu tic-tac, mas daí a pouco esses sinais diminuem, desaparecem, o pêndulo pára e conserva-se imóvel... Não era a vida. A mola principal estava quebrada."

Ao pensar que se pôde, por instantes, conceber a esperança de reconstituir em sua irradiação funcional, normal, a fonte esgotada da vitalidade, projetando na máquina orgânica algumas partículas novas de sangue ou de sucos animais (mesmo que fosse o resíduo da polpa nervosa), não podemos deixar de aventar em nosso espírito essa singular pretensão da ingênua simplicidade daquele fabricante de bonés da rua S. Diniz, que, tendo conseguido fortuna, mandara edificar uma quinta nos subúrbios de Paris. "Tendo encomendado uma bomba e como lhe perguntassem os operários onde deviam colocar essa bomba, que haviam trazido, dissera-lhes: no pátio. Mas, onde está o poço? – O poço, exclamou o fabricante de bonés, o poço... ó, tem graça! Pois se eu tivesse um poço julgáveis que teria comprado uma bomba?"

Os *transfusores* não estão partilhando o erro do nosso *boneteiro*, que, com toda a ingenuidade acreditava que qualquer mecanismo engendra o movimento de vida que ele manifesta, e que uma bomba pode dar água sem o manancial produtor que a alimente? A vida não está no sangue, nem tampouco nos órgãos, simples depositários e transformadores das forças. O corpo, esse mecanismo que vemos funcionar, não engendra o movimento; recebe-o, ao contrário, de uma origem misteriosa e oculta, em a qual não seria mais que um cadáver.

Para fazer uma idéia da vitalidade, é necessário considerar o ser sob o ponto de vista de sua estrutura ideal; o movimento vital se nos manifesta, então, como resultante das forças essencializadas, apoiadas na polpa nervosa e estendidas do centro à circunferência, à guisa desses espectros da Física, que possuem um ponto central de concentração e pontos periféricos de dilatação. Toda a harmonia do sistema repousa no estado de tonalização equilibrada desse espectro orgânico, e a força livre ambiente, sob a forma essencializada que toma na rede nervosa, é, na realidade, o agente plástico e ordenador do jogo funcional das partes.

É, portanto, o aparelho nervoso, e não o sangue, o intermediário obrigatório entre o meio cósmico e o elemento atômico dos tecidos; é ele o órgão essencial de transmissão e trocas entre o ser vivo e o meio que o cerca; é, como lhe chama muito bem Claude Bernard, *o grande regulador fisiológico*; e é só a ele que

cumpre dirigir-se para refazer a *tonalidade* viva ameaçada, e não às rodagens materiais, simples instrumentos da manifestação vital.

Mas, de que modo agir sobre o grande regulador fisiológico? De que modo, quando se acha ele desarmado ou distendido, restituir-lhe essa tensão normal tão indispensável aos batimentos regulares da vida?

É neste ponto que surge luminosa a aplicação do Magnetismo, com seus *passes*, suas *imposições* de mãos e suas *insuflações* tão desconhecidas.

> "Milagre do Magnetismo! – exclama com entusiasmo o Barão Du Potet –; um ser, à voz da Natureza, pode, sem ciência alguma, restabelecer o equilíbrio, incutindo nos órgãos esses eflúvios de uma essência tão desconhecida que confundem a Ciência e o raciocínio. Eles vão enchendo o vácuo que se faz, *dando lugar à luta que deve*, não sem abalos e oscilações, despertar a ação vital e restabelecer o equilíbrio perdido."

É que a rede nervosa, por suas extremidades periféricas, haure de contínuo, na irradiação solar, os elementos de força que transmite aos órgãos, segundo as necessidades da metamorfose orgânica. Colocai uma rede nervosa desequilibrada em contacto com uma outra melhor equilibrada: duplicareis em pouco tempo a ação funcional da primeira; uma troca se faz, análoga à que se estabelece entre duas pilhas elétricas postas em contacto; uma verdadeira *transfusão* de eletricidade vital se opera, trazendo aos centros vitais a potência da reconstituição que lhes faltava: as funções orgânicas recuperam o seu ritmo normal, o sangue se regenera nos seus elementos constitutivos e a vida, assim solicitada, realiza em toda a sua integridade *a missão que a lei da Natureza lhe impõe*.

Restabelecer, por intermédio do sistema nervoso, o duplo movimento de dispersão centrífuga e de condensação centrípeta, que constitui o equilíbrio da tonalidade orgânica, eis o meio mais seguro e mais poderoso de agir sobre a vitalidade: é a única transfusão que se pode operar sem risco, de organismo a orga-

nismo; é a única que é necessário procurar. E, com o mestre, saudosamente lembrado, cujo nome citamos há pouco, diremos àqueles que, compenetrados desta verdade, quiserem aliviar os sofrimentos de seus semelhantes:

> "Colocai-vos próximo do doente esgotado pelo sofrimento e cuja faculdade medicatriz tenha sido anulada pela moléstia e os remédios; estendei, vagarosamente, as mãos, com a tranqüilidade e a serenidade que acompanham sempre o desejo de fazer o bem; considerai-vos como instrumento divino, cujas molas são movidas pela alma. Essa harmonia necessária determina a potência magnética a sair de suas veredas ordinárias e dirigir-se para onde o vosso entendimento a chama, para onde as vossas mãos querem guiá-la...
>
> Ide e curai pela *transfusão nervosa*. Não há outra... O verdadeiro agente da transfusão da vida é o Magnetismo."

Eis o que nunca é demais dizer e repetir.

Eis o que não cesso de pregar ao redor de mim, não só pela palavra como pelo exemplo.

Convencido de que a única propaganda útil é a que se faz por meio do fato, atirei-me com toda a coragem à obra, a fim de provar, pelas experiências, que as teorias que exponho não são puramente especulativas. Nada de melhor poderei fazer, para firmar as convicções a esse respeito, do que citar o fato seguinte, que, em sua tocante simplicidade, diz mais que todas as afirmações e todos os raciocínios.

Cura de uma grave febre tifóide pela simples imposição das mãos

Era pelas férias, no verão passado; após um ano de labores em que haviam sido muito felizes, juntando algumas economias, o Sr. e a Sra. B., com toda a filharada, para escapar à canícula e aos ares da cidade, tinham partido para uma praia na direção do oceano, instalando-se modestamente num pequeno recanto banhado pelas tonificantes brisas do mar, nas costas da Normandia. Julgavam encontrar ali, durante uma residência de dois

meses, em pleno ar e na calma do insulamento, um aumento de saúde para todos os membros da família.

Os azares do destino deviam dispor as coisas de outro modo. Havia apenas alguns dias que tinham partido, quando recebi este bilhete lacônico, que me parecia mensageiro de morte:

> "*28 julho 1893.* – Minha mulher se acha gravemente doente: está com febre tifóide. Quando o médico fez-me esta revelação, pareceu-me receber o último golpe. Que será de mim sem um amigo, rodeado de estranhos, insulado com todas estas crianças? Horácio apresenta-se com um mal-estar inquietador, e mesmo eu não passo bem.
>
> Dou-me intimamente com uma família distinta; o marido tem apenas trinta anos, a mulher vinte e oito; e a Providência tem por seis vezes abençoado a sua união; o mais velho dos seis filhos, *virtuose* de doze anos, já tem para o violoncelo um verdadeiro talento; tem a quem sair, porque seu pai, compositor e professor de música, é um artista da envergadura de um sábio, que não somente se entregou à técnica da sua arte, como ainda soube abordar com êxito as mais difíceis questões da Filosofia, o que lhe permitiu constituir uma síntese musical que serve de base ao seu ensino.
>
> Há dez anos o Sr. B. é professor de meu filho, e em virtude da comunhão de idéias que nos une, foi-me dado apreciar a originalidade do seu talento e a elevação das suas vistas.
>
> Considerei-me, igualmente, bastante feliz, em nossos contatos diários, por prestar-lhe alguns obséquios; em uma família tão numerosa como a sua, onde há tantas crianças, a moléstia não se demora em vir muitas vezes bater à porta; como a febre, a angina, a coqueluche, o sarampão, um dia chega a influenza, a pérfida, que faz das suas e ataca, cada um a seu turno, todos os membros da família; no dia seguinte, grande pasmo. É a meningite que ameaça o mais velho, ou a diarréia infantil que vem recair sobre o último, ainda muito pequeno; somos vizinhos: a cada alarma, chamam-me e eu acudo ao apelo. Em presença do perigo solicitam com mais pressa. O Sr. B., afinal, tanto quanto eu, deposita ape-

nas uma confiança muito medíocre nos remédios; por outro lado, suas finanças não lhe permitem de maneira alguma cometer loucuras na farmácia, se tantas vezes lhe é necessário passar à padaria para sustentar tantas bocas. O uso repetido de um processo tão simples e tão pouco custoso, durante dez anos consecutivos, sem nenhum insucesso, tanto sob o seu teto como sob o meu, deu-lhe bem depressa uma imperturbável confiança nos efeitos magnéticos. É, pois, muito naturalmente, neste agente da Natureza que ele pensa e a que recorre, quando um dos seus está em perigo.

Vou referir de que maneira foram postas à prova, nestes últimos tempos, as suas convicções.

Invocando a nossa amizade, peço-te me aconselhes, pois serei muito reconhecido.

Sempre o imprevisto! Quantas misérias na vida! Como tudo isto é terrível!

O seu amigo aflito

B.”

Tristemente impressionado com esta notícia, respondi na volta do correio. Procurei haurir na amizade sincera que tinha pelo pobre aflito, todas as consolações que pudessem levantar a sua coragem, mas eu conhecia o alcance do perigo. A Sra. B., esgotada pelos partos reiterados, ao último dos quais seguiu-se uma peritonite que quase lhe foi fatal, não estava em condições de suportar um assalto tão terrível como o de que se achava ameaçada; fiz-lhe sentir a esperança de que o médico podia enganar-se sobre o seu estado, mas a carta seguinte, recebida 24 horas depois, nada mais era do que a confirmação da primeira:

“*30 julho 1893.* – As vossas palavras consoladoras fortificaram a minha coragem; com a calma volta-me a razão: sinto-me armado agora contra o perigo. Mas, ai de mim! Não há duvidar, a minha pobre mulher está realmente com o *tifo*; na opinião do médico ela entra na segunda fase da moléstia; febre ardente, indo até ao delírio (temperatura 39º, pulso

130), dejeções involuntárias, líquidas, infectas, sanguinolentas, 25 a 30 nas vinte e quatro horas.

Não procuro iludir-me: minha pobre mulher está minada, esgotada pelos reveses que teve de sofrer desde o começo da nosso união; o físico está enfraquecido e receio não tenha a força necessária para resistir ao assalto desta terrível moléstia; noto um deperecimento físico e um enfraquecimento cerebral tão rápidos, que chego a temer uma desgraça. Esforço-me, tanto quanto é humanamente possível, para impor silêncio ao meu coração e dominar a sorte que nos fere, mas o estado da doente vem legitimar de maneira acentuada os meus pressentimentos.

Comecei hoje mesmo com o Magnetismo; o efeito foi instantâneo, a doente experimentou desde logo um alívio; não me animo a fazer senão *passes de grande corrente*, temendo com a minha inexperiência trazer algumas perturbações, especializando os meus efeitos. Tenho necessidade dos seus conselhos para dirigir os meus esforços, e conto com a sua boa vontade; peço-lhe, pois, que, na volta do correio, me diga o que devo fazer em presença de um caso tão grave e tão novo para mim; não que eu, noviço como sou, tenha a pretensão de pear moléstia tão adiantada, mas na esperança de trazer algum alívio à bondosa doente.

À vista destas tristes complicações tenho, como vê, necessidade de apelar para toda a minha filosofia, e espero ansiosamente que virá em meu auxílio.

Seu dedicado

B.”

Eu poderia desde logo chegar ao epílogo, referindo por que fases passou a moléstia; mas, assim procedendo, tiraria à narração o seu colorido e faltaria ao fim a que me propus; prefiro, pois, ainda que seja mais longo, deixar a palavra ao Sr. B., transcrevendo aqui mesmo os extratos de sua correspondência, que mostrarão muito melhor do que tudo quanto eu pudesse dizer, as peripécias de uma luta onde o Magnetismo, auxiliado por uma corajosa perseverança, pôde triunfar, *sem medicamento*

algum, de uma afecção mórbida considerada, com razão, como das mais temíveis:

> "*1 agosto 1893.* – Que felicidade! O Magnetismo opera maravilhas, reanima as forças da pobre doente. Vossas instruções, completando as minhas inspirações, coroam felizmente os meus esforços e espero poder lutar com vantagem contra o terrível flagelo.
>
> Após cada magnetização escrupulosamente feita, como o indicais, produz-se uma reação, copiosas transpirações anunciadas pela coloração do rosto precedem abundantes dejeções; produz-se nos intestinos como que um grande ruído de revolvimento, e então... um lago de líquido... Há, de cada vez, igualmente uma emissão abundante de urinas. Esta fase traz um alívio notável à doente, acalmando-lhe as dores agudas intestinais de que sofre. O ventre, até então bastante abaulado, tem diminuído muito; o delírio ainda é freqüente, mas o estado comatoso quase cessou. Velei esta noite por causa do estado de superexcitação que me inquietava, e aproveitei-me desta circunstância para magnetizar durante todo o tempo; esta manhã considerei-me bem pago do meu trabalho, porque minha mulher apresentou-se mais calma e descansada. Em meio de tudo isso, não me esqueço das vossas recomendações, com relação às fadigas inúteis, porque compreendo a necessidade de poupar as forças, a fim de fazer face às crises que podem sobrevir. O médico, que no começo, não me ocultava as suas inquietações nem a gravidade do caso, parece um tanto embaraçado com esta melhora súbita, cuja causa naturalmente ignora. Limita-se, simplesmente, a averiguar a melhora e retira-se prescrevendo as mesmas poções, que, logo que sai, me apresso em atirar pela janela – o que tenho feito desde o começo. Pusemos tudo de parte: água de Vichy, caldo, vinho e mesmo a tília; só damos leite e água açucarada, levemente acidulada com sumo de limão. Minha mulher, mesmo antes que o houvésseis dito, recusava instintivamente todos os alimentos líquidos que me assinalastes, como podendo ser-lhe prejudiciais, e o médico,

diante dessa resistência tinha sido obrigado a ceder pouco a pouco.

Esta coincidência da repugnância instintiva da doente com as suas recomendações dispensa comentários e tende a provar que estáveis de acordo com a Natureza..."

"*5 agosto 1893.* – O calor vital, que subira a 39,5º caiu a 38,5º e hoje a 38º. Apesar desse abaixamento de temperatura, ainda há delírio, gorgolejo no ventre e às vezes prostração e estupor; a língua é seca, a sede é imperiosa. Entretanto, aprece-me que o emagrecimento não se acentua.

A doente passou bem no decurso do dia e dormiu toda a noite sem delirar; apenas de longe em longe, soltava longos suspiros de alívio, após cada magnetização.

Quando faço imposições sobre os pés ou seguro a parte posterior das pernas em minhas mãos, sinto-me invadido por um mal-estar, como se absorvesse o fogo da moléstia; mas, felizmente, isto é apenas passageiro e liberto-me prontamente, desde que tomo ar. Minha mulher sente perfeitamente os bons efeitos do Magnetismo, porque a todo momento dá-me tocantes testemunhos, animando os meus esforços com as suas palavras.

– Ó! ainda, ainda! – diz-me ela – magnetiza-me mais, faz-me tanto bem...

– Sinto que sem a tua intervenção eu morreria ou não teria forças para suportar tantas dores. Não me deixes.

Estas exortações, que com freqüência ela repete nos curtos instantes de lucidez que a ação magnética parece desenvolver, emocionam-me profundamente, reanimam a minha coragem, fazem com que esqueça as fadigas e são para mim o melhor penhor da eficácia dos meus esforços e do feliz resultado com o qual temos agora o direito de contar."

"*7 de agosto 1893.* – O estado geral vai melhorando sempre; a diarréia cessou completamente, os gorgolejos vão diminuindo, a fossa ilíaca direita, que até então parecia ingurgitada, deixa-se deprimir; a doente não mais se queixa senão

de dores passageiras em torno do umbigo; mas estas são, às vezes, tão vivas, que ela grita como se estivesse para dar à luz. Repito, então, as magnetizações, imposições, longos passes, etc. Mas são ainda os ligeiros passes rotatórios sobre o ventre, quase ao nível da pele, com as pontas dos dedos, como indicastes, os que melhor acalmam.

As imposições muito prolongadas na barriga das pernas parecem, ao contrário, determinar profundos abalos e excitar sofrimentos intestinais. As noites são bastante calmas, o sono sem delírio; mas no estado de vigília, a superexcitação continua a ser muito grande; procuro dominá-las com imposições sobre a testa e a nuca, mas consigo pouca coisa. Esta agitação persistente me inquieta; será isso devido à extrema fraqueza nervosa da doente, ou será a marcha inevitável que deve seguir a moléstia?

Há sempre grande secura da língua e pequenas ulcerações na mucosa da boca.

Às vezes minha mulher procura sair da cama e envida todos os esforços para levantar-se e escapar-nos; redobramos, por isso, de vigilância e estamos de alcatéia contra esses retornos insidiosos do mal.

Neste momento ela repousa banhada em suor e espero que este sono se prolongue até pela manhã, como ontem. Os cabelos, aos quais não tivemos a precaução de trançar e de erguer no começo da moléstia, embaraçam muito a doente, desprendem um cheiro desagradável, que a incomoda, e de tal modo se acham embaraçados, que nada se pode fazer."

"*10 agosto 1893.* – Tenho a participar-te, hoje, uma melhora sensível. Minha mulher já não sofre absolutamente do ventre: já não há diarréia, nem gorgolejos, nem gritos, nem queixumes; as ulcerações da boca estão cicatrizando; as dejeções tornaram-se normais e regulares; o ventre já não está duro, nem intumescido e parece que definitivamente escapamos dos riscos da peritonite; todavia, tomo cuidadosamente nota de todas as tuas recomendações, a fim de pôr-me

em guarda contra qualquer retorno possível, dos acidentes que me assinalaste.

Cortaram-se os cabelos, a pedido da própria doente, que já não podia suportar-lhes o peso, nem a desordem e tampouco o odor. A melhora das noites, que há três dias se tem apresentado, permitindo descansar mais, traz-nos a todos um alívio muito considerável.

Estaremos efetivamente ao termo dos nossos trabalhos?"

"*13 agosto 1893.* – A melhora se acentua definitivamente; a língua está-se tornando limpa, as crises de agitação cada vez mais se afastam e são mais curtas; apenas magnetizo duas vezes por dia. Afinal, coisa singular! Minha mulher, que encontrava tanto alívio nos passes rotatórios sobre o ventre, já não pode suportá-los. Pede-me principalmente que lhe faça longas imposições: é o que mais a alivia; como vês, é a própria doente que me guia, e agora os intestinos vão melhor, ela tem de algum modo a intuição de que já não é necessário secundar as forças da Natureza.

Pediu-me que lhe fizesse imposições e ligeiros passes na região do coração; não somente isto a alivia muito, como ainda, coisa esquisita, sob a influência desses passes, ela cai quase subitamente numa espécie de sono letárgico, as pálpebras cerram-se com força e a respiração se torna mais longa e profunda. Durante esse sono, o coração e o pulmão parecem dilatar-se e funcionam com mais liberdade.

Em suma, eis-nos agora mais tranqüilos acerca do epílogo dessa temível moléstia; nossas angústias acalmaram-se. Pondo de parte os transes por que passei, não estou descontente, confesso, com a experiência que acabo de fazer; como são cegos os homens! Como desejo que os *pais de família magnetizadores* se multipliquem. Quanto a mim, cumpre convir, acabo de fazer uma excelente aprendizagem, um tanto cruel, é certo, mas decisiva!..."

"*17 agosto 1893.* – Não escrevi nestes últimos dias porque nada tinha de interessante a assinalar. A convalescença é definitiva, os sofrimentos acalmaram-se; não mais se trata de

delírio, a língua está boa, o calor é normal; a doente vira-se na cama e pode finalmente deitar-se de lado; diz que tem *fome*. O teu cálculo foi bem feito, quando prognosticaste há um mês o começo da convalescença para 15 de agosto, o mais tardar. Agora, só há evitar as imprudências: estarei vigilante e também minha mulher, porque a peritonite que ela teve depois do seu último parto, e que necessitou uma convalescença tão demorada, ensinou-lhe a ser prudente. Enviamos a todos as nossas mais sinceras afeições, a ti particularmente a expressão bem viva do reconhecimento da nossa querida *ressuscitada*."

Seis semanas depois, em fins de setembro, tornando-se a doente transportável, toda a família voltava a tomar sua casa de inverno em Paris. A doença havia sido terrível, a convalescença devia ser longa; mas, em 25 de novembro, a doente, completamente restabelecida e talvez melhor equilibrada do que estivera, saía pela primeira vez, depois dos cinco meses que guardara o leito: era para assistir a uma tocante festa de família, tendo-se tido a boa idéia de celebrar ao mesmo tempo, com gigantesca árvore de Natal, não só a alegria das crianças, como a ressurreição de sua mãe.

Tal é, dia a dia, hora por hora, a narração da luta homérica que um homem que jamais praticara o Magnetismo, porém que estava profundamente animado do desejo de salvar sua querida companheira e mãe dos seus filhos, sustentou durante quarenta dias contra a mais temível e a mais pérfida das enfermidades, não apelando para nenhum outro auxiliar, além das suas próprias forças e do poder da sua vontade, que constituía toda a sua ciência.

Este exemplo é um precioso ensinamento para todos, e eis porque o apresentamos, com toda a sinceridade de forma, demonstrando, assim, o que se pode esperar da reação vital, quando nos limitamos a solicitá-la pelos meios mais naturais e simples, tais como as imposições e os passes magnéticos.

A cada passo, a observação nos mostra a admirável simplicidade das veredas da Natureza e dá-nos a chave das misteriosas

analogias que formam o laço dos fenômenos; é muitas vezes, na interpretação dos fatos mais insignificantes na aparência que haurimos os elementos de nossas concepções mais profundas; e o acaso serve-nos, às vezes, singularmente neste modo de evolução do pensamento.

Eis aqui um fato de que me fez testemunha o mais simples dos acasos, e que me auxiliará, assim o espero, a exprimir melhor o meu pensamento quanto ao proveito que se deve tirar das coisas que nos cercam:

A teia de aranha

Certo ano, quando terminavam as férias, depois de havermos visitado a Suíça, tínhamos passado o São Gotardo e fomos descansar alguns dias em Cadenábia, sobre o lago de Cômo.

Era para mim um verdadeiro gozo ir todas as manhãs a essas margens tranqüilas fazer o meu passeio, no meio de uma vegetação luxuriante, que faz lembrar as regiões tropicais e constitui agradável contraste com a aparência triste dos pinheiros alpestres.

Não distante do hotel em que morávamos, no meio de um tapete de verdura semeado de tamareiros e loureiros, elevava-se um pé de magnólia, cuja envergadura poderosa e larga folhagem de um verde brilhante haviam excitado minha admiração desde o primeiro dia.

Certa manhã, parando junto à minha árvore favorita, percebi grande aranha amarela, zebrada de branco, no centro de majestosa teia, tecida com muita arte, e formando, entre a relva e os ramos inferiores da magnólia, vasto plano inclinado, que se apresentava aos primeiros raios do Sol nascente em posição verdadeiramente estratégica.

Nesse momento, acabava de acender um charuto e conservava na mão o fósforo de que me havia servido; veio-me a idéia de atirá-lo à teia; tinha curiosidade de saber o que adviria.

Apenas o fósforo tocara os fios, incrustando-se neles, toda a rede pareceu vibrar até ao centro e de um salto a aranha atirou-se sobre o intruso; julgou sem dúvida que não era uma boa presa,

porque, sem mais detença, começou incontinente a expulsá-lo. Assisti, então, ao mais admirável dos espetáculos: não se faz uma idéia da habilidade desenvolvida nessa operação pelo industrioso inseto. Que delicadeza extraordinária! Que presteza admirável! Em rápido olhar, o inteligente animal desamarrou todos os fios que retinham preso o fósforo; impeliu-o para o vácuo; depois, tecendo novas malhas, a fim de substituir as que se tinham quebrado, encaminhou-se para o centro do seu domínio, sem deixar depois de si qualquer traço de ruína.

"Se eu houvesse tido a idéia, dizia a mim mesmo, de retirar essa pequena parcela de madeira, que perturbação não teria suscitado nessa malha delicada, com os meus dedos inábeis e grosseiros!

"De que maneira teria podido reparar as lacerações que seria preciso fazer?

"O hábil artista, que possui o segredo dessa sábia construção, não teve dificuldade em reparar o dano causado à sua obra, mas ele foi o seu primeiro arquiteto e a Natureza, com toda a previsão, lhe tinha fornecido previamente as instruções e os materiais necessários."

Que lição a tirar desse fato! Que instrutivo espetáculo para o observador, que se esclarece pela analogia. Que admirável aproximação a fazer entre essa teia delicada e sensível, radiando em torno de um centro vivo e ela própria viva, como a nossa rede vital, em que todos os pontos vibram sob o impulso direto e constante de um centro inteligente de ação.

Quando um corpo estranho venha penetrar neste círculo dotado de sensibilidade e vida; quando um choque venha abalar esta rede delicada, porventura as forças vitais, que velam nos centros pela conservação do edifício orgânico, não se põem desde logo em ação, do mesmo modo que a aranha, para opor-se à invasão que as ameaça e não correm sobre o intruso como o inteligente animal?

Se esse intruso é reconhecido boa presa, não é imediatamente enrolado, englobado e dissolvido na torrente circulatória, a fim de contribuir para o entretenimento do mecanismo?

Considerado parasita inútil, como o fósforo, não é, ao contrário, imediatamente impelido e rejeitado para fora?

E neste caso, as forças vitais coligadas não se conduzem igualmente como a aranha?

Não se unem, porventura, a fim de manterem a integridade do meio em que se expandem, refazendo, uma a uma, as malhas quebradas do tecido e cumulando o mais depressa possível os vácuos e as brechas feitas pelo ataque do exterior?

Isto constitui uma lei absoluta da Natureza: que toda a excitabilidade produzida, num círculo vivo, chama a reação dos centros; se, por exceção, não se produz o fenômeno, é que a faculdade natural de reação se embotou e produziu-se uma falta de tensão, por uma causa acidental qualquer: é então necessário despertar as forças centrais deprimidas ou entorpecidas, e chamá-las à missão que a Natureza lhes impõe.

Foi assim que se deu alguns dias mais tarde com a minha aranha.

Uma bela manhã atirei, como da primeira vez, um pauzinho na teia; o instinto, adormecido pelo frescor matinal, estaria indiferente? Não sei. O que é verdade é que ficou inerte, não dando importância ao choque que imprimi aos seus fios.

Foi-me preciso tocar-lhe muitas vezes com a ponta da bengala para constrangê-la a mover-se; e tão somente com esta incitação repetida, de minha parte, é que o indolente animal se decidiu a entrar em movimento.

Quando os centros vitais se recusam à sua tarefa, faltam à missão que a Natureza lhes traçou (o que algumas vezes acontece), é necessário solicitar do mesmo modo, sacudir a sua inércia e os despertar para o seu dever.

As práticas magnéticas, imposições, passes, insuflações, são os melhores meios para conseguir esse fim; desempenhando idêntico papel ao da bengala no caso da aranha, esses processos vão incitar a força vital adormecida nos centros e, obrigando-a a deixar o seu *paladium* (o cérebro e o plexo solar), decidem-na, desse modo, a sair da sua inércia para colocar o organismo ao abrigo dos ataques que lhe são feitos.

Ao invés disto, de que modo procede a ciência oficial? Julgando-se mais perspicaz do que a Natureza (seu único e verdadeiro mestre), faz o que faria o imprudente ou presunçoso ignorante que, substituindo-se à aranha, pretendesse reparar melhor do que ela o dano causado à sua teia; levando mão temerária e inábil ao obstáculo que embaraça o funcionamento do organismo, quebra, destrói, corta, queima, e nada pode restaurar ou colocar em seu lugar, não possuindo idéia alguma dos processos que a fantasia emprega para consertar a malha quebrada e tecer um fio novo.

Não sabe que no centro do circuito vital, no meio dessa trama viva e sensível, através da qual ela opera tão inconsideradamente, usando de processos violentos, reside uma força prestes a responder ao seu apelo e cujo concurso deveria antes de tudo solicitar, como sendo o único agente que pode, com conhecimento de causa, exercer uma ação verdadeiramente reparadora sobre as funções embaraçadas ou sobre os tecidos destruídos.

Ainda mais. Quando essa força, obedecendo às leis imutáveis que a dirigem e impelem, se põe, por si mesma, a caminho na direção do ponto atacado, não acontece muitas vezes este fato singular, que, enganando-se acerca dos efeitos dessas migrações salutares, o clínico mal inspirado susta, imprudentemente, essa reação vital benéfica, recalca-a, anula-a por uma medicação violenta ou adormece-a pelos venenos anestésicos?

Em outras palavras, imbuído de falsos princípios, sempre por demais impaciente, não dando importância às ações dinâmicas e às reações naturais, ignorando as leis da vida, o médico da escola oficial adianta ou embaraça a evolução vital.

E que faz, por seu lado, o Magnetismo?

Concedendo à natureza a parte de perspicácia e sabedoria que lhe cabe, evita cuidadosamente trazer algum obstáculo à sua ação preponderante; ao contrário, favorece-a, impulsiona-a em sua marcha reacional equilibrante, e, *evitando cuidadosamente qualquer ato provocado*, limita-se a sustentar e ajudar, com toda a sua energia dinâmica e potência radiante os esforços da vitalidade, em suas tendências para o equilíbrio.

Foi o que se deu no caso da Sra. B., a que acima referimos, e é provável que, se tivesse agido por meio dos reativos poderosos, que ordinariamente são empregados nesse gênero de febre, ter-se-ia determinado uma revolução capaz de acarretar um epílogo fatal.

CAPÍTULO VII
O Magnetismo e a evolução neo-espiritualista

Da necessidade de estabelecer-se uma linha de demarcação bem distinta entre os fenômenos *psíquicos* e *físicos* do Magnetismo, e entre o *mesmerismo* e aquilo a que se chama *magia* do *Magnetismo*. Abusos, interpretações errôneas e confusões lamentáveis em detrimento do progresso e da verdade. – F. Sarcey, Dupoy e Durand de Gros, Emile Gautier, Albert Robin, Braun, Gernault, Daudel, Baraduc, Maurice de Fleury. – O pensamento moderno evolve sensivelmente para uma filosofia *neo-espiritualista*. – O mesmerismo, resumo quintessencial de todas as forças terapêuticas, é chamado, pelo estudo de suas aplicações, a favorecer a evolução espiritualista que, em Medicina, tende a substituir, por uma luminosa síntese dinâmica, a obscura tradição orgânica materialista. – A obra de vulgarização e os que a favorecem: os Srs. Padre de Meissas, Camille Flammarion, a *Revue Encyclopédique*, o *Voltaire*, o *Petit Médecin des Familles*, o *Matin*, a *Presse*, o *Journal d'Hygiène*, o *Progrès de la Côte-d'Or*, o *Journal de la Santé*, o *Figaro*.

Eis-nos chegados ao termo da tarefa a que nos impusemos.

Emitimos uma hipótese e apresentamos fatos. Uma hipótese, qualquer que ela seja, é sempre mais ou menos contestável; não temos, portanto, a pretensão de impor a que desenvolvemos e limitamo-nos muito simplesmente a submetê-la à apreciação dos que, como nós, sinceramente se dedicaram à investigação da verdade.

Cremos na necessidade de uma hipótese, a fim de concatenar os fatos entre si e facilitar a sua interpretação; mas apressamo-nos a acrescentar que, inimigos de toda sistematização exagerada, estamos com Plínio, quando diz que "*a estrada é longa pelos preceitos e curta pelo exemplo*."

Convencidos, pois, que a prática conduz mais depressa ao resultado do que a teoria, aplicamo-nos à multiplicação dos exemplos, e é sobre fatos numerosos que as nossas teorias se apóiam.

Teorias e fatos permitiram-nos estabelecer uma linha de demarcação muito sensível, entre os fenômenos *físicos* e os fenômenos *psíquicos*.

Empenhamo-nos para que sobre este ponto não ficasse nenhuma confusão nos espíritos.

Importava estabelecer claramente que existe um Magnetismo puramente físico, agente natural da reconstituição vital, possuindo no mais alto grau de forças antagônicas das correntes; empenhamo-nos por demonstrar que esse magnetismo difere essencialmente daquele que costumam apresentar, julgar e apreciar sob a forma ambígua e as falazes aparências do *Hipnotismo*, do *Sonambulismo* e da *fascinação sugestiva*.

Desses fenômenos singulares, que se prendem às questões mais perturbadoras da consciência e do livre-arbítrio (chamou-se-lhes com justa razão a *magia do Magnetismo*) fez-se, digamo-lo, o mais revoltante abuso, não somente nos palcos e nos gabinetes secretos de alguns charlatães desclassificados, que da credulidade pública fazem divertimento habitual, como ainda em recintos científicos onde a Ciência tinha o dever de dar o exemplo de uma sábia e prudente reserva.

Foi devido a esses abusos que o Magnetismo, desconhecido, temido por uns, desprezado por outros, encontrou em todos os tempos tão mau acolhimento por parte dos espíritos sérios, e que a consoladora solução fisiológica que ele encerra conservar-se-á ainda, durante muito tempo, ignorada de muitos.

A cada momento, escritores importantes, vítimas do estado de confusão reinante nos diferentes meios em que se trata do Magnetismo, confusão que pode ser atribuída à ignorância em que ainda se está da natureza íntima desses fenômenos, englobam de boa fé, sob a mesma rubrica, aquilo que se relaciona com o Magnetismo e o que é do domínio da prestidigitação, fazendo, em detrimento da Ciência, um amálgama estranho das coisas mais disparatadas.

Assim é, por exemplo, que, recentemente, um dos nossos eminentes colegas, o Sr. Sarcey, cujo talento como crítico literário

é incontestável, julgou dever sair da sua competência habitual para decidir uma questão de magnetismo no *Petit Journal*.

À simples afirmação de um prestidigitador bem conhecido, o Sr. Raynali (que segundo parece, exibira o truque de certas mistificações teatrais de que fora outrora principal ator), o Sr. Sarcey, imprudentemente abalançou-se a assinalar todos os magnetizadores à vindita pública, tratando-os de embusteiros, como se eles fossem cúmplices das *sortes* engenhosas descritas pelo Sr. Raynali, naturalmente para ganhar alguma notoriedade de escamoteador.

Não há nem pode haver, entre o que foi descrito pelo Sr. Raynali e o Magnetismo, nenhuma analogia.

Eis aí, entretanto, como se formam os preconceitos, e de que modo se propagam os erros...

Pode-se apostar aos numerosos leitores do *Petit Journal* que leram o artigo do Sr. Sarcey o que pensam acerca do Magnetismo, eles, lembrando-se da palavra autorizada de um dos redatores mais competentes dessa folha eminentemente popular, responderão: "O Magnetismo é uma farsa em que entram em jogo apenas o *mistificador* e os *tolos*" ou ainda: "No Magnetismo há dois *mistificadores*; o *magnetizador* e o *magnetizado*."

Assim caminha o mundo. O homem de bem, que, em detrimento de seus interesses mais caros, começa a luta contra a ignorância das massas e esforça-se em proveito de todos por tornar patente uma verdade útil, não somente encontra a cada passo as resistências mais formidáveis que lhe opõem os preconceitos científicos, mas, também vê erguer-se diante de si uma multidão de opiniões contraditórias, falsas apreciações, juízos errôneos, que por indiferença, ignorância ou leviandade, são semeados pelos jornalistas que têm a missão de esclarecer o povo.

Felizmente, ao lado desses escritores que assim falseiam inconscientemente o admirável instrumento da vulgarização popular, erguem-se, de longe em longe, para palmilhar o caminho do progresso, algumas raras inteligências de escol, homens sérios,

isentos de preconceitos, que se empenham em conduzir os espíritos transviados ao verdadeiro sentido das coisas.

Assim, enquanto o Sr. Sarcey propaga, do alto da tribuna que ocupa no *Petit Journal*, este erro à multidão: "Não acrediteis no Magnetismo!" um médico da Faculdade, correndo o risco de tornar-se ridículo aos olhos dos seus clientes e dos próprios colegas, o Sr. Dr. Dupouy,[7] não hesita, no jornal do Sr. Drumont, em prestar pública homenagem à verdade:

> "Acredito – diz ele – na ação terapêutica do Magnetismo. Em grande número de enfermidades, mas particularmente nas perturbações funcionais que dependem do sistema nervoso, o Magnetismo tem sido empregado com bom êxito, e poderia ser ainda muito mais, se fosse utilizado por homens que estivessem ao corrente da ciência fisiológica. Infelizmente pondo de parte algumas individualidades distintas, o Magnetismo animal foi sempre confiado às mãos dos empíricos.
>
> Entretanto, sua potência em certos casos é tal, que é capaz não somente de operar certas curas, mas ainda de produzir faculdades novas.
>
> A tradição atribui a descoberta do Magnetismo ao alemão Mésmer; mas a medicina magnética já era conhecida de Paracelso, de Glocênius, de Van Helmont, de Robert Fludd e de muitos outros médicos da Idade Média. A influência que um homem pode exercer sobre o corpo de outro homem, quer por meio da aplicação das mãos, quer por movimentos chamados *passes*, acha-se inteiramente descrita na obra *De acutis morbis* de Coelius Aureliânus, isto é, já no segundo século de nossa era.
>
> Por que razão esta grande questão de fisiologia humana conservou-se na sombra e foi profundamente desdenhada pelos médicos do século XIX? De que maneira explicar o silêncio das Academias, quando a realidade dos efeitos foi reconhecida por uma comissão de sábios, tais como Lavoisier, Franklin, Bailly, De Jussieu?

A causa está no *Positivismo filosófico sob o qual se disfarça um estúpido materialismo!* É a ele que se deve atribuir isso, porque só ele reina despoticamente há mais de um século em nossos Institutos, na Universidade, em nossas Escolas!"

Já o Dr. Durand de Gros (a quem consagramos mais adiante uma notícia biográfica detalhada, e que desde 1855 demonstrava de maneira notável, no seu livro sobre o *Electro Dinamismo vital* as relações filosóficas do espírito e da matéria, baseadas numa exposição nova do funcionamento nervoso e sobre experiências concludentes), se exprimia deste modo acerca das virtudes curativas do Magnetismo:

"Pela natureza transcendente e incomparável das forças que emprega, o mesmerismo apresenta-se inteiramente excepcional na série dos métodos médicos de ordem física; ocupa aí, verdadeiramente , o que na terminologia *fourieriana* se chama *a ordem pivotal*. Efetivamente, o agente mesmérico que outra coisa não é senão a eletricidade vital (desprendendo-se do corpo, quer por *emancipação espontânea*, quer por *expulsão radiante* da vontade), reúne a todos os caracteres vitais, todas as atribuições vitais. Em virtude de suas propriedades gerais, e de maneira tal, que por si mesmo se difunde, ele atua como força vital, e *não há agente cuja ação seja tão poderosa e tão extensa*, porque sua potência vem juntar-se à da vitalidade, com a qual ele é homogêneo e *aumentar desse modo a virtude pela qual todo alimento nutre e todo medicamento cura*. Submetido à elaboração do pensamento, pode ser impregnado à vontade de todas as propriedades distribuídas aos diferentes corpos: e ainda aqui, estas forças especificadas podem ser encaradas como o produto mesmérico de uma idéia que se fixasse na essência das substâncias e perpetuando-se com elas como um sucedâneo preparado pela Natureza, para proceder os esforços criadores da alma humana e conduzir a sua atividade medicatriz. *O mesmerismo é, deste modo, o resumo quintessencial de todas as potências terapêuticas*, exploradas pelos diferentes

métodos medicais pertencentes ao sistema das impressões físicas."

Entre as apreciações dadas sobre o Magnetismo por esses homens do ofício, por esses sábios de alta competência e a opinião levianamente formulada, que há pouco citamos, há grande distância!

O magnetismo já não é simples artimanha entre *mistificadores e mistificados*; é uma das forças mais admiráveis da Natureza, *capaz não somente de operar curas, como ainda de produzir faculdades novas*; é (no dizer do Dr. Durand de Gros) *"o resumo quintessencial de todas as potências terapêuticas da Natureza!"*

Sob esse aspecto, o Magnetismo aparece-nos então como devendo favorecer o movimento espiritualista que tende, dia a dia, e cada vez mais, a vencer o *positivismo* filosófico e a substituir as obscuras tradições materialistas da medicina organicista pelas luminosas concepções de um dinamismo vital, novo.

É incontestável que uma evolução se prepara, um movimento se opera, e esse movimento se efetua no próprio seio das nossas academias!

> "Assistimos – diz Emile Gautier no *Figaro* – a um fenômeno estranho! O eixo da humana intelectualidade se desloca! O pensamento moderno, que ainda ontem, eivado de extraordinário realismo, proscrevia sistematicamente o ideal de suas especulações e entendia só dar importância ao que se apalpa, se mede e se pesa, o pensamento moderno, tende visivelmente a espiritualizar-se! Do mesmo modo que a caça ferida, que faz sua investida, ele volta em grandes vôos às esferas etéreas onde por tanto tempo pairou.
>
> Não há, por assim dizer, um só ramo da atividade cerebral que, pouco ou muito, não traga na hora presente o vestígio desta mudança inesperada. O movimento acabou por ganhar as ciências, compreendendo-se nelas até a Medicina, a mais concreta de todas, e que outrora, por não haver encontrado a alma sob o escalpelo, produzira irreconciliável materialismo.

Foi o professor Albert Robin, um dos espíritos mais penetrantes da Faculdade, que se encarregou, em pleno cenáculo acadêmico, de dar o primeiro passo?"

O Sr. A. Robin acaba efetivamente de fazer à Academia uma comunicação, que aniquila as idéias adquiridas; contrariamente à opinião da Escola, ele declara que uma enfermidade não está, como geralmente se julga, necessariamente ligada a uma lesão material, porém, que qualquer perturbação mórbida é essencialmente, antes de tudo, de *ordem puramente dinâmica*. Como tipo de sua demonstração, o Sr. A. Robin toma por exemplo de *albuminúria fosfatúrica* e propõe-se a estender mais tarde o seu raciocínio a todas as moléstias.

Eis aí, de fato, uma tese que não é para afligir-nos, porque traz aos nossos trabalhos uma confirmação brilhante; damo-nos por felizes em concordar com o Sr. Albert Robin sobre um assunto que nos empenhamos a elucidar desde muito tempo, acalentados pela esperança de que, rompendo com os preconceitos que embaraçam a Ciência, conseguir-se-á, talvez, dilatar finalmente o campo dos intuitos que devem um dia iluminar a Fisiologia do futuro.

Outros já enveredaram por essa estrada do progresso e trouxeram ao dinamismo terapêutico a contribuição de seus ensaios e trabalhos.

O Dr. Michail Braun, de Trieste, e o Dr. Garnault provaram, com aplicações recentes, que se reconstituía a vitalidade das mucosas e restabelecia-se a nutrição dos tecidos por *simples massagem vibratória*. Estes senhores andaram mal apenas num sentido: foi, em nossa opinião, substituir a mão por um aparelho mecânico e privarem-se, assim, do elemento essencialmente vital que, com mais segurança, podia contribuir para a cura.

O Sr. Dandel de Montellier, partidário declarado do dinamismo, eleva ainda mais as suas vistas filosóficas, porque procura estabelecer sua doutrina médica na metafísica pura.[8]

Em sua *Synthèse de l'Univers*,[9] procura demonstrar que o conhecimento da moléstia em si e o dos processos que cumpre pôr em prática para curar decorrem naturalmente das propriedades

gerais do mundo e do encadeamento dos fenômenos no seio dos quais o homem realiza a sua evolução vital.

Um livro também muito interessante e que com justiça foi apreciado no mundo científico é o do Dr. Baraduc: *La Force Vitale*; o autor mostra-nos a vida, não como sendo o resultado do calor, da eletricidade, ou de qualquer função química, mas como *dinamismo especial*, dependendo ao mesmo tempo do movimento livre, da matéria primordial e da inteligência em sua harmoniosa adaptação aos estudos dinâmicos. O Dr. Baraduc, por um conjunto de experiências tão novas como curiosas, conseguiu mesmo dar-nos uma formula biométrica do *corpo fluídico vital*.

Poderíamos, às citações que acabamos de fazer, ajuntar ainda outras em maior número, acusando todas, claramente, reais tendências para esse *vitalismo dinâmico*, objeto outrora de tantos desdéns e que hoje é saudado como a aurora de uma renovação científica.

Começa-se a entrever que a moléstia nem sempre tem como ponto de partida obrigatório um *contágio* ou uma *lesão*, mas é, ao contrário, o produto de uma depressão vital, de uma falta de equilíbrio, de resistência ou de *tensão*. Em qualquer estado mórbido, a vitalidade minorada, incapaz de resistir aos assaltos do exterior, deixa aparecer uma perturbação funcional, que por si mesma imprime uma degenerescência aos tecidos: o que era *causa* tornou-se efeito, e reciprocamente; as metamorfoses químicas não são mais que conseqüência da inervação perturbada e o sistema nervoso aparece ao mesmo tempo como o instrumento regulador das ações vitais e como a ferramenta indispensável das reconstituições orgânicas.

> "Então – diz o Dr. Maurice de Fleury –, o papel do médico consiste em aproveitar-se do período *premonitor* das moléstias para regularizar o funcionamento do sistema nervoso, de que dependem a força e a fadiga, o bom andamento ou a desordem de nossos órgãos; e é este o lado verdadeiramente prático das novas aquisições científicas das quais o público pode tirar proveito!" [10]

Desta maneira de explicar a moléstia à possibilidade de admitir a ação soberana do Magnetismo, há apenas um passo; porque, no dia em que se estiver absolutamente convencido da influência exercida sobre o sistema nervoso pelas *imposições*, as *insuflações* e os *passes*, compreender-se-á finalmente toda a extensão da eficácia desse agente natural, por meio do qual se pode tão facilmente sustar e dominar desde o começo todos os movimentos de *desnutrição*, produzidos pelo enfraquecimento vital; sentir-se-á que se está, afinal, de posse de um meio universal de agir à vontade sobre o duplo batimento da vida, ativando ou moderando as correntes centrífuga e centrípeta.

É à realização desse sonho que consagrei todos os esforços da minha vida; é o objetivo em que pessoalmente prossigo sem detença; e apesar dos numerosos obstáculos que se tem erguido no meu caminho para esta obra de vulgarização e propaganda, posso dizer que encontrei numerosos e preciosos concursos, que, facilitando singularmente a minha tarefa, arrancaram-me dos desfalecimentos inseparáveis de uma luta que tem por vezes seus abatimentos e suas amarguras.

Quisera eu retribuir aqui, em pública homenagem, o meu tributo de reconhecimento a todos os que na sociedade, na magistratura, na corporação médica e na imprensa sustentaram-me com a sua animação e favoreceram as minhas tentativas de vulgarização. Mas receio, por uma vulgarização inoportuna, ferir certos escrúpulos, e, pois, limito-me a citar aqueles que por atos públicos me deram a certeza de que não temiam o grande dia, autorizando-me assim, implicitamente, a citá-los.

Em primeiro lugar, entre esses, colocarei um homem profundamente estimado, cuja amizade me honra e que há dez anos, de guarda ao reduto, não deixa passar uma ocasião de defender, pela pena e pela palavra, as idéias que nos são igualmente caras: é o Rev. Pe. de Meissas, que no Congresso Internacional Magnético de 1889, no Congresso Científico do Círculo Católico e em todas as reuniões privadas onde se apelou tantas vezes para o seu talento de orador, tomou corajosamente o encargo (apesar de suas vestes, para qualquer outro, teriam sido um obstáculo) da

defesa do Magnetismo e a tarefa de demonstrar todas as suas preciosas vantagens.

Ainda ultimamente, numa Conferência da Sociedade Ampère, onde se lhe havia pedido para tomar a palavra, começava deste modo por uma eloqüente profissão de fé, que dá a medida dos seus sentimentos elevados e da dedicação à causa do bem:

> "Se me fiz padre – disse ele –, é porque, compenetrado profundamente das grandes verdades evangélicas que iluminam a religião com a sua luz brilhante, julguei poder nesse ministério, todo de caridade e dedicação, estar em posição de prestar melhor os meus serviços à humanidade que amo. Se me constituo hoje o defensor do Magnetismo e tomo a palavra para vulgarizar suas admiráveis propriedades curativas, é porque, movido pelos mesmos sentimentos, cedo à necessidade de prestar uma homenagem à verdade e um serviço aos meus semelhantes."

Esses nobres conceitos foram calorosamente aplaudidos.

Sinto-me feliz em pagar aqui um tributo de reconhecimento ao denodado campeão de uma causa que foi o ponto de partida da amizade que nos une e que estreitou os nossos laços de afeição.

Também há um que devo nomear, é Camille Flammarion, o vulgarizador simpático, esse filho querido da Fama, que tão fraternalmente me prestou o apoio precioso da grande notoriedade que tão rapidamente conquistou pela elevação das suas vistas científicas e dos seus cativantes escritos; eis a apreciação que ele faz acerca das minhas teorias, prefaciando um de meus livros:

> "Sem entrar em longos detalhes, declaramos, com o Sr. A. Bouvier, que a Medicina não é uma ciência e que se acha em atraso relativamente ao progresso das ciências exatas e positivas. Não sabemos o que é a *vida*, confessemo-lo francamente. É talvez por aí que se devia começar. O estudo sério do Magnetismo virá em nosso auxílio!

Primeiramente, seria preciso desprender esse estudo de um grande número de exagerações, de puerilidades e de utilidades.

A Alquimia, desembaraçada do seu caráter oculto e do seu fantástico arsenal de feitiçaria, transformou-se na Química. As maravilhas da física elétrica começaram pelas rãs de Galvâni. Hoje o Sr. A. Bouvier faz-nos pressentir, pela exposição de suas teorias e pelas curas de que nos dá tão surpreendentes exemplos, que se pode *restabelecer o equilíbrio das forças vitais, curar e prolongar a existência humana*, atuando por uma vontade firme, perseverante, e sustentada, *por meio de passes magnéticos e de imposições de mãos*, o conjunto da rede nervosa. Parece-me que os sábios dignos de tal título, os naturalistas, os físicos, os fisiologistas e principalmente os médicos, poderiam, sem quebra de dignidade, conceder a essas novas experiências uma atenção esclarecida e emancipada de qualquer idéia preconcebida. Grandes descobertas se esperam, pois nos achamos em face de horizontes inexplorados." (Camille Flammarion).

Devo também sincera homenagem de gratidão ao eminente diretor da *Revue Encyclopédique*, Sr. Georges Moreau; não só ele se dignou receber favoravelmente um resumo sintético das minhas idéias acerca do Magnetismo, para essa revista, publicada pela Livraria Larousse e que, com justa nomeada, conserva-se à frente do movimento liberal que a caracteriza e honra o seu diretor, como fez aos seus leitores uma apresentação nos termos seguintes:

"A *Revue Encyclopédique* não corresponderia ao seu título e não preencheria o seu objetivo se se limitasse a registrar as manifestações da ciência *chamada oficial*. Ao lado dos sábios que se acham empenhados na mesma vereda e pouco se afastam da linha tradicional, há espíritos independentes, mesmo audaciosos, que não temem fazer tábua rasa das idéias recebidas, para tentar novas hipóteses e reconstruir por completo, com os materiais do pensamento humano, sistemas novos. Julgamos que as opiniões desses trabalhadores

isolados e convencidos não devem ser consideradas como quantidades desprezíveis. Todo sistema elaborado pacientemente, por um espírito sério e perseverante, encerra alguma verdade que merece exposta francamente e submetida a discussões. Eis porque acolhemos o estudo do Sr. A. Bouvier: *Dynamisme et Magnetisme*, deixando o leitor como único juiz das idéias emitidas, garantindo, simplesmente, a boa-fé do autor e o seu ardente amor à verdade." (*Révue Encyclopédique*, 1º setembro 1893).

Tendo eu colocado sempre a sinceridade, o amor do bem e o respeito à verdade acima do talento, não podia desejar uma apresentação mais de acordo com os meus intuitos; devo dizer, finalmente, que é esse, em geral, o juízo que se tem feito sobre os meus escritos, juízo cheio de benevolência para o autor, e que traz à sua obra um precioso estímulo.

Pode-se, pelos extratos seguintes, julgar do que deixamos dito:

Le Voltaire, 21 de fevereiro de 1893:

"Do livro do Sr. Bouvier emana um sentimento de altruísmo. O autor, incitando a magnetizar-nos uns aos outros, lembra estas palavras que parecem estar um pouco esquecidas: *Amai-vos uns aos outros*."

Le Petit Médecin des Familles, 15 de abril de 1894:

"Neste século de cepticismo desbragado, sentimo-nos felizes encontrando em nosso caminho homens convencidos que consagram a uma causa sua inteligência, sua força e sua saúde. Do pequeno número destes espíritos de escol é o nosso amigo Bouvier, de quem apresentamos aos nossos leitores o último livro publicado sob o título: *Magnetismo Curativo*." (Dr. Marius Rolland).

Le Matin, 12 de fevereiro de 1893:

"Numa especialidade em que formigam os charlatães, o Sr. A. Bouvier tem sabido apresentar-se como homem de Ciência, de consciência e de dedicação. Teve a feliz idéia de

vulgarizar o seu método e observações, escrevendo um curso completo acerca do Magnetismo, curso cuja leitura e estudo se impõem a qualquer pessoa preocupada com o grande problema da vida humana."

La Presse:

"Depois que sigo a evolução dos adeptos do Magnetismo, só encontrei uma personalidade verdadeiramente séria, e que visa a não deslumbrar os seus concidadãos, mas ser-lhes útil. Quero falar do Sr. A. Bouvier, antigo oficial de Cavalaria, que unicamente por amor do próximo se ocupa da aplicação das forças magnéticas na cura das enfermidades." (Camille Delaville).

Le Journal d'Hygiène, 23 de fevereiro de 1893, órgão da *Sociedade Francesa de Higiene* (que sob a presidência do Dr. Pean e hábil direção do seu zeloso secretário geral Dr. de Pietra Santa, sustenta, há vinte anos, a bandeira do progresso em todos os ramos da Ciência):

"Numa época em que o homem é sobrecarregado intelectualmente, não admira o papel importante que desempenham atualmente, na sua existência, as afecções das interessantes e ainda pouco conhecidas questões de psiquiatria que estão de acordo em encarar o sistema nervoso como o *grande regulador* do organismo. Efetivamente, a pesquisa dos meios próprios para lutar com eficácia contra a nevrose invasora, deve tentar os espíritos sérios; conhecendo a natureza do mal, torna-se mais fácil combatê-lo, fazê-lo mesmo parar.

Mas, cumpre confessá-lo, até o presente conservamo-nos quase que sem forças! Não é, pois, sem verdadeiro prazer que vemos surgir o *Magnetismo Curativo*, do Sr. A. Bouvier, cujo nome bem conhecido na imprensa científica é por si só uma garantia segura do valor de seus escritos." (Dr. Moreau, de Tours).

Le Progrès de la Côte d'Or, 6 de março de 1893:

"Depois de ter examinado o fenômeno sob todas as suas faces, o Sr. A. Bouvier eliminou com cuidado aquilo que

precisamente mais seduziu até hoje, não somente a multidão ignorante, como ainda a homens de valor incontestável, que se empenharam em encontrar nele a explicação da antiga *magia* (branca ou negra), necromancia, e até mesmo da feitiçaria, sonambulismo, catalepsia, êxtase, sugestão, automatismo inconsciente. Tudo isto é sem dúvida muito curioso, mas só muito indiretamente se filia à patologia racional. Ora, é desta, principalmente, que se ocupou o nosso autor." (P. G. Drevet).

Le Journal de la Santé, 12 de fevereiro de 1893, que sob a hábil direção do Sr. Marc de Rossieny, seu fundador, prossegue com tanto ardor e êxito merecido a sua obra de vulgarização científica, e médica:

"Pouco sistemático por natureza, não há método que condenemos como falso. A medicina do Sr. Bouvier seria, em todo o caso, mil vezes mais simples do que a nossa. Felicitamo-lo sem restrições, quanto à ordem que seguiu na exposição do seu método: indica-nos, primeiramente, a maneira de curar; depois nos dá a explicação das curas admiráveis que se podem produzir. Não é para ele que se poderia exclamar: *Arranca-me primeiro do perigo, farás depois o teu discurso!*" (Dr. J. B. Dubois).

O Figaro, de 5 de setembro de 1887, consagra finalmente seu artigo de fundo ao *Magnetismo Curativo*. Extraímos dessa *Crônica documentária*, devida à pena de um dos jornalistas mais estimados da imprensa parisiense, os trechos seguintes:

"A crermos na palavra do Sr. A. Bouvier, o magnetismo humano bastaria por si só para curar, sem medicamentos, sem regime, sem operações cirúrgicas, não somente moléstias nervosas, como ainda as outras, e isto simplesmente com o auxílio de manejos, toques, fricções ligeiras, insuflações e outros processos igualmente simples.

Esses *passes* poderão ser exercidos quer diretamente sobre a pele nua do indivíduo, quer através das roupas, ou indiretamente por intermédio de objetos inertes, previamente

magnetizados pelo mesmo processo. Poderão mesmo atuar a distância...

Qualquer pessoa poderá magnetizar com mais ou menos êxito, porque todos nós, enquanto vivemos, possuímos, em proporções variáveis a força magnética, do mesmo modo que a força muscular; é uma simples questão de grau! É mesmo possível nos magnetizarmos, assim como se consegue sugestionar-nos: a automagnetização em simetria com a auto-sugestão.

O Sr. A. Bouvier invoca casos autênticos, certificados pelos próprios doentes e que não deixam motivo de objeção aos cépticos mais intransigentes. Mostra assim ter curado cólicas hepáticas inveteradas, entorses supuradas, reumatismos articulares e paralisias rebeldes de que os médicos desesperavam, anemias agudas, *um cancro*... Citou-me datas, nomes, endereços, ofereceu-se para apresentar-me os indivíduos...

Por isso que nada sabemos sobre a gênese e a natureza do magnetismo animal, segue-se que ele não existe? Que sabemos de extraordinário acerca do influxo nervoso, da força "em si", da constituição íntima da matéria e do mecanismo do pensamento? Que sabemos de verdade sobre a essência da eletricidade, que, entretanto, está por toda parte, ao que parece, como o bom Deus do Catecismo, e banha-nos, talvez, com seus eflúvios a toda hora e em todo lugar, *intus et extra*?

O fluido magnético, para falar como Mésmer, a *força nêurica*, para falar como o Dr. Barety, no fundo não é, talvez, senão a eletricidade animalizada e tornada transmissível e "irradiável". Não é, talvez, senão uma manifestação particular dessas correntes elétricas invisíveis, que Edisson sonha, dizem, captar e empregá-las.

Tal é, em resumo, a opinião do Sr. A. Bouvier. A seus olhos, todo organismo vivo é uma espécie de condensador, que recolhe exteriormente as diversas vibrações que influenciam os corpos, digerindo-as por assim dizer, como o estô-

mago digere os alimentos, levando-os ao mesmo denominador, transferindo-os em influxo nervoso e em força vital. Entre o ser vivo e o meio externo há um círculo incessante de eletricidade, e é desse fluxo e refluxo sem fim que deve resultar a vida. Se a troca se faz regularmente, sem perturbação, sem choques, tudo vai bem: eis a saúde! Se, pelo contrário, o equilíbrio, chega a romper-se, eis a moléstia e a morte!" (Emile Gautier).

Poderíamos multiplicar essas citações; mas alguns extratos, escolhidos entre tantos outros que acabamos de dar, bastam amplamente para mostrar de que maneira os homens de Ciência, até os próprios médicos, acolhem hoje certos princípios fisiológicos que, ainda há pouco, objeto da indiferença pública, não tinham probabilidades de vir à luz da publicidade senão para sucumbirem desde logo, sob os gracejos e invectivas com que se apraziam cumulá-los.

É incontestável que sob o impulso de uma evolução nova, deu-se nestes últimos tempos um grande passo para essa filosofia neo-espiritualista de que fala Emile Gautier! As apreciações benévolas que têm acolhido os meus esforços são o sinal evidente deste fato, e só podem ser motivo de regozijo para os verdadeiros amigos do progresso.

Não é tampouco por vaidade que transcrevemos aqui essas apreciações; é que elas são para nós o indício de movimento progressista e nos dão a esperança de ver, num futuro próximo, os caminhos da Ciência desbravados, finalmente, dos preconceitos materialistas que os obstruem, abrir largamente suas devesas ao sol da verdade.

O futuro da humanidade, a felicidade de todos, reside na maneira pela qual julgamos as coisas. A Fisiologia e a Medicina repousam exclusivamente na idéia que se pode fazer do fenômeno vital. Unamos, pois, os nossos votos e os nossos esforços para penetrar os segredos da Natureza! Quanto melhor penetrarmos esses segredos, tanto mais seguramente afirmaremos neste mundo a nossa felicidade!

"Felix qui potuit rerum cognoscere causas".

FIM

Notas:

---

[1] Vede *Magnetismo Curativo*, volume 1 – Manual Técnico, nos 142 e seguintes.

[2] *Ibidem*, no 103.

[3] Vede *Magnetismo Curativo*, volume 1 – Manual Técnico.

[4] Relatando as experiências recentemente feitas pelo Dr. Luys, na *Caridade*, sobre as impressões coloridas experimentadas por pacientes hipnóticos, alguns jornalistas apresentaram a coloração das irradiações magnéticas como um fenômeno novo: atribuíram a descoberta ao eminente fisiologista, quando este fenômeno é conhecido desde longa data por todos os magnetizadores, e foi mil vezes averiguado por eles.

[5] *Od* é tirado do sânscrito *va* (soprar), que fornecia à antiga língua germânica a palavra *vodam*, significando "uma coisa que penetra tudo".

[6] *De l'empirisme et du progrès scientifique en Médicine* – Paris, J. Baillière et Fils. 1863.

[7] O Dr. Dupouy é o autor da obra: *Sciences Occultes et Psychologie Psychique*, recentemente publicada. (Nota do tradutor)

[8] *Doctrine médicale déduite de la Métaphysique pure*, conduisant à l'application du remède à la maladie, par Daudel, Paris, Lechevalier, 1888.

[9] *La synthèse de l'Univers*, par Daudel, Montpellier, Imprimerie Ricard Frères, 1893.

[10] *Figaro*, abril 1894 – (*Os Progressos da Medicina*).